LORENA ALMEIDA GILL

DO LOCAL **AO GLOBAL**

a História dos 35 anos do
Programa de Epidemiologia da UFPel



Editora CABANA

DO LOCAL
AO GLOBAL

a História dos 35 anos do
Programa de Epidemiologia da UFPel



LORENA ALMEIDA GILL

DO LOCAL **AO GLOBAL**

a História dos 35 anos do
Programa de Epidemiologia da UFPel

Editora CABANA

Copyright © by Lorena Almeida Gill
Copyright © 2026 Editora Cabana
Copyright do texto © 2026
Todos os direitos desta edição reservados.

O conteúdo desta obra é de exclusiva
responsabilidade dos autores.

Diagramação e Projeto gráfico: Eder Ferreira Monteiro
Arte de capa: Cíntia Borges
Coordenação editorial: Ernesto Padovani Netto
Revisão: Ana Paula Martins

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

G475d

Gill, Lorena Almeida.

Do local ao global [recurso eletrônico]: a história dos 35 anos do Programa de Epidemiologia da UFPel / Lorena Almeida Gill; Apresentação de Luciana Tovo Rodrigues, Iná da Silva dos Santos. – Ananindeua-PA: Cabana, 2026.

298 p., fotos.; 16 X 23 cm (recurso eletrônico, PDF)

ISBN **978-65-82718-22-9**

1. Epidemiologia - História - UFPel. I. Gill, Lorena Almeida. II. Rodrigues, Luciana Tovo (Apresentação). III. Santos, Iná da Silva dos (Apresentação). IV. Título.

CDD 614.4

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático
I. Epidemiologia - História - UFPel

[2026]
EDITORA CABANA
Trav. WE 11, N º 41 (Conj. Cidade Nova I)
67130-130 — Ananindeua — PA
Telefone: (91) 99998-2193
contato@editoracabana.com
www.editoracabana.com

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Anderson Dantas da Silva Brito (UFOB)
Dra. Adriana Angelita da Conceição (UFSC)
Dra. Adriane dos Prazeres Silva (UEPA)
Dra. Ana Zavala (Facultad de la Cultura, Instituto Universitario –
Centro Latinoamericano de Economía Humana. Montevideo, Uruguay)
Dra. Camila Mossi de Quadros (IFPR)
Dra. Carmem Zeli de Vargas Gil (UFRGS)
Dra Cláudia Mortari (UDESC)
Dra. Edilza Joana Oliveira Fontes (UFPA)
Dr. Francivaldo Alves Nunes (UFPA)
Dra. Juliana Teixeira Souza (UFRN)
Dra. Luciana Rossato (UDESC)
Dra. Luciana Oliveira Correia (UNEB)
Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva (UEPA)
Dr. Márcio Couto Henrique (UFPA)
Dr. Sandor Fernando Bringmann (UFSC)

CONSELHO CIENTÍFICO

Dr. Adilson Junior Ishihara Brito (UFPA)
Dr. Elison Antonio Paim (UFSC)
Dr. Marcelo de Souza Magalhães (UNIRIO)
Dra. Mônica Martins Silva (UFSC)
Dr. Wilian Junior Bonete (UFPel)
Dra. Pirjo Kristiina Virtanen
(University of Helsinki, Finland)



"Se queres ser universal,
começa por pintar a tua aldeia."

Leon Tolstói

AGRADECIMENTOS

Escrever um livro não é uma tarefa fácil, ainda mais quando se agregam a ela várias outras demandas do dia a dia, como dar aulas, orientar alunos de graduação e de pós, coordenar projetos, além de gerir a própria vida.

A carga de trabalho, no entanto, sempre fica menos onerosa quando contamos com amigos, como o Paulo Koschier, historiador que trabalha no Núcleo de Documentação Histórica Prof.ª Beatriz Loner (NDH) há anos e sempre é um dos primeiros leitores de meus textos, além de um colaborador para o encontro de fontes; a Margarete Marques, grande conhecedora do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, que trouxe, a partir do seu olhar atento, novos elementos para a escrita, boas conversas sobre a história do Departamento de Medicina Social, além de fotografias raras e, ainda, a Denise Gigante, que compartilhou memórias valiosas, algumas delas do pai, Amilcar Gigante, que foi um dos pioneiros da Leiga e reitor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Agradeço, também, à professora Luciana Tovo Rodrigues, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia (PPGEpi), à época do convite para a escrita da obra, pelas trocas realizadas nos últimos meses, e à professora Iná dos Santos, a qual eu deveria ter conhecido antes, há anos, quando pensei no livro da Leiga. Iná foi fundamental na concepção de todo material.

Um reconhecimento pelo auxílio é enviado, também, à professora Elaine Tomasi, que fez uma leitura cuidadosa e generosa da primeira versão do livro; à professora Elisiane Medeiros Chaves, que tem me acompanhado há anos pela vida acadêmica e realizou um trabalho primoroso na construção de narrativas; e às duas bolsistas do curso de História: Lóren Ximendes e Franciele Soares, que contribuíram para a feitura do trabalho.

O agradecimento segue para os quarenta e cinco entrevistados e entrevistadas, que contaram suas memórias sobre o tempo em que estiveram

e/ou ainda estão presentes, tanto no Departamento de Medicina Social quanto no Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia e, especialmente, àqueles que escreveram, quando foram convidados, os textos que chamei de Cartas ao Futuro, em uma perspectiva de pensar no que está por vir.

Vários desses docentes, técnicos-administrativos e egressos, além de compartilhar suas lembranças e, eventualmente, escrever textos, mandaram fotografias e documentos históricos, os quais foram fundamentais para compor a narrativa.

Em um mundo cada dia mais individualizado, sem o companheirismo de tantas pessoas comprometidas com a trajetória do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, a perspectiva de construção de uma obra coletiva como essa teria sido impossível.

Muito obrigada.

MENSAGEM INSTITUCIONAL

É com grande honra que escrevo estas palavras para apontar a importância de uma obra que registra a trajetória do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), um dos mais importantes e reconhecidos centros de formação e produção de conhecimento em saúde coletiva do Brasil. Ao longo de mais de três décadas, o Programa constituiu uma história pautada pelo rigor científico, pela excelência acadêmica e pelo compromisso permanente com a produção de evidências capazes de transformar políticas públicas, qualificar os sistemas de saúde e contribuir para a melhoria das condições de vida da população. Trata-se de uma trajetória que projeta o nome da UFPel para além das fronteiras nacionais, consolidando sua presença entre as instituições de maior prestígio na pesquisa epidemiológica, e sublinha nossos pesquisadores como referências mundiais, o que nos dá imenso orgulho.

As páginas deste livro trazem muito mais do que a evolução de um programa de pós-graduação, elas testemunham o trabalho coletivo de docentes, estudantes, técnicos e colaboradores que, ao longo dos anos, fizeram da ciência um instrumento de transformação social. O reconhecimento conquistado pelo Programa resulta da capacidade de aliar investigação científica de excelência à formação de recursos humanos altamente qualificados e comprometidos, promovendo o intercâmbio internacional, a inovação metodológica e a construção de redes colaborativas que ampliaram o impacto da produção científica desenvolvida na nossa UFPel.

Celebrar esta história é, também, celebrar a própria vocação da UFPel como universidade pública, comprometida com o conhecimento, a democracia, a inclusão e o desenvolvimento social. O percurso do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia demonstra que o inves-

timento contínuo na ciência, na educação e na pesquisa é essencial para enfrentar os grandes desafios sanitários do nosso tempo e construir respostas fundamentadas para questões que impactam diretamente a vida das pessoas. O legado aqui registrado constitui motivo de orgulho para toda a comunidade universitária.

Que ele seja referência para futuras gerações de pesquisadores e profissionais da educação.

Pelotas, julho de 2026.

Profa Dra. Ursula Rosa da Silva
Reitora da UFPel

APRESENTAÇÃO

A ideia deste livro nasceu em 2024, a partir da iniciativa de um grupo de docentes que identificou a importância de preservar a memória e registrar a trajetória do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia (PPGEpi) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com esse propósito, buscamos a colaboração dos docentes da área de História, do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel Prof.ª Beatriz Loner (NDH), que passaram a contribuir para a construção deste projeto. Paralelamente, surgiu também a proposta de organizar um acervo de registros visuais que documentasse a evolução do Programa ao longo de sua existência. Como o PPGEpi completaria 35 anos em 2026, decidiu-se alinhar o desenvolvimento da obra a essa celebração, fazendo do aniversário uma oportunidade para seu lançamento.

Ao longo de mais de três décadas, o PPGEpi consolidou-se como uma referência nacional e internacional em pesquisa e formação de recursos humanos em saúde. Este livro revisita essa trajetória por meio de uma narrativa que articula a história institucional, a produção científica e as pessoas que contribuíram para transformar o Programa em um dos mais importantes centros de pesquisa em epidemiologia da América Latina.

Redigida pela Professora Lorena Almeida Gill, a obra apresenta os desafios, as conquistas e as transformações que marcaram o desenvolvimento do PPGEpi desde sua criação. O leitor acompanha o surgimento de iniciativas inovadoras, a formação de gerações de pesquisadores, a realização de estudos que influenciaram políticas públicas e a expansão das colaborações internacionais.

A obra é indicada para todos que desejam compreender como um programa de pós-graduação se desenvolve, amplia seu impacto científico e contribui para a sociedade. Destina-se à comunidade acadêmica, mas também a estudantes, gestores e leitores interessados nos bastidores da pesquisa e na construção de instituições de excelência.

Com linguagem clara e envolvente, a autora combina rigor histórico com uma narrativa acessível, fundamentada em documentos, depoimentos e registros que oferecem um retrato abrangente da evolução do Programa e das pessoas que fizeram parte dessa caminhada.

Ao final, cartas escritas por pesquisadores que marcaram essa trajetória oferecem diferentes perspectivas sobre o significado desses 35 anos e compartilham expectativas para o futuro do Programa, encerrando a narrativa com um olhar voltado para os próximos capítulos de sua história.

Luciana Tovo Rodrigues e ***Iná da Silva dos Santos***

PRIMEIRAS PALAVRAS

O Núcleo de Documentação Histórica (NDH) foi fundado no ano de 1990, a partir da iniciativa da professora Beatriz Ana Loner. A pretensão inicial era constituir um centro de documentação que aglutinasse documentos institucionais dispersos em diferentes locais da Universidade. Naquele momento em que a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) tinha como reitor o médico Amilcar Gigante, um apaixonado pela História, foram visitadas várias unidades acadêmicas, e alguns primeiros documentos e fotografias começaram a fazer parte do acervo do NDH. Com o tempo, no entanto, a partir do recebimento de um volume considerável e importante de documentos laborais, como os da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul e os da Justiça do Trabalho, de Pelotas, o NDH acabou se especializando em outro tipo de fonte relacionada ao mundo dos trabalhadores e trabalhadoras.

Mais recentemente, este lugar de memória voltou a ter um olhar especial ao acervo da própria UFPel, ao realizar entrevistas com servidores docentes e técnicos-administrativos com destaque na constituição e na trajetória da Universidade, especialmente nos anos próximos à sua fundação, em 1969, para um projeto intitulado "Memórias UFPel". À ocasião, o NDH recebeu acervos da Faculdade de Medicina; da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia; do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia (PPGEpi); da Faculdade de Odontologia; da Faculdade de Direito; da Faculdade de Agronomia; da Faculdade de Arquitetura e do extinto curso de Ciências Domésticas, dentre outros.

A história desse livro se relaciona a este período, principalmente a partir de um trabalho realizado entre 2022 e 2023, quando foi feito um estudo sobre a constituição da Leiga (atual Faculdade de Medicina da UFPel), que nasceu privada, em 1963, mas que desde o ano de 1978 faz parte oficialmente da Universidade Federal de Pelotas. Durante os dois

anos citados foi construída uma pesquisa, que resultou na publicação do livro digital intitulado *Uma Casa chamada Leiga: os 60 anos da Medicina – UFPel*, escrito por mim (Gill, 2023).

Após o lançamento da obra, na qual um dos departamentos protagonistas da formação era o de Medicina Social, a equipe do NDH foi procurada pelo PPGEpi, por meio de sua coordenadora, a professora Luciana Tovo Rodrigues, e da professora Iná da Silva dos Santos, integrante da Leiga desde 1978. A intenção manifesta pelas professoras e que representava a pretensão da comunidade vinculada à Epidemiologia era, em primeiro lugar, a de salvaguardar documentos históricos dispersos. Com o tempo, no entanto, passou-se à perspectiva de reconstruir a história daquele grupo de pesquisas e, com isso, realizar a escrita de um livro que enfocasse o início do Centro de Pesquisas Epidemiológicas, no ano de 1982, que resultou na formação do Programa de Pós-Graduação, em 1991.

O material, portanto, que agora é publicizado advém do acesso e da análise de uma série de fontes de diferentes tipos, tais como as documentais, as quais foram pensadas a partir de Cellard (2008, p. 295), para quem: "o documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social". Foram utilizados documentos institucionais, como portarias da UFPel dos seus primeiros anos; atas do Conselho Universitário (CONSUN); do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE) e da Faculdade de Medicina da UFPel.

Outro tipo de registro observado foram os periódicos locais, especialmente o jornal *Diário Popular*, fundado ainda no ano de 1890, e o jornal *Gazeta Pelotense*[1], o qual durou poucos meses, entre 1976 e 1977, mas que tinha um projeto inovador de jornalismo à época. Para Capelato (1988, p. 34), o jornal é uma fonte privilegiada, pois apresenta "o confronto das falas, que exprimem ideias e práticas e permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos".

Além de notícias relacionadas ao tema, extraídas mediante busca junto à Hemeroteca da Biblioteca Pública Pelotense, foram utilizados

1 Grande parte do acervo do jornal A Gazeta Pelotense está publicizado no site do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/gazeta-pelotense/. Acesso em: 29 jul. 2026.

também excertos de jornais, organizados pelo setor de Comunicação Social da UFPel, que construiu um *clipping*, o qual reúne publicações coletadas sobre a UFPel no período estudado.

Contudo, foram as entrevistas que se constituíram como as fontes mais potentes para a escrita do livro, até porque, como diz Frank (1999, p. 110), "[...] as fontes orais revelam melhor do que as fontes escritas a complexidade dos mecanismos da tomada de decisão. Não há tomada de decisão única, mas todo um feixe de elementos conduzindo a esta". Ao todo, foram entrevistadas 45 pessoas, as quais representam quatro grupos diversos: há os professores e professoras que estiveram inseridos no Departamento de Medicina Social desde os seus primórdios, atuando, muitas vezes, em postos de saúde; há outros educadores que, com o tempo, foram contratados visando, de forma mais específica, a constituição do Programa de Epidemiologia; há também narrativas com técnicos-administrativos, alguns contratados com recursos de projetos e outros concursados; por fim, há egressos e egressas do Programa, sendo que um percentual deles continuou na própria instituição e outros ocuparam diferentes postos de trabalho, tanto no Brasil quanto no exterior.

É preciso ainda dizer que, como foram feitas entrevistas para a constituição do livro sobre a Leiga e várias delas abordam a formação do Departamento de Medicina Social, o material também foi utilizado quando se julgou pertinente. Dessa forma, ao todo, este livro contempla 53 narrativas.

Para a construção das entrevistas, valeu-se da História Oral, pensada por Paul Thompson (2002, p. 9) como "a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências", e, ainda, pela perspectiva defendida por Alberti (2004, p. 25), para quem "entrevistas de história oral podem ser usadas no estudo da forma como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas".

No projeto se utilizou a vertente temática da história oral, a partir da busca de pessoas que tivessem alguma participação efetiva no processo de formação do Departamento de Medicina Social e/ou do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, em uma perspectiva de "devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras" (Thompson, 1978, p. 22).

A memória que se pretendeu acessar nas conversas foi aquela chamada por Candau (2011, p. 23) de propriamente dita, ou seja, "essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.)". Também foi fundamental refletir sobre o conceito de identidade:

> De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (Candau, 2011, p. 19).

Embora o interesse do grupo que está à frente do PPGEpi no início fosse enfocar, no livro, os 35 anos de sua constituição, entendeu-se que, para isso, seria importante considerar a História dos 50 anos do Departamento de Medicina Social, o qual possibilitou que alguns pesquisadores e pesquisadoras começassem a atuar na Faculdade de Medicina da UFPel e, a partir desse momento, iniciassem estudos que podem ser vistos como pioneiros na área da Epidemiologia.

É por este motivo que o livro contempla um espaço para analisar a medicina de comunidade, efetivada, especialmente, nos postos de saúde construídos por professores do Departamento de Medicina Social desde o seu início, e traz a perspectiva da investigação científica, construída ao longo do caminho e, de maneira mais sistematizada, após 1991, com a instalação do PPGEpi.

A construção da obra está baseada, conforme já dito, em um conjunto de fontes variadas que, em diálogo, oferecem um leque de informações e possibilidades de análises, as quais auxiliaram a autora a cercar o tema de forma mais abrangente possível e a tomar decisões sobre os rumos de um estudo, com um grau de conhecimento para uma escrita que se acredita responsável e rica. Narrativas, documentos escritos e imagens constituem o cerne da pesquisa.

O livro é sobre um Programa de Pós-Graduação, mas fala, especialmente, sobre as pessoas que o construíram e dos seus sonhos: desde

a sua formação, a aproximação com a instituição, os projetos nos quais se envolveram e as parcerias que foram efetivando com o passar dos anos. Para isso, a obra foi dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, é abordada a história da constituição da Leiga, no ano de 1963, a partir da análise de debates que ocorreram na cidade sobre o tema ainda na década de 1950, e a organização do curso de graduação em Medicina por meio de Departamentos, dentre eles o de Medicina Social, fundado no ano de 1976 e oficializado em 1977.

Já no segundo capítulo, o tema foi a formação do Centro de Pesquisas Epidemiológicas, no ano de 1982, com a organização de um espaço inicial para o seu funcionamento e a construção da primeira coorte, além da efetivação do Mestrado em Epidemiologia, no ano de 1991 e do Doutorado, em 1998. Em seguida, no terceiro capítulo, a discussão se volta para estudos realizados pelo grupo, que impactaram a construção de novas políticas de saúde, no Brasil e no mundo, na perspectiva trazida no título do livro de que, ao abordar o local, foi possível pensar em diretrizes públicas globais.

Por fim, no último capítulo, temos respostas a um convite feito a pesquisadores e pesquisadoras para pensarem em suas trajetórias profissionais, relacionadas ao Departamento de Medicina Social e/ou ao Programa de Epidemiologia, no sentido de avaliar os caminhos escolhidos e projetar novas possibilidades para o porvir[2].

Trata-se, portanto, de um livro de História, que dialoga com a obra *Uma casa chamada Leiga*, mas que procura, sempre quando possível, trazer outras memórias, de forma que haja uma espécie de complementaridade na leitura, mas também diferenças entre as abordagens, as quais permitem conhecer novos personagens e as suas trajetórias laborais.

Espero que gostem tanto de ler o texto quanto foi prazeroso escrevê-lo.

Lorena Almeida Gill
Outono de 2026

2 Os textos escritos por eles expõem a opinião que possuem sobre determinado tema e são de suas inteiras responsabilidades.

SUMÁRIO

22 **Linha do tempo**

CAPÍTULO 1
26 **A fundação da Leiga e a criação do Departamento de Medicina Social**

28 O começo
42 Os primeiros professores da Leiga
46 A construção do Departamento de Medicina Social, os professores pioneiros e o trabalho nos postos de saúde
65 A representatividade de mulheres cientistas

CAPÍTULO 2
75 **O Centro de Pesquisas Epidemilógicas (CPE) e o Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPel (PPGEpi)**

77 Duas histórias que se cruzam: Fernando Barros e Cesar Victora
85 O Centro de Pesquisas Epidemiológicas (CPE)
90 O Programa de Epidemiologia
99 Um curso diverso, interdisciplinar e multicultural

CAPÍTULO 3
143 **Projetos que ajudaram a estabelecer novas políticas públicas de saúde, no Brasil e no mundo**

144 As coortes de 1982, 1993, 2004, 2015 e 2026
151 Centro de Pesquisa em Desenvolvimento Humano e Violência (DOVE)

155 Centro Internacional de Equidade da Saúde (ICEH)

159 A Avaliação da Atenção Primária à Saúde e o grupo de pesquisa AQUARES

163 Aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de idade do bebê

167 Os 1000 Dias e as curvas de crescimento infantil

171 Epicovid

174 Saúde do trabalhador e da trabalhadora

178 Atividade física e saúde

180 Acompanhamento de idosos em Pelotas

CAPÍTULO 4

183 **Cartas ao Futuro ou "o presente do Futuro é a esperança"**

187 40 anos de pesquisa e ensino de Epidemiologia na UFPel / 40 years of epidemiological research and teaching at UFPel

194 Uma Trajetória em Prol da Saúde Coletiva / A Trajectory in Favor of Collective Health

204 Ciência para as pessoas / Science to people

214 Aprendendo com o passado para tomar decisões no presente e no futuro / Learning from the past to make decisions in the present and future

225 Aos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia / To students of the Postgraduate Program in Epidemiology

232 Boas conversas e travessias sem volta: um bilhete afetuoso para jovens epidemiologistas / Good conversations and irreversible journeys: an affectionate note to young epidemiologists

239 Entre dados, genes e pessoas: caminhos para o futuro da Epidemiologia / Between data, genes, and people: pathways to the future of Epidemiology

250 Na construção da Saúde Coletiva "faz-se caminho ao caminhar" / In building Public Health, "the path is made by walking"

254 "O Epidemio e a Lojista ou Epi-Lovestórias"

256 A criação do Centro de Pesquisas Epidemiológicas de Pelotas / The creation of the Pelotas Epidemiological Research Center

262 **Considerações finais**

266 **Referências**

284 **Entrevistas**

289 **Lista de ilustrações**

292 **Lista de abreviaturas e siglas**

LINHA DO TEMPO

DA FORMAÇÃO LOCAL AO IMPACTO GLOBAL

1953

Criação do Ministério da Saúde no Brasil.

1954

Início do debate na cidade, especialmente pela imprensa, da importância de se ter uma graduação de Medicina em Pelotas.

1963

Ingresso da primeira turma de Medicina na Leiga, um curso privado.

1968

Primeira formatura dos médicos e médicas da Leiga.

1969

Fundação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

1976

Criação do Departamento de Medicina Social, que foi oficializado no ano seguinte e criação dos primeiros postos de saúde na Leiga.

1953 - 1986

1978

Federalização da Leiga, com a sua incorporação pela UFPel.

Realização da Conferência de Alma-Ata, atual Almati, Cazaquistão, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que definiu a Atenção Primária à Saúde como um modelo para atingir a meta de saúde global até o ano de 2000.

1982

Criação do Centro de Pesquisas Epidemiológicas (CPE) e início da realização da primeira coorte.

1984

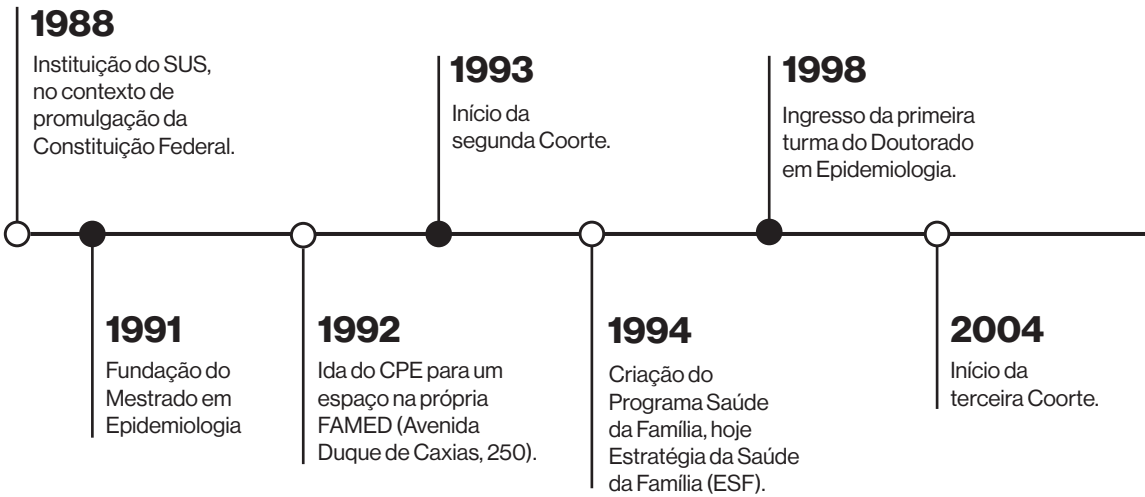
Aluguel de uma sala na Galeria Antunes Maciel para uma maior organização do CPE, que com o tempo foi ampliada para quatro salas.

1986

Realização da 8° Conferência Nacional de Saúde (CNS), fundamental para a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS).

LINHA DO TEMPO

DA FORMAÇÃO LOCAL AO IMPACTO GLOBAL



PESSOAS - PESQUISA - ENSINO - POLÍTICAS PÚBLICAS

PELOTAS | BRASIL | MUNDO

1988 - 2026



HISTÓRIA
CIÊNCIA
PESSOAS
SOCIEDADE

CAPÍTULO

01

A FUNDAÇÃO DA LEIGA E A CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO **DE MEDICINA SOCIAL**

ORIGENS

1954 — 1963 — 1976 — 1978



Pelotas, localizada ao sul do estado do Rio Grande do Sul, é uma cidade de porte médio, que possui, atualmente, uma população de 325.685 habitantes, segundo o último censo realizado em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[1]. Fundada no ano de 1812, sua economia, em seus primórdios, baseava-se na indústria do charque, uma espécie de carne salgada, produzida a partir da mão-de-obra escravizada. Segundo Vargas (2014, p. 541), a cidade chegou a ter cerca de 43 charqueadas, localizadas às margens do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo, o que possibilitou que o município fosse "o principal polo charqueador não apenas do Rio Grande do Sul, como de todo o Império do Brasil".

O desenvolvimento proporcionado por essas empresas – especialmente no século XIX, já que, a partir dos anos de 1900, houve um expressivo declínio da atividade, fato acontecido praticamente no mesmo período da abolição da escravidão (1888) – ocasionou mudanças no espaço urbano:

> A expansão econômica, originária do período áureo da produção saladeiril, trouxe consigo progressos importantes, que fizeram com que Pelotas adquirisse ares de modernização: aumento da área de iluminação pública a gás, novos meios de transporte (bonde com tração animal em 1873 e bonde elétrico em 1915), fornecimento de água à população urbana, através de uma caixa d'água que ainda hoje abastece todo o centro da cidade e de quatro chafarizes importados da Europa na década de 1870, inauguração da Biblioteca Pública Pelotense em 1875, proliferação de clubes e associações recreativas, culturais, étnicas, teatrais, bailantes, carnavalescas, literárias, religiosas e a existência de um número importante de jornais diários, além de muitos semanários (Gill, 2004, p. 43).

Ainda que tenha sido considerada um importante centro econômico do Estado, a cidade atualmente tem sua economia voltada, principalmente, ao comércio e aos serviços, bem como a alguns ramos industriais vinculados ao beneficiamento do arroz e à construção civil (Soares, 2026). Segundo dados do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande

1 Cf. PELOTAS. Cidades@. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama. Acesso em: 29 jul. 2026.

do Sul (DEE-RS), atualmente as atividades agropecuárias ocupam 4,54 % da economia local, a indústria, 13,80% e o setor de comércio e serviços, 81,66% (Rio Grande do Sul, 2023).

No começo de 1950, quando começaram os debates sobre a criação de um curso de Medicina em Pelotas, o município tinha uma população de 127.641 habitantes, com 78.014 pessoas morando na zona urbana e 49.627 vivendo na área rural (FEE-RS, 1981). Em termos econômicos, Pelotas já possuía uma vocação aos serviços, como ainda é hoje, mas havia um número considerável de indústrias, muitas delas pequenas, em um perfil de empresas familiares. Conforme Lopes (2007), a cidade tinha, na década de 1950, 413 indústrias, as quais chegaram ao número de 505 no ano de 1952.

Esse desenvolvimento econômico fez com que Pelotas tivesse uma nova onda de modernização também no ambiente urbano, ao, por exemplo, verticalizar suas construções com o erguimento de grandes edifícios, vários deles ainda existentes, como o Rex Hotel (1952), o Itatiaia (1956) e o Ferreira Diniz (1957) (Lopes, 2007).

Do ponto de vista educacional, vinculado ao ensino superior, a cidade reunia alguns cursos universitários, como os de Agronomia e Veterinária, fundados ainda no século XIX, além da Faculdade de Farmácia e Odontologia, da Faculdade de Direito, da Escola de Belas Artes e do Conservatório de Música, por exemplo (Loner, 2017). A partir do ano de 1953, passou também a funcionar em Pelotas um curso de Filosofia, o qual seria um dos fundadores da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), que inicia sua trajetória oficialmente no ano de 1960.

É nesse contexto que, na década de 1950, começam a aparecer, especialmente em jornais locais, discussões sobre a necessidade de Pelotas passar a contar também com uma Faculdade de Medicina.

O COMEÇO

A primeira notícia encontrada sobre um debate visando construir um curso de Medicina na cidade foi do ano de 1954, quando, pelas páginas do jornal *Diário Popular*, de 2 de abril, apareceu uma publicação com o título: "Reencetada a campanha pela fundação da Faculdade de Medicina

de Pelotas". A matéria mostrava o potencial da empreitada quando apontava que, no dia anterior, acontecera uma reunião na Câmara de Vereadores, com a presença do prefeito e do vice-prefeito municipal, Mário Meneghetti e Oscar da Cunha Echenique, ambos médicos, além de outras autoridades, que se mobilizavam para tirar a ideia do papel.

Nesse sentido, o próprio Naum Keiserman, considerado o fundador da escola que ficou conhecida como Leiga, contou que a entidade, denominada, à época, Sociedade de Medicina de Pelotas[2], já realizava há algum tempo esse debate em suas reuniões ordinárias. Segundo ele, citado por Gill (2023, p. 164):

> A história da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, então Faculdade de Medicina de Pelotas, remonta ao ano de 1953, quando, em uma das reuniões ordinárias da Sociedade de Medicina de Pelotas, realizada na Faculdade de Odontologia, (a Sociedade de Medicina ainda não possuía sede própria) o Dr. Franklin Olivé Leite sugeriu a sua criação.

Aqui faz-se um parêntese para apresentar o fundador da Leiga, **Naum Keiserman**, que nasceu em Porto Alegre, no dia 1º de setembro de 1917, e se formou em 1939, na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, conforme currículo entregue para o início das atividades da Leiga[3]. No ano de 1940, foi nomeado médico na Secretaria de Saúde como tisiologista e radiologista, no Centro de Saúde, número 5, em Rio Grande. Já em 1941 passou a exercer um cargo no Departamento Estadual de Saúde, em Pelotas, na área de Tisiologia; ao mesmo tempo, ele atuava como médico na Beneficência Portuguesa da cidade.

Segundo Naum, para o cuidado com a tuberculose, ele teve a seguinte formação acadêmica:

> Para trabalhar em tisiologia eu me preparei com alguns cursos: fiz um curso oferecido pelo próprio Departamento Estadual de Saúde, fiz um estágio no Hos-

2 A Sociedade de Medicina de Pelotas foi fundada em 7 de novembro de 1940 e atualmente se chama Associação Médica de Pelotas.

3 O currículo digitalizado está disponível no acervo documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao--de-Funcionamento-3.3.-Curriculo-Naum-Keiserman.pdf. Acesso em: 29 jul. 2026.

> pital Sanatório Belém, à época destinado a pacientes com tuberculose. Lá trabalhavam os professores Cezar Ávila e Eliseu Paglioli, entre outros. Em Montevidéu fiz curso de broncoscopia com o Dr. Chevalier Jackson, americano que lá se encontrava para este fim. Em Córdoba, Argentina, fiz curso de Cirurgia Torácica. No Rio de Janeiro, acompanhei cirurgia de tórax com Jesse Teixeira. Em Pelotas, eu comecei a fazer tudo isso (Gill; Pomatti, 2019, p. 462).

Naum veio para Pelotas com a esposa, Clara Keiserman, que trabalhava como visitadora sanitária ao percorrer casas e repassar informações sobre preceitos higiênicos, especialmente para aqueles mais vulneráveis socialmente (Castel, 2005).

Figura 1 – Naum Keiserman e Amilcar Gigante juntos na inauguração da sala que levou o nome do segundo, em 1997.



Fonte: Acervo pessoal de Denise Gigante.

Entre 1943 e 1945, ele foi convocado para atuar durante a Segunda Guerra Mundial, tendo sido posteriormente o criador, professor e diretor da Faculdade de Medicina (FAMED Leiga), entre os anos de 1963 e 1978 (Gill; Pomatti, 2019). Após deixar a direção da Leiga, a partir da sua federalização, continuou na UFPel até 1989, ano em que contribuiu ainda para a gestão de Amilcar Gigante (Figura 1), seu amigo da faculdade, que foi Reitor da UFPel entre os anos de 1989 e 1992. Naum faleceu em 19 de setembro de 2011, em Porto Alegre, local em que residia.

Retomando o debate sobre a construção de um curso de Medicina, várias notícias se baseavam em dados quantitativos para dizer que havia mais profissionais de outras áreas da saúde do que médicos em Pelotas. Franklin Olivé Leite, diretor do Sanatório Henrique Roxo e um dos médicos envolvidos no debate, em uma notícia publicada pelo *Diário Popular*, em 18 de abril de 1954, foi enfático ao afirmar que existia apenas uma Faculdade de Medicina, naquele momento, na capital do Estado, e que a população merecia um cuidado maior: "[...] quatro e meio milhões de habitantes com uma só Faculdade de Medicina com capacidade apenas para cem alunos".

As discussões prosseguiram tanto pela imprensa quanto em entidades médicas (Gill, 2023). Ainda no ano de 1954, foi fundada a Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado (IPESSE), a qual logo obteve reconhecimento sobre sua importância, tanto assim que no ano seguinte receberia a doação de um prédio pelo então prefeito, Mário Meneghetti, com o objetivo de que no local passasse a funcionar a pretendida faculdade. O casarão, que fora a moradia de Carlos Ritter e sua família e fica situado à Avenida Duque de Caxias, número 250, é ainda hoje o endereço da FAMED da UFPel (Figura 2).

Figura 2 – Fachada do casarão histórico, sede da FAMED/UFPel



Fonte: Fotografia de Valder Valeirão (2022).

Em 1958, o debate se intensificou quando assumiu a presidência da IPESSE o médico Oscar da Cunha Echenique, que possuía boas articulações na sociedade, inclusive por ter sido vice-prefeito de Pelotas. Nesse mesmo ano, Naum Keiserman começou a dar aula de Biofísica na Faculdade de Odontologia e passou a ocupar o cargo de secretário da Sociedade de Medicina, momento em que a entidade classista passou a se envolver mais diretamente com o pleito de instalação de um curso universitário de Medicina na cidade.

No ano seguinte, em 29 de novembro, Pelotas viveu um dia histórico, no qual várias autoridades, dentre elas o Governador do Estado, Leonel Brizola (Figura 3), participaram de um ato na Biblioteca Pública Pelotense, com a intenção de fundar a Faculdade de Medicina de Pelotas. No evento estiveram presentes também o reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Eliseu Paglioli, o prefeito de Pelotas, Adolfo Fetter, o Bispo Diocesano, Dom Antônio Zattera, além de outros nomes conhecidos na cena política municipal e estadual.

Figura 3 – Governador do Estado, Sr. Leonel de Moura Brizola, na solenidade de Fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas, em 29 de novembro de 1959



Fonte: Acervo do NDH/UFPel.

Embora o bispo da cidade estivesse no ato, claramente dois grupos disputavam o pioneirismo na constituição do curso da área da saúde. De um lado, capitaneado por Naum Keiserman, havia médicos, vários deles judeus maçons, que pretendiam criar uma faculdade que não tivesse ligações religiosas, ou seja, uma faculdade leiga. De outra perspectiva, existia a ideia de constituição de um curso de Medicina que viria a se relacionar a uma Universidade criada no ano de 1960, a Católica de Pelotas.

As graduações iniciaram no mesmo ano, em 1963, mas houve acusações de parte a parte, especialmente pela imprensa local, sobre as dificuldades que cada um dos cursos teria para implementar um currículo, que possuía uma parte considerável de aulas práticas. As dúvidas se colocavam sobre a possibilidade de os alunos terem uma boa formação, além de se seria obtido o reconhecimento dos cursos, fundamental para o exercício da profissão. Para exemplificar tal situação, no *Diário Popular* de 6 de janeiro

de 1963, na p. 1, foi publicado o edital para o vestibular da Faculdade Católica de Medicina, assinado por aquele que se tornou seu diretor, Franklin Olivé Leite; no entanto, foi noticiada, na mesma página do periódico, uma nota da Sociedade de Medicina, que informava que o conselho deliberativo da entidade se posicionava contrário ao funcionamento da instituição católica e alegava, para isso, informações sobre o patrimônio apresentado, além das condições infraestruturais e do corpo docente (Gill, 2023).

Do outro lado, como a Católica tinha uma situação mais tranquila com relação ao espaço hospitalar, uma vez que havia feito uma parceria com a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (Figura 4), seus representantes eram enfáticos ao verbalizarem que a Leiga não possuía essa infraestrutura fundamental para a formação dos alunos.

O fato é que, no início da década de 1960, havia acontecido um movimento de médicos no Pronto Socorro da Santa Casa de Pelotas, os quais exigiam melhores condições de trabalho. Após essa mobilização, 32 médicos pediram o desligamento da instituição, mediante uma carta entregue por Naum Keiserman e Salvador Ferreira, representantes da Associação Médica do Rio Grande do Sul, o que pode ser visto na publicação do *Diário Popular*, de 13 de janeiro de 1961, página 1.

A posição de Naum na defesa dos médicos, tão próximo ao ato do início da Leiga, prejudicou as relações entre aquele que seria o diretor do novo curso e a instituição hospitalar centenária, fundada em 1847. Ele próprio comentou sobre este difícil cenário:

> Não poderíamos contar com a Santa Casa e, tendo em vista a falta de condições do Hospital Espírita [...], só nos restava a Beneficência Portuguesa. Foi uma negociação difícil, com alguns médicos do corpo clínico opondo-se a qualquer convênio (Keiserman, 1992, p. 17).

Figura 4 – Fachada principal da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas



Fonte: Acervo da instituição.

A situação de crise na saúde, à época, foi narrada pelo médico Carlos Karam, formado pela UFRGS em 1952 e que esteve na Leiga como docente desde o seu início. Segundo ele, "em 1960, na transição para o ano novo, o grupo que trabalhava no Pronto Socorro da Santa Casa se rebelou contra a direção e, no momento, achou por bem se demitir. Então saímos em grupo, compreende? Faltou diálogo"[4].

A mesma situação foi comentada pela professora Anaclaudia Fassa, formada pela UFPel, da Associação de Turmas da Medicina (ATM), em 1988, quando abordou a trajetória de seu pai, Luís Fassa, que foi professor da Católica e, depois, da Federal. Ela contou sobre a mobilização de médicos, afirmando que, conforme narrado pelo seu pai, na década de 1960 teria havido uma divergência entre os médicos e a direção da Santa Casa;

4 Entrevista presencial realizada com Carlos Karam no dia 14 de novembro de 2022, na casa dele. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

vários deles abandonaram o hospital, e a direção da instituição precisou fazer um chamamento nacional visando atrair mão-de-obra especializada, pagando, inclusive, passagens aos possíveis interessados.

Como relata a professora, "o meu pai estava querendo sair de São Paulo e aproveitou que tinha passagem paga e veio e quando chegou na porta da Santa Casa com a malinha dele, uma freira veio correndo e disse: 'O senhor é médico? O senhor é médico?'". Como ele respondeu afirmativamente, a enfermeira relatou que havia uma parturiente dando à luz e não tinha nenhum médico no hospital; desse modo, ele teria deixado a sua mala na portaria e feito o parto. Depois do episódio, Luís decidiu vir para Pelotas e fez uma carreira profissional na cidade[5].

Figura 5 – Imagem do prédio da Beneficência Portuguesa de Pelotas



Fonte: Redes sociais da instituição (2026).

No início dos cursos, portanto, na década de 1960, na Santa Casa atuavam os graduandos da Católica e na Beneficência Portuguesa e no Sa-

5 Entrevista on-line realizada com Anaclaudia Gastal Fassa no dia 7 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

natório Espírita[6] os alunos da Leiga. A IPESSE chegou, inclusive, a construir uma ala com 50 leitos na Beneficência (Figura 5), que, após dez anos, passou ao patrimônio do hospital.

Vinculado ao assunto, assim comentou Naum Keiserman (2018, p. 31-32, grifos do autor), sobre as dificuldades iniciais relacionadas à falta de um espaço hospitalar e a necessidade de se construir um espaço adequado, o que foi feito junto à Beneficência:

> Recursos para a construção não havia. Lançamos o "Livro Ouro" que pouco rendeu. A solução encontrada foi a rifa de um automóvel, devidamente autorizada pelo Ministério da Fazenda. Passamos a vender as cartelas. Para os professores, a aquisição era obrigatória, inclusive com desconto em folha daqueles que já percebiam algum vencimento. Na data fixada, o número sorteado não fora vendido. Repetimos o sorteio. Novos bilhetes foram vendidos e, mais uma vez o número não fora vendido. Vendemos então o automóvel a um colega, o Dr. Nilo Conceição.

Resolvidos os problemas iniciais, que se conectavam, de forma mais específica, com a infraestrutura básica para o início das aulas, era preciso contratar professores, o que não se constituiu em uma tarefa fácil, pois, para algumas especialidades, foi inevitável buscar docentes de outros lugares e, nos primeiros anos, havia poucos recursos para o pagamento de salários adequados. Ainda, foi preciso realizar o processo seletivo para a primeira turma, que contou com 50 vagas, na qual entraram apenas quatro mulheres: Laura Ward da Rosa, Carmen Maria Duarte, Gleide Bandeira Rosinha e Tania Barcellos Chaves (Gill, 2023).

Cabe também ressaltar que a criação da Leiga se deu em um contexto de uma ditadura civil-militar no Brasil, o que impactou bastante o curso, uma vez que alguns professores e estudantes foram perseguidos pelo regime autoritário que havia se instalado no país pós-1964. Para Rodrigo Motta (2008, p. 32), um estudioso sobre a temática:

> No seu eixo conservador, a política do regime militar para as Universidades implicou o combate e a censura

6 O Sanatório Espírita foi fundado em 12 de dezembro de 1948, pela Liga Espírita Pelotense, mas passou a funcionar apenas em 1956.

> às ideias de esquerda e tudo o mais considerado perigoso e desviante – e, naturalmente, reprimiu e afastou dos meios acadêmicos os seus defensores; o controle e a subjugação do movimento estudantil; a criação de agências de informação (as AESI) para vigiar a comunidade universitária; a censura à pesquisa, assim como à publicação e circulação de livros; e tentativas de disseminar valores tradicionais através de técnicas de propaganda (murais e panfletos), da criação de disciplinas dedicadas ao ensino de moral e civismo (chamadas nas universidades de Estudos de Problemas Brasileiros – EPB) e de iniciativas especiais como o Projeto Rondon.

Uma das primeiras manifestações do autoritarismo presentes na recente faculdade que se constituíra aconteceu justamente na formatura da turma pioneira de Medicina, em 1968, a qual estava marcada para ocorrer em 13 de dezembro de 1968, no Theatro Guarany, dia em que foi promulgado o Ato Institucional n.º 5 (AI-5), o qual retirou direitos constitucionais e intensificou a repressão no país (Brasil, 1968). Ocorre que o paraninfo da primeira turma era o médico Amilcar Gigante, o qual foi impedido de lecionar na Leiga a partir dessa data, situação só modificada no ano de 1979, com a Lei da Anistia.

Segundo Sanglard (2025, p. 31):

> A Lei nº 6.683 de 28 de agosto de 1979, mais conhecida como Lei de Anistia, foi sancionada ainda no regime autoritário, no governo de Figueiredo, e implementada como fruto de acordo para alcançar uma almejada reconciliação e possibilitar a abertura política. Não anistiou apenas os perseguidos políticos, mas também os agentes de Estado envolvidos na repressão, sem que tenha havido apuração dos crimes cometidos.

O fato é que Amilcar Gigante já havia sido expurgado da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 1964[7] e só conseguiu dar aulas na Leiga,

7 Em uma entrevista realizada com Denise Gigante, sua filha, ela conta que Amilcar dizia ser "subversivo só meio turno", já que, quando foi expulso da UFPR, por ser, conforme alegação, "uma má influência aos estudantes", pôde continuar atuando no Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciários (IAPC), que foi extinto em 1966 e teve suas funções unificadas ao Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). (Entrevista presencial realizada com Denise Petrucci Gigante no dia 25 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves).

a partir de 1965, pois tratava-se de uma instituição privada. A alteração desse quadro deu-se com o agravamento do autoritarismo, representado pelo AI-5 e pelo Decreto n.º 477 de 1969, que teve como foco as instituições de ensino (Brasil, 1969).

O clima de tensão e medo eram presentes no cotidiano das universidades, uma vez que havia organismos como as Assessorias Especiais de Segurança e Informação (AESI), instituídas a partir de 1971, que entrevistavam professores no momento de suas contratações, liam os discursos de graduandos, criavam comissões para investigações e, muitas vezes, participavam de atos solenes, como as formaturas, visando coibir aquilo que julgavam como atos subversivos.

Com o passar do tempo, as mobilizações cresceram no país, tanto assim que no ano de 1974, durante o mandato de Ernesto Geisel, acontecem eleições gerais no Brasil, com uma expressiva votação no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), visto como uma oposição consentida à Aliança Renovadora Nacional (ARENA):

> O MDB só se tornou uma oposição eleitoral efetiva quando o governo Geisel liberalizou as regras eleitorais em 1974 e, em consequência do inesperado êxito de seu desempenho eleitoral, adotou uma posição cada vez mais ruidosa de oposição de princípio ao próprio regime militar (Keck, 2010, p. 51).

As universidades, nesse contexto, se constituíram em um campo privilegiado para as lutas pela redemocratização do país. Desse modo, por exemplo, a Associação dos Docentes da UFPel foi fundada em 18 de junho de 1979 e a Associação dos Servidores Técnicos-administrativos da mesma instituição, logo em seguida, em 31 de julho do mesmo ano.

Mas foi no movimento estudantil que a universidade teve um grande protagonismo. É nesse período, por exemplo, no ano de 1977, que ocorre um ato em Pelotas contra o Pacote de abril[8], realizado na Praça da Faculdade do Direito, no qual os estudantes pediam liberdade e um deles,

8 O Pacote de Abril de 1977 foi um conjunto de medidas autoritárias tomadas pelo Presidente da República, Ernesto Geisel, que impôs o cancelamento das eleições diretas para governador e a criação da figura dos senadores biônicos, em uma tentativa de conter o avanço do MDB e garantir mais espaço ao governo no Parlamento.

João Carlos Gastal Júnior, foi preso (Vechia, 2011). O professor Juvenal Dias da Costa (2020, p. 5) assim conta sobre o episódio, em seu memorial acadêmico:

> No começo de 1977 [...] tivemos a primeira manifestação de estudantes na praça da Faculdade de Direito, queríamos simplesmente democracia, anistia geral e irrestrita, eleições para Presidente e um mundo perfeito. É difícil de acreditar que mobilizaram para poucas dezenas de estudantes uma tropa de choque, polícia Federal e Civil, todos nós fomos devidamente fotografados.

No ano anterior, conforme o jornal *Gazeta Pelotense* (17 de novembro de 1976, p. 1), nas eleições municipais, o MDB ganhara da ARENA, tanto assim que havia sido eleito Irajá Andara Rodrigues, representante do partido oposicionista. O vereador mais votado da cidade também foi do MDB, Mário Antônio Holvorcen, um conhecido radialista. O fato, que aconteceu em várias cidades do país, demonstrava o crescimento da oposição.

Na Leiga, o movimento dos estudantes à época foi intenso e se materializou em uma campanha pela federalização da faculdade. Embora a medida tenha sido debatida desde o início de sua formação, já que uma primeira pretensão era formar o curso universitário vinculado à UFRGS, o que não foi aceito pelo reitor daquela instituição, Eliseu Paglioli (Gill, 2023), a Leiga se vinculou à UFPel tão logo ela foi fundada no ano de 1969, pois passou a ser agregada, o que trouxe algumas vantagens, comentadas por Keiserman (2018, p. 35-36):

> O serviço de engenharia da Universidade assumiu por inteiro a supervisão de obras da Faculdade, desde os projetos até a construção, passando pelas concorrências, sem qualquer ônus para a IPESSE. Paulatinamente, professores da área básica foram sendo contratados para os Institutos da Universidade e designados para lecionar na medicina, desobrigando-a do pagamento dos vencimentos. A Faculdade continuava particular e como tal, recebendo anuidade dos alunos, o que aliviava os problemas financeiros e facilitava a aquisição do material.

A partir de seu reconhecimento como agregada, Naum Keiserman, como diretor da Leiga, passou, inclusive, a ter assento na instância mais importante da UFPel, o Conselho Universitário. No entanto, a graduação continuava privada e, por consequência, paga, o que preocupava os alunos, que diziam ser a mensalidade muito alta, fazendo com que o curso se tornasse inacessível a uma grande parcela da população.

Este período foi comentado por vários médicos, que eram alunos à época, como André Hypólito, da ATM, de 1981. Segundo ele, na década de 1970:

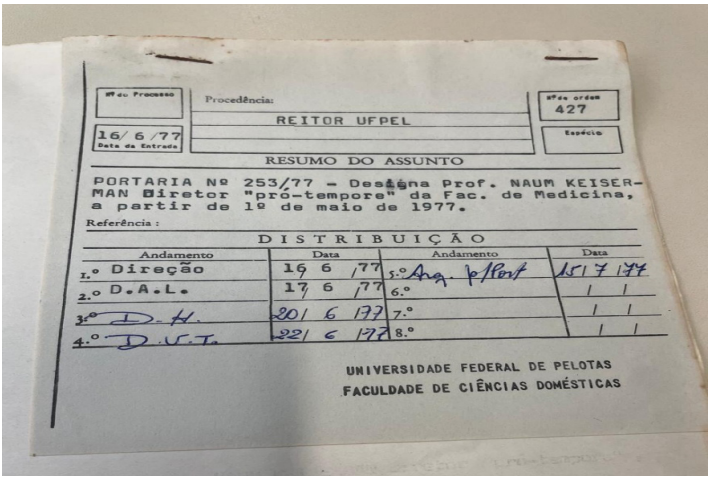
> [...] começou um movimento de aceleração pela federalização da faculdade por necessidade econômica e houve uma conjunção com o movimento político [...] era um período de regime militar. E eclodiu o movimento estudantil naquele período dentro da Faculdade de Medicina junto com outros cursos e a luta pela federalização foi a luta pela democracia dentro da faculdade. Isso ficou marcado. Tanto é que a nossa chapa, que ganhou o diretório acadêmico era "quem vota na chapa 2 da oposição, vota pela federalização"[9].

Embora matéria publicada no jornal *Diário Popular* de 31 de agosto de 1976 noticiasse que a Medicina Leiga já fazia parte da UFPel, após inúmeros debates no CONSUN, os quais aprovaram o ato, a incorporação definitiva deu-se no dia 7 de novembro de 1977, e o projeto de lei que oficializou a federalização, no dia 30 de abril de 1978[10]. Naum, no entanto, foi nomeado Diretor Pró-Tempore da Faculdade de Medicina, quase um ano antes, a partir de 1° de maio de 1977, por meio da Portaria n.º 253 (Figura 6).

9 Entrevista presencial realizada com André Luís Moreira Hypólito no dia 29 de dezembro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

10 O projeto de lei de incorporação da FAMED à UFPel pode ser consultado online no site do Acervo Documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1978.-Projeto-de-Lei-de-incorporacao-da-FAMED-a-UFPEL.pdf. Acesso em: 30 jul. 2026.

Figura 6 – Portaria n.º 253/77



Nº do Processo

Procedência:
REITOR UFPEL

Nº da ordem
427

16/ 6 /77
Data da Entrada

Espécie

RESUMO DO ASSUNTO

PORTARIA Nº 253/77 - Designa Prof. NAUM KEISERMAN Diretor "pró-tempore" da Fac. de Medicina, a partir de 1º de maio de 1977.

Referência :

DISTRIBUIÇÃO

Andamento	Data	Andamento	Data
1.º Direção	16/ 6 /77	5.º Arq. p/Pront	15/ 7 /77
2.º D.A.L.	17/ 6 /77	6.º	/ /
3.º D. H.	20/ 6 /77	7.º	/ /
4.º D.V.T.	22/ 6 /77	8.º	/ /

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DOMÉSTICAS

Fonte: Acervo do NDH.

OS PRIMEIROS PROFESSORES DA LEIGA

Para compor o quadro de docentes necessários para dar início às aulas na Leiga, foi publicado um edital, no *Diário Popular*, ainda em maio de 1960, no qual constava que haveria uma seleção pública para o preenchimento de 22 vagas, com critérios baseados nos méritos técnicos dos candidatos. As disciplinas eram: Anatomia Humana; Histologia e Embriologia; Biofísica; Bioquímica; Fisiologia; Parasitologia; Ginecologia e Obstetrícia; Microbiologia e Imunologia; Farmacologia; Anatomia e Fisiologia Patológica; Clínica Médica; Clínica Cirúrgica; Pediatria e Puericultura; Dermatologia; Neurologia; Psicologia Médica e Psiquiatria; Otorrinolaringologia; Oftalmologia; Ortopedia; Clínica de doenças infecciosas e parasitárias; Higiene e Medicina Preventiva; Medicina Legal e Deontologia.

Embora houvesse a publicização da existência das vagas, era sabido que haveria dificuldades para preenchê-las. De todo modo, buscou-se, em um primeiro momento, convidar médicos que viviam em Pelotas para atuar no curso. Vários desses profissionais eram judeus, pois, ainda que não compusessem um grupo grande na cidade (Gill, 1998), na segunda geração de imigrantes judeus havia um número expressivo de médicos

(Gill; Scheer, 2016), com sobrenomes como Zilberknop, Procianoy, Piltcher, Chatkin, Kauffman, Halpern, Katz, Scaletsky, os quais comporiam o quadro docente como pioneiros.

Como exemplo, destacam-se os currículos dos irmãos Isaac[11] e Miguel Piltcher[12], filhos de Manoel e Guilhermina Piltcher, ambos imigrantes. Isaac nasceu em 1932, em Pelotas, e Miguel no ano seguinte, na mesma cidade. Isaac se formou no ano de 1956, na Universidade do Rio Grande do Sul e Miguel em 1958, na mesma instituição.

Isaac se especializou em Oftalmologia e atuava na Beneficência Portuguesa desde 1957, tendo sido auxiliar na cadeira de clínica de oftalmologia, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, além de dar aulas na Faculdade de Odontologia de Pelotas. Miguel, por seu turno, especializou-se em Ortopedia e Traumatologia e, no currículo apresentado, comprovou atuação na Beneficência Portuguesa, na Santa Casa e no Pronto Socorro de Pelotas.

Na documentação encontrada constam ainda currículos de algumas pessoas que já eram professores da Faculdade de Odontologia, fundada em 1911 pela Maçonaria, como o do próprio Naum Keiserman[13], responsável pela disciplina de Biofísica, assim como, por exemplo, currículos de Altino da Costa Mariante[14], que atuava na Odontologia desde o ano de 1946 e seria responsável pela disciplina de Bioquímica na Leiga, e de Marcondes Dias Ribeiro[15], professor de Patologia desde 1935, que seria o regente da cadeira de Fisiologia na Medicina.

---

11 O currículo digitalizado está disponível no acervo documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao--de-Funcionamento-3.18.-Curriculo-Isaac-Levin-Piltcher.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026.

12 O currículo digitalizado está disponível no acervo documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao--de-Funcionamento-3.19.-Curriculo-Miguel-Levin-Piltcher.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026. .

13 O currículo digitalizado está disponível no acervo documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao--de-Funcionamento-3.3.-Curriculo-Naum-Keiserman.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026.

14 O currículo digitalizado está disponível no acervo documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao--de-Funcionamento-3.4.-Curriculo-Altino-da-Costa-Mariante.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026.

15 O currículo digitalizado está disponível no acervo documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao--de-Funcionamento-3.5.-Curriculo-Marcondes-Dias-Ribeiro.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026.

Havia, ainda, os que, embora fossem pelotenses, morassem mais longe, como Mário Ferreira Coutinho[16], um conhecido neurologista que atuava no Rio de Janeiro e Porto Alegre e que ofereceu seu nome para compor o primeiro grupo de docentes.

Do conjunto de currículos também apareceram nomes como Lauro Beltrão[17], do Paraná, e Washington Luís Tafuri[18], de Minas Gerais, mas no início eles não assumiram atividades, como se pode ver na lista das 16 vagas que foram preenchidas, em 1962: Naum Keiserman (Biofísica); Marcondes Dias Ribeiro (Fisiologia); Manoel Alberto Gomes Maia (Parasitologia); Dyrio Gorgot (Microbiologia e Imunologia); Amilcar Goyheneix Gigante (Clínica Médica); José Amaral Braga Filho (Clínica Cirúrgica); Guilherme Procianoy (Pediatria e Puericultura); Paulo Crespo Ribeiro (Ginecologia e Obstetrícia); José Domingues Assis (Dermatologia); Mário Ferreira Coutinho (Neurologia); Joaquim da Silva Nunes (Psicologia Médica e Psiquiatria); Isaac Levin Piltcher (Oftalmologia); Miguel Levin Piltcher (Ortopedia); Vinícius Belchior Salengue (Clínica das Doenças Infecciosas e Parasitárias); Ernani Saldanha de Camargo (Higiene e Medicina Preventiva) e José Ludovico Maffei (Medicina Legal e Deontologia).

Como faltavam professores para algumas vagas, foi necessário fazer contatos com outros profissionais, os quais, algumas vezes, não ficavam por muito tempo em Pelotas, tendo em vista outros compromissos. Mesmo assim, a partir das memórias de Edson Holthausen, aluno da primeira turma, atuaram, durante os seis primeiros anos de funcionamento, quarenta e cinco professores, alguns dos quais ficavam na cidade para ministrar apenas alguns cursos específicos[19].

16 O currículo digitalizado está disponível no acervo documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao--de-Funcionamento-3.15.-Curriculo-Mario-Ferreira-Coutinho.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026.

17 O currículo digitalizado está disponível no acervo documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao--de-Funcionamento-3.1.-Curriculo-Lauro-de-Castro-Beltrao.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026.

18 O currículo digitalizado está disponível no acervo documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao--de-Funcionamento-3.9.-Curriculo-Washington-Luiz-Tafuri.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026.

19 Entrevista presencial realizada com Edson Tadeu Holthausen no dia 20 de setembro de 2022, no Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Com o passar do tempo, o corpo docente foi composto, também, por médicos que tinham se formado na cidade, tanto na Leiga, como o próprio Edson Holthausen, Wanderlei Rospide da Motta e José Aparecido Granzotto, por exemplo, quanto na Católica, como Dércio José Zerwes.

A expectativa inicial, que não se cumpriu, tendo em vista a dificuldade de se obter candidatos a docentes, era a de se ter, no início do curso, 22 cátedras, que se organizariam em departamentos de ensino, os quais começaram a ser construídos no ano de 1966. Alguns dos primeiros Departamentos foram o de Clínica Médica, Ginecologia e Obstetrícia, Materno-infantil, Medicina Geral, Saúde Mental e Medicina Social.

A partir das entrevistas feitas para compor o livro sobre os 60 anos da FAMED, percebe-se que o Departamento de Saúde Mental, em especial, que começou a funcionar em 1977, teve uma grande importância nos anos iniciais de funcionamento da graduação, especialmente a partir do trabalho realizado pelo médico Darcy Abuchaim. A proposta desenvolvida por Abuchaim previa que a graduação contasse com quatro Psicologias Médicas, uma em cada ano do curso e, no quinto ano, houvesse uma clínica psiquiátrica. A intenção era que o médico formado tivesse uma visão holística do paciente, que proporcionasse um atendimento integral e humanizado (Bertoldi, 2011).

Embora alguns dos alunos gostassem do modelo, outros reclamavam da falta de atenção com áreas que julgavam igualmente importantes, como a cirurgia, por exemplo. De fato, a área hospitalar era um problema, especialmente no início do curso, tendo em vista os poucos leitos existentes para que o ensino prático se realizasse de forma satisfatória. Enrique Daniel Saldanha Garin, egresso da turma de 1986 e servidor técnico-administrativo médico da Leiga, a partir de 1994, relatou dessa forma a falta de ambientes hospitalares:

> [...] os pacientes eram tão entrevistados que quando nós esquecíamos alguma coisa eles nos corrigiam. Eles já tinham passado por tantas histórias clínicas feitas pelos estudantes que, ao final, diziam "tá, mas tu esqueceste de perguntar sobre a parte respiratória"[20].

20 Entrevista on-line realizada com Enrique Daniel Saldanha Garin no dia 16 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

De toda maneira, essa situação, para professores como Luiz Augusto Facchini, criou a oportunidade de que os graduandos vivenciassem mais os atendimentos práticos de saúde realizados em ambulatórios. Segundo ele, em entrevista concedida em 2022:

> Foi uma carência que, na verdade, acabou resultando em algo benéfico [...], pois obrigou a fortalecer áreas de ambulatório, especialidades não hospitalares e, por certo, a saúde pública, a medicina social, a saúde comunitária [...][21].

No último ano do curso de Medicina, os alunos tinham a prática mais intensificada a partir da realização dos chamados internatos. Para ampliar a vivência dos graduandos, foram feitos convênios, no decorrer dos anos, com diferentes hospitais em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, e os alunos que podiam se dirigiam a instituições maiores e mais bem equipadas para ter uma formação mais completa e prática.

A CONSTRUÇÃO DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL, OS PROFESSORES PIONEIROS E O TRABALHO NOS POSTOS DE SAÚDE

Em novembro de 1976, **Kurt Kloetzel** chegou a Pelotas. Ele veio com o objetivo de lecionar na Leiga e fundar o Departamento de Medicina Social, depois de um encontro que teve com Naum, em um evento da Associação de Ensino Médico. Nascido em 1923, em Hamburgo, Alemanha, ele faleceu em Pelotas no ano de 2007.

Kurt era formado em Engenharia e Medicina pela Universidade de São Paulo (USP), instituição na qual atuou como docente até o ano de 1964, quando pediu demissão e se mudou para os Estados Unidos e lá permaneceu por dois anos. Em seu currículo consta a passagem por vários lugares do Brasil e do mundo, até porque, depois de precisar sair da USP, tendo em vista o golpe civil-militar, necessitou buscar novos lugares para atuar.

21 Entrevista on-line realizada com Luiz Augusto Facchini no dia 22 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Um dos textos mais bonitos sobre a sua trajetória foi escrito pelo filho Daniel Klotzel[22], também médico, atuante no Estado de São Paulo. Segundo ele:

> Seu campo de interesse era quase infinito: quando se interessava por algo, estudava o assunto profundamente. Estudou música, fotografia, física, filosofia, literatura, botânica, zoologia e sei lá mais o que. Nas horas vagas era fotógrafo e jardineiro; pegou na enxada até muito recentemente. Talvez tenha sido o único "naturalista" termo fora de moda que eu conheci. Isso tudo, por ser um profundo humanista (Klotzel, 2007, p. 673, grifos do autor).

Kurt era bastante amigo de David Capistrano da Costa Filho, um médico sanitarista, que foi prefeito da cidade de Santos entre os anos de 1993 e 1996. Sobre essa amizade e o contexto da ditadura civil-militar no Brasil, Daniel assim conta sobre David:

> David e Kurt tornaram-se amigos no início da década de 1970, quando meu pai era professor da Faculdade de Medicina de Jundiaí e chefe do Centro de Saúde de Franco da Rocha. Morava dentro do complexo do Juquerí, na época famoso repositório de pacientes psiquiátricos. No complexo funcionava também o Manicômio Judiciário. Por suspeitar (e esperançoso) que seu pai, desaparecido político, pudesse estar preso lá, David pleiteou emprego no Centro de Saúde e logo a amizade dos dois se iniciou. Em 1975, David foi preso e no mesmo dia o Centro de Saúde foi fechado e na porta colocado um cartaz com os dizeres: "Estamos fechados, pois nosso pediatra foi preso". Desnecessário dizer que desde então tornaram-se amigos inseparáveis (Klotzel, 2007, p. 675, grifos do autor).

Sobre a vinda de Kurt para Pelotas, após sua saída de Jundiaí, há dois relatos importantes, um de sua companheira, Terezinha Fujita[23], professora aposentada

22 Sobre a diferença de sobrenome de Kurt e Daniel, ele assim explica: "Alemão imigrante na infância, acrescentou por conta própria, já na infância, um 'e' após o 'o' de Klotzel para manter a pronúncia fechada (no original o 'o' tinha trema). A mim isso já causou muito transtorno: sua fama científica fez com que Kloetzel fosse muito mais conhecido do que meu Klotzel" (Klotzel, 2007, p. 675).

23 Entrevista presencial realizada com Terezinha Fujita no dia 16 de janeiro de 2023, na casa dela. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

da Faculdade de Educação da UFPel, e outro do médico Justino Faleiros, que se deslocou para Pelotas junto com ele e atuou no Departamento que seria fundado.

Terezinha veio junto com Kurt para Pelotas; como sua formação era em Psicologia, primeiro trabalhou no curso de Enfermagem[24], que estava sendo construído naquele momento e necessitava de professores, depois passou a ser professora da Faculdade de Educação.

Aqui é interessante fazer um parêntese para dizer que foi Naum Keiserman o incumbido pelo Conselho Universitário[25] para pensar sobre a constituição do curso de Enfermagem desde o início. Para a tarefa, convidou Kurt Kloetzel e Amilcar Gigante, dois professores da Leiga, que já o ajudavam a buscar profissionais para a própria instituição médica. Eles tiveram a missão de encontrar nomes visando compor a nova graduação, que começaria as atividades no ano de 1977 (Gill, 2024).

Para isso, Kurt convidou uma conhecida sua, a enfermeira baiana Hildete Bahia da Luz, que veio com uma colega de profissão, Helena da Rocha Conceição. Hildete contou da seguinte forma este encontro:

> Nesta época Kurt Kloetzel, meu amigo, veio a Pelotas [...] e, neste momento, em nível nacional, estava acontecendo o segundo plano de desenvolvimento brasileiro (PND), que previa que no ano de 2000 o Brasil deveria ter um número 'X' de enfermeiros por habitantes. Então o Kurt voltou, e perguntou se eu gostaria de ir para Pelotas (Luz, 2016, p. 1).

A história da Enfermagem é muito interessante, pois se trata de um curso que começou a partir do trabalho de doze nordestinas[26]: seis baianas, cinco delas negras, o que era bastante incomum em uma universidade que, na década de 1970, era composta, principalmente, por homens brancos da elite pelotense, até mesmo porque o ingresso na instituição se dava por con-

24 Ela atuou por pouco tempo no curso de Enfermagem, assim como a esposa de Justino, Elisabeth Faleiros, que também acompanhou o marido em sua vinda. Terezinha foi para a Faculdade de Educação, construída em 1976, e Elizabeth se tornou professora na UCPel, instituição fundada em 1960.

25 O debate ocorre na reunião do Conselho Universitário da UFPel, no dia 24 de agosto de 1976, conforme documento digitalizado no Acervo do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/03/CONSUN-Ata-05.1976.pdf . Acesso em: 7 ago. 2026.

26 Seus nomes são: Hildete Bahia da Luz, Helena Rocha da Conceição, Denildes de Oliveira, Sílvia Lúcia Ferreira, Emília Nalva Ferreira da Silva, Solange dos Anjos Gesteira, Maria da Glória Santana, Francisca Dias de Oliveira, Irani Fernandes de Alencar Silva, Valquíria de Lourdes Nunes Machado, Afra Suelene de Souza e Eunice Xavier de Lima.

vite e não por concurso público. Atualmente, mesmo com a Lei n.º 15.142 de 3 de junho de 2025, a qual estabeleceu o percentual de 30% das vagas oferecidas em concursos públicos federais para pessoas pretas e pardas, indígenas e quilombolas, a UFPel continua longe de ter esse percentual numérico.

Além das baianas, havia cinco paraibanas e uma cearense, situação também incomum, já que a UFPel, fundada em 8 de agosto de 1969, no seu início, recrutava especialmente pessoas de Pelotas e do Estado do Rio Grande do Sul. Embora a cidade fosse marcada, em seus primórdios, pela presença negra, tendo em vista o trabalho escravizado nas charqueadas, e ainda hoje conte com expressivo contingente de habitantes pretos e pardos (23,9% da população, segundo dados do Censo de 2022, do IBGE), o espaço de protagonismo negro continua sendo pouco frequente hoje, como era ainda mais raro na década de 1970. Por isso é importante se pensar e se conhecer a trajetória do curso de Enfermagem da UFPel.

Retomando a história da Leiga, Kurt já era um médico reconhecido na década de 1970 especialmente após a publicação do livro *As Bases da Medicina Preventiva*, em 1973. A este seguiram-se a escrita de outras obras, como *Raciocínio Clínico*, o *ABC do Charlatão* e *Medicina Ambulatorial*.

Para Pelotas ele não veio só. Conforme já dito, vinha acompanhado de José Justino Faleiros, o qual tinha sido seu aluno em Mogi das Cruzes, em São Paulo, a partir de 1969[27], e havia se tornado um amigo. Justino assim conta sobre a vinda de Kurt para Pelotas:

> O Doutor Naum, que era o diretor da Faculdade, conheceu o Kurt e o convidou para construir a Medicina Social na Faculdade, que naquele tempo [...] era o IPESSE. Aí, como eu era ligado ao professor, eu e a Elisabeth fomos juntos[28].

Durante a sua trajetória profissional na Leiga, **Justino Faleiros**, que nasceu em Patrocínio Paulista, no interior de São Paulo, ministrou a disciplina de Medicina Comunitária e teve o pioneirismo de fundar

27 Conforme a narrativa de Justino Faleiros, depois de três anos em Mogi das Cruzes, Kurt havia passado por Jundiaí e somente após veio para Pelotas, local em que se estabeleceu.

28 Entrevista on-line realizada com Justino Faleiros no dia 4 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

o primeiro posto de saúde[29] de Pelotas, o da Vila Municipal, no ano de 1976, mediante parceria com o Serviço de Assistência Redenção (SARE), com sede à rua Voluntários da Pátria, 1641, a qual deu origem à Associação Beneficente Luterana de Pelotas (ABELUPE), criada em 7 de junho de 1980 como uma associação civil de caráter beneficente, sem fins lucrativos.

Justino Faleiros, em sua entrevista do ano de 2022, assim comentou sobre o início das tratativas para a instalação do Posto de Saúde, que abrigava alunos da Medicina, da Enfermagem e Obstetrícia e da Nutrição:

> O pastor já tinha um contato anterior com o Dr. Naum para fazer um ambulatório ali na Igreja na Rua Voluntários da Pátria. Quando eu cheguei lá eu falei para o pastor: olha, aqui está bom, Voluntários da Pátria, aqui é o centro da cidade, mas vamos lá na pobreza. Ele já tinha um lugar lá e prontamente aceitou e fomos para a Vila Municipal[30].

Sobre a organização do trabalho, Faleiros rememorou da seguinte forma:

> Começamos com uma área muito pequena, tipo trinta metros e depois com a ajuda da Prefeitura ampliou um pouco e depois a Associação Beneficente Luterana e o pastor Daltro conseguiram recurso do exterior para construir aquele prédio que existe lá até hoje com oitocentos metros quadrados. Um prédio muito bom[31].

Durante muitos anos não houve um documento formal para a parceria, embora se buscassem recursos municipais, estaduais e federais para o funcionamento cotidiano do Posto. Com o passar do tempo, no entanto, e com as dificuldades financeiras da Associação, foram formulados convênios entre a ABELUPE, a UFPel e a Fundação de Apoio Universitário (FAU), visando definir claramente a quem caberiam as ações e os recursos necessários para a manutenção do serviço.

29 Nomenclatura utilizada, até meados da década de 2010, para designar o que hoje se conhece como Unidade Básica de Saúde (UBS).

30 Entrevista on-line realizada com José Justino Faleiros no dia 12 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

31 Entrevista on-line realizada com José Justino Faleiros no dia 12 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

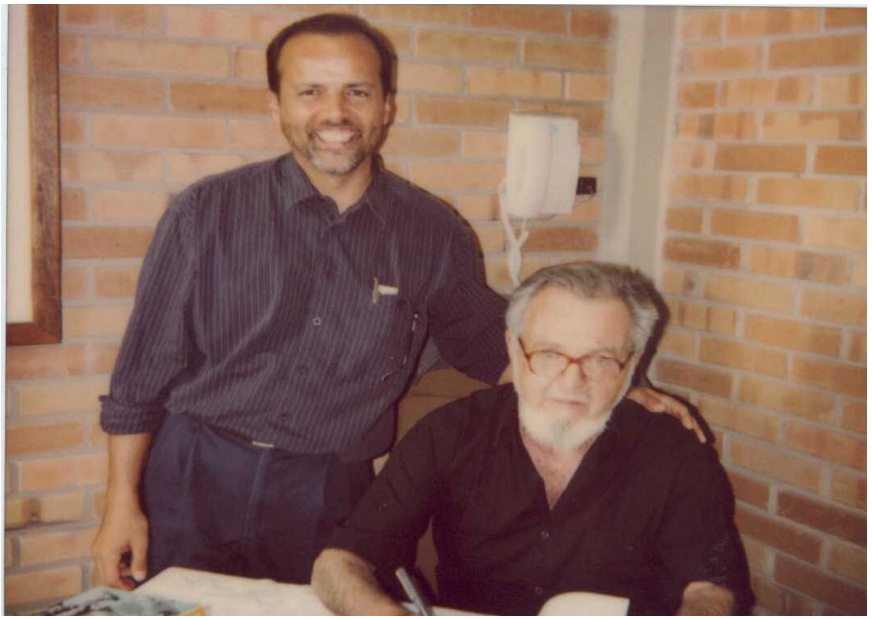
Recentemente foi encontrada uma portaria do Gabinete do Reitor Delfim Mendes Silveira, de número 269, de 1977 – antes, portanto, da federalização da Leiga –, em que constam os seguintes nomes de professores do Departamento de Medicina Social, naquele momento, além das respectivas posições na carreira e cargas horárias semanais: Professores Titulares: Darcy Abuchaim (20 h) e Kurt Kloetzel (40 h, Dedicação Exclusiva); Professores Assistentes: Antônio Abuchaim (20 h), Fernado Grilo Gomes (20 h) e José Justino Faleiros (40 h, Dedicação Exclusiva) e Auxiliares de Ensino: Carlos Alberto Purper Bandeira (20 h), Dorotéa Kremer Motta (20 h), Fábio de Alencar Braga (20 h), Luiz Felipe Lopes Ustarroz (20 h) e Wanderlei Rospide da Mota (20 h). Vários desses professores se dedicavam à Psiquiatria e ainda não constavam no Departamento de Saúde Mental, pois este surgiu no mesmo ano de 1977, mas um pouco mais tarde.

Assim como Kurt convenceu Justino a se deslocar a Pelotas para um projeto novo, ele continuou a buscar novos talentos para a graduação de Medicina. Foi dessa maneira que aconteceu com Cesar Victora (Figura 7)[32], cuja história será mais bem contada no próximo capítulo. Ele veio para Pelotas ainda no ano de 1977 e lembra a sua chegada da seguinte forma:

> Em busca de profissionais para compor o novo departamento (fundado oficialmente em 1977), Kurt procurou indicações entre os preceptores da Residência em Saúde Comunitária da UFRGS. Eu já era um admirador do Kurt através da leitura de seus livros, dos quais o mais inovador tinha como título O Raciocínio Clínico e fiquei entusiasmado com a proposta. Foi assim que, antes mesmo de completar a minha especialização, mudei-me para Pelotas e passei a integrar o grupo liderado por Kurt na UFPel (Victora, 2018, p. 177).

32 Em 2017, Cesar foi o primeiro brasileiro vencedor na categoria Saúde Global do prêmio-título John Dirks Canada Gairdner Global Health Award, que desde 1957 já reconheceu o trabalho de 434 cientistas que contribuíram com suas pesquisas para a medicina e a saúde global. Ele recebeu o prêmio pelo conjunto de suas pesquisas, que contribuíram para avanços na saúde pública.

Figura 7 – Cesar Victora com o médico Kurt Kloetzel, em 1999, no lançamento do livro *Medicina Ambulatorial: princípios básicos*

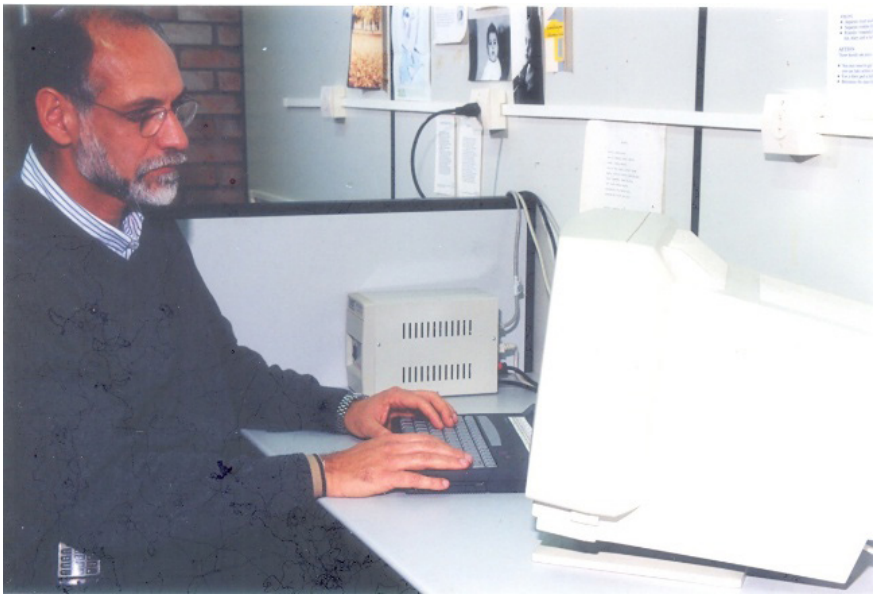


Fonte: Acervo do PPGEpi.

Já **Jorge Umberto Béria** (Figura 8) se graduou em Medicina na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 1976, e no mesmo ano iniciou uma Especialização em Saúde Pública na Fundação Oswaldo Cruz. Ele começou a dar aula na FAMED em 1979, à época já federalizada; fez Mestrado em Londres, na área de Medicina Comunitária, entre os anos de 1981 e 1982; terminou uma nova especialização no México em Medicina da Família em 1984, estudando a prescrição de medicamentos em atenção médica primária, e realizou seu Doutorado na UFRGS (1987-1991), sob a orientação de Cesar Victora, com o tema de epidemiologia do consumo de medicamentos em crianças.

Durante a gestão de Amilcar Gigante como reitor, foi diretor do Departamento de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Vários de seus estudos versaram sobre adolescentes, saúde mental, vírus da imunodeficiência humana (HIV) e avaliação de serviços de saúde. Ele se aposentou em 2002 e atuou por um tempo na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Figura 8 – Professor Jorge Humberto Béria, em sua antiga sala na primeira sede própria do PPGEpi, no prédio da Faculdade de Medicina, no bairro Fragata em Pelotas



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Ao seu nome está associada fortemente a criação de um novo posto de saúde que se relacionou à Faculdade de Medicina da UFPel, o chamado Areal Leste, fundado em 1981. Segundo *site* do Departamento de Medicina Social da UFPel:

> A UBS Areal Leste foi fundada em 1981, pelo DMS. Inicialmente a sede ficava no final da Avenida Domingos de Almeida, na casa ao lado da igreja (a puericultura era realizada na sacristia). Após, funcionou durante um período em um ônibus da UFPel (no pátio do colégio Lélia Olmos). Posteriormente, em casa alugada pela Prefeitura, o "Casarão" e, após, em uma casa alugada pela UFPel. Todas na mesma região. Desde 1993 funciona em sede própria, no prédio da antiga Caixa de Pensões do Areal, que foi doada para a UFPel pela comunidade (UBS Areal [...], [2014]).

Atualmente a UBS Areal Leste, além de fazer o atendimento tradicional no campo da Medicina, realiza no local as chamadas práticas integrativas e complementares (PICS), que promovem a circulação de saberes de diferentes áreas do conhecimento, como Medicina, Enfermagem e Nutrição, e proporcionam aos usuários do local o acesso a uma horta comunitária, a disponibilização de ervas medicinais, além do oferecimento da auriculoterapia, técnica derivada da acupuntura e do reiki, terapia energética de origem japonesa, que trazem bem-estar físico e emocional.

Outro posto de saúde fundado nos primeiros anos de funcionamento do Departamento de Medicina Social foi o do Centro Social Urbano, criado em 1982, em parceria com o Círculo Operário Pelotense. No início, a unidade contava com um andar apenas, com duas salas para atendimento, mas, com o passar do tempo e a mobilização da comunidade, teve sua sede ampliada com um andar superior, que ofereceu mais três salas de atendimento.

Um médico também pioneiro nos postos foi **Luiz Augusto Facchini** (Figura 9), que nasceu em Curitiba, no Paraná, e veio com a família, ainda criança, para São Pedro do Sul, cidade próxima à Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Seu pai era dono de uma livraria e sua mãe era professora de Ciências, embora também ministrasse aulas, por vezes, de Geografia, por exemplo. O hábito da leitura e a vontade de pesquisar, segundo ele, teria vindo do ambiente construído pelos seus dois genitores.

Foi na UFSM que se graduou como médico (1974–1979). Embora qualificasse seu curso de graduação como excelente, Facchini admite que uma das fragilidades era na área de Medicina Social, uma vez que a graduação seguia o padrão hospitalocêntrico. Ele conta que havia um único professor que oferecia a disciplina de medicina de comunidade, mas sem atividades práticas e, segundo ele, foram os alunos daquela geração que começaram a estimular o docente a realizar aulas mais experimentais, o que fez com que o professor selecionasse alguns bairros para que fossem visitar as famílias.

Um dos profissionais considerados como precursor da medicina social foi o alemão Rudolf Virchow (1821–1902), o qual pensou a doença em seus aspectos ambientais, sociais e econômicos. Citado por Lange (2021, p. 150), Virchow afirmava que "a medicina é ciência social e a

política nada mais é do que medicina em grande escala". Nesse sentido, para melhorar a saúde da população, era preciso pensar nas desigualdades sociais.

Figura 9 – Professor Luiz Augusto Facchini em sua antiga sala na primeira sede própria do Programa de Epidemiologia, no prédio da Faculdade de Medicina, no bairro Fragata



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Facchini reforça, na sua entrevista realizada ainda para o livro da Leiga (2022), o pioneirismo do Departamento de Medicina Social ao evidenciar que a ideia de atenção primária à saúde foi desenvolvida antes ainda da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde promovida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1978, em Alma-Ata, na República do Cazaquistão. Com a criação do departamento, em 1976, foi constituída

> [...] uma unidade básica de saúde, com características de uma atenção primária universal. Todo mundo podia ser atendido lá, com território definido, um atendimento gratuito, porque era oferecido por professores e alunos da universidade[33].

33 Entrevista on-line realizada com Luiz Augusto Facchini no dia 26 de outubro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

A década de 1970, no Brasil, marca o início do movimento que ficou conhecido como reforma sanitária, que tinha como objetivo principal democratizar o acesso à saúde, por meio da reformulação do sistema público. Tal perspectiva era fundamental tendo em vista que "[...] as políticas de saúde dos governos militares buscaram incentivar a expansão do setor privado" (Paiva; Teixeira, 2014, p. 17). Para os mesmos autores:

> As narrativas em torno da reforma sanitária brasileira localizam, como regra, a origem do movimento no contexto da segunda metade dos anos 1970, período que coincide com a criação do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes), em 1976; e, três anos depois, a criação da Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva (Abrasco) (Escorel, 1999; Rodriguez Neto, 1997; Paim, 2008). No entanto, o processo de formação de atores e instituições identificados com mudanças radicais no sistema de saúde então vigente também relaciona-se com um conjunto de aspectos que vão do desenvolvimento dos cursos de medicina preventiva a partir da década de 1950 ao fortalecimento de uma visão contrária ao regime autoritário que via, na sua derrocada, a única forma de construção de um sistema de saúde eficiente e democrático (Paiva; Teixeira, 2014, p. 21).

Facchini chegou à UFPel justamente nesse contexto histórico e diz que seu interesse em vir foi pelo trabalho que se iniciava com a atenção primária à saúde, a partir da iniciativa de médicos como Kurt Kloetzel e Justino Faleiros. Ele começou a atuar na instituição no ano de 1979, no Departamento de Medicina Social, e se incorporou à rotina de trabalho nos postos de saúde vinculados à Faculdade de Medicina.

Após alguns anos na UFPel como docente, realizou Mestrado em Medicina Social no México, em 1986, e lá construiu uma dissertação que teve como título: *Proceso de trabajo, cambio tecnológico y desgaste obrero: el caso del ingenio de azúcar Adolfo Lopez Mateos.* Logo obteve financiamento para um estudo relacionado ao trabalho materno e ao ganho de peso infantil, tema que posteriormente se transformou em sua tese doutoral, em Ciências Médicas, realizada na UFRGS (1994). No ano seguinte à obtenção do financiamento, em 1987, ele foi eleito Presidente da Associação dos Do-

centes da UFPel (ADUFPel), em uma conjuntura importante de luta pela volta da democracia ao país, já que somente no ano de 1989 o Brasil teve novamente eleições diretas para Presidente da República.

Facchini foi Secretário Municipal de Saúde de Pelotas, nos dois anos iniciais do primeiro governo de Fernando Marroni (2001–2004), consultor de vários organismos nacionais e internacionais vinculados à saúde e, desde 2018, está aposentado da UFPel, mas continua sendo professor voluntário nos Programas de Pós-Graduação em Epidemiologia, em Enfermagem e em Saúde da Família da Universidade Federal de Pelotas.

Outro professor que chegou ao Departamento neste mesmo ano foi **José Carlos Martinez**, o qual nasceu em Porto Alegre e atualmente reside na França bem próximo à Genebra, Suíça, país em que atuou por vinte anos. Ele se formou em Medicina na UFRGS (ATM 1977) e fez a residência em Pediatria na mesma instituição. Martinez revela que o vínculo com Pelotas se deu a partir da convivência com Cesar Victora, o qual já conhecia desde os tempos de faculdade em Porto Alegre, tendo feito, inclusive, um período do internato na Unidade Sanitária Murialdo, no qual estiveram juntos.

Segundo Martinez, quando foi finalizada sua residência, em 1980, ele aceitou o convite para trabalhar em Pelotas, no Departamento de Medicina Social. Naquele momento, começou a desenvolver atividades de ensino nos postos (Vila Municipal e Areal) e a se envolver em pesquisas, que, para ele, era uma marca do grupo: "Era muito difícil separar investigação de ensino, no Departamento. Os alunos eram envolvidos em coleta de dados, se fazia muita leitura de artigos"[34].

O professor ficou na cidade até 1983 quando foi para Londres realizar mestrado e doutorado, tendo retornado apenas por dez meses, em 1985, para a escrita da tese, para a qual, inclusive, utilizou a estrutura do Departamento de Medicina Social, tendo em vista o início da coorte, em 1982. Ao terminar o doutorado, foi convidado para trabalhar na OMS e deixou de ser docente na UFPel.

Ainda no campo do pioneirismo, pode-se abordar a trajetória de **Roberto Xavier Piccini,** natural de Rio Grande e formado como médico na

34 Entrevista on-line realizada com José Martinez no dia 23 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Fundação Universidade de Rio Grande (FURG), em 1977. Logo depois fez a residência de Medicina Interna no Hospital Conceição, em Porto Alegre, e imediatamente realizou uma formação na área de intensivismo. Quando já estava em Pelotas, a partir do ano de 1980, realizou uma especialização em Educação e o mestrado em Epidemiologia (1993), na primeira turma, de 1991, sob a orientação de Cesar Victora, a partir da temática da hipertensão arterial sistêmica.

Quando foi perguntado sobre o porquê de ter feito a especialização em Educação, o que não foi muito comum entre os narradores, ele afirmou que:

> [...] eu tinha me preparado para ser médico, para cuidar de pessoas, como profissão, mas eu não me considerava um professor adequado e acreditei, com convicção, que eu precisava me preparar para aquilo, para ser um educador de fato, não um mero transmissor de conhecimento. [...] A transmissão do conhecimento é uma coisa muito limitada, agora a produção do conhecimento, junto com o aluno, ela requer um preparo e foi uma experiência maravilhosa[35].

Piccini começou a dar aulas na UFPel em 1980, no Departamento de Medicina Social; no mesmo ano, iniciou o trabalho no Hospital Santa Teresa, com o objetivo de montar, naquele espaço de cuidado, uma unidade de tratamento intensivo. Ele contou que sua vinda para a UFPel foi mediada pelo seu orientador na residência, Carlos Grossman[36], que disse a ele para procurar Naum Keiserman, Amilcar Gigante, Kurt Kloetzel e Cláudio Gomes, à época diretor da FAMED, pois eles estavam constituindo o Departamento de Medicina Social e precisavam de médicos. Ele contou que então veio, foi entrevistado e logo aceito para fazer parte do grupo.

Ele abordou que, nessa época, o Departamento manifestou a intenção de fundar dois postos de saúde: uma na Vila Municipal e outro no Areal, além do ambulatório existente, que era atendido por médicos de di-

35 Entrevista on-line realizada com Roberto Piccini no dia 8 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

36 Em seu currículo Lattes, consta a seguinte apresentação: Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1957). Foi médico Internista do INAMPS e professor auxiliar da UFRGS (1958-68), além de médico no Hospital Conceição. Participou da criação dos Programas de Residência em Medicina de Família e Comunidade do Murialdo (1975). Implantou a Unidade de Medicina de Família e Comunidade do Hospital Conceição (1982). Ele faleceu em 2023.

ferentes especialidades. Piccini foi atuar na Vila, a convite do Justino, pois o professor Martinez havia ido para a Inglaterra se especializar. O espaço tinha no início uma estrutura bem rudimentar, mas para ele: "foi uma experiência fantástica, inspirada em Alma-Ata e em um autor, que veio nos visitar, inclusive, [...] o Dr. John Fry"[37], um dos pioneiros da atenção primária à saúde.

Piccini, em sua narrativa, foi bastante crítico à formação atual dos médicos e enfatizou tal tema com propriedade, tendo em vista ter realizado, junto com Facchini, avaliações das escolas médicas do Brasil, as quais visavam propor adequações e, eventualmente, mudanças ao que chamou de "aparelho formador". Ele se aposentou da UFPel no ano de 2011.

Participou do Departamento, também, em seus primeiros tempos, o professor **Nelson Blank**, que havia se formado na Leiga, no ano de 1975 e atuava na mesma residência de Cesar Victora, na Unidade Sanitária Murialdo, em Porto Alegre. Nelson ficou por pouco tempo em Pelotas e, a partir do ano de 1979, tornou-se professor na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tendo falecido em 2016. Um ano antes da sua morte, ele criou um blog para publicar textos seus, como poemas e crônicas. Em uma nota da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) sobre a sua morte, consta um pequeno trecho em que Nelson explicava o motivo da construção desse espaço de compartilhamento de escrita:

> [...] além do fato de escrever porque eu gosto, embora nem sempre me sinto satisfeito com o que escrevo. Escrevo porque sinto necessidade de criar. Interpreto a literatura como uma transcrição das emoções concretizadas após serem elaboradas pelo pensar. Ela me é um sentimento velado que, como no sonho, aflora travestida em seu significado oculto. Entusiasmo-me neste processo. Desconheço a qualidade literária da minha criação. Mesmo assim, decidi expor estes meus sentimentos e emoções e testar o prazer de ser lido. Não persigo elogios, mas sinceros comentários dos que me lerão, mesmo que severos, lembrando que não estarão julgando a mim, mas a maneira como expresso os meus sentimentos e emoções (Nota [...], 2016).

37 Entrevista on-line realizada com Roberto Piccini no dia 8 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Nelson teve uma formação completa em Medicina Social, com mestrado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, no ano de 1986 e doutorado na Karolisnka Institutet, na Suécia, tendo obtido seu título em 1997.

Já **Luís Henrique Rodrigues de Faria** fez sua graduação na Leiga entre 1972 e 1977. Ele rememorou que, embora fosse um curso novo, tiveram uma boa formação teórica; para isso cita, como exemplo, alguns nomes de professores como Léo Zilberknop, na área da Anatomia, e José Nova Cruz, no campo da Biologia. Realizou sua especialização de dois anos na Universidade Católica de Pelotas, na Pediatria, área na qual sempre atuou.

Tão logo se formou trabalhou como plantonista, Faria abriu um consultório, passando a dar aulas na Faculdade de Medicina da UFPel em 1982, a partir de um convite feito pelos médicos José Justino Faleiros e Kurt Kloetzel. Para ele, "a Medicina à época era focada na clínica, muito na clínica e a entrada do Kurt foi uma revolução na ordem das coisas"[38]. Ele abordou na sua entrevista uma diversificação no fluxograma do curso, a partir desse ingresso, com a mudança de foco agora na atenção primária e, de certa forma, na pesquisa.

Faria conta que sua atuação inicial foi feita no Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC), local onde permaneceu por quatro anos, mas que o trabalho exercido não correspondeu ao que esperava, uma vez que a equipe ia nos lugares e realizava um atendimento pontual, levando um bom tempo para retornar. Para ele, não existia o que era fundamental na Medicina, ou seja, uma continuidade no cuidado e na atenção com aqueles que precisavam ter acesso à saúde.

Com o passar do tempo, pediu para atuar nos postos de saúde e foi para o Areal Leste, no qual, segundo ele, tiveram dificuldades iniciais, especialmente infraestruturais, já relatadas também por outros professores, uma vez que necessitaram atender, por um tempo, em um ônibus de uma maneira bem improvisada.

Amilcar Gorheneix Gigante, cuja história já foi um pouco relatada, nasceu em 3 de junho de 1929 e faleceu no Dia do Médico, em 18 de outubro de 1998. Ele se formou na UFPR no ano de 1952 e lá iniciou sua

38 Entrevista on-line realizada com Luís Henrique Faria no dia 30 de junho de 2025. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

trajetória como professor de clínica médica, tendo sido, também, diretor do Hospital de Clínicas daquela instituição. Depois de ter sido expurgado, em função do golpe civil-militar, de 1964, voltou para Pelotas e, em 1965, começou a lecionar na Faculdade de Medicina, vinculada à IPESSE.

Embora estivesse vinculado a outro Departamento, teve papel fundamental na Medicina Social, até mesmo porque ele, junto com Kurt Kloetzel e Naum Keiserman, foram protagonistas na estruturação do curso de Medicina da Leiga.

Figura 10 – Fotografia de Amilcar Gigante



Fonte: Foto de Osmar Tavares, Assessoria de Comunicação Social da UFPel (1991).

Quando se fala em postos de saúde da Faculdade de Medicina, dois outros nomes aparecem, também, com forte representatividade: **Ana Maria Ferreira Borges Teixeira** e **Angela Chapon Cordeiro Madeira**. A professora Ana Borges, como é conhecida, formou-se em 1980, na UFPel; no

ano seguinte, iniciou uma residência em Medicina Geral e Comunitária no Hospital Nossa Senhora da Conceição, em Porto Alegre, tendo feito uma segunda formação, na mesma área, em Cotia/SP, no ano de 1984. Ela foi da primeira turma do Mestrado em Epidemiologia da UFPel e defendeu sua dissertação no ano de 1993, com a temática sobre a morbidade por acidentes em crianças menores de dez anos na zona urbana de Pelotas, em 1992, sob orientação do professor Fernando Barros. Já seu doutorado, também na área de Epidemiologia, na UFRGS, foi concluído em 2006 e teve como temática o uso de métodos de proteção/contracepção entre jovens de 18 a 24 anos de três capitais brasileiras.

Antes de passar a atuar como professora com dedicação exclusiva na UFPel, em 1989, trabalhou na Universidade Católica como médica de família em um posto de saúde; fez parte da Fundação de Apoio Universitário, também com atuação em postos de saúde, e trabalhou na Prefeitura Municipal de Pelotas, nas Unidades Básicas de Saúde Laranjal e Sítio Floresta.

Ana Borges, ainda como aluna da Medicina, fez estágio no posto da Vila Municipal e, em sua entrevista, refletiu sobre as mudanças trazidas pelo ingresso de novos professores relacionados ao Departamento de Medicina Social, que introduziram práticas "[...] de tratamento que mudaram completamente a questão da imunização em massa, a questão do soro reidratante, [...] abordagens sobre infecções respiratórias e diarreia"[39]. Para ela, isso alterou o perfil do cuidado, impactando nos casos de mortalidade em Pelotas.

Ela desenvolveu, ao longo dos anos, uma série de atividades, mas chamam a atenção sua participação contínua no atendimento médico no Posto de Saúde do Areal Leste desde 1989 – considerado um dos postos pioneiros da FAMED – e sua prática na orientação de alunos da graduação e residência de Medicina Social, além de ser tutora do Programa Mais Médicos, pela UFPel, desde 2014.

Já Angela Chapon Cordeiro Madeira teve seu ingresso na UFPel, em um tempo mais recente, no ano de 2002. Ela atua como clínica geral em

39 Entrevista presencial realizada com Ana Maria Borges Teixeira no dia 11 de janeiro de 2023. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

outro espaço de saúde que foi pioneiro na FAMED, a Vila Municipal. Em artigo publicado por Costa *et al.* (1999, p. 25), os autores assim avaliam a importância do lugar:

> Concomitantemente com o seu papel na formação de recursos humanos, a maior contribuição desse Posto de Saúde para o sistema local talvez tenha sido a construção dos paradigmas que orientaram a expansão da rede municipal de postos de saúde durante a década de oitenta.

A partir de uma entrevista realizada com Margarete Oleiro Marques, sabe-se que uma das primeiras servidoras técnicas-administrativas do Departamento tinha o nome de **Orgaídes Silveira Medeiros** e era conhecida como Olga. Ela permaneceu na mesma função por 44 anos e faleceu em 2021[40].

Atualmente o Departamento de Medicina Social é responsável por cinco unidades básicas de saúde, a saber: UBS Vila Municipal, UBS Areal Leste, UBS Centro Social Urbano, UBS Campus Capão do Leão e UBS Obelisco, as quais atingem uma população de 27 mil pessoas (Sobre [...], [2017]). O Departamento é composto por docentes, professores voluntários que atuam na graduação e na pós-graduação e, ainda, por técnicos-administrativos, vários deles médicos, que possuem suas rotinas de trabalho nas unidades básicas de saúde e nos ambulatórios da FAMED.

Margarete Marques evidencia a importância do trabalho da Faculdade de Medicina no campo da atenção básica à saúde, dizendo tratar-se de uma iniciativa importante e diferente: "Olha eu posso estar errada, mas acho que não porque sempre isso é repetido assim. Não tem nenhuma faculdade de Medicina que seja responsável por gerir Unidades Básicas de Saúde, só a nossa"[41]. Para ela, isso se deu pois, embora as UBS, como conhecidas atualmente, sejam do período de formação do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1988, os postos de saúde já existiam na Leiga desde os anos de 1970 e, dessa forma, os debates sobre saúde realizados no espaço institucional dialogam diretamente com as necessidades da cidade, ao longo das últimas décadas.

40 Entrevista presencial realizada com Margarete Oleiro Marques no dia 6 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

41 Entrevista presencial realizada com Margarete Oleiro Marques no dia 6 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Juvenal Dias da Costa (2020, p. 7-8), aluno da Leiga desde 1976 e hoje professor da FAMED, assim reflete, no seu memorial acadêmico, sobre o momento de chegada desses novos professores e da criação dos postos de saúde:

> Aquele terceiro ano da Faculdade foi decisivo e inspirador. Na disciplina de Medicina de Comunidade tive a felicidade de conhecer os professores; José Justino Faleiros, Kurt Kloetzel, Jorge Umberto Béria e Luiz Augusto Facchini, mais exemplos da imigração positiva para a cidade. Mas, fundamentalmente, tinha política envolvendo a Medicina, as críticas ao modelo vigente, as discussões sobre a determinação do processo saúde-doença, as reflexões sobre a necessidade de estabelecer um nível de atenção primária abrangente e resolutivo, tudo abria uma perspectiva desconhecida e fascinante para mim. Vontade de aprender e de refletir.

Para finalizar esta parte, no que diz respeito às pós-graduações da FAMED, além do Programa em Epidemiologia, há o Mestrado Profissional em Saúde da Família, o qual é oferecido nacionalmente por 45 instituições de ensino superior e seis unidades da Fundação Oswaldo Cruz. A UFPel, no ano de 2026, ofertou 12 vagas, a maioria para médicos do programa Mais Médicos, além de outras vagas destinadas a profissionais de Educação Física; Enfermagem; Farmácia; Fisioterapia; Fonoaudiologia; Nutrição; Odontologia; Psicologia; Saúde Coletiva; Serviço Social e Terapia Ocupacional. A coordenação do curso é da professora Elaine Thumé, enfermeira e docente da UFPel, com doutorado em Epidemiologia na mesma instituição, a partir de um estudo que abordou a assistência domiciliar a idosos e o desempenho dos serviços de atenção básica e teve a orientação do professor Luiz Facchini.

Há, também, um programa de residência médica em Medicina de Família e Comunidade, coordenado pela professora Bárbara Heather Lutz, a qual possui mestrado e doutorado em Epidemiologia pela UFPel. O primeiro curso abordou a inadequação do uso de medicamentos entre idosos na cidade de Pelotas/RS e o segundo teve como temática o uso de medicamentos durante a gestação e lactação na Coorte de Nascimentos de Pelotas de 2015, ambos com a orientação da professora Andréa Homsi Dâmaso.

A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES CIENTISTAS

Neste tópico serão abordadas a trajetória de duas mulheres cientistas: de um lado, a história de **Iná da Silva dos Santos**, docente efetiva na UFPel entre os anos de 1978 e 2018, quando se aposentou, embora continue fazendo trabalho voluntário no Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia; de outro, o percurso de **Ana Maria Baptista Menezes**, professora efetiva da FAMED também desde 1978, vinculada ao Departamento de Clínica Médica, mas com uma forte atuação no Programa de Epidemiologia. Ana se aposentou em 2016.

Iná e Ana se formaram na mesma turma, foram as primeiras mulheres a se engajar em estudos científicos na recém-federalizada FAMED/UFPel em 1978 e, atualmente, são pesquisadoras Nível 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o estrato mais alto, o que contrasta com a realidade do país, já que apenas 27% das mulheres cientistas ocupam essa posição de maior prestígio (Gorziza; Buono, 2023).

Iná

Iná da Silva dos Santos foi a primeira professora mulher a compor o novo Departamento de Medicina Social. Ela começou o curso na Leiga, na turma de 1972, sendo da ATM do ano de 1977. Era, portanto, um período em que a Leiga era agregada à UFPel, sendo ainda privada. Ela diz lembrar com carinho da época da graduação em que a tecnologia era rudimentar, mas o curso era rico em proporcionar experiências.

Uma dessas experiências era justamente a sua participação em um grupo de teatro existente no curso de Medicina, que havia se originado na Odontologia, a partir da iniciativa do professor José Luís Sacco da Nova Cruz. As apresentações de peças teatrais, encenadas especialmente na semana em que se comemora o Dia do Médico, 18 de outubro, reunia professores, alunos e técnicos-administrativos e atraia centenas de pessoas, em apresentações que aconteciam no Theatro Guarany, no Colégio Gonzaga, no Conservatório de Música e em cidades próximas. Segundo Chaves e

Rubira (2026, p. 357-358), entre as peças encenadas, podem ser citadas: *O reencontro* (1969); *Está lá fora o inspetor* (1971), traduzida e adaptada do original *An Inspector Calls*, de J.B. Priestley; *Equus* (1977, escrita em 1973 por Peter Shaffer), apresentada na Faculdade de Medicina (Leiga), com elenco também dessa faculdade; e *A figueira do inferno* (1978).

A própria Iná citou algumas peças em que participou, sob a direção do professor José Nova Cruz, como *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes, em que era protagonista (Figura 11). Iná contou que na estreia da peça estava presente Regina Duarte, que à época era uma conhecida atriz nacional, que já havia feito o papel que Iná desempenhava e foi assistir ao espetáculo. Ela afirmou que os ensaios aconteciam praticamente durante todo o ano e iniciavam ainda em fevereiro. As roupas costumavam ser feitas por um costureiro muito conhecido na cidade, chamado Carlos Alberto Mota.

Figura 11 – Iná dos Santos, na peça *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes, encenada em 1983 pelo Grupo de Teatro da Medicina da UFPEL



Fonte: Acervo de Iná dos Santos.

Sobre o curso, ela ressaltou que os professores homens eram em maior número na graduação e que isso impactou a formação das alunas, em termos de representatividade, pois, à época de sua formatura, as mulheres já eram várias, diferentemente dos anos iniciais do curso, em 1963. Desse modo, as mulheres não possuíam muitas referências sobre como ser médica, pois as professoras eram quase inexistentes. Nesse sentido, assim refletiu: "E como ser médica, pesquisadora, tinha zero modelo"[42].

De todo modo, vários professores a marcaram, na perspectiva da profissional que queria ser, e chamou a atenção para a disciplina de Psicologia Médica, que estava presente no curso do primeiro ao quinto ano e tinha como protagonista Darcy Abuchaim (Gill, 2023), além de seus irmãos Sérgio e Antônio Abuchaim. Para Iná, era importante o modelo seguido pela Leiga, nas disciplinas de Psicologia Médica, em que os graduandos observavam casos e compartilhavam suas anotações com o grande grupo, embora tudo acontecesse muito empiricamente, pois, segundo ela, não havia um preparo maior para esse tipo de procedimento, que era realizado intuitivamente.

Independentemente disso, a experiência das disciplinas de Psicologia do decorrer do curso fortaleceu a construção de uma relação médico-paciente respeitosa e ética. No entanto, acrescenta Iná:

> [...] Mas, é claro, não tinha o que se tem hoje, além da tecnologia, hoje se tem a Medicina Baseada em Evidências, é uma ideologia dentro da Medicina, aceita internacionalmente de que todas as condutas médicas devem ser baseadas em estudos científicos[43].

Sobre o cotidiano da Medicina, Iná abordou, em sua narrativa, a chegada de Kurt Kloetzel, que, para ela, foi uma espécie de divisor de águas dentro do curso, uma vez que foi ele que iniciou as pesquisas na graduação. Ela o conheceu quando ele foi convidado por Naum para dar uma palestra aos alunos e afirmou ter ficado impressionada com uma fala dele, em que

42 Entrevista on-line realizada com Iná da Silva dos Santos no dia 30 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

43 Entrevista on-line realizada com Iná da Silva dos Santos no dia 30 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

dizia que o estudante de Medicina emburrecia no decorrer do curso. Isso mexeu com ela, já que havia tirado o primeiro lugar no vestibular e estava preocupada com o seu futuro como médica.

Com o tempo, passou a conviver mais com Kurt e com Justino e teve uma experiência de trabalho, no sexto ano, no período das férias de julho, no posto da Vila Municipal, que se localizava atrás da cadeia civil, a partir da qual ficou apaixonada por aquela proposta. Segundo ela, "naquela época não tinha SUS, não tinha, então as pessoas que não possuíam emprego, que não tinham trabalho, não conseguiam atendimento médico, não viam o médico, era impossível ver o médico"[44]. A única saída, segundo ela, era procurar o sindicato, que costumava dispor de um profissional para os seus associados, ou pagar particular.

Para Iná, ver o que poderia ser realizado em uma comunidade carente como aquela fez com que ela percebesse que era aquilo que queria para a sua vida profissional. Após a formatura, começou a trabalhar voluntariamente no posto e, em seguida, em abril de 1978, foi contratada como auxiliar de ensino, na gestão do reitor Ibsen Stephan. Ela ressalta, em sua narrativa, o fato de que postos de saúde não eram comuns no cotidiano da cidade, já que apenas com a Declaração de Alma-Ata tinham sido construídas os fundamentos para o que se chama hoje de atenção básica à saúde.

Para ela, portanto, o que aconteceu em Pelotas deu-se antes de uma História maior, em nível de saúde mundial, ter se efetivado. Ela ressalta, por exemplo, que havia muitas mortes de crianças causadas por diarreia, e o soro de reidratação oral, que hoje é preconizado no mundo todo, já era feito por eles no posto, o que demonstrava um pioneirismo na atuação, até mesmo porque, segundo ela, Justino Faleiros já tinha outra visão de saúde em decorrência do mestrado que havia feito em Londres[45].

Iná fez a primeira residência em Medicina Geral Comunitária, oferecida no Rio Grande do Sul, no Hospital Conceição, no ano de 1980, e realizou mestrado (1989–1991) e doutorado (1993–1995) em Ciências Médicas, área de concentração em Epidemiologia, na UFRGS, com a orienta-

44 Entrevista on-line realizada com Iná da Silva dos Santos no dia 30 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

45 Entrevista on-line realizada com Iná da Silva dos Santos no dia 30 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

ção do professor Cesar Victora. O primeiro trabalho versou sobre os determinantes do hábito de fumar e de seu abandono durante a gestação, na cidade de Pelotas, e o segundo teve como tema o consumo de cafeína e o baixo peso ao nascer, a partir de um estudo de caso e controle de base populacional.

Seu nome está ligado fortemente aos estudos longitudinais de nascimento realizados desde o ano de 1982, em Pelotas, relacionados à saúde materno-infantil e, também, à avaliação de serviços e programas de saúde, realizados ao longo de sua trajetória acadêmica.

Ela se aposentou da UFPel em 2018, mas continua atuando como professora voluntária do Programa em Epidemiologia, além de ser professora do Mestrado Profissional em Saúde no Ciclo Vital da UCPel desde dezembro de 2023 (Figura 12).

Figura 12 – Fotografia de Iná da Silva dos Santos



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Ana

Ana Maria Baptista Menezes se graduou na Leiga, na mesma turma que Iná (ATM 1977). Ela, em sua origem, diz ser médica pneumologista e sempre esteve lotada no Departamento de Clínica Médica. Ana é casada com Flávio Silveira Menezes, também professor da Medicina na UFPel, da área da Patologia (ATM 1969), agora aposentado, tal como ela. Nesse sentido, Ana tem uma trajetória diferente dos demais, que iniciaram no Departamento de Medicina Social e, a partir, daí, compuseram o Programa de Epidemiologia. Sua importância para a UFPel ficou evidenciada pela dedicação ao trabalho, por vários anos, além de ter recebido o título de Professora Emérita em 2019 da instituição.

No início de sua entrevista, diz que, antes de ser médica, foi professora, já que fez, inclusive, escola normal, hoje conhecida como curso de Magistério no Instituto de Educação Assis Brasil, em Pelotas[46]. O educandário surgiu na primeira metade do século XX, mais precisamente no ano de 1929, como escola complementar, com a intenção de formar meninas que pudessem se dedicar à vida familiar, com mais conhecimentos, depois do casamento, ou trabalhar, caso fosse necessário.

Para Arriada e Santos (2010, p. 4, grifos dos autores):

> Em relação à educação feminina, desde o final do século XIX, o discurso sobre a necessidade de uma melhor formação para o "sexo frágil" se faz presente. Articulada aos princípios da modernização da sociedade, que em parte jogava algumas mulheres no mercado de trabalho, uma forte preleção se fazia ouvir: a do pensamento positivista, que pregava que às mulheres cabia o relevante papel de dar continuidade às suas "vitais", "importantes" e "decisivas" atividades domésticas, só que agora, numa extensão do lar, ou seja, desenvolvendo essas aptidões no labor escolar.

Segundo Louzada (2018, p. 98):

> [...] [a] Escola Complementar de Pelotas foi a primeira destinada à formação de professores primários no

46 Entrevista on-line realizada com Ana Maria Baptista Menezes no dia 13 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

município. Permaneceu como Escola Complementar até o ano de 1943, quando passou a Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal. Era mantida pelo governo estadual.

Quando Ana rememorou sobre a Leiga, afirmou que era um curso excelente, no qual muito professores tinham iniciado a trabalhar por vocação, em uma perspectiva de fazer com que o projeto funcionasse com êxito. Segundo ela, "eu tinha um tio, Fernando Carpena Alves, que lecionava Farmacologia na Leiga e isso nos aproximava muito e era a faculdade de Pelotas"[47]. Ela expressou um sentimento de identidade com o lugar, afirmando que "a Leiga era a Leiga".

Ressaltou, no entanto, que naquela época os cursos de Medicina eram voltados muito para a clínica e que não teve Epidemiologia e nem qualquer ligação com a pesquisa durante a graduação.

Sobre o seu início como docente, ela contou que foi convidada pelo então diretor, Cláudio Borba Gomes, para ser professora tão logo terminou a graduação e que tal fato "causou assim um espanto, ao mesmo tempo era um misto de alegria, de orgulho, mas de medo, porque eu era graduada há pouco tempo"[48]. Acabou, no entanto, pensando que era um convite que não deveria ser recusado.

Quando iniciou como professora, já havia feito estágio em Porto Alegre, no Pavilhão Pereira Filho, voltado à pneumologia, mas tinha a intenção de sair logo para se especializar ainda mais. Entre os anos de 1979 e 1983, Ana fez seu mestrado em Pneumologia, na Inglaterra, o qual teve como título *The influence of some non-chemical factors on breathing*, e, entre 1989 e 1992, o recém-inaugurado Doutorado em Pneumologia, na UFRGS, avaliando a prevalência e fatores de risco para bronquite crônica em adultos em Pelotas, com a orientação de Cesar Victora (que atuava como convidado) e Mario Rigatto, da própria instituição.

Segundo sua narrativa, ela teria dito a Cesar, em um encontro de orientação, que gostaria de aprender Epidemiologia, de fazer um trabalho

47 Entrevista on-line realizada com Ana Maria Baptista Menezes no dia 13 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

48 Entrevista on-line realizada com Ana Maria Baptista Menezes no dia 13 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

de base epidemiológica, mas "que nunca tinha visto nada, eu nunca tinha ido para essa área. E aí começou a minha trajetória na Epidemiologia"[49]. Nesse momento já havia sido criado o Centro de Pesquisas Epidemiológicas (CPE) e ela fazia as reuniões de orientação na sede do CPE, que ficava na Galeria Antunes Maciel, um espaço alugado no centro da cidade.

Tão logo terminou o doutorado, começou a atuar na Coorte de 1993; nesse momento, o CPE já se localizava na Faculdade de Medicina, no prédio da antiga Leiga. Nesta coorte, Ana ficou responsável por analisar dados relacionados à mortalidade infantil.

Ela revelou que, por trabalhar no Departamento de Clínica Médica, tinha uma dupla atribuição, pois precisava dar aula na graduação na clínica, cuidar pacientes no hospital, atuar no ambulatório de Pneumologia, criado por ela, por exemplo, o que fez até se aposentar, e, ao mesmo tempo, estava presente na Pós-Graduação em Epidemiologia. Ana diz que se apaixonou pela pesquisa, pela Epidemiologia, mas que era também apaixonada pela Pneumologia e que, aos poucos, passou a ter uma carga horária maior de trabalho destinada à pós-graduação.

Ao se observar as primeiras três turmas da Leiga, vê-se que, em 1968, quando ocorreu a conclusão da pioneira, houve quatro formadas: Carmen Maria Duarte, Gleide Bandeira Rosinha, Laura Ward da Rosa Brião e Tania Labes Barcelos. Na turma de 1969, o número foi um pouco maior: Dora Maria Gonçalves Fischer, Elba Virginia Martins Pinto, Maria Alice dos Santos Lamas, Maria Libória Camargo Bila, Maria Luiza Brauner, Maria Luiza de Moura e Cunha e Marta Martins Azevedo. No ano de 1970, aparecem os seguintes nomes: Ana Maria Freitas Gauland, Janice Pires Corrêa Franco, Lia Regina Moreira Abreu, Maria Amélia Gomes Cruz, Mariza Schoenardie, Noeli Sinott, Rosa Malena Marba da Gama, Rosa Maria Godoy, Tania Maria Correa da Silva e Zulce Maria Lannes de Campos.

Já no ano de formatura das professoras Iná e Ana, em 1977, o número de formadas foi maior e contou com, além delas, Ariane Louzada de Magalhães, Carmen Lucas Vernetti, Claise Maria Raddatz, Clarisse Pinto Echenique, Flávia Guimarães Brod, Gislaine Vargas da Silva, Katia Silva

49 Entrevista on-line realizada com Ana Maria Baptista Menezes no dia 13 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

Gonzalez, Mara Regina Couto da Silva, Margareth Souza Soares, Maria Celeste Lima Maffei, Maria Coralia Lemos da Rosa, Maria da Graça Rocha Sampaio Juchem, Maria Hilda Ferreira Moraes, Neuza Maria Campelo Bornholdt, Rosa Vicitacion Maronãs Costa, Suzana Maria Pizarro Pilotto e Wilma Elizabeth Güez e Silva (Gill, 2023).

Esses poucos nomes de mulheres espelhavam a realidade do país, já que, na década de 1970, os homens eram 82,14% dos médicos, enquanto as mulheres representavam 17,86% (Scheffer; Biancarelli; Cassenote, 2011, p. 19). Já no ano de 2025 percebe-se uma crescente feminização da Medicina, com dados mostrando que as mulheres já são 49,3% dos profissionais da área e que, em 2035, serão 55,7% a continuar esse ritmo de crescimento (Scheffer, 2025, p. 41):

> A nova configuração projetada, em que as mulheres serão maioria na profissão, pode impactar positivamente na organização do trabalho médico e no funcionamento do sistema de saúde. Porém, será fundamental superar as desigualdades de gênero ainda presentes na remuneração, na ocupação de cargos de liderança e na maioria das especialidades médicas (Scheffer, 2025, p. 68).

Os principais trabalhos de Ana Menezes se relacionam à saúde do adulto e à saúde materno-infantil, que incluem uma preocupação com a asma e com a doença pulmonar obstrutiva crônica (bronquite crônica e enfisema). Seus estudos enfocam a saúde pública e a pneumologia, abordando especialmente os malefícios do tabagismo para o desenvolvimento de moléstias tanto entre fumantes quanto, por exemplo, para filhos de fumantes. Um dos artigos publicados por um grupo de professores da Epidemiologia, dentre eles a professora Ana, enfocou o tabagismo em gestantes de área urbana da região Sul do Brasil, a partir de dados das coortes de 1982 e 1993 (Horta *et al.,* 1997).

Ana Menezes foi a primeira mulher coordenadora do PPGEpi e recebeu vários prêmios, como o de pesquisadora gaúcha na área de saúde, conferido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), em 2013, além do prêmio Mulheres que Fazem a Diferença, concedido pela Embaixada dos Estados Unidos da América (EUA),

por meio de seu Consulado Geral em Porto Alegre, em 2021. Em sua fala no ato do recebimento da homenagem, ela assim disse:

> Não há barreiras que não possam ser transportadas pelas mulheres; todas podem atingir muito, até o inimaginável. Elas são movidas pelo seu desejo de realização, pelo desafio, pela persistência dos seus objetivos, pela liderança através do trabalho coletivo, e nunca pela individualidade. A grande sabedoria das mulheres está em sua capacidade de associar "ciência e sentimento"; jamais o sucesso será alcançado se não andar junto com nossas emoções e sensibilidade (Epidemiologista [...], 2021).

Ana Menezes (Figura 13) foi fundamental para o estabelecimento de políticas públicas de prevenção ao tabagismo em Pelotas, pois, a partir dos resultados de suas pesquisas populacionais, realizadas em parceria, especialmente com Roni Quevedo, médico homeopata e professor da UCPel, foi possível consolidar a Lei n.º 5.757/2010, proposta pelo vereador Ivan Duarte, que ficou conhecida como Lei Antifumo, em iniciativa pioneira para o Estado do Rio Grande do Sul (Pelotas, 2009).

Figura 13 – Fotografia de Ana Maria Baptista Menezes



Fonte: Acervo do PPGEpi.

CAPÍTULO

02

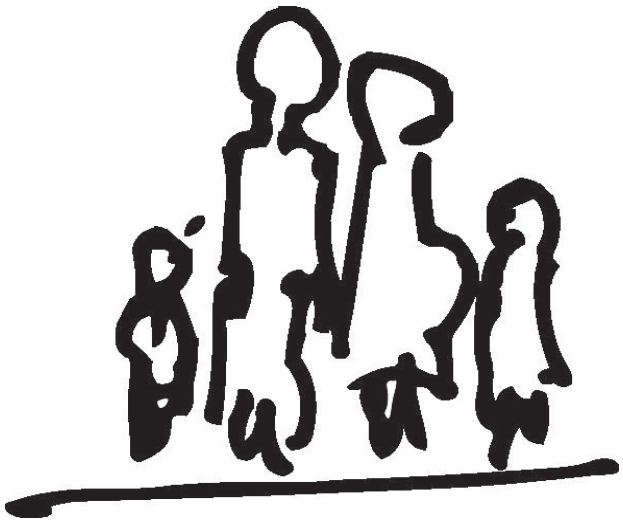
O CENTRO DE PESQUISAS EPIDEMIOLÓGICAS (CPE) E O **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EPIDEMIOLOGIA DA UFPEL (PPGEPI)**

ENCONTROS

1982 — 1991 — 1998 — 2005



Figura 14 – Logotipo do Programa de Epidemiologia feito por Cesar Victora



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Neste capítulo, o foco de análise será a formação do Centro de Pesquisas Epidemiológicas, fundado no ano de 1982, a partir de recursos obtidos, especialmente, com entidades internacionais, que se interessaram pelas propostas de estudo de dois professores: Fernando Celso Lopes Fernandes de Barros e Cesar Gomes Victora. Este Centro, conforme será visto, levou à construção do Programa de Epidemiologia na UFPel (Figura 14).

Por Epidemiologia – que congrega principalmente métodos de três grandes áreas do conhecimento: saúde, ciências sociais e estatística – se entende a:

> [...] ciência que estuda o processo saúde-doença em coletividades humanas, analisando a distribuição e os fatores determinantes das enfermidades, danos à saúde e eventos associados à saúde coletiva, propondo medidas específicas de prevenção, controle ou erradicação de doenças, e fornecendo indicadores que sirvam de suporte ao planejamento, administração e avaliação das ações de saúde (Rouquayrol, 1994, p. 10).

Alguns nomes aparecem como pioneiros na história da Epidemiologia. O primeiro deles é do inglês John Snow (1813–1854), que procurou identificar a origem do surto de cólera em 1854. Em um período em que a teoria miasmática[1] imperava, Snow relacionou a doença à água:

> [...] Esse uso inovador da análise espacial revelou um padrão centrado na bomba d'água da Broad Street. Snow realizou entrevistas com moradores locais, coletando informações detalhadas sobre suas fontes de água e rotinas diárias. Sua abordagem metódica forneceu fortes evidências empíricas que ligavam o surto ao abastecimento de água contaminada da bomba (Avdulla; Tachirai, 2024, p. 1, tradução nossa).

Além de Snow, Rosen (1994) aborda as trajetórias de John Graunt (1620–1674), que entrelaçou demografia, estatística e epidemiologia; Pierre Louis (1787–1872), o qual desenvolveu um método numérico para a Medicina; Louis Villermé (1782–1863), que relacionou a pobreza aos altos índices de mortalidade, especialmente da classe trabalhadora; e William Farr (1807–1883), pioneiro no estudo da morbidade e da mortalidade, o qual contribuiu para a importância da estatística médica.

É sobre este campo, a Epidemiologia, que permite identificar as causas das enfermidades, prevenir novas situações e surtos epidêmicos e elaborar políticas para a saúde, que a UFPel começou a realizar importantes trabalhos a partir de 1982.

DUAS HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM: FERNANDO BARROS E CESAR VICTORA

Para compreender a formação do Centro de Pesquisas Epidemiológica da UFPel, é preciso observar a trajetória profissional dos dois docentes, relacionada fortemente ao seu início, no ano de 1982. Não se trata aqui de desconsiderar a atuação de um grupo de pesquisadores igualmente relevantes para a consolidação do Programa de Pós-Graduação em Epi-

1 A teoria miasmática defendia que a maioria das doenças era causada por vapores ou partículas orgânicas presentes no ar, o chamado "ar ruim", concentrado em regiões baixas, o que fez com que uma das preocupações das cidades à época fosse a reforma sanitária (Gill, 2004).

demiologia da UFPel, mas sim de reconhecer que os trabalhos pioneiros de Fernando Barros e Cesar Victora foram fundamentais para o grupo de pesquisa que deu origem ao Programa.

Fernando Celso Lopes Fernandes de Barros, natural de Porto Alegre, iniciou o curso de Medicina na UCPel no ano de 1965, na terceira turma, e se graduou em 1970.

Como já mencionado, a Medicina da UCPel começou no mesmo ano que a Leiga, isto é, 1963, a partir de uma discussão que se efetivou por um longo período, conforme se pôde ver especialmente pela imprensa (Gill, 2023). A própria UCPel tratava-se de uma instituição nova, criada oficialmente em 7 de outubro de 1960 pelo bispo Dom Antônio Zattera e que já abrigava alguns cursos, como a Filosofia, por exemplo. Em dezembro de 1962, de acordo com o médico Tomaz Pizarro, ingressante da primeira turma de Medicina, o bispo teria anunciado a abertura do curso como um presente de Natal à cidade, razão pela qual é esta a data que aparece como a do início oficial do curso em notícias comemorativas da universidade (Pelotas [...], 2022).

Fernando revela ter sido um aluno apaixonado pelo curso, o qual, segundo ele, tinha uma formação muito boa, construída não só em laboratórios de ensino, mas também em um ambiente hospitalar equipado como a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, que abrigava os alunos em suas aulas práticas.

A Santa Casa de Misericórdia de Pelotas foi fundada em 20 de junho de 1847 e abriu suas portas meses depois, em 19 de março de 1848, baseada em um espírito de caridade e cuidado com os pobres (Gill, 2004). O hospital proporcionava um espaço de aprendizado aos graduandos, já que era a instituição de saúde da cidade que mais pessoas recebia, ainda que existisse, à época, um número muito alto de homens e mulheres que morresse em casa, sem receber qualquer tratamento que amenizasse suas dores.

Depois de formado, Fernando foi para o Rio de Janeiro realizar residência médica na área de pediatria, no Hospital dos Servidores do Estado; quando retornou a Pelotas, recebeu o convite para ser professor da Católica, cargo que exerceu entre 1973 e 1979. A partir de então, Fernando viajou para a Inglaterra para realizar um mestrado em Saúde Materno-In-

fantil (1979–1980) com o título *The road-to-health chart in Barbados, West Indies*, e, depois, um doutorado em Epidemiologia (1982–1985), com o título *The epidemiology of perinatal health in Southern Brazil: a study of perinatal mortality, low birth weight and the utilisation of health care*, sob a orientação de John Patrick Vaughan, o mesmo professor que iria orientar Cesar Victora, no doutorado, em período próximo de tempo, ou seja, entre 1980 e 1983.

John Patrick Vaughan ou Patrick Vaughan, como ficou conhecido, nasceu em Penzance, no Reino Unido, no ano de 1937, e faleceu recentemente, em 2025, em Londres. Ele se formou em Medicina, fez uma formação em Medicina Tropical e logo começou a trabalhar em diversos países, avaliando serviços de saúde. Em 1978 se doutorou em Medicina e, no ano seguinte, fundou um Centro de Avaliação e Planejamento na London School of Hygiene & Tropical Medicine. Segundo a revista *Lancet*: "Epidemiologista inovador, [...] Vaughan reconheceu que, para alcançar o objetivo de aprimorar os sistemas de saúde pública, sua área precisava da expertise de outras disciplinas, incluindo medicina, enfermagem e outras ciências sociais" (Green, 2025, p. 2748, tradução nossa), justamente o modelo implementado na UFPel.

Em 2013, como uma prova de sua importância para a UFPel, ele recebeu o título Professor Honoris Causa da instituição; na cerimônia, lembrou dos primeiros contatos com o grupo da Medicina Social assim dizendo:

> Naquela época a Epidemiologia estava se desenvolvendo e a transferência de conhecimentos era de Londres para Pelotas. Agora é o contrário, a cidade é um centro de excelência e produz muito resultado de pesquisa, transferindo conhecimentos para outros países, principalmente no âmbito da América Latina (Professor [...], 2013).

Retomando o assunto, ainda no primeiro ano de doutorado de Fernando, em 1982, foi iniciada a Coorte de Pelotas. De acordo com Suzumura *et al.* (2008, p. 93):

> O termo coorte tem origem na área militar, onde correspondia ao agrupamento de 300 a 600 soldados do exército romano. Analogamente, o estudo de coorte consiste no acompanhamento de grupos de pessoas marchando prospectivamente a partir de um determinado momento, sendo expostos a um ou mais fatores de risco.

Segundo Barros *et al.* (2008b), as chamadas coortes de nascimento eram mais comuns em países desenvolvidos, como a Inglaterra, por exemplo, que teve o seu primeiro estudo nacional vinculado a uma coorte de nascimento prospectiva no ano de 1946. Já em países menos desenvolvidos, esse tipo de estudo era raro. Sobre a proposta de Pelotas, assim os autores a explicitam:

> O estudo iniciou como um inquérito de saúde perinatal incluindo todas as 6.011 crianças nascidas nas três maternidades, representando 99,2% de todos os nascimentos da cidade. Um questionário incluindo informações socioeconômicas, demográficas e de saúde foi aplicado às mães na maternidade, que também foram pesadas e medidas. Os 5.914 recém-nascidos vivos foram pesados com uma balança Filizola regularmente calibrada, com precisão de 10 g; o comprimento das crianças não foi medido nessa fase do estudo (Barros *et al.,* 2008b, p. 9).

A partir de 1986, após aprovação em concurso público, Fernando Barros passou a ser professor da UFPel e permaneceu na instituição até o ano de 2005, quando se aposentou. Para ele, o Departamento de Medicina Social tinha dois grupos bem definidos: os que atuavam na atenção primária à saúde, por meio dos trabalhos nos postos, e aqueles que faziam pesquisas epidemiológicas, que era o seu caso. No curso de Medicina, o primeiro grupo costumava dar as aulas das disciplinas de Medicina Social e Medicina Social Comunitária, já o segundo era responsável pelas aulas de Epidemiologia e Bioestatística.

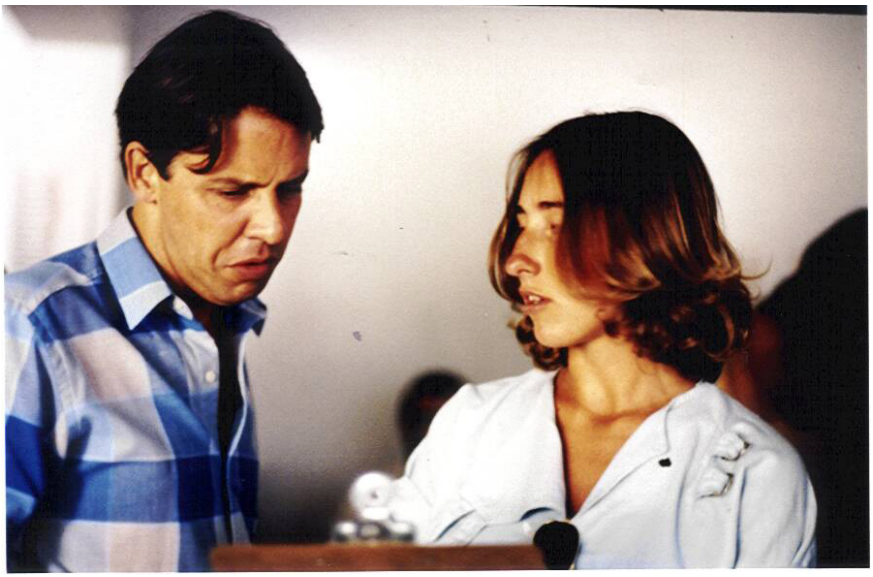
De todo modo, a interlocução entre os professores se dava também pelos estudos realizados. Fernando cita, como exemplo, o caso do professor Jorge Béria, um dos fundadores do Posto do Areal, que queria estudar o

uso de medicamentos. Tendo em vista esse interesse, foram acrescentados componentes aos questionários com o fim de analisar esta temática.

Aqui cabe um comentário sobre a riqueza de estudos possibilitados a partir das coortes. Na medida em que pesquisadores com novos temas iam sendo incorporados ao grupo de pesquisa, novos dados eram obtidos, o que redundou e ainda hoje reflete numa abordagem ampla sobre temas de saúde e condições socioambientais, econômicas e culturais correlatas, por exemplo. Não à toa, Fernando atua em temas como desigualdades em saúde e nutrição infantil e influências precoces de fatores sociais na saúde da criança, do adolescente e do adulto.

Após sua aposentadoria na UFPel, ele voltou a dar aulas na UCPel e hoje coordena o Mestrado Profissional em Saúde da Mulher, Criança e Adolescente. Como reconhecimento pelo seu trabalho na UFPel, no ano de 2019, recebeu o título de professor emérito da instituição.

Figura 15 – Professor Fernando Barros, em trabalho de campo para a Coorte de Nascimentos de 1982



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Em entrevista com o professor, quando perguntado se faria Medicina novamente caso voltasse no tempo, Fernando surpreendeu com sua resposta, pois, enquanto a grande maioria dos narradores respondeu afirmativamente à questão, Fernando afirmou não ter certeza se o faria. Segundo ele: "Eu hoje me interesso tanto por outras coisas, que talvez eu pudesse variar um pouco e pudesse estudar algumas coisas que nunca estudei. [...] Eu gosto de ciência, então não sei se seria Medicina [...] eu gosto de coisas novas"[2].

Já **Cesar Gomes Victora** é natural de São Gabriel e fez a sua formação na UFRGS, tendo concluído o curso em 1976. Embora o curso de Medicina da instituição fosse considerado o melhor do estado do Rio Grande do Sul, a instituição, à época, passou por algumas dificuldades, tendo em vista as reformas universitárias de 1968, as quais tiveram grande repercussão até o ano de 1972 (Cunha, 2009).

Victora recorda o momento ao relatar que algumas turmas da década de 1970 se recusaram a fazer formaturas como protesto. Diz ele: "[...] parte contra a ditadura, mas parte contra o que a gente achava más condições de ensino". Segundo ele, citado por Ferrareto e Barros (2024, p. 101): "nossa turma não teve disciplina nem de Dermatologia nem de Neurologia, disso não aprendemos nada, porque houve muita confusão na reforma curricular". Victora complementa: "Foi uma época complicada. Faltavam professores, faltavam laboratórios" (Ferrareto; Barros, 2024, p. 102), até porque naquele momento o número de alunos havia aumentado, e faltava no currículo do curso a parte prática, tão necessária ao exercício da profissão. Tendo em vista essa precariedade, a ATM 1976 resolveu não escolher paraninfo, optando, em ato simbólico, por homenagear a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre na formatura, local em que tiveram uma formação mais consistente.

Logo depois de se formar em Medicina, Cesar começou a residência em saúde coletiva, também em Porto Alegre, no Centro de Saúde de Murialdo. O curso havia iniciado em 1976 e passaria a ter um caráter multiprofissional um ano depois. O diferencial do curso era proporcionar um

2 Entrevista on-line realizada com Fernando Celso Lopes de Barros no dia 12 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

contato maior entre o médico e a comunidade, proposta muito vinculada ao que era preconizado pela reforma sanitária brasileira (Uebel; Rocha; Mello, 2003).

Na região de São José do Murialdo, bairro pobre de Porto Alegre, havia quatro postos de saúde, e Cesar trabalhava no Morro da Cruz. Para ele, foi um grupo visionário, liderado por um psicanalista, Dr. Ellis Busnello, que reuniu pessoas que tinham interesse na área da medicina da família e da comunidade, em uma reação ao movimento, incentivado pelas instituições, de que os médicos fossem especialistas, tivessem uma clínica particular e, assim, ganhassem muito dinheiro.

O grupo inicial de residentes era formado por 14 pessoas e tinha interesse, segundo Cesar, em uma medicina diferente: uma medicina geral, a qual teria sido a primeira residência em medicina geral e comunitária do Brasil. Martinez, que também atuou durante seis meses no Programa, diz que ele foi "muito inovador no sentido de criar uma oportunidade para o trabalho de Medicina dentro da comunidade servida. Nós tínhamos uma ligação muito próxima à comunidade [...] e lá existia o estímulo à leitura, à produção científica, à pesquisa"[3].

Cesar conta que, em determinado período, fizeram uma greve na residência, e ele, por ter sido considerado uma das lideranças, recebeu uma advertência. Foi nesse momento que o Kurt Kloetzel e o Naum Keiserman o contactaram. Segundo Cesar, os dois "[...] estavam atrás de alguém, pois a Leiga ia ser federalizada e precisavam de professor para dar aula de, principalmente, estatística e epidemiologia e de Medicina Geral"[4].

Ele, então, aceitou o convite e não terminou a residência, vindo para Pelotas em 1977. Cesar já conhecia o Kurt por meio dos livros escritos por ele. Para Cesar, tratava-se de "uma figura única e excepcional, uma figura difícil também, não era muito fácil de trabalhar com ele, mas ele era genial. Ele era um dos meus ídolos"[5]. Em entrevista ao jornal Sinapse (2016, p. 6

3 Entrevista on-line realizada com José Martinez no dia 23 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

4 Entrevista on-line realizada com Cesar Victora no dia 30 de janeiro de 2025. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

5 Entrevista on-line realizada com Cesar Victora no dia 30 de janeiro de 2025. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

apud Gill, 2023, p. 36), Victora assim diz: "[...] Vim para Pelotas por causa do Kurt Kloetzel, um médico e cientista extremamente inovador que criou o Departamento de Medicina Social, o qual mais tarde originou o Centro de Pesquisas Epidemiológicas".

Cesar, que é um dos epidemiologistas mais reconhecidos do mundo, com estudos que se concentram em saúde infantil, nutrição materno-infantil, avaliação de programas de saúde e equidade em saúde no ano de 1983, obteve o título de PhD em Epidemiologia da Assistência Médica pela Escola de Higiene e Medicina Tropical da Universidade de Londres, com um trabalho sobre a epidemiologia da saúde infantil no Rio Grande do Sul, Brasil e as inter-relações entre mortalidade, desnutrição, assistência médica e desenvolvimento agrícola. Em 2018, recebeu um Doutorado *Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os debates que trouxe, ao longo de sua carreira, mediante pesquisas baseadas em evidências, sobre a relação entre o aleitamento materno exclusivo e a prevenção da mortalidade infantil, bem como a importância dos primeiros mil dias de vida, tornaram-se referência para o campo da saúde, impactando, inclusive, nas curvas de crescimento infantil da OMS. Pela UFPel, ele recebeu o título de professor emérito no ano de 2009 e de Doutor *Honoris Causa* em 2024, além de várias outras honrarias em universidades estrangeiras e instituições de pesquisa ao longo dos últimos anos.

No dia 23 de março de 2026, nas comemorações dos 75 anos do CNPq, Cesar Victora (Figura 16) discursou representando os pesquisadores sêniores vinculados ao conselho. Ele destacou o apoio contínuo do CNPq que teve na sua carreira, o qual proporcionou impactos importantes à sua produção, já que, por 50 anos, recebeu bolsa produtividade, além de outros financiamentos às suas pesquisas.

Figura 16 – Cesar Victora pesando uma criança em trabalho de campo para a sua tese de doutorado, em 1982



Fonte: Acervo da UFPel.

O CENTRO DE PESQUISAS EPIDEMIOLÓGICAS (CPE)

O Centro de Pesquisas Epidemiológicas foi fundado no ano de 1982, mesma data que marca o início da primeira coorte. O começo das atividades foi rememorado por vários dos entrevistados, dentre eles a hoje docente do Programa em Epidemiologia, Elaine Tomasi[6], que, em sua entrevista, contou que o CPE ficou instalado, nos primeiros anos, em três salas alugadas na Galeria Antunes Maciel, sendo ocupadas, especialmente, por quatro professores que se faziam mais presentes naquela época: Cesar Victora, Fernando Barros, Luiz Facchini e Jorge Béria, chamado por alguns como os "quatro cavalheiros".

Nas salas havia um espaço administrativo, um local em que eram guardados questionários aplicados e anotações relacionadas ao trabalho

6 Entrevista on-line realizada com Elaine Tomasi no dia 27 de dezembro de 2024. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

de campo e, também, um espaço adaptado para a realização de orientações e, eventualmente, aulas (Figura 17).

Figura 17 – Cesar Victora na primeira sede do CPE, em 1990



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Quando o CPE saiu das salas da Galeria, em 1992, foi para a Faculdade de Medicina, no andar de cima, onde, atualmente, funciona o Departamento de Medicina Social. Segundo Denise Gigante, em sua entrevista[7], tal fato se deu por um pedido do reitor à época, Amilcar Gigante (gestão

7 Entrevista presencial realizada com Denise Petrucci Gigante no dia 25 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

1989–1992), que pensava que, como o centro estava relacionado à UFPel, deveria ocupar um espaço na própria instituição. Apenas no ano de 2007, durante a segunda gestão do reitor César Borges, o CPE passou a funcionar na antiga sede do Hospital Santa Teresa[8], o qual havia sido fundado na década de 1960 e fechado nos anos 2000 e, quando em atividade, atendia diversas especialidades como Clínica Médica, Cirurgia, Ginecologia e Obstetrícia e Cardiologia.

O prédio recebeu o nome de Centro de Pesquisas em Saúde Professor Amilcar Gigante (Figura 18), em homenagem tanto ao docente que fez parte do Departamento de Medicina Social quanto ao reitor que tomou posse logo nos primeiros anos de abertura política no Brasil e buscou fazer da UFPel um lugar mais democrático, plural e humanizado.

Figura 18 – Inauguração do atual prédio da Epidemiologia, no ano de 2007



Na fotografia, ao centro, aparecem a viúva de Amilcar Gigante, Anita Gigante[9], o irmão dele, Dinar Gigante, além do reitor da UFPel, à época, o médico César Borges. **Fonte:** Acervo de Denise Gigante.

8 Localizado à rua Marechal Deodoro, 1160, na região próxima ao Hospital São Francisco de Paula, da UCPel.

9 Foi utilizada a maneira como Anna Petrucci Gigante gostava de ser chamada e conhecida.

Retornando ao passado, uma das primeiras pessoas que passou a atuar no CPE foi **Cíntia Lombardi**, formada em Sociologia, em 1982, que trabalhou por um ano na Prefeitura de Pelotas, em uma pesquisa vinculada ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), visando avaliar condições de saneamento na cidade. Por meio desse estudo, conheceu Cesar Victora, que a convidou para trabalhar com ele.

Cíntia, em sua entrevista, diz que, para se qualificar ainda mais, foi fazer o Mestrado em Sociologia Médica, em Londres, Inglaterra e, depois, o Doutorado em Saúde Pública, na John Hopkins University, nos Estados Unidos. Em alguns períodos, durante a realização do doutorado, Cíntia retornou a Pelotas e relatou que começou a fazer algumas consultorias para a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) sobre aleitamento e alimentação infantil, o mesmo tema a partir do qual havia desenvolvido um dos seus estudos[10]. Cíntia, juntamente com pesquisas do professor Cesar Victora, projetou o Centro de Pesquisas mundialmente, consolidando políticas públicas de saúde infantil adotadas em grande parte dos países.

Ela atuou no CPE contratada para estudos específicos, quando havia financiamento, e esteve também com o professor Jorge Béria, em um estudo sobre a prescrição de antibióticos. Uma das pesquisas nas quais se recorda ter atuado fortemente foi a que operacionalizou o conceito de classes sociais em estudos epidemiológicos, publicada na Revista de Saúde Pública, no ano de 1988, a qual, em 1990, resultou em nova publicação sobre a pobreza e a saúde em estudos epidemiológicos de saúde infantil.

Sobre o início do CPE, ela diz que, muitas vezes, ficavam ela, o Cesar e o Fernando nas salas da Galeria Antunes Maciel trabalhando, e ela tinha a função de ser uma assistente de pesquisa. Com o tempo, no entanto, houve a contratação de uma secretária que lá permaneceu por muitos anos, **Carmen Lúcia Berneira Moreira**, pelotense formada em Comunicação Social, área de relações públicas, e, mais recentemente, em Terapia Ocupacional, com mestrado em Saúde e Comportamento.

Segundo Carmen, ela entrou para a UFPel via Fundação de Apoio Universitário, no dia 1° de outubro de 1988, embora tenha começado a

10 Entrevista on-line realizada com Cíntia Lombardi no dia 14 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

atuar em 1985 no CPE, a partir de recursos obtidos por meio de financiamentos. Ela conta que os que ficavam mais tempo no CPE naquele momento eram basicamente ela, Cíntia Lombardi, Fernando Barros e Cesar Victora[11]. Carmen permaneceu na Epidemiologia até o ano de 2021 e atuou como auxiliar de pesquisa, bolsista e responsável pelo setor de comunicação, quando se desligou para cursar a Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde Oncológica pela UFPel. Ela atualmente é servidora municipal da Prefeitura de Pelotas.

Um nome que apareceu em algumas narrativas que comentam sobre os tempos iniciais é o da professora da Faculdade de Educação, **Magda Damiani**, que é formada em Psicologia (1974–1979) na UCPel e realizou seu mestrado (1981–1983) e doutorado (1994–1998) em Psicologia, em Londres. A professora, que se aposentou em 2016, esteve envolvida em estudos realizados a partir de dados, especialmente da primeira coorte, e pensou sobre temas como, por exemplo, o desenvolvimento mental e psicomotor de crianças, o desempenho escolar e a prevalência de repetência. Em seu memorial acadêmico, defendido no ano de 2015 para professora titular, ela assim diz sobre essa parceria:

> Em 1986, o Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina da UFPel, que vinha, desde 1982, realizando um estudo que acompanhava o desenvolvimento físico das, aproximadamente, 5.000 crianças nascidas em hospitais da cidade de Pelotas, nesse ano (Estudo Longitudinal das Crianças Nascidas em Pelotas, em 1982), convidou-me para coordenar um subprojeto, voltado à análise do desenvolvimento mental e psicomotor dessas crianças (então com 4,5 anos de idade). Essa participação foi decisiva para me tornar uma pesquisadora. Foi a partir dela que, integrada a um grupo de trabalho bastante produtivo, realizei atividades que frutificaram em termos de produção bibliográfica (Damiani, 2015, p. 13).

Logo, no início das atividades, vê-se que o CPE foi construindo uma perspectiva bastante multidisciplinar, a qual será acentuada com o passar do tempo, como será percebido no decorrer do livro.

11 Entrevista presencial realizada com Carmen Lúcia Berneira Moreira no dia 10 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

O PROGRAMA DE EPIDEMIOLOGIA

O Mestrado em Epidemiologia foi aprovado na UFPel na reunião de n.º 4, de 20 de julho de 1990, do Conselho Universitário[12], e começou as atividades em 1991. Suas origens se relacionam à criação do CPE, no ano de 1982, e embora o curso tenha, em seu currículo, uma sólida formação em epidemiologia e estatística, abrange, desde o início, disciplinas de ciências sociais e políticas públicas.

Em 2025, Facchini ressaltou, em sua fala, o pioneirismo e a importância do Programa de Epidemiologia, abordando que o curso nasceu da experiência acumulada em pesquisas científicas, o que não era muito comum, segundo ele, pois, no mais das vezes, iniciava-se uma proposta acadêmica e somente depois se efetivavam os estudos. Para Facchini, "esta estratégia deu uma fortaleza muito grande para este Programa"[13].

As Figuras 19 a 22 retratam os primeiros tempos do CPE e do funcionamento do mestrado.

Figura 19 – José Martinez e Cesar Victora, em 1985



Fonte: Acervo do PPGEpi.

12 A ata da reunião que aprovou o curso pode ser consultada no Acervo do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/07/CONSUN-Ata-04.1990.pdf. Acesso em: 10 ago. 2026.

13 Entrevista on-line realizada com Luiz Augusto Facchini no dia 22 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Figura 20 – Sílvia Takeda, Roberto Piccini, Elaine Tomasi, Maria Teresa Olinto, Ana Maria Borges Teixeira e Marisa, alunos da primeira turma do mestrado, no ano de 1991



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Figura 21 – Carmen Moreira, em uma das salas da Galeria Antunes Maciel, em 1991



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Figura 22 – Professora Cora Araújo, em pé, e a professora convidada Sharon Huttley, da Inglaterra, quando de sua vinda para ministrar a disciplina de Bioestatística para a primeira turma de mestrado, no ano de 1991, em uma das salas do conjunto na Galeria Antunes Maciel



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Sobre o início do mestrado, Cesar Victora, em entrevista dada à Revista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no ano de 2013, conta que a partir de 1987, ele e Fernando Barros fizeram pesquisas no nordeste brasileiro, nos nove estados, sobre mortalidade infantil, que possuía índices muito altos de mortes de crianças comparados a outras regiões. No entanto, o grupo era pequeno, o que dificultava o trabalho. Segundo ele: "Fernando e eu treinávamos de forma amadora os colegas interessados. Em 1990 vimos que precisávamos de gente que quisesse fazer epidemiologia. Então criamos o mestrado em 1991. Foi nossa maior sacada" (Victora, 2013).

Após debates realizados no pequeno grupo existente, construíram uma proposta para ser remetida à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atualmente, o PPGEpi tem as seguintes áreas de concentração: Epidemiologia do Ciclo Vital; Epidemiologia dos Serviços de Saúde; Determinantes Sociais do Processo Saúde-Doença-Cuidado e Equidade em Saúde. Segundo Barros *et al.* (2008a), a ideia primeira do curso se baseava em formar epidemiologistas com uma sólida base teórica e, ao mesmo tempo, com experiência no trabalho de campo, além de publicizar os resultados das pesquisas.

No ano de 1995, o Programa obteve nota máxima em avaliação da CAPES, o que fez com que dois anos depois pudesse aprovar o doutorado internamente na UFPel, mediante a Portaria n.º 306, de 26 de fevereiro de 1997. A primeira turma do Doutorado em Epidemiologia começou no ano seguinte.

A partir de 1999, tendo em vista uma avaliação do curso que culminou na necessidade de buscar formas para atingir os objetivos pretendidos no início, os estudos que se baseavam em dados primários, coletados por todo o grupo, começaram a ser feitos por meio de consórcios de pesquisa, os quais eram difundidos em artigos científicos. Ainda segundo Barros *et al.* (2008a, p. 134), a ideia era simplificar:

> [...] o trabalho de campo dos mestrandos, mas ao mesmo tempo ampliando o tamanho de amostra para cada aluno num estudo de base populacional. A organização e execução de um levantamento de dados em conjunto apresentava, em princípio, a possibilidade de menor gasto de tempo e dinheiro no trabalho de campo, permitindo ao aluno investir mais em atividades formativas – especialmente discussões em seminários com a participação do corpo docente e na sua própria revisão bibliográfica.

Conforme se pode ver pelas orientações no mestrado, os primeiros professores do curso foram Cesar Victora, Fernando Barros, Luiz Facchini e Jorge Béria, além de docentes convidados que vinham de outras instituições do Brasil e de outros países para ministrar disciplinas semestrais ou tópicos especiais, mais curtos.

Já o grupo dos primeiros alunos ingressantes do mestrado era composto pelos seguintes nomes, os quais defenderam seus trabalhos no ano de 1993: Ana Maria Ferreira Borges Teixeira, médica; Silvia Pasa Takeda, médica, e Maria Teresa Olinto, nutricionista, orientadas por Fernando Barros; Roberto Xavier Piccini, médico, e Elaine Tomasi, formada em serviço social, orientados por Cesar Victora; Juvenal Soares Dias da Costa, médico, orientado por Luiz Augusto Facchini, e Regina Loureiro, enfermeira, orientada por Jorge Béria. Na lista de defesas dos primeiros anos, consta também Elisabete Weiderpass, médica, que defendeu a dissertação no ano de 1994 e era orientada por Cesar Victora.

No doutorado, os primeiros discentes, com defesas nos anos de 2000 a 2002, foram Anaclaudia Gastal Fassa, médica, orientada por Luiz Augusto Facchini; Denise Petrucci Gigante, nutricionista, e Elaine Albernaz, médica, orientadas por Cesar Victora; Sérgio Tessaro, médico e Raul Andrés Mendoza-Sassi, médico, orientados por Jorge Béria.

No que diz respeito ao apoio administrativo ao curso, **Maria do Amparo Drumond Ambrósio** foi a secretária que deu início ao trabalho junto ao PPGEpi, no ano de 1991. Ela atuou como bolsista e fez parte da atividade, a convite de Cesar Victora, organizando a busca por documentos necessários ao início do funcionamento do curso, a partir de exemplos do que havia em outras universidades do país. Um nome que aparece também no apoio administrativo é o da já citada Carmen Lúcia Berneira Moreira.

Quando o Programa já estava oficializado, **Margarete Oleiro Marques**, que é formada em Educação Física, com Mestrado na área e chegou a atuar, por alguns anos, como professora na rede municipal de ensino, passou a ser responsável pelas funções administrativas. Ela ingressou na universidade como servidora em 1993, no momento que estava em curso uma greve, e foi lotada na direção da Faculdade de Medicina, mesmo lugar em que hoje atua. Em seguida, foi para o Programa em Epidemiologia, tendo sido a primeira técnica-administrativa que fazia parte do quadro de servidores permanentes relacionada ao órgão. Ela foi secretária na Epidemiologia de 1995 até 2012. Entre 2013 e 2016 esteve no Gabinete da Reitoria e nos anos de 2017 e 2021 retornou à FAMED, primeiro no Departamento de Medicina Social e, a partir de 2022, na Direção da Faculdade.

Margarete conhece bastante a história do Programa e aborda alguns aspectos relevantes para se perceber como o curso se desenvolveu. Ela diz que uma das estratégias adotadas era que: "não iriam fazer seleções anuais, como os outros programas. Sempre entradas bianuais"[14]. O objetivo era ter a conclusão de um trabalho que, muitas vezes, era realizado de forma coletiva.

Ela destacou também, em sua fala, a parceria entre o Programa e a Fundação Wellcome Trust, no ano de 2005, que possibilitou a primeira turma de alunos estrangeiros mediante bolsas de estudos e deu início à internacionalização do Programa, com a vinda de discentes da América Latina e Caribe (Colômbia, Cuba, Equador, Paraguai e Uruguai)[15]. A partir dessa turma, chegaram também alunos do México, da Bolívia, da Guatemala e de Moçambique. Essa experiência foi enriquecedora tanto para os alunos estrangeiros quanto os brasileiros, que puderam trocar experiencias para além das acadêmicas, especialmente possibilitando uma enorme troca cultural. Alguns desses alunos se tornaram amigos e mantém contato até hoje (Figura 23).

A Wellcome Trust é uma entidade filantrópica global, com sede em Londres, fundada pelo empresário farmacêutico Henry Wellcome em 1936, que financia estudos científicos na área da saúde. Desde o ano de 2020, as prioridades da organização são buscar a solução para três grandes desafios: clima e saúde, doenças infecciosas e saúde mental[16]

Outra experiência trazida por Margarete foi a criação do curso de Mestrado Profissional em Saúde Pública Baseada em Evidências, em 2008, criado a partir de uma demanda da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (MS); embora fosse destinado a profissionais da rede estadual e municipal de saúde, após uma ampla negociação com o Ministério da Saúde, foi possível oferecer três vagas para servidores técnico administrativos da UFPel. Segundo Moreira e Dutra (2010, p. 17): "O projeto, primeiro no país, tornou-se pioneiro por ousar abordar temas novos e de grande relevância para o Sistema Único de Saúde".

14 Entrevista presencial realizada com Margarete Oleiro Marques no dia 6 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

15 Entrevista presencial realizada com Margarete Oleiro Marques no dia 6 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

16 Mais informações sobre a Wellcome Trust disponíveis no link: https://wellcome.org/about-us/history-wellcome. Acesso em: 10 ago. 2026.

Figura 23 – Registro com estudantes internacionais do PPGEpi



Da esquerda para a direita: na primeira fila, Jeovany Martinez Mesa (Cuba), Maria del Pilar Velez Gómez (Colômbia), Maria Angélica Barbosa Verdún (Paraguai), Adriana Muiño (Uruguai) e David Alejandro González Chica (Equador). Na segunda fila, Ana Menezes, Cesar Victora, Margarete Marques e Alicia Matijasevich. **Fonte:** Acervo do PPGEpi.

Margarete diz, ainda, que o PPGEpi, embora aceitasse diferentes graduados, teve três grandes levas de formados desde o seu início: primeiro os médicos, depois os nutricionistas e, mais recentemente, os educadores físicos[17]. Tal situação, com o tempo, foi construindo um novo perfil para os docentes, que passou a se relacionar a várias áreas do conhecimento, conforme se verá a seguir.

Vinculada à parte administrativa, foi entrevistada também **Daniela Aires Boettge Coimbra**, formada em Secretariado Executivo (2018), com mestrado em Administração Pública (2023) pela UFPel, que começou a trabalhar na universidade como servidora pública em 2013 e hoje é a secretária do Programa. Daniela gerencia as seguintes atividades acadêmicas:

17 Entrevista presencial realizada com Margarete Oleiro Marques no dia 6 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

publicação de editais, matrículas, emissão de históricos, exames de qualificação, pedidos de diplomas, informações sobre datas importantes. Ela comenta que monitorava, inclusive, processos seletivos específicos para alunos estrangeiros, quando estes ocorriam[18].

Outra pessoa que auxilia Daniela, de forma específica, é **Pablo Diego Niederauer Bernardi**, formado na UFPel em Letras Português/Francês e mestre em Letras pela mesma instituição, que no início foi bolsista de apoio técnico e hoje é contratado. Ele está há 19 anos no Programa e trabalhou, em um primeiro momento, na biblioteca do prédio recém-inaugurado, em 2007[19]. Com o tempo, esteve na comunicação e hoje se vincula à secretaria; dentre outras tarefas, reúne e organiza a produção científica de todo o Programa, além de ajudar na coleta de dados para as avaliações quadrienais da CAPES. O interessante é que, além de trabalhar há muito tempo na Epidemiologia, Pablo fez parte da primeira coorte de nascimentos, em 1982.

Dentro do espectro administrativo, fez parte do grupo de narradores **Carla Machado dos Santos**, formada em Administração de Empresas pela FURG, que está em Pelotas desde 2009 e é contratada da Associação Brasileira de Saúde Coletiva, com sede no Rio de Janeiro, para operacionalizar projetos desenvolvidos na Epidemiologia. Segundo ela, alguns estudos são capitaneados pela própria Abrasco e outros pela Fundação Delfim Mendes da Silveira, pelo CNPq ou por outros órgãos de fomento. Na sua narrativa, ela assim relata:

> [...] eu vim para cá em 2009 por causa que estava sendo construída a clínica [...] onde ocorre a parte prática dos projetos de pesquisa. E eu vim para cá com uma outra experiência, uma experiência de grande empresa, uma experiência de iniciativa privada e vim para uma estrutura que no início eu achei que era simples demais, só que de simples demais não tem nem a definição. [...] É uma estrutura com um grau de complexidade que exige bastante de todos os profissionais que aqui estão[20].

18 Entrevista on-line realizada com Daniela Aires Coimbra no dia 12 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

19 Entrevista on-line realizada com Pablo Bernardi no dia 26 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

20 Entrevista presencial realizada com Carla dos Santos no dia 11 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

Ela comentou sobre o papel de um colega, já falecido, que foi responsável pela parte financeira durante anos, **Luís Fernando Lopes Fernandes de Barros**, o qual, segundo ela, estruturou a tramitação de projetos de maneira exemplar. Desde 2004, no setor financeiro, atua **Irani Suelen Rodrigues Nunes**, como analista.

Carla aborda a existência de um comitê administrativo formado pelos coordenadores das coortes, por ela, pelo setor financeiro e pela comunicação, a partir do qual são agendadas reuniões quando é necessária tomar alguma decisão sobre a execução de algum projeto[21].

É importante ser citada, também, **Maria de Fátima Santos Maia**, conhecida como Fátima Maia, que atua há muitos anos em projetos vinculados à Epidemiologia, especialmente no campo da Arquivística. Com graduação em Biblioteconomia pela FURG e mestrado (2006) e doutorado (2014) em Comunicação e Informação pela UFRGS, seus temas versaram, nesses estudos, sobre a comunicação científica relacionada à saúde no Brasil. Ainda que tenha se tornado professora da FURG no ano de 2010, ela continua contribuindo com o Programa de Epidemiologia, especialmente em pesquisas que se relacionam à atenção primária à saúde.

Para finalizar, serão abordadas duas ocasiões em que o CPE buscou se tornar um organismo autônomo dentro da UFPel, sem estar vinculado à Faculdade de Medicina, mas não obteve êxito. O ponto de tensão historicamente costuma ser a questão das vagas, pois, enquanto o Departamento de Medicina Social reivindica professores para o atendimento nas Unidades Básicas de Saúde, por exemplo, o Programa de Epidemiologia necessita repor, especialmente, um número significativo de docentes que tem se aposentado no decorrer dos anos, cujo foco é a pesquisa. Outra questão é que a Epidemiologia é um programa multidisciplinar e que atende e beneficia diferentes áreas do conhecimento, conforme será visto em seguida, e a reposição das vagas se dá somente a partir da FAMED.

A primeira tentativa de se transformar em um Instituto deu-se na gestão do Reitor Mauro Del Pino (2013–2016). Embora o assunto tenha sido levado ao Conselho Universitário, não foi obtido o quantitativo neces-

21 Entrevista presencial realizada com Carla dos Santos no dia 11 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

sário para a sua aprovação, ou seja, dois terços dos votos dos conselheiros. Já a segunda vez que o debate se efetivou foi na gestão do Reitor Pedro Curi Hallal (2017–2020), mas também não houve sucesso. Pedro Hallal disse, em sua entrevista, que, para buscar equacionar a questão, sobretudo das vagas, quando estava na reitoria, foi feito um edital de concursos, a partir da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, mas a medida foi barrada pelo Ministério Público.

Segundo ele, o assunto é difícil de tratar não só na Epidemiologia, mas em todos os espaços acadêmicos. Cita, como exemplo, o debate que houve no momento que se pensava em centros na UFPel, uma vez que muitos cursos e institutos tradicionais não quiseram modificar as suas formas de organização[22]. Esse pleito de busca por autonomia foi abordado por vários narradores, especialmente os aposentados ou que estão próximos à aposentadoria, e revelou um sentimento de frustração com o desfecho.

Retornando à história do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, o primeiro coordenador foi Cesar Victora, que ficou na organização do curso entre os anos de 1991 até 1995. Fernando Barros o sucedeu e permaneceu na coordenação entre 1995 e 1997; em seguida, assumiram a coordenação Luiz Augusto Facchini (1997–2001); Aluísio Barros (2001–2006); Ana Maria Menezes (2006–2009); Denise Gigante (2009–2013); Iná da Silva dos Santos (2013–2015); Pedro Curi Hallal (2015–2016); Bernardo Horta Lessa (2016–2018); Helen Gonçalves (2018–2022) e Luciana Tovo Rodrigues (2022–2026). Atualmente o coordenador é o professor Fernando César Wehrmeister.

UM CURSO DIVERSO, INTERDISCIPLINAR E MULTICULTURAL

O objetivo desta parte do texto é destacar a diversidade do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, tanto no que diz respeito à formação dos docentes quanto na trajetória e origem dos alunos.

22 Entrevista on-line realizada com Pedro Curi Hallal no dia 28 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Segundo Margarete Marques, que atuou na Epidemiologia desde os primeiros tempos: "[...] basicamente, no início, o programa de pós-graduação atendia uma demanda interna da UFPel"[23]. Ela lembrou, nesse sentido, de alguns nomes de alunos da primeira turma, servidores do quadro da UFPel, referidos por vários dos entrevistados, como os médicos Ana Borges Teixeira, Juvenal Dias da Costa e Roberto Piccini, os quais também foram entrevistados para o projeto do livro.

O perfil, no entanto, foi mudando com o tempo, uma vez que também passaram a fazer parte do corpo de profissionais pessoas com formação em Nutrição, Educação Física, Odontologia, Farmácia, Biologia, Serviço Social, Fisioterapia, Biotecnologia, Psicologia e Enfermagem, que começaram a trazer seus ex-alunos de graduação para obter a formação em Epidemiologia.

Alguns desses docentes foram entrevistados e suas trajetórias laborais demonstram um pouco do caminho que construíram, como se verá nas páginas seguintes.

Os médicos professores

Até agora, vários professores médicos que deram aula no Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia foram citados no trabalho, seja pelo motivo de terem feito parte do Departamento de Medicina Social em seu início, seja por terem sido precursores na criação do curso de Medicina, seja por se constituírem como os primeiros alunos do Programa. A intenção, neste item, é abordar um pouco mais da trajetória laboral daqueles que não constam diretamente naquela lista inicial ou, ainda, que foram enunciados apenas a partir de um ponto em especial, de modo a evidenciar o percurso que construíram, especialmente na UFPel, relacionado às pesquisas desenvolvidas ao longo dos anos.

Aluísio Jardim Dornellas de Barros é médico formado na Universidade Estadual de Campinas (1983), com um ano de residência em São Paulo, no hospital Emílio Ribas. Segundo seu relato para o período:

23 Entrevista presencial realizada com Margarete Oleiro Marques no dia 6 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

"[...] peguei o ano de 1984, um ano complicadíssimo com a explosão da Aids"[24]. Segundo Marques (2002, p. 50-51):

> Os primeiros casos de Aids oficialmente registrados no país ocorreram em julho de 1982, no estado de São Paulo. Mais tarde, um estudo retrospectivo indicou uma ocorrência de Aids em São Paulo ainda em 1980, ano que passou a ser referido em todas as análises epidemiológicas sobre o HIV no Brasil como o marco inicial.

Tratava-se de um momento bastante difícil para a saúde pública no país e no mundo, já que se acreditava que as epidemias estavam mais controladas, a partir dos avanços da Medicina. Foi também uma doença que trouxe muito medo à população, tanto pelo seu desconhecimento quanto pelas primeiras notícias que a vinculavam a grupos específicos (homens homossexuais, hemofílicos, imigrantes pobres, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo), o que provocou um enorme preconceito, a partir de discursos moralistas, embora a doença tenha afetado pessoas de todas as origens sociais.

Aluísio possui mestrado em Estatística também pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1990, com tema sobre a modelagem estatística de problemas epidemiológicos. No ano seguinte, em 1991, realizou mestrado em Estatística Médica pela London School of Hygiene & Tropical Medicine, cujo trabalho teve como título *Acute lower respiratory infection among children in the Gambia*, e concluiu seu doutorado em Epidemiologia também pela mesma instituição, em 1996, com a seguinte temática: *Health risks among child day care centre attenders: the role of day care centre characteristics in common childhood illnesses*.

Quando terminou o doutorado, veio para Pelotas primeiro para conhecer a cidade e depois para realizar um concurso público, que o fez ingressar como professor no ano de 1997. Em sua entrevista, ele comentou que conheceu a UFPel e o trabalho feito na Epidemiologia por meio do contato com Cesar Victora, ainda em Londres, a partir das suas idas naquela instituição[25].

24 Entrevista presencial realizada com Aluísio Jardim Dornellas de Barros no dia 7 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

25 Entrevista presencial realizada com Aluísio Jardim Dornellas de Barros no dia 7 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Aluísio abordou que, ao chegar ao Programa de Epidemiologia da UFPel, tendo em vista sua própria formação, começou a trabalhar com vários temas, inclusive contribuindo com estudos já existentes. Ele revela que "a desigualdade em saúde foi surgindo no meio desse processo [...]"[26], de forma que, em 2009, ele e Cesar Victora criaram o Centro Internacional de Equidade em Saúde (International Center for Equity in Health, ou ICEH), da UFPel. Segundo a página institucional do Centro:

> A origem do ICEH está intimamente relacionada à iniciativa *Countdown to 2015* - um esforço global para acompanhar o progresso dos países no cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, com o qual os fundadores do centro já estavam envolvidos (ICEH, [2025]).

Outra médica docente foi **Anaclaudia Gastal Fassa**, que, conforme já dito, formou-se na UFPel no ano de 1988. Ela fez mestrado em Epidemiologia na UFPel, concluído em 1995, com temática sobre saúde do trabalhador em uma indústria de celulose e papel, e doutorado na mesma instituição (2000), relacionado ao tema do trabalho infantil e a saúde. Os dois estudos tiveram a orientação do professor Luiz Augusto Facchini. Durante a graduação, foi monitora da disciplina de Medicina da Comunidade e conta sobre o início do curso da seguinte forma:

> [...] eu entrei na faculdade muito inspirada na história do Justino Faleiros, na história do André Hypólito, minha ideia era que, enfim, eu ia morar no interiorzão fazendo atenção primária e, em 1985, eu fui fazer um estágio em Murialdo, que era a grande experiência de medicina de comunidade e fui indo nessa trajetória[27].

Ao pensar sobre o contexto da graduação, revela que houve, no período, uma eleição muito disputada para reitor em 1988, na qual saiu vencedor o médico Amilcar Gigante. Para ela, o fato de ele ter sido nomeado apenas após uma mobilização intensa foi "bastante marcante"[28]. Ela se refere

26 Entrevista presencial realizada com Aluísio Jardim Dornellas de Barros no dia 7 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

27 Entrevista on-line realizada com Anaclaudia Gastal Fassa no dia 7 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

28 Entrevista on-line realizada com Anaclaudia Gastal Fassa no dia 7 de janeiro de 2025. Entrevistado-

ao Amilcar como um grande clínico, que possuía uma empatia não só com os pacientes, mas também com os estudantes, em sala de aula e no dia a dia dos postos de saúde. Diante desse cenário, relata que houve uma paralisação conjunta às vésperas de sua formatura e que, após a liberação do ato, foi lida uma nota sobre aquele momento político na universidade. Vários professores da mesa, inclusive ela e alguns outros formandos, usaram um adesivo colado na toga, com os dizeres: "Reitor eleito tem que ser nomeado"[29].

No quarto ano do curso, ela elaborou um programa de prevenção de câncer de colo do útero e, logo em seguida, foi convidada pelo professor Juvenal Dias da Costa, que à época era diretor de Saúde Pública da cidade, na gestão de Ricardo Nogueira como secretário de Saúde, para implementá-lo, como auxiliar técnica contratada, na Prefeitura Municipal de Pelotas. Durante três anos, após prestar concurso público, atuou como médica em um posto do bairro Sítio Floresta, até que fez novo concurso, com êxito, para docente na UFPel em 1995.

Anaclaudia atuou fortemente em pesquisas relacionadas à saúde do trabalhador, com uma grande parceria com o professor Luiz Augusto Facchini, e se aposentou em 2022, quando passou a trabalhar na OPAS como assessora regional sobre saúde do trabalhador, além de ser professora voluntária junto ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. Atualmente presta consultorias para diferentes organismos de pesquisa e faz parte da coordenação do curso de Especialização em Medicina de Família e Comunidade, ofertado pela UFPel a mais de 500 médicos em parceria com a Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS).

Outro médico atuante no Programa é **Bernardo Lessa Horta**, formado na UFPel (ATM 1991). Ele fez seu mestrado em Epidemiologia (1995), com orientação de Cesar Victora, sobre tabagismo materno vinculado ao peso ao nascer e à amamentação, e doutorado também em Epidemiologia, na McGill University, no Canadá, com a conclusão em 2001. O assunto da tese se relacionou aos fatores determinantes do crescimento compensatório em bebês pequenos para a idade gestacional.

---

ras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

29 Entrevista on-line realizada com Anaclaudia Gastal Fassa no dia 7 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Seu ingresso como professor da FAMED aconteceu em 2004, e seus temas de interesse, conforme consta no *site* do Programa, são: saúde materno-infantil, estudos do Ciclo Vital, epidemiologia genética e determinantes precoces de características biológicas e sociais na adolescência e na vida adulta.

Bernardo coordenou um projeto de pesquisa que envolve a atuação de três grupos diferentes, nas cidades de Pelotas, Ribeirão Preto/SP e São Luís/MA, os quais realizam as coortes de nascimento de maior duração no país. Segundo o *site* do projeto, os eixos temáticos são: "a avaliação da saúde mental e capital social, os precursores genéticos, biológicos e comportamentais das doenças crônicas, assim como aspectos nutricionais, de composição corporal e obesidade em diferentes estágios da vida, a nível individual e familiar" (UFPel, 2026c). Também coordenou a área de avaliação dos programas de Saúde Coletiva da CAPES entre 2018 e 2026.

É, ainda, o investigador principal do projeto intitulado EPIGEN-Brasil, pela UFPel, o qual, segundo o *site* da pesquisa, tem como objetivo principal "[...] estudar a associação entre variantes genéticas encontradas na população brasileira e doenças complexas, levando em consideração uma das características mais importantes dessa população: sua miscigenação" (UFMG, [2018]). Trata-se de um projeto em rede, que inclui, ainda, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) de Minas, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a USP em parceria com o Instituto do Coração (Incor).

Mariângela Freitas da Silveira também é uma médica atuante no Programa. Ela fez o curso de Medicina na UFPel entre os anos de 1980-1985 e logo depois a residência médica em Ginecologia e Obstetrícia, no Hospital Presidente Vargas, em Porto Alegre. Depois de formada, permaneceu por poucos anos na cidade de Tapera/RS e logo retornou a Pelotas, onde se fixou profissionalmente, tendo aberto consultório e atuado no posto de saúde Virgílio Costa, no bairro Fragata.

No ano de 1995, passou a ser professora da FAMED na área materno-infantil; quatro anos após, iniciou o mestrado em Epidemiologia (1999–2000) na própria instituição, com orientação do professor Jorge Béria e temática sobre comportamentos de risco para doenças sexualmente

transmissíveis (DST) e HIV em mulheres na cidade de Pelotas. Seu doutorado (2001–2004), também em Epidemiologia, relacionou-se a um assunto próximo, ou seja, um estudo de intervenção para a diminuição de comportamentos de risco para DST/HIV em mulheres, agora com a orientação da professora Iná dos Santos.

Mariângela, em sua entrevista, diz ter sido a fundadora do Ambulatório de HIV na FAMED e que teve como parceiro César Pinheiro, infectologista, que atuava como médico no Ambulatório Central da FAMED, além de ser preceptor da Residência de Clínica Médica do Hospital Universitário da UFPel. Ela afirmou que sua turma de mestrado foi a primeira a trabalhar com consórcios de pesquisa, uma estratégia que envolvia todos os mestrandos na coleta e na análise de uma única base de dados, conforme já abordado. Para ela, foi uma forma de baratear os custos para o trabalho de campo, que costuma ser bastante oneroso[30].

Por meio de seu currículo, é possível verificar que seu ingresso no Programa de Epidemiologia como docente deu-se no ano de 2006, já que sua primeira orientanda finalizou o trabalho em 2008. Dentre os temas de seu interesse, constam as doenças sexualmente transmissíveis, a transmissão vertical de infecções maternas, os estudos de prevalência, as coortes e a gestação, além do parto prematuro.

Mariângela, junto com os professores Pedro Curi Hallal, Andréa Dâmaso, Joseph Murray e Marlos Rodrigues Domingues, assumiram o início da Coorte de 2015, que foi a primeira a realizar um trabalho com as mães ainda no pré-natal. Segundo ela, foi um trabalho difícil, pois: "a gente entrevistou gestantes que pudessem ter o parto em 2015"[31]. Para buscar um número representativo de mulheres, foram em vários locais da cidade, como consultórios médicos, ambulatórios e clínicas de ultrassom, visando divulgar o projeto.

Mariângela comentou também sobre um projeto que tem desenvolvido nos últimos anos, em parceria com a OMS, sobre uma nova medicação oral para a sífilis. Ela afirmou que os casos da doença têm se mantido

30 Entrevista on-line realizada com Mariângela Freitas da Silveira no dia 30 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

31 Entrevista on-line realizada com Mariângela Freitas da Silveira no dia 30 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

estáveis, mas em padrões altos, o que atribui à desinformação existente ainda sobre a doença, tanto das pessoas quanto de profissionais de saúde, que, algumas vezes, veem a enfermidade como vinculada ao passado[32].

Por fim, é preciso ser citado **Juvenal Soares Dias da Costa**, que se formou como médico na UFPel em 1983 e logo após realizou uma especialização em Medicina Preventiva e Social e, no ano de 1988, fez outra especialização em Epidemiologia, ambas na Fiocruz, no Rio de Janeiro. Em 1991, começou o mestrado em Epidemiologia na UFPel, na primeira turma, com a orientação do professor Luiz Augusto Facchini, abordando a temática da utilização de serviços ambulatoriais na cidade de Pelotas; o doutorado foi em Ciências Médicas (2002) na UFRGS, com uma tese orientada por Sandra Fuchs, cuja temática aproximou-se do mestrado, ao enfocar os custos ambulatoriais em saúde, a partir da base populacional no sul do Brasil.

A narrativa dele é diferente de várias outras, pois pensa bem mais sobre o passado, embora o presente e o futuro também se façam ouvir. A entrevista dele lembra a escrita de Candau (2011, p. 63), que assim diz sobre o que a memória organiza: "os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro".

Ele conta que no início da graduação teve dificuldades com o método utilizado em algumas disciplinas, que priorizavam a memorização do conteúdo, mas que, com o passar do tempo e com o contato com novos professores que pensavam a Medicina de forma diferente, ao relacionarem o processo da doença também às ciências sociais e não só à biologia, conseguiu se conectar mais ao curso[33].

Segundo ele, quando ingressou no terceiro ano de faculdade, que era mais profissionalizante, obteve um estágio na Secretaria de Bem-Estar Social da Prefeitura Municipal de Pelotas, em uma equipe de saúde escolar, cujo chefe era Cesar Victora; a partir desse convívio e do aprendizado que teve, o interesse pelo campo da saúde se intensificou[34].

32 Entrevista on-line realizada com Mariângela Freitas da Silveira no dia 30 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

33 Entrevista on-line realizada com Juvenal Dias da Costa no dia 27 de dezembro de 2024. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

34 Entrevista on-line realizada com Juvenal Dias da Costa no dia 27 de dezembro de 2024. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

Juvenal afirmou que, além da inspiração de Cesar, nutria entusiasmo pela atuação do professor Kurt Kloetzel, que promoveu uma mudança na graduação ao privilegiar a atenção primária à saúde. Segundo ele, Kurt "[...] era um visionário, uma pessoa que pensava de uma forma completamente diferente assim, ele via a Medicina de uma forma diferente, ele tinha formação em Engenharia e depois foi fazer Medicina"[35]. Kurt propôs que, no último ano, os graduandos pudessem ficar vinculados a uma unidade primária de saúde e passassem pelas diferentes áreas da Medicina, o que, para Juvenal, fez uma grande diferença na sua formação.

Ele comentou sobre o momento importante de organização dos movimentos sociais, nos anos iniciais da década de 1980, quando se consolidou a abertura política no país, e falou, a partir dessa perspectiva, sobre a organização dos trabalhadores da UFPel (Figura 24) e, também, de uma assembleia estudantil realizada no campo do estádio do time do Brasil de Pelotas, a qual demonstrava a força da mobilização discente naquele momento.

Figura 24 – Comício pelas Diretas Já, no centro de Pelotas, no ano de 1984



Fonte: Acervo ADUFPel.

35 Entrevista on-line realizada com Juvenal Dias da Costa no dia 27 de dezembro de 2024. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

Juvenal foi secretário de saúde em 1986–1987, na gestão do prefeito Bernardo de Souza e nos anos finais de gestão do primeiro mandato do prefeito Fernando Marroni, ou seja, 2003 e 2004. A partir de 1989, passou a ser professor da FAMED, primeiro com Dedicação Exclusiva (DE) e, posteriormente, sem DE, tendo em vista um convite que recebeu para trabalhar também na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo/RS, no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, o que fez a partir do ano de 2001. Seus temas de pesquisa, atualmente, são relacionados a mortes evitáveis, diabetes, riscos de exposição ao câncer de pulmão e mortalidade infantil.

Docentes de outras áreas

Como se verá, a lista de professores neste tópico é bem maior, pois, com o tempo, docentes de diversas áreas de conhecimento passaram a se agregar ao grupo, embora a maioria de professores de fora do campo da Medicina, historicamente, fossem da Nutrição e da Educação Física.

Cora Luiza Pavin Araújo se formou em Nutrição na Unisinos no ano de 1977 e foi a primeira professora não médica do PPGEpi. Em 1979, ela ingressou como professora do Curso de Nutrição, na UFPel, tendo sido a orientanda pioneira do Cesar Victora, ao concluir o curso de Mestrado em Saúde Pública na Fiocruz, em 1990. Sua dissertação tinha como temática estudos de casos e controles conduzidos em hospitais de Porto Alegre, que abordavam os fatores prognósticos de letalidade hospitalar por diarreia ou pneumonia, doenças fortemente relacionadas ao mais grave problema nutricional daquela época, a desnutrição infantil. Já no seu doutorado (2000), realizado na mesma instituição, também com a orientação de Victora, ela procurou entender a baixa prevalência de déficit de peso para a estatura em crianças brasileiras.

Ela foi muito atuante tanto na graduação da Nutrição quanto nos Programa de Nutrição e Alimentos e de Epidemiologia da UFPel, ajudando a formar pesquisadores e se envolvendo em vários projetos importantes, como o das curvas de crescimento, por exemplo. Ela se aposentou no ano de 2011.

Denise Petrucci Gigante é formada em Nutrição pela UFPel (1982) e tem mestrado (1995) e doutorado em Epidemiologia (2000), o primeiro com a orientação do professor Fernando Barros e a temática vinculada à obesidade e o segundo com acompanhamento de Cesar Victora sobre a lactação e a avaliação nutricional em mulheres.

Ela contou em sua entrevista que, quando se formou, foi trabalhar em Curitiba, local em que nasceu, atuando como nutricionista no Hospital da Universidade, o mesmo em que Amilcar Gigante, seu pai, trabalhou, antes do golpe de 1964. Como tinha interesse em saúde pública desde a graduação, possivelmente por influência do pai, mas também por ter realizado estágio no Posto da Vila Municipal de forma voluntária, com a orientação de José Carlos Martinez, retornou a Pelotas para atuar na Prefeitura Municipal, onde Martinez era diretor de Saúde Pública, durante o primeiro governo de Bernardo de Souza como prefeito, pelo então PMDB (1983–1987)[36]. Foi nessa época que iniciou como pesquisadora, conduzindo estudos sobre avaliação nutricional das crianças que frequentavam as creches do município, com a orientação recebida pelo Martinez desde a graduação.

Em 1988, com a aposentadoria de uma professora da mesma área para a qual havia prestado concurso em 1987, assumiu como docente da UFPel na Faculdade de Nutrição. Ainda quando era contratada na Prefeitura, participou como pesquisadora em um projeto de intervenção coordenado pelo professor Fernando Barros sobre o incentivo ao aleitamento materno.

Em sua entrevista, ela conta que sentiu a necessidade de se aperfeiçoar em cursos de pós-graduação quando participou do Curso para Professores Ingressantes, implantado pelo Professora Mabel Cunha, pró-reitora de Graduação à época, no qual teve a oportunidade de conhecer outros professores que já haviam cursado o mestrado antes de ingressar como docente, como a Professora Beatriz Loner, já citada neste livro[37].

Após finalizar o doutorado em Epidemiologia, como já era professora da Faculdade de Nutrição há algum tempo, começou a orientar projetos de alunos no Programa, tornando-se uma docente permanente.

36 Entrevista presencial realizada com Denise Petrucci Gigante no dia 25 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

37 Entrevista presencial realizada com Denise Petrucci Gigante no dia 25 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Sobre a história do PPGEpi, ela contou que, antes de o prédio próprio, situado à rua Marechal Deodoro, ser inaugurado em 2007, não havia móveis nem equipamentos para o seu funcionamento, o que foi possível tendo em vista o grupo propor e ganhar um Programa de Infraestrutura de Ciência e Tecnologia (CT-Infra) da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep)[38].

Recentemente, Denise pensou também sobre a história da própria Faculdade de Nutrição (Gigante, 2026), criada por Emília Aureliano de Alencar Monteiro, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a qual permaneceu um tempo na UFPel. Já em sua narrativa, enfatizou a importância dessas trocas e afirmou que o seu curso de graduação, desde o início, primava por parcerias com outros lugares e áreas, pois: "[...] o Facchini foi nosso professor homenageado [...] e a gente tinha uma relação com o Departamento de Medicina Social". Para ela, "[...] a Epidemiologia se abre dessa forma e eu acho que isso me encantou na Epidemiologia, essa interdisciplinaridade"[39].

Denise era coordenadora do Programa de Epidemiologia (2009–2013), quando foi convidada para participar de uma campanha para a Reitoria. Vencido o pleito, foi pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação na gestão do reitor Mauro Del Pino (2013–2017) e depois sua vice-reitora. Ela se aposentou no ano de 2020.

Maria Cecília Formoso Assunção também fez a graduação em Nutrição na UFPel (1982) e, segundo sua narrativa, como estava grávida da primeira filha e tinha que permanecer na cidade, realizou um curso de formação de professores, o chamado Esquema 1, na própria UFPel, no qual teve disciplinas vinculadas à Licenciatura. Logo passou a atuar como nutricionista no Hospital Escola da UFPel, vinculada à Fundação de Apoio Universitário e, no ano de 1986, ingressou como professora do curso de Nutrição por meio de concurso público.

No que diz respeito à pós-graduação, em 1999 finalizou o mestrado e, no ano de 2002, o doutorado em Epidemiologia, com a orientação de Iná dos Santos, ambos com temática sobre a diabetes e o tratamento rece-

38 Entrevista presencial realizada com Denise Petrucci Gigante no dia 25 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

39 Entrevista presencial realizada com Denise Petrucci Gigante no dia 25 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

bido nos postos de saúde. A partir daí, ela foi convidada para dar aulas no Programa, no qual havia pesquisado. Naquele momento tinham mais duas professoras da Nutrição atuando: Cora Luiza Araújo e Denise Gigante.

Ela contou que logo após o término do doutorado o professor Cesar Victora fez um convite a ela para que coordenasse um projeto do Ministério da Saúde, no qual ele estava inserido, que visava avaliar o efeito da fortificação de farinhas com ferro e ácido fólico[40]. A medida havia sido estabelecida por lei no ano de 2004, tendo em vista a prevalência de anemia em crianças no Brasil.

Em artigo publicado pelo grupo em 2007, após a análise de três grupos de crianças em períodos de tempos diferentes, eles concluíram que "nenhum efeito da fortificação foi observado nos níveis de hemoglobina das crianças estudadas, o que pode ser parcialmente explicado pelo consumo insuficiente de farinhas e/ou pela baixa biodisponibilidade do ferro adicionado" (Assunção *et al.*, 2007, p. 1).

Ela diz que, a partir daí, sua carreira teve um salto como pesquisadora e ela deixou o tema da diabetes para trás, focando mais na anemia[41]. Ao mesmo tempo, com a saída da professora Cora do programa, tendo em vista a sua aposentadoria, integrou a Coorte de 1993, sendo inclusive uma das coordenadoras do projeto, ampliando a coleta sobre dados alimentares. Ela se aposentou no ano de 2015, embora tenha permanecido como voluntária na pós-graduação até 2020.

Já **Andréa Homsi Dâmaso** é natural de Pelotas, formada em Farmácia e Bioquímica (1981–1984), na UCPel, e, posteriormente, teve uma formação em Farmácia Industrial (1991–1994), na UFRGS. Logo após sua formatura em Porto Alegre, passou a trabalhar em hospitais na capital; quando retornou à Pelotas, primeiro foi proprietária de farmácias, mas, nessa época, começou a pensar em ingressar no Mestrado em Epidemiologia, o qual, segundo ela, já era um curso bastante reconhecido.

Ela fez o mestrado entre os anos de 2001 e 2002, com temática relacionada à utilização de medicamentos por adultos em Pelotas; por sua vez,

40 Entrevista on-line realizada com Maria Cecília Formoso Assunção no dia 19 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

41 Entrevista on-line realizada com Maria Cecília Formoso Assunção no dia 19 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

a tese doutoral teve como título *Epidemiologia do acesso aos medicamentos e sua utilização em uma população assistida pelo Programa Saúde da Família*, ambos com a orientação de Aluísio Barros. A partir daí, viu a retomada de estudos como um projeto para o futuro. Ela assim diz sobre esse momento da vida: "[...] foi revolucionário para mim, foi muito revolucionário, pois me balançou, me tirou da minha zona de conforto absolutamente e me mostrou um caminho fascinante pelo qual me apaixonei"[42].

Andréa, antes de entrar na UFPel, em 2012, como professora efetiva, foi docente da Unisinos por quatro anos, embora já atuasse como colaboradora no Programa de Epidemiologia. Perguntada sobre quais pesquisas do grupo teriam trazido mais impacto ao campo da saúde, cita os estudos sobre amamentação, as curvas de crescimento e as pesquisas sobre capital social e inteligência, além das coortes, dentre elas a de 2015, da qual é integrante.

Elaine Tomasi, natural de Bento Gonçalves/RS, veio para Pelotas bem jovem para cursar Serviço Social na UCPel. Ela diz, em sua entrevista, que: "[...] quando eu terminei o colégio eu queria mudar o mundo e mudar o mundo para mim significava cursar Serviço Social"[43]. Elaine se formou em 1980 e em 1982 começou a atuar na Prefeitura Municipal de Pelotas, momento em que conheceu o professor Facchini, que, segundo ela, "estava começando uma pesquisa e precisava de pessoas para trabalhar em um levantamento na rede de saúde"[44].

Elaine, então, começou a aplicar questionários, com uma equipe de três pessoas, para um estudo nas unidades de saúde, com a finalidade de fazer um diagnóstico da saúde na cidade. Ela realizou este trabalho até Facchini ir ao México, no ano de 1983, e voltou a atuar quando o docente retornou ao Brasil, em 1986, e a convidou para participar do jovem Centro de Pesquisas Epidemiológicas que estava se formando.

Ela contou que, quando o CPE funcionava na Galeria Antunes Maciel, ingressou no grupo para ser auxiliar de pesquisa do professor Facchi-

42 Entrevista on-line realizada com Andréa Homsi Dâmaso no dia 25 de fevereiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

43 Entrevista on-line realizada com Elaine Tomasi no dia 27 de dezembro de 2024. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

44 Entrevista on-line realizada com Elaine Tomasi no dia 27 de dezembro de 2024. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

ni, com 20 horas, em um estudo que depois virou o doutorado dele, ou seja, o trabalho materno e o ganho de peso infantil, a partir da observação de dois bairros operários de Pelotas. Logo em seguida passou a se dedicar integralmente aos estudos do CPE[45].

Elaine fez parte da primeira turma do Mestrado em Epidemiologia, no ano de 1991, justamente para adquirir mais habilidades necessárias para trabalhar com os dados decorrentes dos estudos efetivados. Teve como colegas, por exemplo, alguns médicos que já davam aula no Departamento de Medicina Social, e conta que as aulas do mestrado aconteciam em uma das salas da Galeria. Sua dissertação teve a orientação do Cesar Victora e versou sobre o uso das chupetas em crianças, em uma perspectiva de verificar a contaminação com coliformes fecais e a associação com diarreia.

No artigo "Uso de chupeta em crianças: contaminação fecal e associação com diarreia", Tomasi *et al.* (1994, p. 378), chamavam a atenção para as quatro milhões de mortes de crianças por diarreia, por ano, principalmente em países subdesenvolvidos e sugeriam que apenas "medidas isoladas, como ferver ou mesmo evitar o uso de chupetas, seriam ineficientes no combate à doença diarreica". Já em um texto publicado anos depois, pelo Departamento Científico de Aleitamento Materno da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), em 2017, assim é dito: "[...] as chupetas são consideradas potenciais reservatórios de infecção, podendo afetar o sistema imunológico da criança. Seu uso está associado com maior incidência da doença diarreica e mortalidade infantil" (SBP, 2017, p. 5-6).

Sobre sua trajetória laboral, o interessante é que, conforme relata Elaine, também ministrou "[...] aulas na primeira turma de mestrado. Além de ser aluna, eu dava aulas informalmente, porque eu não podia ser professora. Mas eu dava aula de computação. Eu sabia todos os programas que os mestrandos tinham que usar"[46].

Logo depois do término do curso, voltou à Secretaria de Saúde da Prefeitura e trabalhou com os sistemas de informação de nascimentos e óbitos da cidade, mas já em 1996 começou a atuar também como docen-

45 Entrevista on-line realizada com Elaine Tomasi no dia 27 de dezembro de 2024. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

46 Entrevista on-line realizada com Elaine Tomasi no dia 27 de dezembro de 2024. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

te na UCPel, ficando por 14 anos na instituição. Entre 1999 e 2003 fez o doutorado em Epidemiologia na UFPel, agora com a orientação de Luiz Facchini e com a temática relacionada à epidemiologia e os serviços primários de saúde. Apenas no ano de 2011 ingressou na UFPel como professora concursada no Departamento de Medicina Social. Atualmente, dedica-se aos estudos de doenças crônicas, idosos e avaliação de serviços, além de dar aula na disciplina de Epidemiologia, do terceiro semestre da graduação em Medicina, e compor a cadeira de Prática de Pesquisa, no Programa de Epidemiologia.

Helen Gonçalves, natural de Bagé/RS, veio para Pelotas com 15 anos para estudar e depois cursar Psicologia na UCPel, entre 1983 e 1988. Logo após a formatura, fez uma especialização na Sociedade Sigmund Freud e recebeu o convite do Cesar Victora para ser bolsista em um dos projetos, especialmente atuando em transcrições de entrevistas para um trabalho junto com uma antropóloga, que estava em formação à época, Dominique Pareja Béhague.

Logo Helen começou a construir narrativas relacionadas à Coorte de 1982 e continuou transcrevendo entrevistas; a partir desse estudo, acabou se aproximando da Antropologia. Tanto assim que, nos anos de 1995 e 1998, fez um mestrado na área, na UFRGS, com o tema da tuberculose a partir da visão do paciente e, nos anos de 2000 a 2004, fez seu doutorado também em Antropologia, na mesma instituição, sobre gravidez na adolescência em uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul.

Helen conta que o interesse pela tuberculose se relacionou a pesquisas que eram desenvolvidas na Epidemiologia e na Medicina Social pelos professores Ana Menezes e Juvenal Dias da Costa. Uma das perguntas era por qual motivo as pessoas não aderiam ao tratamento para a tuberculose, que, naquela época, era ambulatorial e, se bem-feito, poderia acabar com a enfermidade.

É preciso considerar que a tuberculose, na virada do século XIX para o XX e nas décadas imediatamente posteriores, foi uma grande causadora de mortes na cidade de Pelotas, assim como em várias outras regiões do país e do mundo. Apenas no ano de 1944, com a estreptomicina, passou-se a ter um antibiótico capaz de combater o bacilo de Koch, ainda que o uso

de apenas um medicamento tenha trazido resistência bacilar (Gill, 2004). Foi nas décadas de 1950 e 1960, por meio do que se chamou de terapia combinada, com o uso de remédios como a isoniazida (1952) e a rifampicina (1965), que se teve maior eficácia no tratamento, embora os números da doença continuem sendo bastante impressionantes em todo o mundo.

Em 2006, Helen ingressou no Programa de Epidemiologia, a partir de um concurso público, e começou a dar aulas de Epidemiologia no curso de Medicina e a atuar na graduação de Antropologia. Ela tem trabalhado com eventos causadores de *stress* e questões relacionadas à composição corporal, avaliando a tendência da obesidade nas coortes.

Isabel Oliveira de Oliveira é graduada em Farmácia e Bioquímica pela UCPel (1981) e fez mestrado (1994) e doutorado (2002) em Ciências Biológicas (Fisiologia) na UFRGS. Entre 1986 e 1989, foi professora na UCPel e a partir do ano de 1989 ingressou como docente concursada na UFPel, no Instituto de Biologia, que atende vários cursos de graduação e pós-graduação. Seus interesses de pesquisa se vinculam à fisiologia molecular, ao buscar marcadores bioquímicos e genéticos que possam ajudar no diagnóstico de doenças crônicas complexas.

Em seu memorial acadêmico, defendido em 2018, ela assim contou sobre o início de suas atividades com o grupo da Epidemiologia, no ano de 2003, sendo o seu trabalho pioneiro treinar auxiliares e técnicos de enfermagem:

> Estava sendo programado o acompanhamento dos 22-23 anos da coorte de nascidos em Pelotas no ano de 1982, coorte de 82, estudo que ocorreria em 2004-5. Além do questionário padrão que seria aplicado aos participantes, foi planejada a coleta de sangue venoso periférico dos participantes da coorte, com o objetivo de se obter amostras de sangue total para extração de DNA, assim como, amostras de sangue para obtenção de soro sanguíneo. Foi também planejada a realização da dosagem de glicemia casual pelo hemoglicoteste (HGT), além da tipagem sanguínea pelo Sistema ABO e Fator Rh, de forma a ser dado um retorno imediato aos indivíduos acompanhados. (Oliveira, 2018, p. 12-13).

Isabel avaliou como bastante positivo o trabalho inicial, pois conseguiram amostras de sangue de 79,4% dos indivíduos relacionados ao estudo. Ao longo dos anos em que atua como professora colaboradora no Programa, esteve envolvida em diferentes projetos, como o intitulado "Biobanco das coortes de Pelotas, CPE/UFPEL: coleta, extração e armazenamento de amostras biológicas", cadastrado em 2011. Dessa forma, tem contribuído para a coleta de diferentes materiais biológicos, necessários aos estudos.

Pedro Rodrigues Curi Hallal é formado em Educação Física pela UFPel (2000), com mestrado (2002) e doutorado (2005) em Epidemiologia, pela mesma instituição, ambos orientados pelo professor Cesar Victora. O mestrado resultou em um estudo sobre a prevalência e os fatores associados à prática de atividade física em adultos de Pelotas, e o doutorado abordou os padrões de atividade física em crianças de 10 a 12 anos de idade na mesma cidade. No mesmo ano em que finalizou o doutorado, começou a dar aulas na UFPel. Pedro foi reitor da UFPel entre os anos de 2017 e 2020 e desde 2024 encontra-se afastado da instituição, tendo em vista seu pedido de exoneração do cargo. Atualmente leciona na Universidade de Illinois Urbana-Champaign, nos Estados Unidos.

Ao rememorar seu ingresso no Mestrado em Epidemiologia, Pedro contou que, quando fez a seleção, foram aprovados mais dois colegas da Educação Superior de Educação Física (ESEF), Marlos Rodrigues Domingues e Marcelo Cozzensa da Silva, e que eles foram os primeiros da área a entrar no curso: "Foi daí que começou a minha história e a história da Educação Física na Epidemio, porque a Educação Física nunca tinha estado naquele espaço"[47].

Ele se refere ao período do mestrado como excelente, pois estudavam um tema pouco desenvolvido – a atividade física e a saúde –, trabalhavam em consórcio e queriam vivenciar uma experiência de pesquisa populacional na rua, o que foi feito a partir da divisão da cidade em setores censitários. No que diz respeito ao período do início do Programa, aborda, também, a importância de terem tido uma secretaria muito

47 Entrevista on-line realizada com Pedro Curi Hallal no dia 28 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

presente no dia a dia, a Margarete Marques, já que eram avisados sobre prazos e procedimentos necessários para a realização do curso da melhor forma possível[48].

Segundo Pedro, quando ele já estava fazendo o doutorado, mais pessoas da área da Educação Física ingressaram no Mestrado em Epidemiologia, como o Mario Azevedo Junior, que depois veio a ser docente na UFPel a partir de 2010, e Felipe Reichert, que se se tornou professor da UFPel, em 2009, além de Fernando Carlos Vinholes Siqueira, professor do curso de Fisioterapia da UFPel desde 2010, e Giancarlo Bacchieri, docente do Instituto Federal Sul-Riograndense (IF-Sul) desde 1989. A ampliação da formação, segundo Pedro, possibilitou que se criasse um grupo de pesquisas, o qual impactou não só o Programa de Epidemiologia, a partir do interesse por novos ingressos de discentes da área, mas o Mestrado em Educação Física, que teve sua primeira turma em 2007. Para ele:

> [...] a ESEF abriu o programa em Educação Física por causa da Epidemiologia. A gente usou o regimento da Epidemio como inspiração, a produção científica basicamente era muito concentrada nos professores que tinham formação na Epidemio ou vínculo com a Epidemio, como, por exemplo, o Aírton Rombaldi[49].

Ele cita, ainda, outros professores da ESEF que tinham grupos de pesquisa atuantes à época, mas ressalta o papel fundamental daqueles docentes vinculados à área da saúde.

Pedro foi o responsável por um estudo que trouxe ainda mais reconhecimento ao grupo, o EPICOVID. Ele comenta, em sua entrevista, que uma pessoa que o fez pensar sobre a pesquisa, que depois veio a se desenvolver, foi um professor aposentado da UFPel, Eurico Passos de Oliveira, a partir de um comentário no Facebook, no qual afirmava que Pelotas estava preparada para lidar com a pandemia, pois tinha um grupo de referência na saúde vinculado à Epidemiologia[50].

48 Entrevista on-line realizada com Pedro Curi Hallal no dia 28 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

49 Entrevista on-line realizada com Pedro Curi Hallal no dia 28 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

50 Entrevista on-line realizada com Pedro Curi Hallal no dia 28 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

A pesquisa, que será mais bem comentada no decorrer do livro, desenvolveu-se primeiro em Pelotas e, depois, abarcou o Estado do Rio Grande do Sul e todo o país, mas sofreu com tentativas de censura, especialmente após o aparecimento dos primeiros dados, que reforçavam a influência das desigualdades sociais para o resultado da doença. O fato é que se vivia sob a égide de um governo negacionista, o qual, a partir de suas ações, impactou fortemente para que o desfecho da pandemia fosse bastante difícil para a população brasileira, especialmente a mais pobre.

Nos últimos anos, Pedro dá aulas na Universidade de Illinois – Urbana-Champaign, nos Estados Unidos, onde coordena o Mestrado em Saúde Pública e diz estar fazendo algo muito próximo ao que realizava na UFPel, especialmente relacionado ao campo da Epidemiologia.

Bruna Gonçalves Cordeiro da Silva, por sua vez, também é formada em Educação Física, mas pela UFRGS (2009), possui mestrado em Ciências do Movimento Humano pela mesma instituição (2012) e doutorado em Epidemiologia pela UFPel (2017) sobre atividade física, comportamento sedentário e função pulmonar em adolescentes e gestantes, mediante dados da Coorte de 1993, com orientação da professora Ana Menezes. Ela começou a atuar como docente junto ao Departamento de Medicina Social da UFPel no ano de 2021.

Em sua entrevista, conta que conhecia o trabalho do Programa há tempos, uma vez que sua mãe, Helen Gonçalves, é professora do curso, e que sabia da existência de um grupo forte atuante na área da atividade física, especialmente a partir da prática de Pedro Hallal, responsável por levar vários alunos da ESEF para a Epidemiologia[51].

Bruna atua na epidemiologia do ciclo vital e, especialmente, nas áreas de atividade física e saúde e epidemiologia da atividade física. No livro *Duas décadas de pesquisa em Epidemiologia da Atividade Física em Pelotas-RS*, organizado por Hallal, Knuth, Mielke e Silva (2023), Bruna assinou, em parceria com Thiago Borges e Gabriel Bergmann (2023), um capítulo intitulado "Consequências da atividade física na infância e adolescência", no qual eles avaliam o papel da atividade física na composi-

51 Entrevista on-line realizada com Bruna Gonçalves Cordeiro da Silva no dia 29 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

ção corporal; saúde cardiovascular; saúde óssea; saúde mental; função pulmonar; sono e tracking de atividade física, destacando o importante papel do Programa de Epidemiologia da UFPel na temática.

Fernando César Wehrmeister é graduado em Fisioterapia pela Universidade Regional de Blumenau (2003), mestre em Saúde Pública pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009), com estudo sobre desigualdades na prevalência de asma em crianças nas regiões Sul e Nordeste do país, e doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas (2012), com pesquisa sobre a adiposidade corporal e a função pulmonar em adolescentes aos 18 e 19 anos de idade em Pelotas, sob a orientação da professora Ana Baptista Menezes. Seu ingresso como professor da UFPel deu-se no ano de 2013.

Ele comentou em sua entrevista que a graduação que fez não tinha uma atuação muito forte na pesquisa, mas que, já nos primeiros dias de mestrado, quando se sentia mais preparado, recebeu um conselho de que, se tivesse interesse na área de Epidemiologia, deveria vir para Pelotas, e foi o que fez. Ele assim disse: "Eu não tinha ideia de que a Universidade Federal de Pelotas tinha o melhor curso de Epidemiologia da América Latina, quiçá do mundo"[52].

Após seu ingresso como professor, ele revela ter participado, por exemplo, do Proyecto Latinoamericano de Investigación en Obstrucción Pulmonar (Projeto PLATINO), que teve como uma das coordenadoras a professora Ana Menezes, e pretendeu estudar a doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), considerada um grave problema de saúde pública no mundo. Atualmente, ele faz parte do Centro Internacional de Equidade em Saúde, a partir do qual tem focado nas abordagens relacionadas às desigualdades sociais, além de estudos sobre função pulmonar e qualidade do sono.

Fernando comentou que recentemente alguns professores do Programa foram procurados pelo Júlio Domingues, secretário municipal de Igualdade Racial de Pelotas. Segundo matéria publicada no *site* da Prefeitura:

52 Entrevista presencial realizada com Fernando Wehrmeister no dia 6 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

> O secretário reconheceu a relevância dos estudos realizados pelo Centro de Pesquisas Epidemiológicas e a capacidade que eles têm de trazer melhorias à vida da população. "Uma futura parceria poderia permitir aprimoramento dos serviços em saúde prestados pelo Município, levando em consideração os princípios da Política Nacional de Saúde da População Negra", finalizou (Lima, 2025).

É preciso considerar que Pelotas, conforme já dito, é uma das cidades com maior população negra do Rio Grande do Sul: 23,9%, segundo dados de 2022 do IBGE. Esse dado é muito relacionado ao período da escravidão, que vigorou até 1888, causando sofrimento a um número grande de trabalhadores e trabalhadoras que atuavam, sobretudo, nas charqueadas, que, em seu período mais próspero (1860–1890), existiam em um número de cerca de 43 fábricas de produção de carne salgada.

Continuando a apresentação dos docentes, **Fernando Pires Hartwig** é graduado em Biotecnologia pela UFPel (2012); durante seu curso, foi bolsista de iniciação científica e teve o primeiro contato com processamentos laboratoriais, relacionados às coortes. Ele possui mestrado (2014) e doutorado (2018) em Epidemiologia pela mesma instituição, ambos com a orientação do professor Cesar Victora. O primeiro teve como tema a população idosa da cidade de Pelotas e o segundo avaliou aspectos genéticos e epigenéticos da amamentação – este recebeu o Prêmio CAPES de Teses, na área de saúde coletiva, no ano de 2019, ao provar que todas as crianças se beneficiam, com relação ao seu neurodesenvolvimento, com o aleitamento materno, tanto em curto quanto em longo prazo. Segundo a tese de Hartwig (2018, p. 9):

> Entre os possíveis mecanismos biológicos responsáveis por estes efeitos, estão as modificações epigenéticas – incluindo a metilação do DNA – e a presença de ácidos graxos poli-insaturados de cadeia longa (cuja sigla em inglês é LCPUFAs) no leite materno.

Nesse mesmo ano se tornou professor da UFPel e, atualmente, trabalha mais em uma perspectiva teórica, a partir do desenvolvimento de métodos estatísticos voltados à Epidemiologia, na parte da inferência causal. Segundo o *site* de um dos projetos de pesquisa do professor Fernando:

> Inferência causal robusta é de extrema importância para epidemiologia e saúde pública. Diferenciar causas de marcadores de risco é necessário para o desenvolvimento de intervenções que de fato beneficiem a saúde da população, tendo em vista que intervenções só serão efetivas se atuarem sobre causas (UFPel, 2026d).

Ele ressalta a importância do Programa no tocante às pesquisas científicas diversas, como a própria discussão sobre a violência e a abordagem das desigualdades sociais, mas pontua, com veemência, a relevância de três estudos relacionados à saúde materno-infantil que, para ele, são a marca do Programa: os 1000 dias, as curvas de crescimento e a importância do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade.

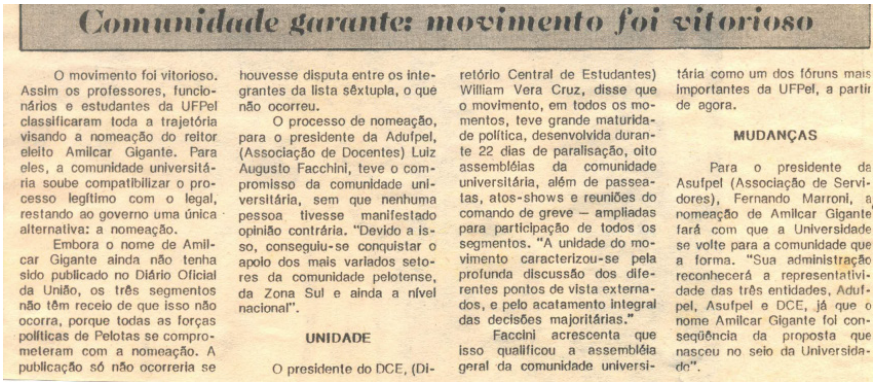
Quando perguntado sobre o futuro do Programa, o qual atualmente possui vários professores aposentados, diz que talvez o caminho para os novos tempos, em que tem sido mais difícil conseguir professores, seja estabelecer novas parcerias com docentes de outras instituições do Brasil e do mundo, como já foi feito no passado, e cita o caso de Alícia Matijasevich Manitto, que é uma das coordenadoras da Coorte de 2004 e hoje atua na USP, sendo colaboradora do Programa da Epidemiologia da UFPel[53].

Já **Flávio Fernando Demarco** é formado em Odontologia pela UFPel (1989), em um período importante para a universidade, em que houve eleições para a Reitoria e um candidato de esquerda, professor Amilcar Gigante, como já foi abordado, foi eleito como reitor.

Ele fez parte do movimento estudantil, tendo sido presidente do Centro Acadêmico de Odontologia e secretário do Diretório Central de Estudantes (DCE), e foi um dos representantes dos alunos do Conselho Universitário escolhidos para fazer parte de uma comitiva que esteve em Brasília pleiteando a posse do reitor, na mobilização "Reitor eleito tem que ser nomeado" (Figura 25).

53 Entrevista presencial realizada com Fernando Pires Hartwig no dia 3 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

Figura 25 – Excerto do jornal *Diário Popular*, de 15 de dezembro de 1988



Comunidade garante: movimento foi vitorioso

O movimento foi vitorioso. Assim os professores, funcionários e estudantes da UFPel classificaram toda a trajetória visando a nomeação do reitor eleito Amilcar Gigante. Para eles, a comunidade universitária soube compatibilizar o processo legítimo com o legal, restando ao governo uma única alternativa: a nomeação.

Embora o nome de Amilcar Gigante ainda não tenha sido publicado no Diário Oficial da União, os três segmentos não têm receio de que isso não ocorra, porque todas as forças políticas de Pelotas se comprometeram com a nomeação. A publicação só não ocorreria se houvesse disputa entre os integrantes da lista sêxtupla, o que não ocorreu.

O processo de nomeação, para o presidente da Adufpel, (Associação de Docentes) Luiz Augusto Facchini, teve o compromisso da comunidade universitária, sem que nenhuma pessoa tivesse manifestado opinião contrária. "Devido a isso, conseguiu-se conquistar o apoio dos mais variados setores da comunidade pelotense, da Zona Sul e ainda a nível nacional".

UNIDADE

O presidente do DCE, (Diretório Central de Estudantes) William Vera Cruz, disse que o movimento, em todos os momentos, teve grande maturidade política, desenvolvida durante 22 dias de paralisação, oito assembléias da comunidade universitária, além de passeatas, atos-shows e reuniões do comando de greve – ampliadas para participação de todos os segmentos. "A unidade do movimento caracterizou-se pela profunda discussão dos diferentes pontos de vista externados, e pelo acatamento integral das decisões majoritárias."

Faccini acrescenta que isso qualificou a assembléia geral da comunidade universitária como um dos fóruns mais importantes da UFPel, a partir de agora.

MUDANÇAS

Para o presidente da Asufpel (Associação de Servidores), Fernando Marroni, a nomeação de Amilcar Gigante fará com que a Universidade se volte para a comunidade que a forma. "Sua administração reconhecerá a representatividade das três entidades, Adufpel, Asufpel e DCE, já que o nome Amilcar Gigante foi conseqüência da proposta que nasceu no seio da Universidade".

Fonte: Acervo ADUFPel.

A comissão foi composta em uma reunião do CONSUN, realizada no dia 6 de dezembro de 1988[54], e foi constituída pelos professores: Naum Keiserman, como membro nato do Colegiado por ser decano; Leila Hadler, diretora da Faculdade de Ciências Domésticas, e Wilson Marcelino Miranda, diretor do Instituto de Letras e Artes, além do servidor técnico-administrativo Luiz Osório Rocha dos Santos e de um representante discente.

Flávio diz que essa é uma memória que traz felicidade a ele, até porque havia estranhamentos: foi sua primeira viagem aérea, ele precisou levar um terno e gravata, além de ficarem hospedados no hotel Garvey, no qual tiveram reuniões, inclusive com o Ministro da Educação, à época, do Governo Sarney, Hugo Napoleão. Ele assim comentou sobre este tema: "Eu lembro de nós ligando de Brasília para dizer, enquanto estava acontecendo a assembleia aqui e falando por telefone fixo, para dizer que tinham garantido a nomeação"[55].

Flávio chama a atenção, em sua narrativa, para a ligação do Dr. Amilcar com o Departamento de Medicina Social e diz que, à época, o presidente da ADUFPel era o Facchini, outro membro do Departamen-

54 O acesso à ata na íntegra pode ser feito no Acervo Documental do NDH. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/06/CONSUN-Ata-03.1988.pdf. Acesso em: 11 ago. 2026.

55 Entrevista on-line realizada com Flávio Demarco no dia 30 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

to, e o presidente da Associação dos Servidores da Universidade Federal de Pelotas (ASUFPel) era o Fernando Marroni, atual prefeito da cidade de Pelotas[56].

Ele relata que seu primeiro emprego foi o de dentista do Sindicato dos Bancários em Pelotas e que logo depois foi atuar no Serviço Social da Indústria (SESI), em Gramado/RS. Como começou a fazer concursos para ser docente na UFPel, em 1992 foi chamado para atuar na Odontologia, na área de Dentística, e nos anos seguintes fez doutorado em Odontologia na USP (1994–1998).

A aproximação entre a Epidemiologia e a Odontologia, segundo sua narrativa, teria se dado a partir do ingresso do professor Adair Busato em um projeto junto com Cesar Victora e Fernando Barros, o qual, inclusive, proporcionou a construção de uma clínica na Faculdade de Odontologia. A pesquisa, de fato, foi conduzida pela professora Ângela Maas, que atuava na saúde coletiva e fez um acompanhamento na Coorte de 1982, aos 15 anos de idade. Em 2005 houve outro acompanhamento da Coorte de 1993, na qual Flávio, junto com dois pesquisadores da UFSC, Marcos Peres e Karen Peres, começou a atuar.

Ele se credenciou no Programa de Epidemiologia em 2010, embora continuasse atuando no Programa de Odontologia, e hoje desenvolve, principalmente, estudos epidemiológicos e clínicos relacionados à saúde bucal e aos idosos. Ele foi pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação da UFPel, por dois mandatos consecutivos, a partir do ano de 2017.

Inácio Crochemore Mohnsam da Silva, por sua vez, é formado em Educação Física pela UFPel (2007) e possui mestrado (2010) e doutorado em Epidemiologia (2015) pela mesma instituição, com estudos sobre a atividade física. O primeiro foi orientado pela professora Helen Gonçalves e o segundo pelo professor Pedro Curi Hallal. Já em 2015 começou a atuar no ICEH, embora seu ingresso como professor na UFPel tenha se dado em 2018. No ano seguinte, 2019, foi convidado a compor o Programa de Epidemiologia como docente permanente.

56 Entrevista on-line realizada com Flávio Demarco no dia 30 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

No ICEH se envolveu em estudos sobre desigualdades de déficit de altura de crianças de países de renda média e baixa. Trata-se, segundo ele, de um dos indicadores mais importantes para se avaliar o desenvolvimento nutricional das crianças. Ele revela, ainda, que:

> [...] outro estudo que desenvolvemos no Centro de Equidades foi a dupla carga de má nutrição dessas crianças porque em alguns países tinha uma alta ocorrência de déficit de altura para a idade e ao mesmo tempo já havia alta prevalência de sobrepeso e obesidade[57].

Com o ingresso, especialmente, de professores das áreas da Nutrição e da Educação Física, o Programa passou a contar com vários alunos dessas áreas de conhecimento, que impulsionaram a chamada epidemiologia nutricional, que tem como objetivo principal "[...] medir dietas como um fator de exposição na maior ou menor ocorrência de doenças" (Kac; Sichieri; Gigante, 2007, p. 9).

Inácio, mais recentemente, esteve envolvido com o comitê local de enfrentamento à pandemia de covid-19, tanto assim que escreveu, em parceria com os professores Bruno Pereira Nunes e Pedro Curi Hallal, um verbete intitulado "covid-19" para o *Dicionário de História de Pelotas, volume II*, no qual trouxeram números sobre a enfermidade:

> Nesse período, Pelotas acumulou mais de 105 mil casos notificados pela prefeitura municipal e mais de 1.500 óbitos. Em escala mundial, 6,9 milhões de mortes foram oficialmente confirmadas, embora estimativas indiquem cerca de 20 milhões de óbitos decorrentes da Covid-19. O Brasil, embora concentre aproximadamente 2,7% da população mundial, registrou cerca de 10% de todas as mortes atribuídas à doença (Crochemore-Silva; Nunes; Hallal, 2026, p. 116).

Janaína Vieira dos Santos Motta é graduada em Nutrição pela UFPel (2003), com mestrado (2008) e doutorado (2014) em Epidemiologia na mesma instituição, ambos sob orientação da professora Denise Petrucci Gigante. O primeiro estudo teve como foco a prevalência de insegurança

57 Entrevista presencial realizada com Inácio Crochemore Mohnsam da Silva no dia 5 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

alimentar em famílias de Pelotas e o segundo abordou a mobilidade social e os fatores modificáveis para doenças crônicas não transmissíveis, a partir de um estudo longitudinal.

Entre 2013 e 2020, foi professora da Universidade Católica de Pelotas, passando a ser docente na UFPel, na Faculdade de Medicina, no mesmo ano em que deixou a UCPel. Ela contou, em sua entrevista, que durante a graduação foi bolsista de iniciação científica em alguns projetos vinculados à Epidemiologia e também atuou como voluntária[58]. Logo depois de formada, foi contratada como entrevistadora, com a função de atuar em hospitais de Pelotas, momento que conversava com mães que tinham tido filhos para compor informações relacionadas às coortes.

Suas memórias recuam ainda mais e ela conta que logo que entrou na UFPel, em 2000, como aluna, tinha uma conhecida que atuava na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, a Nanci Ribeiro, a qual teria aconselhado a se envolver em pesquisas logo no início do curso – o que, de fato, fez, quando logo passou a ser voluntária em um projeto da professora Ana Menezes e, depois, passou a atuar com a professora Denise Gigante[59].

Janaína contou que participou de alguns projetos interessantes na sua vida de pesquisadora, além dos que desenvolveu no mestrado e no doutorado, como o vinculado a Giancarlo Bacchieri, sobre as ciclovias de Pelotas, que será abordado no decorrer do livro, e, a convite do professor Bernardo Horta, do primeiro inquérito de saúde e nutrição dos povos indígenas[60], a partir do qual ela esteve em aldeias Kaingangs do Rio Grande do Sul e no norte de Minas, na divisa com a Bahia.

Luciana Tovo Rodrigues é bióloga pela UFRGS (2007) e possui mestrado (2010) e doutorado (2014) em Genética e Biologia Molecular pela mesma instituição. No mesmo ano em que finalizou o doutorado, começou a dar aulas no Departamento de Medina Social. Na graduação, ministra as cadeiras de Genética Médica e de Genética Humana, em diferentes cursos

58 Entrevista on-line realizada com Janaína Vieira dos Santos Motta no dia 29 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

59 Entrevista on-line realizada com Janaína Vieira dos Santos Motta no dia 29 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

60 Para saber mais sobre o projeto, é possível consultar o relatório final no link: https://abrasco.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Inquerito-Nacional-de-Saude-e-Nutricao-dos-povos-Indigenas-2009.pdf. Acesso em: 11 ago. 2026.

e, entre 2022 e 2026, coordenou o Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, sendo a responsável pelo laboratório de análises biológicas. Seus estudos versam, prioritariamente, sobre saúde mental e sono e os fatores biológicos associados a estes eventos.

Em sua entrevista, pensou sobre as origens do seu envolvimento com o PPGEpi e assim disse:

> [...] a minha ligação com a Epidemiologia começou no meu Doutorado, pois uma das amostras que a gente usava para estudar o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade era relacionado à coorte de Pelotas, de 1993. Já era uma colaboração que a minha antiga orientadora tinha com o pessoal daqui de Pelotas, com a Ana Menezes[61].

Luciana afirmou que atualmente o curso de Epidemiologia recebe mais alunos de áreas como Educação Física e Nutrição e diz que isso se deve a uma modificação do corpo docente com o passar do tempo. Cita a entrada de alguns professores no corpo docente, como Pedro Curi Hallal e Maria Cecília Assunção, como catalisadores de ingressos de discentes dessas áreas do conhecimento. Sobre os alunos da Medicina, comenta que eles têm tido um maior interesse nas residências profissionais, visando a inserção imediata no mercado de trabalho, e não na pós-graduação[62].

No que diz respeito ao funcionamento do curso, afirmou que a fama de ser um curso difícil se dá tendo em vista o grande número de créditos e, também, por ter provas em cada disciplina, mas que preferem conservar um padrão alto de qualidade para manter a relevância do Programa. Luciana ressalta, também, a internacionalização existente:

> [...] eu acho que essa é uma das nossas características, ter colaborações tanto no norte quanto no sul global, o que facilita muito a vinda de estudantes e, também, o envio de estudantes. Então a gente preza bastante pelo Doutorado sanduíche, por exemplo, dos nossos alunos[63].

61 Entrevista on-line realizada com Luciana Tovo Rodrigues no dia 18 de março de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

62 Entrevista on-line realizada com Luciana Tovo Rodrigues no dia 18 de março de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

63 Entrevista on-line realizada com Luciana Tovo Rodrigues no dia 18 de março de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Na sua entrevista, ela se lembrou do prêmio que ganhara no ano de 2020, denominado "Mulheres na Ciência", concedido pela L'Oréal, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e a Academia Brasileira de Ciências. Ela qualificou esse momento da vida como "emocionante e até o momento o auge da carreira. [...] O meu projeto foi justamente examinar os efeitos da pandemia nos níveis de cortisol capilar, avaliando o quanto estressor foi a pandemia entre os adolescentes"[64].

Ela refletiu que para as mulheres não é fácil ter um lugar de poder e de fala no mundo das ciências e, por isso, o prêmio é ainda mais significativo, até porque, muito recentemente, no último mandato presidencial, foi nomeada a primeira ministra mulher na área de Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos.

Mais recentemente, a professora coordenou uma pesquisa sobre os impactos das enchentes de 2024 em Pelotas sobre a saúde mental e a eco-ansiedade de jovens adultos de uma coorte de nascimento. Trata-se de um tema extremamente relevante, tendo em vista o que o evento provocou na cidade. Segundo Ximendes (2026, p. 134):

> Desde 13 de maio de 2024, dia em que foi declarado estado de calamidade pública na cidade, diversas pessoas tiveram que deixar suas casas, as aulas nas escolas e universidades foram canceladas, e o nível do canal São Gonçalo passou a ser monitorado e divulgado diariamente, atingindo o recorde histórico de 3,13 metros no dia 27 de maio de 2024. Moradores de diversas regiões da cidade, como Laranjal, Colônia Z3, Balsa, Porto, Fátima, Navegantes e Doquinhas, foram afetados por essa enchente sem precedentes.

Em resposta à questão sobre o futuro do Programa da Epidemiologia da UFPel, ao final de sua fala, ela disse ter muita preocupação, pois há "um *gap* muito grande entre os professores antigos que basicamente lideram todos os projetos, que têm muitos recursos e tem uma geração intermediária, que somos eu e o Fernando, e depois professores muito recentes"[65]. Embora

64 Entrevista on-line realizada com Luciana Tovo Rodrigues no dia 18 de março de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

65 Entrevista on-line realizada com Luciana Tovo Rodrigues no dia 18 de março de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

perceba que isso possa trazer problemas, avaliou que o curso buscará soluções, especialmente para a captação de recursos humanos e financeiros, necessários aos novos estudos.

Docentes de outros países

Alicia Matijasevich Manitto é uruguaia, natural de Montevidéu e, atualmente, professora da Faculdade de Medicina da USP, no Departamento de Medicina Preventiva, atuando como colaboradora do Programa de Epidemiologia. Com formação básica em Medicina pela Universidad de la República, concluída no ano de 1992, especialização em Pediatria e residência em Neonatologia no Hospital de Clínicas de Montevidéu, lá conheceu o professor Fernando Barros, que logo a motivou a vir a Pelotas fazer seu mestrado (2000) e doutorado em Epidemiologia (2005).

No mestrado, segundo ela, trabalhou com uma coorte de recém-nascidos de baixo peso (menos de um quilo e meio) porque atuava em Unidades de Tratamento Intensivo (UTI), em Montevidéu, naquela época. No estudo, fez uma comparação da mortalidade e da morbidade nas UTIs públicas e privadas. Já no doutorado, ela conta que fez "um estudo de caso controle, também em Montevidéu, para estudar as associações de consumo materno de cafeína e óbito fetal"[66]. Ela passou a atuar, antes mesmo de terminar o doutorado, a convite do professor Cesar Victora, na Coorte de 2004, a qual segue acompanhando.

Alicia, entre 2008 e 2010, foi professora visitante em Pelotas; após fazer concurso para professor efetivo, permaneceu por mais três anos na UFPel (2011–2013), quando acabou indo lecionar na USP, após a realização de um concurso público.

Perguntada sobre as pesquisas da Epidemiologia que julga que são mais impactantes para a sociedade, disse ser as coortes. Para ela, não existe no mundo uma experiência de coorte, a cada onze anos, com acompanhamento tão próximo dos indivíduos. Tal situação é mais relevante por se

66 Entrevista on-line realizada com Alicia Matijasevich Manitto no dia 27 de março de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

estar em um país em desenvolvimento, o que torna a proposta singular. Ela afirma que "essas pesquisas deram lugar a milhares de trabalhos e muitos transformaram as políticas"[67].

Saul Morris é inglês, tem formação em Economia (1989) e atualmente reside na Espanha, em Valência. Ele possui mestrado em Demografia Médica (1990) e doutorado em Epidemiologia, em Londres (1995). A vinda dele para Pelotas se deu em 1996, em função de uma sugestão da sua orientadora de doutorado, que era amiga de Cesar Victora, e que queria que ele tivesse outra experiência acadêmica, além da que já tinha tido na África, quando estudou doenças em crianças, como a diarreia e as enfermidades respiratórias. Ele já conhecia o professor Cesar em função dos cursos que costumava oferecer em Londres e, também, por ele mesmo ter ministrado oficinas de estatística de duas semanas na Medicina da UFPel[68].

Saul permaneceu durante um tempo em Pelotas, realizando um pós-doutorado supervisionado por Cesar Victora, depois foi professor visitante e novamente se envolveu em cursos sobre estatística, agora no Mestrado em Epidemiologia, chegando a coorientar um aluno, em parceria com a professora Iná dos Santos.

Em Pelotas, atuou em uma pesquisa multicêntrica sobre aleitamento exclusivo de crianças até os seis meses; em um estudo sobre fatores de risco para a tuberculose, coordenado por Ana Menezes, e em uma pesquisa sobre o consumo do chimarrão e da ingestão de água quente e a ocorrência de câncer no esôfago. Tal tema é relevante, pois o estado do Rio Grande do Sul tem uma incidência maior desse tipo de neoplasia do que o restante do país, que pode estar vinculada à prática de tomar mate e, também, a outros usos, especialmente do tabaco e do álcool.

Dominique Béhague é antropóloga e tem dupla nacionalidade: norte-americana e francesa. Ela fez a graduação em Antropologia, na Bryn Mawr College, Filadélfia, entre 1987 e 1991 e depois realizou o mestrado na mesma instituição. Foi nesse momento que sua orientadora fez contato com Cesar Victora para que Dominique realizasse um trabalho de campo

67 Entrevista on-line realizada com Alicia Matijasevich Manitto no dia 27 de março de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

68 Entrevista on-line realizada com Saul Morris no dia 31 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

no exterior. Com uma bolsa obtida pela agência Fullbright, esteve em Pelotas por seis meses, no ano de 1991, e atuou no Posto do Areal em um estudo de caso sobre amamentação. Segundo ela: "Depois de terminar o mestrado voltei ao Brasil para trabalhar com o grupo em 1993–1994, em uma pesquisa que eles estavam fazendo, financiada pela Comunidade Europeia sobre a reforma na saúde"[69].

Dominique foi precursora no Programa, no campo da Antropologia. A perspectiva de atuação, segundo ela, era "de juntar um olhar etnográfico com uma pergunta mais epidemiológica"[70]. Na entrevista, comentou que tinha participações em disciplinas oferecidas para a primeira turma, a partir de determinados temas para os quais era convidada a palestrar.

Em 1997, fez o doutorado na McGill University, no Canadá, sobre saúde reprodutiva, o conceito da adolescência e as formas de se viver esse período, a partir de dados da Coorte de 1982, realizada em Pelotas. No pós-doutorado, um dos temas tratados por Dominique foi a saúde mental.

Na entrevista, ela abordou que, dos trabalhos que realizou, o que teve maior repercussão se relacionou à prática da cesariana nos anos de 1990, que era bastante alta no Brasil. Trata-se do artigo assinado por ela, Cesar Victora e Fernando Barros, publicado na British Medical Journal (BMJ), no ano de 2002, intitulado "Demanda do consumidor por cesarianas no Brasil: tomada de decisão informada, escolha do paciente ou desigualdade social? Um estudo de coorte de nascimento baseado na população, integrando métodos etnográficos e epidemiológicos" (Béhague; Victora; Barros, 2002).

É preciso considerar que o número de cesarianas no Brasil era volumoso na década de 1990 e continuou a crescer com o passar do tempo. De acordo com Pires *et al.* (2023, p. 2121), "no período de 1994 a 2019, foram notificados 77.064.234 partos no Brasil, sendo 35.792.103 cesarianas (46,4%). A menor proporção de cesarianas ocorreu no primeiro ano da série (32%) e a maior, em 2014 (56,9%)".

69 Entrevista on-line realizada com Dominique Béhague no dia 3 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

70 Entrevista on-line realizada com Dominique Béhague no dia 3 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

Atualmente, ela divide o tempo da docência na Vanderbilt University, nos Estados Unidos, e no King's College London, no Reino Unido, mas continua com uma participação efetiva no Programa de Epidemiologia da UFPel.

Joseph Murray nasceu em Edimburgo, na Escócia. Possui graduação em Filosofia, Política e Economia pela Universidade de Oxford, na Inglaterra (1996–2000), mestrado (2001–2002) e doutorado (2002–2006) em Criminologia na Universidade de Cambridge, também na Inglaterra. Sua pesquisa no mestrado e no doutorado versou sobre comportamentos antissociais relacionados ao sexo, prisão parental e os efeitos no comportamento antissocial e na saúde mental das crianças ao longo da vida.

Joseph, em sua entrevista, conta que trabalhou durante alguns meses em uma instituição para menores e que ajudou sua mãe, que é psicóloga, em projetos de pesquisa. Foi a partir destas situações que decidiu continuar estudando o comportamento humano.

Sobre sua vinda para o Brasil, relatou que conheceu sua esposa brasileira na Inglaterra, já que ela fazia o doutorado lá. Tão logo o curso terminou, ela necessitava retornar ao Brasil, e Joseph, por seu lado, tinha obtido financiamento para uma pesquisa e tinha liberdade para se deslocar. Dessa forma, passaram a residir primeiro em Minas Gerais, estado natal da esposa. Joseph comentou que:

> [...] começou a procurar no Brasil algum grupo que fizesse o mesmo tipo de pesquisa que eu estava fazendo na Europa que era, eu trabalhava no Doutorado com um estudo longitudinal, um estudo de coorte acompanhando crianças que têm pais no presídio [...], a experiência de ter um pai preso e como o curso da vida dos filhos pode ser afetado[71].

Ele diz ter encontrado um artigo de uma psicóloga que tinha feito o mestrado em Epidemiologia em Pelotas, a partir de dados da Coorte de 1993, com um subestudo sobre a saúde mental das crianças. Relatou que, tendo em vista a leitura desse material em específico, passou a conhecer

71 Entrevista on-line realizada com Joseph Murray no dia 1° de abril de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

um pouco do trabalho da UFPel e, a partir daí, fez propostas de colaborações com o grupo. Em 2015, realizou um concurso público, tornando-se professor do Programa.

Exemplos de trajetórias de egressos

Maria del Pilar Flores Quispe nasceu em Lima, no Peru, e mora no Brasil há onze anos. Ela fez a graduação em Nutrição, no período de 2001–2006, na Universidade Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, principal instituição pública de ensino do país, e trabalhou no país de origem por vários anos como nutricionista em hospitais, consultórios e academias. Em razão das dificuldades de fazer um pós-graduação lá, tendo em vista os custos, acabou vindo para o Brasil[72].

Em Pelotas, fez o mestrado em Epidemiologia na UFPel (2015–2017) com a temática sobre as tendências de desigualdades socioeconômicas na prevalência de desnutrição crônica nos países da América Latina e do Caribe, com a orientação de Fernando César Wehrmeister. Já no doutorado (2017–2022), avaliou a qualidade da atenção à saúde da criança, na primeira semana de vida na atenção básica no Brasil, com a orientação de Elaine Tomasi. Desde 2022, atua como pesquisadora na Fiocruz do estado da Bahia.

Diego Garcia Bassani é formado em Odontologia pela UFRGS (1998), tem mestrado em Periodontia pela ULBRA (1999–2001) e doutorado em Epidemiologia na UFPel (2001–2005), com tese sobre a periodontite como fator de risco para baixo peso ao nascimento, sob orientação de Maria Teresa Anselmo Olinto. Atualmente é professor em Toronto, no Canadá, e seus temas de pesquisa se aproximam muito ao que é discutido em Pelotas, tanto a partir de uma abordagem mais geral como em um dos artigos em que consta como coautor e trata sobre as causas de mortalidade infantil do ponto de vista global, regional e nacional, tendo em vista uma análise sistemática (Black *et al.*, 2010).

72 Entrevista on-line realizada com Maria Del Pilar Flores Quispe no dia 20 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill, Elisiane Medeiros Chaves e Lóren Ximendes.

Maria Clara Restrepo Méndez é formada em Microbiologia pela Universidad Colegio Mayor de Antioquia, em Medellin, Colômbia. Ela tem mestrado em Epidemiologia na UFPel (2008) sobre perfil lipídico na adolescência, com orientação de Bernardo Lessa Horta, e doutorado em Epidemiologia (2012), também na UFPel, com tese sobre maternidade na adolescência e os efeitos em curto e longo prazo sobre a saúde e capital humano dos filhos, com orientação do Cesar Victora, a partir da qual recebeu o prêmio CAPES de Tese na área de saúde pública, no ano de 2013.

Ela possui anos de experiência na área, abordando temas como epidemiologia do ciclo de vida, saúde global, desigualdades em saúde e farmacoepidemiologia. Na UFPel, atuou como pesquisadora no Centro Internacional de Equidade em Saúde (Brasil), além de ter estado na Universidade de Bristol (Reino Unido) e na Universidade de Oxford (Reino Unido). Maria Clara também foi consultora de organizações internacionais, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), a OMS, a Gavi, The Vaccine Alliance, e a European Medicines Agency (Países Baixos).

Juraci Almeida Cesar é formado em Medicina na UFPel (1990) e realizou seu mestrado em Epidemiologia em Pelotas (1995), ao discutir a epidemiologia das hospitalizações por pneumonia no período pós-neonatal na cidade, com orientação do professor Cesar Victora. Já o seu doutorado (2005) foi orientado por Patrick Vaughan, na Inglaterra, e teve como temática a saúde materno-infantil, assunto bastante recorrente em suas pesquisas, além da temática das avaliações dos serviços de saúde. Juraci é professor da FURG desde 1994, onde participa dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Pública e em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina, além de colaborar em disciplinas sobre estudos qualitativos na Epidemiologia da UFPel. Na cidade de Rio Grande, coordena uma coorte de nascimentos.

Andrea Ramírez Varela é colombiana e fez Medicina na Universidad de los Andes, Colômbia (2010). Nos anos de 2013 e 2014, realizou seu mestrado na mesma instituição e fez um trabalho com o título: *Estimación de la carga de enfermedad por hipertensión, diabetes y obesidad atribuibles al bajo peso al nacer y la no lactancia materna durante los primeros 1000 días de vida en Colombia*. Já no ano seguinte se deslocou para Pelotas para realizar o doutorado em Epidemiologia sobre atividade física, sob orienta-

ção do professor Pedro Curi Hallal. Atualmente ela é professora assistente do Departamento de Epidemiologia e Pediatria do Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Texas, em Houston, nos Estados Unidos.

Nelson Arns Neumann é formado em Medicina pela Universidade Federal do Paraná (1988) e possui mestrado em Epidemiologia (1997) na UFPel, com orientação de Cesar Victora sobre a Pastoral da Criança em Criciúma/SC e o desempenho em ações básicas para a sobrevivência infantil, além de ter doutorado em Saúde Pública (2000) pela USP. Ele é conhecido, dentre outras questões, por ser filho de Zilda Arns, médica, pediatra, sanitarista, fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da Criança, falecida no ano de 2010, em Porto Príncipe, no Haiti, em decorrência de um terremoto. Nelson continuou a trajetória da mãe, além de ter outras atividades, e colabora com a implantação das pastorais da criança, articulando ações com organismos nacionais e internacionais.

Gbenankpon Mathias Houvessou nasceu em Benin, na África, e realizou sua graduação em Higiene e Epidemiologia, em Cuba, na Universidad de Ciencias Medicas de Granma, entre 2009 e 2014; como queria aprofundar seus conhecimentos, decidiu vir para Pelotas. No mestrado em Epidemiologia (2017–2019), sua temática de estudo foi o consumo de drogas lícitas e ilícitas entre os ingressantes na UFPel. Já no doutorado, que iniciou no ano de 2019, ele abordou o uso de métodos contraceptivos, de acordo aos critérios de elegibilidade da OMS. Nos dois cursos teve a orientação da professora Mariângela Freitas da Silveira.

Mathias, como é conhecido, não teve bolsa no primeiro ano de mestrado, mas recebeu ajuda de colegas e professores para permanecer na cidade. Em sua fala, ele ressaltou a importância das pesquisas do Programa, que versam sobre o que chamou de uma epidemia de violência, desenvolvidas, especialmente, pelo professor Joseph Murray[73]. Atualmente Mathias mora em Nova Iorque.

Janaína Calu Costa, paulistana, formada em Nutrição na USP, em 2012, diz, em sua entrevista, que "começou a se envolver com a pes-

73 Entrevista on-line realizada com Gbenankpon Mathias Houvessou no dia 8 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

quisa logo no primeiro ano da graduação na área de bioestatística"[74], desenvolvendo um estudo sobre o perfil de epidemiologistas e bioestatísticos no Brasil. Logo depois começou a trabalhar com epidemiologia nutricional, tanto assim que seu trabalho de conclusão de curso analisou o impacto da orientação para um estilo de vida saudável sobre o ganho de peso gestacional.

Sobre a vinda para a UFPel, Janaína aborda que, como trabalhava com saúde materno-infantil na graduação, "muitas das referências já eram os trabalhos desenvolvidos em Pelotas"[75]. Ela enfatizou o fato de que Cesar Victora era um dos autores bastante mencionados nos estudos em que estava envolvida e cita, como exemplo, as pesquisas relacionadas às coortes de nascimento e às curvas de crescimento da OMS, que são utilizadas no mundo inteiro.

Decidida a ser epidemiologista, fez em Pelotas tanto o mestrado (2016) quanto o doutorado (2020), ambos com a orientação de Cesar Victora. No primeiro estudo, pensou sobre a discriminação de gênero na mortalidade de crianças em países de baixa e média renda; no segundo, abordou os níveis e as determinantes do excesso de mortes de meninas menores de cinco anos em países de baixa e média renda. Antes disso, ainda na graduação, tinha realizado uma disciplina com o professor Aluísio Barros, com o objetivo, segundo ela, de conhecer melhor o Programa. Nessa perspectiva, conta que, quando estava prestes a terminar a graduação, escreveu para o Aluísio dizendo que tinha interesse em vir para Pelotas e pedindo informações sobre o curso[76].

Ainda no mestrado, ela passou a fazer parte do Centro Internacional de Equidades em Saúde e se envolveu fortemente com uma abordagem interseccional para a saúde pública, tema que continua desenvolvendo atualmente como docente. Em sua narrativa, ressalta a questão da representatividade ao dizer que a vaga do concurso da USP era para trabalhar com

74 Entrevista on-line realizada com Janaína Calu Costa no dia 9 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros.

75 Entrevista on-line realizada com Janaína Calu Costa no dia 9 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros.

76 Entrevista on-line realizada com Janaína Calu Costa no dia 9 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros.

saúde da população negra, questão sobre a qual vinha pensando fazia tempo, e que foi a primeira professora negra, em quase 110 anos, da Faculdade de Saúde Pública da USP, lugar que considera estratégico para implementar novas políticas[77].

Elisabete Weiderpass se graduou em Medicina na UFPel, no ano de 1992, e em seguida fez seu mestrado em Epidemiologia (1994), na mesma instituição, com uma dissertação, orientada por Fernando Barros, que abordou os tipos de parto e a amamentação. Já seu doutorado (1999), realizado no Instituto Karolinska, em Estocolmo, na Suécia, analisou os fatores hormonais na etiologia do câncer de endométrio.

Elisabete foi a primeira mulher a assumir a direção da Agência Internacional para Pesquisa em Câncer, cargo que exerce desde 2019. Na página da International Agency for Research on Cancer (IARC), ela é assim apresentada:

> Foi professora de Epidemiologia Médica no Instituto Karolinska, em Estocolmo, Suécia, e professora de Epidemiologia do Câncer na Universidade Ártica da Noruega. Também ocupou cargos de professora adjunta em Epidemiologia do Câncer no Brasil, na China e na República Islâmica do Irã, além de ter sido professora visitante no Kuwait (OMS, c2026).

Luís Antônio Benvegnú se formou na Leiga no ano de 1989, em um período de forte mobilização estudantil, conforme já abordado, e realizou seu mestrado (1993–1996) e doutorado (2001–2005) em Epidemiologia na UFPel. O primeiro curso de pós-graduação teve como tema o trabalho e a saúde de motoristas de ônibus em Santa Maria/RS, com a orientação do professor Luiz Facchini, e o segundo tratou sobre a saúde mental de trabalhadores, sob a supervisão da professora Anaclaudia Fassa.

Em sua entrevista, feita para o livro da Leiga, ele comentou sobre a sua experiência ainda como graduando, a partir da qual atuou como entrevistador voluntário; depois, já como professor da Faculdade de Medicina da UFSM, procurou formar grupos de pesquisa e inserir seus alunos na prática de trabalho de campo em Epidemiologia, aplicando questionários

77 Entrevista on-line realizada com Janaína Calu Costa no dia 9 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros.

ou, ainda, digitando e analisando dados[78]. Ele atualmente é médico da Fundação Municipal de Saúde de Santa Rosa/RS e diretor de Atenção à Saúde do Grupo Hospitalar Conceição, em Porto Alegre, e pesquisa sobre saúde e qualidade de vida de idosos da zona rural e amamentação e variáveis perinatais em uma cidade do interior do Estado.

Maria Teresa Anselmo Olinto, formada em Nutrição pela UFPel (1984), fez mestrado em Epidemiologia na mesma instituição, na primeira turma, e defendeu um estudo sobre a epidemiologia da desnutrição infantil em uma comunidade de baixa renda, com a orientação do professor Fernando Barros. Seu doutorado (1996–1998) foi em Saúde Coletiva na Unicamp. Atualmente, tem uma ampla atuação na área da Epidemiologia, especialmente a nutricional. Maria Teresa deu aula entre 1998 e 2022 na Unisinos; a partir de 2011, atuou na Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e em 2019 tornou-se professora concursada da UFRGS, tendo atuado, inclusive, em alguns períodos como professora convidada do Programa de Epidemiologia da UFPel.

Elaine Thumé é formada em Enfermagem e Obstetrícia na UFPel (1986) e professora da instituição desde 2002. Ela fez mestrado em Enfermagem na UFSC (2000) e doutorado em Epidemiologia na UFPel (2010) com a temática sobre a assistência domiciliar a idosos e o desempenho dos serviços de atenção básica, sob a orientação do professor Luiz Facchini. Atualmente ela coordena o Mestrado Profissional em Saúde da Família (Profsaúde) na UFPel, além de atuar, há vários anos, na Coorte de Idosos de Bagé/RS.

Elaine conta que uma das primeiras participações que teve em eventos como aluna foi ter assistido uma palestra dada pelo Cesar Victora, na Faculdade de Direito, sobre as coortes. Segundo ela, o vínculo com a Medicina era muito intenso, pois ocupavam o mesmo lugar acadêmico e faziam estágios em postos de saúde, como a UBS Fraget, por exemplo, que fica atrás do cemitério, no bairro Fragata, e que tinha como supervisora a professora Iná dos Santos[79].

78 Entrevista on-line realizada com Luís Antônio Benvegnú no dia 2 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

79 Entrevista on-line realizada com Elaine Thumé no dia 12 de fevereiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Ela lembra que, à época da graduação, houve um grande surto de sarampo na cidade de Pelotas. Isso teria aproximado ainda mais os médicos e os enfermeiros do debate sobre a importância da saúde coletiva. É preciso esclarecer que, durante muitos anos, o sarampo foi um dos grandes causadores de mortes de crianças no país: "Em 1986, ano que apresentou a maior epidemia da década, foram notificados 129.942 casos de sarampo, o que representou uma incidência de 97,7 por 100.000 habitantes" (Domingues *et al.*, 1997, p. 8). Hoje trata-se de uma doença em eliminação, tendo em vista um plano de vacinação em massa, efetivado no país, especialmente após 1973, quando foi criado o Programa Nacional de Imunizações.

Mais recentemente, o sarampo tem voltado a ocupar as páginas dos jornais, tendo em vista que alguns países, como Estados Unidos, México e Canadá, por exemplo, vem sofrendo novos casos da doença, fruto, especialmente, da baixa cobertura vacinal existente nestes lugares. No Brasil, embora em 2016 se tenha obtido o certificado de eliminação da doença, este foi revogado em 2019, já que novos casos também começaram a aparecer, embora em menor número: 38 casos em 2025, em crianças e adultos, e 2 casos em 2026 (Levi, 2026).

Karen Yumaira Sánchez Luquez é venezuelana, com graduação em Biologia (1995), pela Universidade Central da Venezuela, e doutorado em Ciências (2010) obtido no Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas. Logo após, segundo sua narrativa, trabalhou em Caracas, Venezuela, com biologia molecular, vinculada ao Ministério da Justiça, e realizava exames de paternidade, estudos forenses, testes de avaliação humana para casos criminais, dentre outros.

A partir de 2017, Karen veio para o Brasil, tendo em vista a situação conturbada do país, pois, segundo ela, estava difícil continuar fazendo pesquisa naquela conjuntura. Daí teria surgido a possibilidade de seu companheiro realizar um doutorado na FURG; como teve dificuldades de obter uma ocupação, ela realizou um mestrado em Ciências da Saúde na mesma instituição, entre os anos de 2017 e 2019, para o qual obteve uma bolsa da CAPES[80].

80 Entrevista on-line realizada com Karen Yumaira Sánchez Luquez no dia 27 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

Ao concluir o mestrado, Karen afirmou que surgiu a possibilidade de continuar os estudos no doutorado em Epidemiologia na UFPel, o qual iniciou em 2019 e concluiu em 2023, com uma tese que teve a orientação da professora Luciana Tovo Rodrigues e o título *Aspectos genéticos e fisiológicos envolvendo estresse crônico relacionados a Deficiência Intelectual e habilidades cognitivas de crianças e adolescentes da Coorte de Nascimentos de Pelotas de 2004*.

No meio do processo de doutorado, Karen ficou grávida e teve uma filha, Sofia, que participou de várias aulas com ela, até o início da pandemia de covid-19, em fevereiro de 2020. Ela conta ter tido a parceria de colegas para o cuidado do bebê, além do auxílio e da compreensão da sua orientadora. O tema do cuidado é interessante de ser trazido, já que, recentemente, no Brasil, por meio da Lei n.º 14.925/2024, houve a concessão de um tempo maior para que mães e pais estudantes de pós-graduação finalizassem seus cursos, tendo em vista o nascimento ou adoção de uma criança.

Marcelo Fernandes Capilheira é graduado em Medicina na UFPel (2001) e possui mestrado (2004) e doutorado (2008) em Epidemiologia pela mesma instituição, ambos com orientação da professora Iná dos Santos. O primeiro estudo teve como título *Prevalência e fatores associados à consulta médica e solicitação de exames complementares: um estudo de base populacional*, e o segundo analisou o perfil dos médicos atuantes na atenção primária à saúde. Antes de ser professor da UFPel (2009), trabalhou como docente da Universidade Católica de Pelotas, a partir de 2005. Marcelo ficou na Direção da Faculdade de Medicina por dois mandatos, com início em 2012; atualmente, é superintendente do Hospital Escola.

Na sua fala, enalteceu o papel da Epidemiologia junto à FAMED, especialmente ressaltando algumas pesquisas bastante reconhecidas no mundo inteiro, como a importância do aleitamento materno exclusivo, as curvas de crescimento, a recomendação de a criança dormir de barriga para cima durante o primeiro ano para impedir a morte súbita, a construção de dados sobre saúde do trabalhador e da trabalhadora, bem como os estudos sobre as desigualdades[81].

81 Entrevista presencial realizada com Marcelo Capilheira no dia 11 de dezembro de 2024. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

Marcelo, que costuma atuar na UBS Areal Leste, pensa sobre a história do Departamento de Medicina Social e diz que o modelo que existia anteriormente na faculdade era muito hospitalar e que o departamento inovou a partir de duas grandes frentes: a atenção primária à saúde, ainda embrionária no país na década de 1970, que possibilitou, por exemplo, o mapeamento do território, para saber o perfil populacional, quais eram os problemas de saúde existentes e as soluções possíveis, além das pesquisas no campo da Epidemiologia, que projetaram, segundo ele, o trabalho do curso para o Brasil[82].

Lina Sofia Morón Duarte é colombiana e graduada em Enfermagem (1998) e em Medicina (2006), com mestrado em Saúde Pública pela Universidad Nacional de Colombia, em Bogotá (2014), e doutorado em Epidemiologia (2020) na UFPel. Lina atuou como professora em seu país de origem e no Instituto Nacional de Saúde, em Bogotá, como epidemiologista.

Sobre a vinda para Pelotas, em 2016, ela comentou, em sua entrevista, que tinha interesse em intensificar os estudos na Epidemiologia e começou a pesquisar sobre bons programas no Brasil, vendo que o da UFPel tinha grande reconhecimento em nível internacional pela excelência[83]. Então, resolveu vir para cá e estudar a saúde da mulher gestante, a partir da qualidade da consulta pré-natal. Ele teve a professora Mariângela Freitas da Silveira como sua orientadora.

Ela lembra que, no ano de seu ingresso, além dos colegas brasileiros, teve outros de países diversos como Peru, Haiti, Benin, Bolívia e da própria Colômbia. Segundo ela, alguns teriam vindo por seus próprios meios, outros mediante bolsas de seus países de origem ou bolsas do Programa de Epidemiologia da UFPel.

Lina avaliou a experiência de estar em Pelotas como única, pois teve uma formação teórica e empírica sólida e disse que ter participado do curso ampliou a visão dela sobre saúde global e desigualdades de saúde, além do próprio campo da Epidemiologia. Ela veio ao Brasil com sua filha de sete anos e refere ter feito uma parceria solidária importante no Programa[84].

82 Entrevista presencial realizada com Marcelo Capilheira no dia 11 de dezembro de 2024. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

83 Entrevista on-line realizada com Lina Sofia Morón Duarte no dia 3 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

84 Entrevista on-line realizada com Lina Sofia Morón Duarte no dia 3 de fevereiro de 2025. Entrevis-

Ao terminar o doutorado, Lina voltou à Bogotá e hoje trabalha como diretora em uma empresa internacional, que faz prestações de serviços de saúde, através da oferta de clínicas e de planos de previdência, além da realização de pesquisas.

Giovanny Vinícius Araújo de França é formado em Nutrição (2007) pela FURG e fez o mestrado (2010) e o doutorado (2014) em Epidemiologia na UFPel. No primeiro curso estudou a compulsão alimentar em adultos, com a orientação da professora Denise Gigante; já o segundo estudo teve como título *Gordura abdominal subcutânea e visceral aos 30 anos: caracterização e determinantes (coorte de nascimento de 1982, Pelotas, Brasil)*, com a orientação do professor Cesar Victora.

Entre os anos de 2010 e 2014, atuou como analista de dados no Centro Internacional de Equidade em Saúde da UFPel e desde 2015 é servidor público do Ministério da Saúde, primeiro atuando com sistemas de informação e hoje como assessor técnico especializado da Coordenação-Geral de Ações Estratégicas em Pesquisa Clínica, do Departamento de Ciência e Tecnologia, da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Complexo da Saúde.

Jesem Douglas Yamall Orellana é enfermeiro (2003), formado pela Universidade Federal de Rondônia, com mestrado em Saúde Pública (2005) na Fiocruz, ocasião em que estudou sobre saúde e nutrição de crianças indígenas, e doutorado em Epidemiologia (2021) em Pelotas, orientado pelo professor Bernardo Horta, com trabalho que teve como título *A experiência de vitimização por roubo em adultos jovens e sua relação com composição corporal, pressão arterial e transtornos mentais aos 30 anos*.

Jesem é pesquisador assistente da Fiocruz desde 2006, colabora com a Abrasco, na coordenação da Comissão de Epidemiologia, e tem tido uma preocupação grande com as mudanças climáticas, tema a cada dia mais urgente. Outro tema também pensado por ele é o suicídio, tanto assim que, no ano de 2024, recebeu uma homenagem da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas por suas contribuições para seu enfrentamento. Durante o evento, Jesem assim se manifestou:

---

tadora: Elisiane Medeiros Chaves.

> No Brasil, em particular, o suicídio tem apresentado preocupante tendência de aumento nos últimos anos, tanto na população geral, como em indígenas. Para se ter uma ideia, somente entre 2020 e 2023 foram registrados cerca de 62 mil suicídios no Brasil, em maiores de nove anos, um número 50% maior do que o total de palestinos mortos no desleal conflito com Israel (Pesquisador [...], 2024).

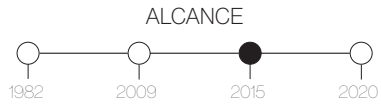
Essa longa lista de docentes e pesquisadores que atuaram e/ou tiveram sua formação acadêmica vinculada ao PPGEpi teve a intenção de dar protagonismo àqueles que constituíram o Programa ao longo de sua história.

No próximo capítulo, será possível encontrar exemplos de como o trabalho de algumas dessas pessoas, por meio de suas pesquisas científicas, impactou a construção de políticas de saúde em nível local, regional e até mesmo global, apontando descobertas e caminhos para a solução de problemas que afligem a saúde pública no mundo.

CAPÍTULO

03

PROJETOS QUE AJUDARAM A ESTABELECER **NOVAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE, NO BRASIL E NO MUNDO**





Neste capítulo, a pretensão é abordar os principais eixos articulados pelo grupo para o trabalho coletivo, bem como as pesquisas que foram se constituindo com o passar do tempo e provocaram mudanças na maneira como estratégias de saúde pública passaram a ser pensadas e executadas ao redor do planeta. Parte-se da perspectiva construída pelo grupo, expressa no título e no início do livro, a partir de Tolstói, de que, para ser universal, é preciso conhecer, em profundidade, a aldeia em que se está inserido. Desse modo, os pesquisadores e pesquisadoras da Epidemiologia construíram estudos que, mesmo tendo, muitas vezes, a cidade de Pelotas como foco, buscaram estabelecer comparações com outras realidades, na perspectiva de contribuir para a construção de políticas públicas de saúde mais gerais.

Antes de se analisarem as pesquisas que foram criadas com o tempo, é interessante abordar as teses defendidas por Fernando Barros e por Cesar Victora no mesmo local, ou seja, na London School of Hygiene & Tropical Medicine, na Inglaterra, com o mesmo orientador, Patrick Vaughan.

Fernando, que havia feito residência em Pediatria no Rio de Janeiro e chegou antes em Londres, desde o mestrado, defendeu sua tese doutoral no ano de 1985, cujo tema versou sobre mortalidade perinatal, baixo peso ao nascer e a utilização de serviços de saúde. Já Cesar, que possuía uma especialização em Saúde Comunitária, apresentou sua tese em 1983, com a temática sobre a epidemiologia da saúde infantil no Rio Grande do Sul e as inter-relações entre mortalidade, desnutrição, assistência médica e desenvolvimento agrícola.

Foi a partir desses primeiros contatos, feitos em uma instituição bastante longínqua de Pelotas, que começaram a se desenhar projetos que moldaram o que hoje é o Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPel.

AS COORTES DE 1982, 1993, 2004, 2015 E 2026

Conforme já abordado, a primeira coorte iniciou no ano de 1982, quando os médicos Fernando Barros e Cesar Victora, a partir de exemplos que já ocorriam em alguns outros lugares da Europa, especialmente na In-

glaterra e nos Estados Unidos, iniciaram o estudo em Pelotas. A intenção era acompanhar os nascidos vivos da zona urbana de Pelotas, em hospitais, naquele ano, o que perfazia uma população de 5.914 crianças. Pelotas, na década de 1980, possuía uma população de 214 mil pessoas e vivia, do ponto de vista econômico, uma estrutura simplificada (Soares, 2026, p. 130), com "indústrias arrozeiras, conservas, frigoríficos, curtumes" que, com o tempo, começam a perder importância, fazendo com que a cidade passasse a se desenvolver mais no setor de serviços e comércio, como acontece até hoje.

Segundo o *site* da pesquisa, o objetivo do estudo:

> [...] era avaliar a influência que os fatores inerentes ao período do nascimento da criança mantinham em relação a sua saúde na infância. Esses fatores incluíam, entre outros, as condições de saúde da mãe e do bebê, o peso ao nascer, a alimentação, as condições ambientais em que a família vivia (saneamento e habitação) e a qualidade da assistência médica a que a criança estava sujeita. A hipótese central do estudo baseava-se em que a saúde das crianças de um país com tantas desigualdades, como o Brasil, deveria apoiar-se no entendimento da realidade social (UFPel, 2026a).

No hospital, as mães respondiam a um questionário com perguntas sobre dados socioeconômicos, demográficos e de saúde (Figura 26) e, naquele momento, eram pesadas e medidas (Barros *et al.*, 2008b). O interessante é que grande parte dessas pessoas estão sendo acompanhadas pela vida toda, permitindo diferentes estudos, especialmente, sobre os impactos das desigualdades sociais na saúde (Victora; Barros; Vaughan, 1988).

Com o desenvolvimento do trabalho e o seu reconhecimento já em 1983, a equipe obteve financiamento da OMS e, com o passar do tempo, diversas agências internacionais e do país, como o CNPq, a CAPES e o Ministério da Saúde passaram a auxiliar o projeto com recursos, o que possibilitou realizar a Coorte de 1993, que envolveu um número maior de pesquisadores, até mesmo porque já havia sido criado o Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, no ano de 1991.

Na pesquisa de 1993, o foco foram as crianças nascidas entre 1° de janeiro e 31 de dezembro, em um total de 5.249 recém-nascidos vivos

nas maternidades da cidade de Pelotas, a qual possuía uma população de 299.592 habitantes[1]. As mães que fizeram parte do estudo, segundo o *site* do projeto, tinham de 13 a 48 anos e os bebês eram, em um pequeno percentual, em maior número de meninos (50,3%).

Figura 26 – Entrevistador na casa de um participante da Coorte de 1982

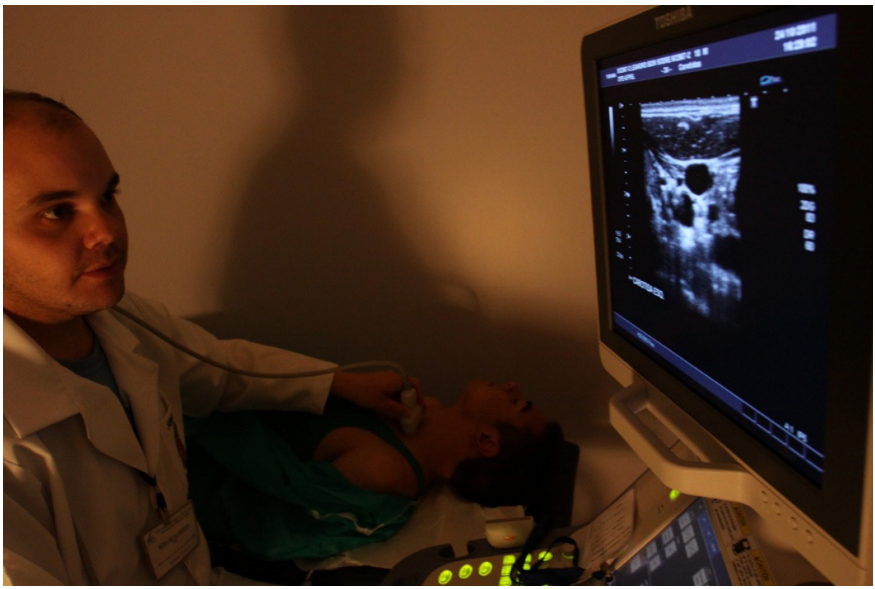


Fonte: Acervo do PPGEpi.

Com a entrada de novos profissionais no projeto, outras perguntas começaram a ser formuladas, de modo a responder questões que aparecem na contemporaneidade. A coleta de informações tem se dado por meio de entrevistas, testes psicológicos, estudos etnográficos, observação participante, exames físicos e de imagem (Figura 27), amostras biológicas (Figura 28) e anotações em caderno de campo.

1 Dados da Estimativa de População do IBGE em 1993. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_1993/estimativa_populacao_1993.pdf Acesso em: 12 ago. 2026.

Figura 27 – Coorte de 1993



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Figura 28 – Coorte de 1993: Laboratório do Centro de Pesquisas Epidemiológicas da UFPel



Fonte: Fotografia de Charles Guerra. Acervo do PPGEpi.

Conforme Victora *et al.* (2006, p. 40), na Coorte de 1993, os subestudos que estavam sendo realizados eram sobre: "[...] saúde bucal, desenvolvimento psicológico e saúde mental, composição corporal e aspectos etnográficos".

Já a Coorte de 2004 (Figura 29) envolveu também as crianças nascidas na zona urbana de Pelotas, agora acrescidas daquelas nascidas no bairro Jardim América (Capão do Leão)[2], em um total de 4.231 recém-nascidos. Segundo Barros *et al.* (2006, p. 403-404), esse estudo, em especial, tinha como objetivos avaliar as condições pré e perinatais; identificar as mortes fetais e infantis; verificar eventos relacionados ao início da vida, como a amamentação; observar como se deu o acesso à saúde e estudar as desigualdades sociais, especialmente relacionadas a grupos sociais e étnicos. Para os autores do estudo: "A terceira coorte de nascimentos em Pelotas mostrou uma situação de estabilidade da mortalidade infantil nos últimos 11 anos, com predomínio da mortalidade neonatal, além de aumento da prematuridade e partos cesarianos" (Barros *et al.*, 2006, p. 402).

Figura 29 – Coorte de 2004



Fonte: Acervo do PPGEpi.

2 Capão do Leão é uma cidade que, até 1982, quando se emancipou, pertencia à Pelotas. O bairro Jardim América fica contíguo ao bairro Fragata, em Pelotas. Parte da UFPel, especialmente a que se relaciona aos cursos de agrárias e veterinária, tem suas sedes neste município.

As três primeiras coortes, 1982, 1993 e 2004, tiveram financiamento da Wellcome Trust, além de outras instituições. No ano de 2006, fruto de um trabalho mais amadurecido na pesquisa, o grupo de Pelotas coordenou um consórcio internacional com cinco coortes de países de baixa e média renda, que reuniu informações sobre cerca de 11 mil crianças, monitoradas desde o nascimento até a idade adulta. O movimento resultou em observações para pensar sobre a importância dos chamados "1000 dias", que englobam os 270 dias de gestação e os 730 dias relacionados aos dois primeiros anos de vida. Os 1000 dias são conhecidos como uma janela de oportunidades, os quais podem impactar toda a vida de uma pessoa.

Já em 2015, no quarto estudo construído a partir do modelo formulado em 1982, foram seguidas 4.275 crianças nascidas naquele ano (Figura 30), com uma diferença para as outras etapas, uma vez que, nesse momento, houve o acompanhamento das crianças desde o período gestacional.

Figura 30 – Antropometria realizada no Hospital Universitário, Coorte de 2015



Fonte: Acervo do PPGEpi.

Flávio Demarco, que participou dessa coorte, assim comenta sobre o novo formato do estudo:

> Na de 2015 a gente teve uma participação muito significativa porque tinha que fazer os acompanhamentos e encontrar gestantes que iriam dar à luz em 2015 e daí ao longo de 2014, a gente teve, acho que foram 16 ou 18 dentistas, com carro, que levar as entrevistadoras nas casas, agregando a parte de saúde bucal e saúde geral [...][3].

Para ele, esse foi o grande momento de consolidação do vínculo entre a Odontologia e a Epidemiologia.

Segundo o *site* que apresenta o projeto de 2015:

> Refazer exames e entrevistas com as mesmas pessoas de quatro gerações em diferentes fases do desenvolvimento humano representa oportunidade única de avançar o conhecimento sobre os determinantes da saúde durante a vida. Mais do que a identificação precoce de fatores de risco à saúde, os resultados apontam para estratégias de prevenção e tratamento (UFPel, 2026b).

Em um artigo publicado em 2024, a equipe responsável pela pesquisa (Murray *et al.*, 2024) diz que, dada a conjuntura existente, alguns temas foram aprofundados como a pandemia de covid-19, a partir do impacto da enfermidade em crianças de cinco anos, além de temáticas como "[...] violência e desenvolvimento psicossocial, estresse, padrões de sono".

O ano de 2026 está iniciando uma nova coorte, após o mesmo intervalo das demais, ou seja, 11 anos. A pretensão desse novo estudo é entrevistar mães de um total estimado de três mil recém-nascidos da zona urbana de Pelotas, cujos partos aconteçam em hospitais da cidade.

A proposta das coortes como um todo é um estudo impressionante, já que acontece há 44 anos e envolve, algumas vezes, mais de uma geração de uma mesma família. Em matéria publicada no dia 28 de janeiro de 2026, no jornal digital da GZH Zona Sul, aparece a história de Juliana Cabreira, que participou da Coorte de 2004 e participará novamente agora,

3 Entrevista on-line realizada com Flávio Demarco no dia 30 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

tendo em vista o nascimento do seu bebê (Veríssimo, 2026). Além disso, algumas pessoas que fizeram parte das coortes iniciais hoje são profissionais ligados à própria UFPel.

As imagens que foram inseridas no livro mostram como o Centro de Pesquisas Epidemiológicas foi oferecendo maior tecnologia para os seus estudos, fruto do conhecimento e dos recursos obtidos com as pesquisas anteriores, de modo que, se no início as abordagens se davam prioritariamente na casa das pessoas, com o intuito de fazer com que elas participassem da proposta, com o tempo e com o uso de tecnologia e de laboratórios especializados, as participações das pessoas ocorrem mais frequentemente na sede do Centro.

CENTRO DE PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E VIOLÊNCIA (DOVE)

O tema da violência é fundamental em um país como o Brasil, marcado pela desigualdade social, ocasionada, dentre outros fatores, por uma enorme disparidade de renda, que promove a exclusão. Enquanto há uma grande concentração de renda nas mãos de uma pequena parcela da população, a pobreza tem uma marca muitas vezes relacionada ao gênero e à raça, uma vez que grande parte das pessoas em vulnerabilidade social são mulheres negras.

Tal situação pode ser analisada a partir de diferentes abordagens, como, por exemplo, pelo olhar da escritora Carolina Maria de Jesus, no livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, publicado no ano de 1960, mesmo ano em que ela veio a Pelotas para seu lançamento. Nas primeiras páginas da obra, que repercute uma situação de várias décadas atrás, mas que poderia ser pensada também para a atualidade, ela assim diz:

> 16 de julho: Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples comesse carne com farinha. [...] Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera

> Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E sempre estou em falta (Jesus, 2014, p. 12).

Trata-se do relato de uma mulher pobre, em extrema vulnerabilidade social, que, embora faça muito durante o dia todo para cuidar dos seus filhos e obter algum recurso financeiro necessário à sua subsistência, tem a impressão de não ser suficiente, de precisar sempre fazer mais.

Figura 31 – Escritora Carolina Maria de Jesus na primeira Feira do Livro de Pelotas, em 1960



Fonte: Acervo Biblioteca Pública Pelotense.

O fato é que a pobreza por si só não provoca a violência e a criminalidade, mas pode potencializar suas existências, tendo em vista a falta de oportunidades, especialmente para os mais jovens. No Atlas da Violência publicado no ano de 2025 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), coordenado por Cerqueira e Bueno (2025, p. 8), é colocado que um

número expressivo de pessoas (29% dos entrevistados para o estudo feito pela Genial/Quaest) compreende a criminalidade "como o maior problema do Brasil".

Tendo em vista esta perspectiva, portanto, é que se construiu o Centro, que, segundo o *site* institucional, estuda, a partir de uma abordagem multidisciplinar:

> [...] o desenvolvimento psicossocial de crianças e as causas, consequências e prevenção da violência. Investigamos como o cuidado acolhedor desde o início da vida protege e apoia o desenvolvimento infantil, e como a adversidade impacta as trajetórias de vida das crianças. Em especial, analisamos o impacto da violência contra a criança e o desenvolvimento de comportamentos agressivos desde a infância até a adolescência e idade adulta. Avaliamos também a eficácia de intervenções para promover o desenvolvimento psicossocial saudável e prevenir violência. O Centro utiliza teorias e métodos da epidemiologia, psicologia, criminologia, psiquiatria, biologia e sociologia para conduzir projetos de pesquisa multidisciplinares (DOVE, [2023]).

Segundo Joseph Murray, professor responsável pelo DOVE, logo que ele chegou à UFPel, em 2015, não tinha recursos financeiros específicos para os estudos que queria desenvolver. Passados alguns anos, porém, obteve uma verba significativa do Wellcome Trust, que, segundo ele, "permitiu montar novos projetos de pesquisa"[4] e, a partir desse momento, surgiu o Centro, que agregou pessoas de diversas áreas interessadas na temática. Em sua entrevista, citou alguns temas recorrentes abordados pelo grupo:

> [...] até hoje temos tido estudos principalmente sobre violências contra crianças, dentro e fora de casa, violência contra mulheres no relacionamento com parceiros íntimos e violências praticadas por jovens, principalmente na comunidade[5].

4 Entrevista on-line realizada com Joseph Murray no dia 1° de abril de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

5 Entrevista on-line realizada com Joseph Murray no dia 1° de abril de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

A partir dos dados das coortes, aborda alguns exemplos de pesquisas, como a intitulada "Determinantes da violência ao longo do curso da vida", que tem como premissa o fato de que "a violência é um dos principais problemas sociais, de justiça e de saúde pública em todo o mundo e a maior causa de morte entre os jovens na América Latina"[6]. Ainda, o grupo debate temas relacionados às práticas dos pais e ao desenvolvimento psicossocial das crianças. Para a equipe da pesquisa:

> Aproximadamente 43% das crianças em países de baixa e média renda não conseguem atingir seu potencial de desenvolvimento aos cinco anos de idade, com prejuízos para a saúde, o bem-estar e o capital humano ao longo de toda a vida. Os cuidados sensíveis na primeira infância são considerados primordiais para melhorar as perspectivas de futuro das crianças e reduzir a pobreza intergeracional (Arteche; Murray; Cooper, [2024]).

O DOVE avaliou também programas preventivos, como o Primeira Infância Melhor (PIM), implementado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e o Pacto Pelotas pela Paz, da Prefeitura Municipal de Pelotas, na gestão de Paula Mascarenhas, construído com o objetivo de diminuir os índices de criminalidade na cidade.

O último eixo, desenvolvido em parceria entre a Epidemiologia da UFPel e a Prefeitura Municipal de Pelotas, contou com duas metodologias principais: um curso em grupo de oito semanas sobre a utilização de livros com imagens para despertar a curiosidade das crianças, estimular conversas e estreitar vínculos familiares e o treinamento dos pais para compreender como seus filhos se desenvolvem, em uma perspectiva de prevenir qualquer tipo de violência (Prefeitura [...], 2018).

Quando os entrevistados, para o projeto do livro, eram questionados sobre pesquisas de impacto relacionadas ao Programa de Epidemiologia, em várias narrativas apareceu o DOVE e a necessidade de conhecer a trajetória do professor Joseph Murray, conforme comentado, por exemplo, pelo egresso Gbenankpon Mathias Houvessou.

6 Entrevista on-line realizada com Joseph Murray no dia 1° de abril de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Por fim, é preciso considerar que, embora a violência algumas vezes se relacione à falta de oportunidades, recentemente se vive no Brasil e no mundo um crescimento de episódios de violência entre jovens, em todas as classes sociais, impulsionados por múltiplos fatores, muitos deles relacionados ao uso crescente de redes sociais por crianças pequenas, que vivenciam conteúdos que não são adequados a elas, como os existentes, por exemplo, em jogos de guerra e em comunidades maliciosas em redes como *TikTok, Discord* e assim por diante.

No Brasil, especialmente pós-eleições de 2018, houve uma explosão da disseminação de ódio nas redes sociais, principalmente contra mulheres, e casos de linchamento moral e *bullying* nas plataformas digitais, que têm impactado a vida das pessoas. Também é notório o crescimento de comunidades que congregam adolescentes e propõem desafios violentos aos participantes, tais como mutilações e agressões a animais, dentre outras situações de violência e brutalidade.

CENTRO INTERNACIONAL DE EQUIDADE DA SAÚDE (ICEH)

Até muito recentemente as universidades eram espaços ocupados majoritariamente por pessoas brancas, oriundas de famílias com maiores recursos financeiros. No entanto, no Brasil, especialmente após a Lei n.º 12.711 de 29 de agosto de 2012, alunos autodeclarados pretos, pardos e indígenas puderam acessar as universidades com um percentual mais expressivo de vagas a eles destinados. Conhecida como Lei de Cotas, ela foi, aos poucos, modificando o cenário universitário, ao mesmo tempo que era aperfeiçoada com o passar do tempo, ao serem estabelecidas novas regras pelas próprias universidades, a exemplo de um edital de seleção especial para indígenas e quilombolas construído na UFPel em 2015. Em paralelo a esse movimento, observou-se também a elaboração de normativas dos próprios programas de pós-graduação, os quais criaram mecanismos para receber um público diverso daquele que comumente acessava as instituições.

Mais recentemente, a norma de 2012 foi atualizada pela Lei n.º 14.723/2023; também surgiu a normativa n.º 15.142, de 3 de junho de 2025, a qual aumentou o percentual de reserva de vagas para 30% em concursos públicos para pessoas pretas e pardas, indígenas e quilombolas.

O ingresso de um novo perfil de alunos, tanto na graduação quanto na pós, bem como de servidores públicos, proporcionou que novos debates fossem trazidos fortemente para a cena acadêmica, como as desigualdades vinculadas à questão racial. Nesse sentido, um dos trabalhos interessantes relacionados ao ICEH é a tese de doutorado de João Luiz Dornelles Bastos (2010)[7], orientada por Aluísio Barros, a qual pensou nas desigualdades raciais na saúde, a partir de situações autorrelatadas por indivíduos adultos no Brasil. Uma das análises, por exemplo, aborda como a raça do entrevistador pode alterar as respostas do entrevistado. A tendência, segundo o autor, é que ele se declare com a pele mais clara que a do entrevistador.

Dentre outras informações que a pesquisa trouxe, João usou, por exemplo, uma sobre as desigualdades raciais presentes em Pelotas, um dos municípios com maior população negra do Estado do Rio Grande do Sul.

> Na cidade de Pelotas (Rio Grande do Sul), evidenciou-se que mulheres não-brancas entre 25-59 anos de idade foram menos submetidas, nos serviços público e privado, ao exame para detecção de câncer de colo uterino em relação às brancas, apesar de apresentarem frequência semelhante de consultas com o ginecologista (Quadros *et al.*, 2004). Além disso, a ocorrência de oportunidades perdidas para a realização do exame preventivo foi significativamente maior para mulheres negras, quando comparadas às brancas (Bastos, 2010, p. 18).

Nesse sentido, o estudo mostra como as mulheres negras podem ter sua saúde impactada tendo em vista o recorte racial. Tal tema continua relevante em uma universidade ainda majoritariamente branca, visto que, embora o número de alunos negros nos cursos de Medicina tenha aumentado, especialmente nas faculdades públicas, após as normas instituídas a partir de 2012, como mostram pesquisas demográficas, o percentual continua baixo.

> Em termos absolutos, a população negra entre alunos de medicina aumentou de 34.342 em 2017 para 69.498 em 2023, acompanhando também o maior número de vagas disponíveis a cada ano e, possivelmente, a

7 João Luiz Dornelles Bastos é formado em Odontologia e, desde 2010, é professor na Universidade Federal de Santa Catarina. Além do doutorado que fez na UFPel, seu mestrado também ocorreu em Pelotas, na Epidemiologia, com a orientação da professora Denise Gigante.

> adoção de políticas afirmativas. No conjunto total de matriculados, a proporção de negros passou de 27,9% para 29,2% em sete anos (Scheffer, 2025, p. 115).

De qualquer forma, mesmo que tenham entrado em número mais significativo nas Universidades, há um percentual de diferenciação abismal entre médicos formados brancos e pretos e pardos. Segundo o Censo de 2022, no Brasil, 71% dos médicos são brancos, enquanto 3% são pretos e 24% pardos (Censo [...], 2025). O fato é que muitos entram, acessando a Universidade via sistema de cotas, por exemplo, mas não tem condições de permanecer, seja por ser um curso longo, de tempo integral, que não comporta a possibilidade de trabalho para a manutenção, seja, ainda, por ser um lugar em que velhos preconceitos seguem arraigados, guardando semelhança com traços de um racismo estrutural presente na sociedade.

Nessa perspectiva é que se coloca a importância do Centro Internacional de Equidade em Saúde da UFPel, o qual foi fundado em 2009 com a missão de "monitorar os avanços em saúde reprodutiva, materna, neonatal, infantil e do adolescente, especialmente em países de baixa e média renda" (ICEH, [2025]), mediante a criação de um banco de dados que reúne informações sobre 122 países; capacitar equipes para atuar em situações de desigualdades em saúde e formar pós-graduandos no Programa em Epidemiologia. Embora a preocupação do ICEH seja com a saúde como um todo, muitos dos trabalhos ali construídos focam em temas que se relacionam aos marcadores de classe, raça e gênero, em uma perspectiva interseccional, várias vezes não evidenciadas em estudos epidemiológicos. Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) definiu interseccionalidade como:

> [...] uma conceituação do problema que buscar capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e de outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento.

O ICEH é um lugar que aborda assuntos a partir de outros recortes, tendo em vista uma diversidade maior de autores, já que é um espaço da Epidemiologia que mais recebe alunos estrangeiros, como Nancy Armenta, mexicana, que pesquisou as desigualdades étnicas em saúde e fez parte do Centro como doutoranda visitante e pós-doutoranda (2019–2021); Giovanna Gatica-Domínguez, guatemalteca, que fez mestrado em Epidemiologia na UFPel, entre os anos de 2009 e 2010 e doutorado no México, entre 2011 e 2016, além de um pós-doutorado em Epidemiologia na UFPel, em 2019, pesquisando desigualdades em Nutrição e, atualmente, é consultora da OMS, em Genebra, Suíça; e Roberta Bouilly, médica e mestre em Epidemiologia em 2019, com trabalho sobre "Migração e repercussões na cobertura e desigualdades em intervenções de saúde materno-infantil: uma análise do Haiti e República Dominicana" e que hoje atua no Departamento de Epidemiologia Laboratorial e de Pesquisa do Haiti.

Um dos trabalhos relacionados ao Centro foi o da economista Fernanda Ewerling, atualmente analista de dados do ICEH[8], que desenvolveu uma tese sobre empoderamento feminino e o desenvolvimento infantil em países africanos, defendida no ano de 2018, a qual obteve financiamento da Fundação Bill & Melinda Gates, já que se vincula à agenda dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo Ewerling *et al.* (2020, p. 8): "Empoderar as mulheres é um objetivo em si, mas também tem um grande potencial para melhorar os resultados de saúde e econômicos tanto no nível familiar quanto no comunitário". Antes disso, Fernanda havia feito a dissertação de mestrado na Epidemiologia sobre a evolução temporal da posse dos bens que compõem o Indicador Econômico Nacional (IEN). Os dois estudos foram orientados pelo professor Aluísio Barros.

É preciso considerar a importância de tais abordagens, especialmente em um país como o Brasil, marcado pela misoginia, o que faz com que, por exemplo, haja uma baixíssima representatividade feminina na Câmara de Deputados, com apenas 17,7% das parlamentares na eleição de 2022 (Bancada [...], 2022). Além disso, mesmo após a promulgação da

8 Entrevista on-line realizada com Fernanda Ewerling no dia 23 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

Lei do Feminicídio em 2015, que tipificou o assassinato de mulheres em razão do gênero, aumentando a penalidade, os números desse crime não param de crescer.

A AVALIAÇÃO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE E O GRUPO DE PESQUISA AQUARES

A Atenção Primária à Saúde (APS) é o que fundamenta o SUS, fundado em 1988 no Brasil. Nessa perspectiva, os cursos de Medicina costumam ter uma grande preocupação em construir políticas vinculadas ao que se costuma chamar de porta de entrada do SUS.

O Departamento de Medicina Social, além de possuir e gerenciar algumas unidades básicas de saúde, conforme já dito, possui um grupo de pesquisa intitulado Acesso e Qualidade na Rede de Saúde (AQUARES), liderado pelo professor Luiz Facchini, o qual tem obtido financiamentos do Ministério da Saúde e da OPAS para desenvolver estudos com objetivo de "avaliar o acesso e a utilização de serviços de saúde, com ênfase no desempenho dos serviços e na qualidade dos cuidados de saúde, em municípios de pequeno, médio e grande porte populacional das cinco regiões geopolíticas do Brasil" (UFPel, [2012]).

Figura 32 – Trabalho de campo do AQUARES em 2009



Fonte: Acervo do grupo AQUARES – UFPel.

Vários pesquisadores fazem parte do grupo, dentre eles Elaine Thumé, professora da Enfermagem, que comenta que, quando ingressou na universidade como docente, participou de um projeto de âmbito nacional para avaliar o Programa Nacional de Expansão da Saúde da Família. "Foram 41 municípios com mais de 100 mil habitantes, aqui do RS e de SC e de cinco estados da região nordeste" (UFPel, [2012])[9]. A partir desse contato, ela desenvolveu uma aproximação maior com a Epidemiologia, o que facilitou seus projetos futuros, especialmente a feitura de sua tese doutoral relacionada à atenção domiciliar.

Nos últimos anos, vários foram os estudos relacionados à avaliação dos serviços de saúde, como o realizado para o Censo de 2024, que avaliou as UBSs de todo o Brasil, totalizando 44.938 unidades. O trabalho contou com a atuação de dois coordenadores: Luiz Facchini, da UFPel, e Lígia Giovanella, da Fiocruz, e organizou uma espécie de diagnóstico sobre as condições de infraestrutura, do trabalho das equipes e dos serviços oferecidos à população, com o objetivo de aprimorar o atendimento e a qualidade do cuidado, além de construir políticas públicas.

Por meio da pesquisa, realizada a partir de um questionário com 15 dimensões e 141 questões, foi publicado um *e-book*, intitulado *Panorama da APS no SUS: Censo Nacional das UBS 2024*, que está disponível *on-line* e aborda sete temas: a estrutura das unidades; a saúde digital e as inovações tecnológicas presentes nas UBSs; a territorialização, promoção da saúde, vigilância em saúde e controle social nas unidades brasileiras; as práticas cotidianas; a saúde bucal; a coordenação do cuidado, integração à rede e mecanismos de regulação assistencial e a atuação dos agentes comunitários de saúde (Brasil, 2025).

Segundo Bousquat *et al.* (2026, p. 11):

> O Censo das UBS representou um marco para a avaliação da APS no Brasil, significando a retomada de uma política nacional de avaliação, após um período de descontinuidade. Representa o potencial do SUS em ser um importante dispositivo para articular e (re) ativar redes de produção de conhecimento, integran-

9 Entrevista on-line realizada com Elaine Thumé no dia 12 de fevereiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

> do universidades, gestores, serviços e o controle social em uma agenda propositiva e de produção de conhecimento sobre a situação da APS no SUS. Fornece também elementos metodológicos que contribuem para a realização de futuras iniciativas de avaliação na APS brasileira e internacional.

Outros projetos interessantes se relacionam ao grupo de pesquisa, como um estudo que compara indicadores de situação de saúde entre usuários e não usuários do Bolsa Família; a realidade dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em Pelotas, estudo conduzido mediante parceria entre UFPel e UCPel, e a exposição ocupacional à nicotina/folha verde do fumo e as intoxicações causadas aos trabalhadores que se ocupam com este trabalho.

No que diz respeito aos fumicultores, em especial, há a tese de doutorado de Rodrigo Dalke Meucci, defendida na Epidemiologia no ano de 2014, sob a orientação da professora Anaclaudia Fassa, que investigou a dor lombar nesses trabalhadores, em São Lourenço do Sul/RS. Rodrigo é professor da FURG e atua na graduação em Medicina e nos Programas de Pós-Graduação em Saúde Pública e Ciências da Saúde da mesma instituição.

Outra temática abordada é o cuidado aos idosos. O número de idosos no Brasil e no mundo vem crescendo com o passar dos anos. Esse fato se relaciona a algumas questões, como os avanços na Medicina e em outras áreas da saúde; a descoberta de novos medicamentos e vacinas; a construção de novas tecnologias que proporcionam um diagnóstico mais rápido e eficaz; o melhoramento na infraestrutura das cidades e o estabelecimento de campanhas que reforçam a necessidade do autocuidado e, com isso, tem favorecido que mais pessoas procurem realizar consultas médicas e exames periódicos. Esses fatores têm permitido um avanço na expectativa de vida, fazendo com que o SUS passe a se preocupar mais fortemente com as chamadas doenças crônicas e os cuidados de longo prazo.

Elaine Thumé, professora da Enfermagem, que atua no grupo AQUARES, trabalha com o tema do envelhecimento desde o seu doutorado em Epidemiologia, conforme já abordado. Ela coordena uma coorte na cidade de Bagé, município da região sul, próximo à fronteira com o Uruguai, que conta, segundo o censo de 2022, com 117.938 residentes. Sobre a

escolha da cidade, Elaine diz que, depois de projetos mais amplos sobre a atenção primária à saúde, realizados pelo grupo de estudos, começou a se interessar por ter um olhar mais profundo para outras cidades do interior; nesse contexto, surgiu a possibilidade do trabalho em Bagé[10].

Em artigo publicado no ano de 2021 sobre as relações sociais e a sobrevivência de idosos em Bagé, foram avaliados dados sobre 1.593 pessoas, entre os anos de 2008 e 2016/17. Os autores chegaram à seguinte conclusão: "Ações articuladas entre os serviços de saúde e rede de apoio informal, incluindo a promoção de atividades recreativas e de lazer fora do domicílio em ambientes saudáveis, têm potencial protetor contra a mortalidade" (Soares *et al.*, 2021, p. 9).

Do mesmo ano é um artigo bastante interessante publicado por Kessler *et al.* (2021), que chegou à conclusão de que a política da Estratégia da Saúde da Família (ESF) reduziu as desigualdades sociais na mortalidade entre os idosos da cidade. Tal tema pode se relacionar ao conceito de vulnerabilidade social, de Castel (2005), que não pensa na temática apenas a partir da falta de renda, em uma perspectiva econômica, mas também da fragilização das relações sociais. O fato é que, nesse caso, pobres e ricos não tiveram grandes diferenças no número das mortes no período analisado (nove anos), tendo em vista uma política pública de saúde bem desenvolvida.

Outra pesquisa mais recente avaliou a incidência de depressão de idosos na mesma cidade, a partir de dados relacionados a 615 pessoas. Segundo Volz *et al.* (2023, p. 2), a depressão é, atualmente, um dos maiores problemas de saúde pública e:

> Entre os idosos, caracteriza-se como o transtorno mental mais frequente, associado a elevado grau de sofrimento psíquico, maior risco de morbidade e mortalidade, negligência no autocuidado, maior utilização de serviços de saúde, menor adesão ao tratamento medicamentoso e a regimes terapêuticos e redução da qualidade de vida.

10 Entrevista on-line realizada com Elaine Thumé no dia 12 de fevereiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

Para um envelhecimento saudável, relacionado a uma maior qualidade de vida, os autores sugerem "[...] o fortalecimento de políticas sociais e de atenção à saúde, em ambientes comunitários seguros com infraestrutura adequada para a população [...] (Volz *et al*., 2023, p. 8), além de um maior cuidado e da criação de grupos de socialização.

Por fim, cabe mencionar que uma das pesquisadoras do grupo AQUARES, Suele Manjourany Silva Duro, formada em Educação Física, que desde o ano de 2015 é professora da Faculdade de Enfermagem e fez mestrado e doutorado em Epidemiologia na UFPel, com a orientação do professor Luiz Facchini, integrou a coorte de 1982, ano de seu nascimento.

ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO ATÉ OS 6 MESES DE IDADE DO BEBÊ

Uma das análises da primeira coorte foi a nutrição infantil. A partir dos dados obtidos, a pesquisa pôde contribuir com um estudo mundial que evidenciou a importância do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade para a diminuição dos índices de mortalidade infantil, principalmente em países em desenvolvimento, o que contribuiu para a política de amamentação adotada pela OMS, a partir de 1991.

Tal tema era e continua sendo muito importante, tendo em vista que, durante anos, no Brasil e no mundo, os índices de mortalidade de crianças eram altíssimos, e, muitas vezes, o ideal de saúde dominante era pensado em imagens que representassem um bebê obeso como saudável. A partir dessa perspectiva, eram comuns fotografias de crianças com um ano de idade, ao lado de latas de leite em pó, procurando mostrar que tal alimento industrializado tinha sido fundamental para o desenvolvimento infantil.

A tese defendida por Goldenberg (1981) na USP evidenciava a prática do desmame precoce no Brasil, que era impulsionado pelo papel da propaganda do leite em pó, realizado pela indústria alimentícia. Para Rea e Toma (2000, p. 389), "a substituição da amamentação e do leite materno por produtos industrializados representou no início do século um desafio à busca de mercados". As mesmas autoras afirmam que

houve uma campanha agressiva e pouco ética para chamar a atenção de fórmulas alimentares infantis, que trouxessem o que chamaram de "mais comodidade à família":

> O conteúdo das estratégias de "marketing" sempre concentrou-se na conveniência da mamadeira e do leite em pó, enfatizando tanto o ponto de vista da mulher – para sair à noite, para que o marido participasse da alimentação do bebê, para que a mãe se sentisse mais livre – como também o do médico – para que este continuasse no comando, ou seja, que as prescrições fossem formuladas por ele, ao invés de deixar o comando da alimentação com a mãe (Rea; Toma, 2000, p. 389, grifo das autoras).

Figura 33 – Criança com latas de fórmulas alimentares em pó



Fonte: Fotografia de Mário Coelho, página Manaus de Antigamente.

No ano de 1987, foi publicado um artigo na revista *The Lancet*, assinado por vários pesquisadores do Programa em Epidemiologia e encabeçado por Cesar Victora, que teve como título "Evidence for protection by breast-feeding against infant deaths from infectious diseases in

Brazil". O estudo concluiu que: "[...] o tipo de leite na dieta do lactente foi identificado como um importante fator de risco para óbitos por diarreia e infecções respiratórias" (Victora *et al.*, 1987, p. 319). Para eles:

> Comparados aos lactentes que receberam aleitamento materno exclusivo, sem suplementação láctea, [...] aqueles que foram completamente desmamados apresentaram um risco 14,2 vezes maior de óbito por diarreia e 3,6 vezes maior de óbito por infecções respiratórias (Victora *et al.*, 1987, p. 319).

Os dados do estudo foram extraídos dos acompanhamentos realizados durante a Coorte de 1982 e ajudaram a consolidar a ideia de que a amamentação exclusiva até os seis meses de idade é uma política pública que necessita ser implementada em todas nas sociedades.

Em artigo mais recente, Victora *et al.* (2016, p. 1) afirmam que:

> Nossas metanálises indicam que a amamentação confere proteção contra infecções na infância e maloclusão, aumenta a inteligência, e provavelmente reduz a ocorrência de sobrepeso e diabetes [...]. A ampliação da amamentação a um nível quase universal poderia prevenir 823.000 mortes a cada ano em crianças menores de cinco anos e 20.000 mortes por câncer de mama. Recentes achados epidemiológicos e biológicos, da última década, ampliaram os conhecimentos sobre os benefícios da amamentação para mulheres e crianças, sejam elas ricas ou pobres.

A discussão sobre a importância do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade foi ressaltada por Victora em uma entrevista à *Radis,* assim como em outros meios de comunicação, na qual assim ele diz:

> O aleitamento é importante porque o leite materno contém uma série de substâncias essenciais, compostos como ácidos graxos saturados que formam a arquitetura do órgão cerebral. Tem outras substâncias neuroativas e células-tronco que também podem contribuir para o desenvolvimento do cérebro da criança. Vimos que o leite materno está associado a maiores níveis de inteligência, escolaridade e renda financeira na idade adulta. Esse achado é consistente com estudos feitos em outros países (Victora, 2022).

Os artigos e as entrevistas, além de serem muito citados, foram fundamentais, conforme já dito, para consolidar a ideia de que o leite materno é a melhor opção para a alimentação do bebê, pois tem todos os nutrientes necessários ao bebê e proporciona imunidade às doenças, o que favorece um desenvolvimento saudável à criança, obtido, inclusive, pelo fortalecimento do vínculo afetivo com a mãe.

Embora mais mães venham amamentando com o passar do tempo, os casos de desmame precoce ainda são bastante presentes:

> Cerca de um em cada três recém-nascidos em países de baixa e média renda recebe alimentação pré-láctea, e apenas um em cada dois recém-nascidos é colocado no seio na primeira hora de vida. A alimentação pré-láctea está fortemente associada ao início tardio da amamentação (Pérez-Escamilla *et al.,* 2023, p. 472, tradução nossa).

No ano de 2023, a revista *The Lancet* publicou uma nova série sobre aleitamento materno, na qual vários artigos continuavam denunciando o papel do mercado na definição do que julgavam mais conveniente à nutrição infantil. Na página em que a série é apresentada, assim consta:

> A sociedade, a política e a economia contribuem para que menos da metade dos bebês e crianças pequenas em todo o mundo sejam amamentados, número inferior ao recomendado pela OMS. A Série *Lancet* de 2023 sobre Amamentação explora como o valor da amamentação é desperdiçado pelos governos e pela saúde pública, e como as vulnerabilidades de mulheres e crianças são exploradas pela indústria de fórmulas infantis comerciais. Ela destaca nossa responsabilidade coletiva de proteger os mais jovens (Infographics [...], 2023).

A UFPel participou dessa série com um artigo intitulado "Breastfeeding: crucially important, but increasingly challenged in a market-driven world", no qual um dos autores é o professor Cesar Victora e outro é Aluísio Barros, além de Luísa Arroyave, orientanda de Barros, no doutorado em Epidemiologia, entre 2017 e 2021. Eles enfatizaram no texto, junto aos demais autores, que "o aleitamento materno não é responsabilidade exclusiva

das mulheres e requer abordagens coletivas da sociedade que levem em consideração as desigualdades de gênero" (Pérez-Escamilla *et al.,* 2023, p. 472, tradução nossa).

A página institucional da UFPel repercutiu essa participação e a importância do artigo, escrito em parceria com o ICEH, assim dizendo: "[...] os autores descrevem como o uso de uma abordagem de interseccionalidade na saúde materna pode esclarecer como o poder e o privilégio (e, inversamente, a opressão e a exclusão) se entrecruzam e impulsionam as desigualdades" (Webinário [...], 2023).

O estudo sobre a importância do aleitamento materno exclusivo em recém-nascidos até os seis meses de idade é um dos trabalhos mais relevantes feitos na história do Programa de Epidemiologia, especialmente pelo impacto que trouxe para a vida das pessoas.

OS 1000 DIAS E AS CURVAS DE CRESCIMENTO INFANTIL

Os mil primeiros dias de uma criança – correspondentes às quarenta semanas da gestação (270 dias) e mais 730 dias dos dois primeiros anos de vida do bebê – são fundamentais para o seu desenvolvimento. Segundo entrevista com Cesar Victora (2011), publicada na *Revista Pesquisa FAPESP*:

> Nos dois primeiros anos a criança ainda tem oportunidade de crescer acima da média e se tornar um adulto saudável se, além da amamentação adequada, receber imunização e boa assistência à saúde", diz o epidemiologista. Nessa fase crucial do desenvolvimento, que Victora chama de "mil dias de oportunidade", os órgãos ainda se encontram em formação: os ossos estão se alongando, os músculos se fortalecendo e o cérebro ganhando volume (atinge 70% do tamanho final no segundo ano) [...].

Em editorial escrito por Suri, Verlato e Ray (2015, p. 1, tradução nossa) intitulado "The first 1000 days: window of opportunity for child health and development", assim é dito sobre a importância desse período:

> Os primeiros 1.000 dias de vida de uma criança, desde a concepção até o segundo aniversário, representam um período crucial que molda sua saúde futura, habilidades cognitivas e bem-estar geral. Essa janela crítica é um momento de crescimento e desenvolvimento extraordinários, particularmente para o cérebro, que passa por uma rápida formação de conexões neurais que lançam as bases para a aprendizagem e a saúde ao longo da vida. Durante essa fase, o corpo da criança cresce em um ritmo notável e seu sistema imunológico começa a amadurecer, tornando indispensáveis a nutrição adequada, os cuidados de saúde e o apoio socioemocional. Pesquisas destacam que intervenções durante esse período podem ter efeitos profundos e duradouros, enquanto a negligência ou condições adversas podem levar a consequências irreversíveis, como atraso no crescimento, déficits cognitivos e imunidade comprometida.

Nesse sentido, os chamados "1000 dias" tem impacto direto sobre as curvas de crescimento de uma criança. A partir da colaboração com estudos realizados no Programa de Epidemiologia da UFPel, foi possível construir novas curvas, utilizadas atualmente na maioria dos países. O problema das curvas anteriores é que elas se baseavam em crianças que eram alimentadas artificialmente e não a partir do leite materno, como preconizado pelos novos estudos realizados em Pelotas, assim como em vários outros lugares do mundo.

Segundo Victora, Araújo e Onis (2011, p. 14), houve a criação de um grupo de trabalho pela OMS, e Pelotas foi a cidade escolhida para representar a América do Sul no que foi chamado de uma pesquisa internacional multicêntrica. A ideia era construir uma referência de como as crianças deveriam crescer. Os autores dizem que:

> A implementação do estudo iniciou com a seleção e treinamento das entrevistadoras em março de 1997, sendo a primeira criança incluída no estudo em 1º de julho. Por ter sido a primeira equipe a dar início a coleta dos dados, o estudo de Pelotas constituiu o estudo piloto para o projeto internacional. O segundo grupo a implementar o estudo foi o norte-americano, coordenado pela Universidade da Califórnia

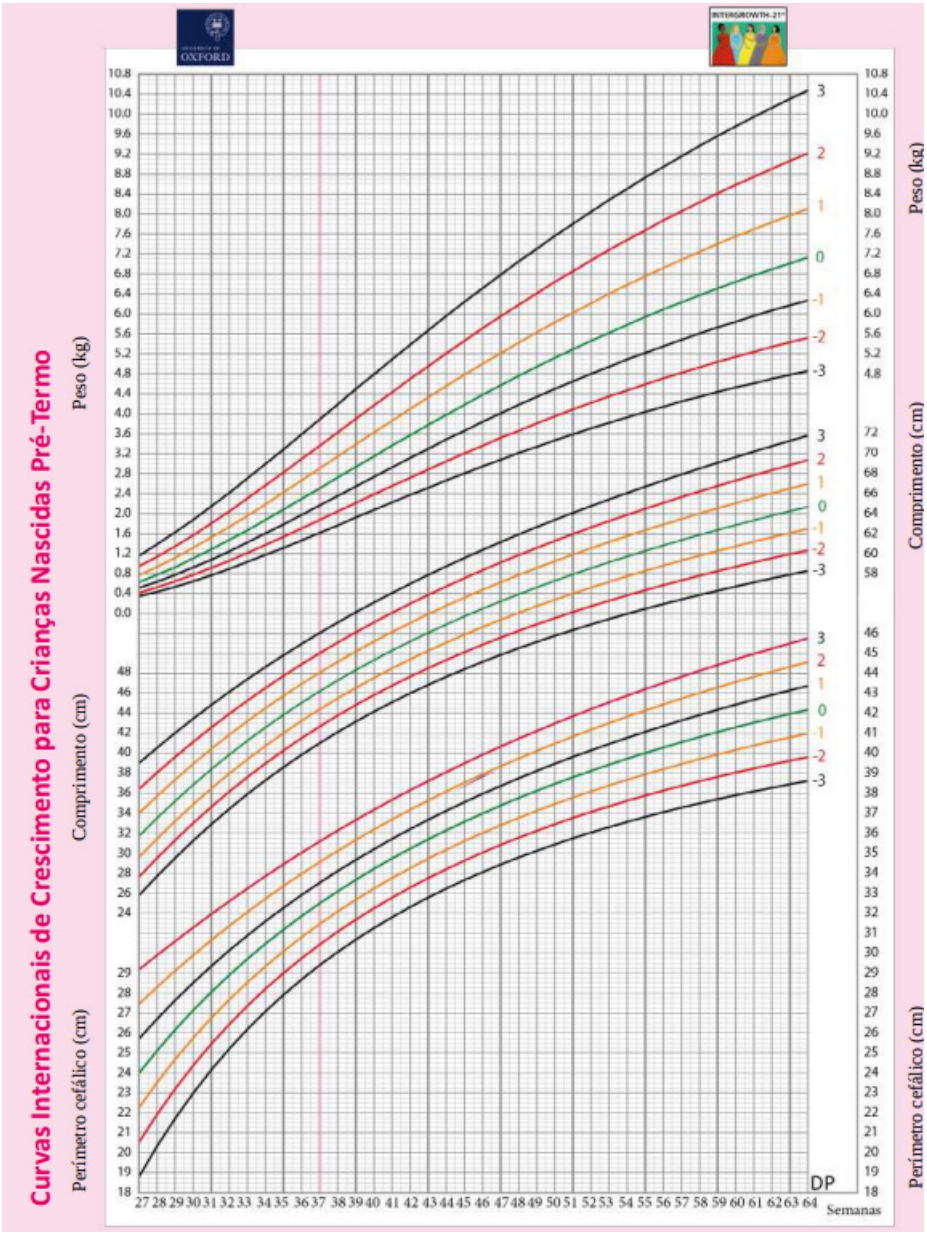
> (Davis) que iniciou sua coleta de dados em 1º de janeiro de 1998 (Victora; Araújo; Onis, 2011, p. 15).

São vários os pesquisadores que saúdam a pesquisa como uma das mais especiais do grupo, como o próprio Cesar, que ressalta o trabalho feito no Programa em Epidemiologia, ao assim dizer:

> Quando comecei a trabalhar na OMS como consultor percebeu-se que as curvas de crescimento da criança – aqueles gráficos usados nos postos de saúde – eram baseadas em crianças não amamentadas, o que não refletia a realidade. Nós, junto com outros países, iniciamos a pesquisa aqui em Pelotas e que depois foi feita igualmente nos Estados Unidos, Noruega, em Gana, na Índia e nos Emirados Árabes, com o propósito de elaborar uma nova curva, que hoje é adotada em 150 países. Isso é muito importante, pois a curva usada de referência no mundo foi criada aqui em Pelotas, juntamente com outros cinco países (Victora, 2024).

O estudo, portanto, realizado em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, permitiu pensar sobre como as crianças deveriam crescer, no plano ideal, não apenas em algum país em específico, mas no mundo todo. Sobre as curvas (Figura 34), Cesar Victora (2022), em uma das entrevistas que concedeu à Fiocruz, assim disse: "Gosto de falar que tenho dois netos. Fernando, nasceu em Boston [nos Estados Unidos], e Arthur em Porto Alegre. É recompensador saber que ambos foram medidos, pesados e 'plotados' [com dados anotados] na curva que o avô deles ajudou a desenvolver"

Figura 34 – Caderneta da criança, menina



Fonte: Ministério da Saúde.

EPICOVID

A covid-19 é uma síndrome respiratória aguda bastante grave, especialmente no momento que apareceu no mundo e no Brasil. Seu início data de fins de 2019, quando a cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, começou a perceber a existência de vários casos de pneumonia entre os seus moradores.

Quando a OMS declarou oficialmente a existência de uma pandemia, no dia 11 de março de 2020, no Brasil já havia vários enfermos em diferentes estados. Segundo o Ministério da Saúde, a primeira morte no país se deu em São Paulo, no 12 de março de 2020, e a vítima era uma mulher de 57 anos de idade, que tinha o nome de Rosana Aparecido Urbano (Vieira; Marques, 2020).

Para Rosenberg (1992), um historiador social da Medicina, as grandes epidemias humanas se desenvolvem em quatro atos: o primeiro é aquele em que a doença vai se revelando aos poucos e causa medo tanto com relação à contaminação quanto a uma perda de regularidade no cotidiano das pessoas; o segundo se inicia quando há o reconhecimento oficial da enfermidade e ocorrem as primeiras medidas para gerenciar a crise que se instala; o terceiro se constrói a partir de definições do que deveria ser feito, havendo o debate sobre a adesão ou não a certas medidas que se mostram necessárias, segundo as autoridades sanitárias e, por fim, o quarto momento traz uma análise do que a experiência proporcionou.

No Brasil, todas essas etapas foram bastante conturbadas, tendo em vista a conjuntura política na qual se estava inserido. Em 1° de janeiro de 2019, havia tomado posse, como presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, um capitão reformado do Exército que, durante a pandemia de covid-19, teve uma postura de negar os impactos que a doença poderia trazer às pessoas, fazendo com que os números tanto de contaminações quanto de mortes fossem muito elevados, especialmente para um país que possui uma estrutura bem-organizada, a partir do SUS, criado em 1988, quando a saúde foi definida como direito universal e dever do Estado.

A postura negacionista do governo federal, à época, fez, por exemplo, com que houvesse uma baixa testagem; que o isolamento social tenha

sido preconizado tardiamente; que não tenham sido compradas vacinas logo que as ofertas começaram a aparecer; com que houvesse o desestímulo no uso de máscaras e a promoção de tratamentos sem eficácia comprovada, além da não construção de uma política coordenada, no campo da saúde, para o enfrentamento de uma doença que trouxe milhões de mortes no mundo todo. Além disso, as próprias atitudes do mandatário da nação de promover aglomerações, minimizando a seriedade e os riscos da doença; divulgar "terapias" alternativas e sem comprovação científica e atuar contra políticas integradas de combate à pandemia fizeram com que o Brasil figurasse como um dos países com mais mortes por covid-19 do mundo, proporcionalmente ao tamanho da sua população.

Foi nesse contexto que o curso de Epidemiologia da UFPel construiu um projeto de pesquisa com o objetivo de mapear a extensão da infecção no país, a existência de sequelas no modelo conhecido como "covid longa" e o impacto que a enfermidade provocou na população. O estudo iniciou com financiamento do governo do estado do Rio Grande do Sul e, posteriormente, obteve recursos da Secretaria de Atenção Primária à Saúde, do Ministério da Saúde, o que permitiu que fossem coletados dados em 133 municípios de diferentes estados do país.

A metodologia utilizada para o que ficou conhecido como EPICOVID 1.0 se realizou mediante entrevistas domiciliares, por meio das quais se quis compreender os sintomas que apareceram durante a doença, os tratamentos que foram seguidos e as sequelas existentes. Nesse momento inicial, havia a busca pela prevalência de anticorpos e infecções justamente para compreender como a doença se desenvolvia.

A professora Mariângela Freitas da Silveira participou do estudo e disse que foi bem difícil a sua execução, pois, quando houve a mudança do governo federal, este não construiu uma comunicação efetiva com as secretarias de saúde dos Estados, o que precisou ser feito pela equipe do projeto, dificultando ainda mais o acesso às pessoas em tempos pandêmicos, em que o medo se tornou ainda mais presente. A partir dessa perspectiva e do que defendia o Presidente da República, com o tempo, o projeto foi perdendo espaço na agenda do governo federal, o que impactou a coleta dos dados (UFPel, c2024).

Em 2023, já com um novo governo federal instalado, iniciou-se outra etapa do estudo, agora denominada EPICOVID 2.0, a partir da qual foi investigado o impacto que a pandemia de covid-19 produziu no país, nos mesmos 133 municípios estudados anteriormente (Figura 35), a partir de quatro pontos principais: vacinação, repercussões na vida das famílias, histórico de infecção pelo coronavírus e sintomas de longa duração. Segundo Pedro Curi Hallal, coordenador-geral da segunda etapa:

> A retomada do EPICOVID 2.0 é necessária para o Brasil finalmente ter dados confiáveis sobre os impactos da pandemia de covid-19. O estudo original era a principal fonte de informação para a população sobre a disseminação da covid-19 no país, até ser censurado e boicotado pelo Ministério da Saúde (Maior [...], 2023)

Figura 35 – Localização das 133 cidades incluídas no estudo EPICOVID 2.0



Fonte: UFPel (c2024).

SAÚDE DO TRABALHADOR E DA TRABALHADORA

Partindo do amplo tema da saúde do trabalhador e da trabalhadora, vários estudos foram e estão sendo realizados no Programa, muitos deles vinculados a dois professores em especial: Anaclaudia Gastal Fassa e Luiz Augusto Facchini, ambos aposentados da UFPel.

O trabalho infantil foi abordado por perspectivas diversas, desde o perfil ocupacional das crianças e a sua contribuição para a economia, na cidade de Pelotas (Facchini *et al*., 2003), como, por exemplo, a associação do trabalho infantil com transtornos de comportamento do tipo introversão e extroversão (Dall'Agnol *et al*., 2015). É preciso ressaltar que a professora Anaclaudia Fassa participou, inclusive, da elaboração e publicação de um livro, em 2005, patrocinado pelo Ministério da Saúde, que teve como título *Trabalho Infantil: Diretrizes para a Atenção Integral à Saúde de Crianças e Adolescentes Economicamente Ativos*, com a pretensão de "orientar as ações do SUS na atenção integral à saúde de crianças e adolescentes em situação de trabalho" (Brasil, 2005, p. 13).

No Brasil, conforme art. 7º, inciso XXXIII, da Constituição Federal, é permitido o trabalho a partir dos 16 anos, com a exceção do jovem aprendiz, que pode ter entre 14 e 16 anos. Já entre 16 e 17 anos há uma permissão parcial, sendo vetadas atividades noturnas, insalubres, perigosas e penosas. O mundo do trabalho, dessa forma, deveria se destinar apenas àqueles que já têm 18 anos.

O fato, no entanto, é que é comum encontrar crianças em atividade, em diferentes períodos históricos, especialmente em países mais pobres. Tal tema foi, por exemplo, alvo de análise em um artigo recente, escrito a partir do acervo da Justiça do Trabalho de Pelotas (Figura 36), presente no NDH, no qual os dados sobre uma pequena trabalhadora foram claramente alterados para que ela parecesse mais velha, ou seja, com 14 anos, na década de 1950 (Gill; Cunha; Gotuzzo, 2026).

Figura 36 – Ficha de qualificação de Sueli



Justiça do Estado do Rio Grande do Sul
JUIZO DE MENORES

Juizo de Menores da 2ª Vara

N.º 13/52

LICENÇA PARA TRABALHO

Ao menor SUELY

nascido em 16/12/1938, filho de João

e de Julio

CONCEDO com apoio no art. 13 do decreto-lei 6026, de 24-11-943, em face das provas de idade, revacinação, alfabetisação e bôa saúde, pelo praso de um ano e em substituição da Carteira Profissional do Ministério do Trabalho, a presente LICENÇA, para exercer sua atividade como empregada em serviço compatível com a sua idade na firma LAMEIRA BRASILEIRA

Pelotas, 1 de Abril de 1952

JUIZ DE MENORES

A.R.

Fonte: Acervo da Justiça do Trabalho (NDH/UFPel).

Outra temática importante diz respeito à saúde mental, com a construção de estudos que avaliaram trajetórias de trabalhadores e trabalhadoras que atuam em diferentes realidades, tanto urbanas como rurais, como os que trabalham na indústria da alimentação, bastante presente na cidade de Pelotas, na indústria de celulose e papel e em trabalhos mais vulneráveis, como a catação de lixo reciclável, por exemplo.

Dentro desse espectro, recentemente o grupo tem pensado sobre a epidemia de covid-19 a partir da prevalência de trabalhadores com anticorpos e a saúde mental daqueles que atuaram no combate da doença. Especialmente após a pandemia, o debate sobre a saúde mental tornou-se mais frequente dentre os trabalhadores da saúde, que tiveram que lidar com sentimentos como o medo com a sua segurança e, especialmente, com a segurança de seus familiares, que poderiam ser contaminados em decorrência de suas atividades laborais. Tal situação foi ainda mais influenciada pela descontinuidade nos tratamentos, tendo em vista a existência de um governo federal que negava os achados científicos e que

demorou bastante tempo para comprar vacinas e medicamentos eficazes para estancar níveis de mortalidade da população, conforme já abordado.

Outra análise se refere às condições de trabalho daqueles que atuam no campo da saúde e sua relação com a dor lombar, que tem sido uma queixa de mais da metade desse grupo laboral, segundo dados do estudo. O tema é objeto de um dos artigos mais citados da professora Anaclaudia Fassa, junto com Rodrigo Meucci e Neice Faria (2015), com o título "Prevalência de dor lombar crônica: revisão sistemática".

Há também abordagens sobre os sintomas de asma naqueles que trabalham com a fumicultura no sul do Brasil. É preciso ter em conta que o município do país que mais produz tabaco é Canguçu, que fica a uma distância de cerca de 56 quilômetros de Pelotas e mobiliza mais de 5 mil famílias para o seu plantio, segundo dados da Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA) (Radtke, 2025).

Uma das pesquisas comentadas por vários entrevistados foi a realizada por Giancarlo Bacchieri, atualmente professor do IF-Sul, no Programa de Epidemiologia. Tanto no mestrado, realizado entre os anos de 2003–2004, quando no doutorado (2007–2010), seu tema foi a ciclovia e o uso das bicicletas por trabalhadores da cidade de Pelotas. No mestrado, que teve como orientadora a professora Denise Gigante, foi feito um estudo transversal de base populacional, que analisou os determinantes e os padrões de utilização da bicicleta como meio de transporte para o trabalho, por meio do qual se concluiu que eram urgentes intervenções preventivas relacionadas aos acidentes de trânsito (Bacchieri; Gigante; Assunção, 2005).

Já o doutorado, orientado por Aluísio Barros, teve como título *Intervenção comunitária para prevenção de acidentes de trânsito entre trabalhadores ciclistas - Projeto Ciclovida*. A pesquisa estudou mais de mil trabalhadores usuários de bicicletas, com o objetivo de produzir intervenções educativas com a finalidade de diminuir os acidentes de trânsito. Segundo os pesquisadores, "esse estudo é único no mundo e reforça resultados de outros estudos similares que concluíram que programas educacionais isolados, visando modificar o comportamento do indivíduo, não são efetivos na redução de acidentes de trânsito" (Bacchieri, 2010, p. 141).

Janaína Vieira Motta, que participou do projeto das ciclovias, em sua entrevista refletiu sobre a pesquisa e o papel educativo que teve, ao assim dizer:

> No Mestrado do Gian ele viu que Pelotas têm muitos ciclistas por ser plana, mas tem muito acidente ou quase acidente [...]. A ideia era saber se eles usam alguma coisa refletida, se eles tinham freio adequado e depois dali se tinha oficinas a cada 15 dias, domingo de manhã. A gente juntava uns 30, 40, acho que era mais, uns 100 ciclistas todos do mesmo bairro, em um local, e tinha uma palestra, passava um vídeo e dizia para eles que tinham que ser visíveis, o que tinham que fazer[11].

Ela comentou que foi feita uma cartilha (Figura 37), em parceria com o cartunista e, atualmente, professor da UFPel, André Macedo, que criou um personagem ciclista, o Edilberto, para facilitar a comunicação com o público.

Figura 37 – Cartilha "Ciclolivro"



Fonte: Tese de Giancarlo Bacchieri (2010, p. 197).

11 Entrevista on-line realizada com Janaína Vieira dos Santos Motta, no dia 29 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE

No livro intitulado *Duas décadas de pesquisa em epidemiologia da atividade física em Pelotas-RS*, organizado por Pedro Rodrigues Curi Hallal, Alan Goularte Knuth, Gregore Iven Mielke e Inácio Crochemore-Silva (2023), há uma explicitação do que tem sido feito sobre a temática da atividade física na UFPel, tanto no curso de pós-graduação em Epidemiologia quanto na Educação Física.

O texto se divide em seis eixos: trajetória de produção e formação, que evidencia, sobretudo, como se deu a aproximação da Educação Física com a Epidemiologia na UFPel, fazendo com que hoje um número considerável de egressos e alunos atuais sejam do curso de graduação em Educação Física; os níveis de atividade física, relacionados às tendências temporais, bem como os métodos e instrumentos para a mensuração das atividades físicas; as determinantes da atividade física desde a gestação até os idosos; as consequências da realização das atividades físicas na vida de uma pessoa; as intervenções necessárias para promover a atividade física e as políticas públicas necessárias para efetivá-las (Hallal *et al.*, 2023).

No livro é explicitado o momento em que essa aproximação realmente se efetivou, especialmente no contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o qual proporcionou que novos professores se agregassem aos cursos existentes, além da criação de vários outros.

> Ao aderir ao Programa Reuni, a UFPel apresentou uma proposta de aumento de 100% no número vagas de ingresso no ensino de graduação, de regime presencial, em relação às vagas ofertadas em 2007, o que faria passar de 8 mil alunos para cerca de 15 mil no ano de 2011. Foram criados novos Cursos de Graduação, dentre Tecnólogos, Licenciaturas e Bacharelados, chegando ao total de 96 cursos (Silva; Bandeira; Pereira, 2024, p. 9).

Houve, portanto, um significativo aumento na atuação acadêmica, além da expansão patrimonial. Nesse contexto, novos professores ingressaram na ESEF e a formação, especialmente, de cinco deles – Pedro Ro-

drigues Curi Hallal, Marcelo Cozzensa da Silva[12], Mario Renato Azevedo Junior[13], Felipe Fossati Reichert[14] e Marlos Rodrigues Domingues[15] – na área da Epidemiologia mudou o campo de pesquisa do curso de Educação Física, a partir de criação de grupos de investigação e projetos que passaram a dialogar fortemente com a área.

A mudança, portanto, deu-se tanto no contexto da graduação da Educação Física, com novos estudos sendo promovidos naquele espaço acadêmico, como na pós-graduação da própria Epidemiologia, já que um professor, Pedro Rodrigues Curi Hallal, continuou atuando como docente permanente, além de ter impactado a própria pós-graduação da Educação Física, conforme já dito.

Outro docente que veio a se somar aos cinco anteriormente citados foi Inácio Crochemore da Silva, que fez o doutorado com a orientação do Pedro Hallal, conforme já abordado, e hoje segue sendo professor permanente do PPGEpi.

No ano de 2012, foi publicada uma série de seis trabalhos sobre atividade física na revista *The Lancet*, a qual contou com um artigo que teve como primeiro autor Pedro Curi Hallal. Intitulado "Physical activity: more of the same is not enough", o artigo debateu o sedentarismo ou a inatividade e sua relação com a ocorrência de doenças, além da falta de práticas de atividade física entre jovens, o que tornava o fato ainda mais preocupante (Hallal *et al.*, 2012).

12 Marcelo Silva ingressou em 2007 na UFPel e fez mestrado em Epidemiologia sobre lombalgia em adultos de Pelotas e doutorado também em Epidemiologia na UFPel, com o tema relacionado ao trabalho e à saúde dos catadores de materiais recicláveis em uma cidade do sul do Brasil. Os dois trabalhos foram orientados pela professora Anaclaudia Gastal Fassa.

13 Mario Azevedo Junior ingressou em 2010 na UFPel e fez mestrado em Epidemiologia, com temática sobre a influência da atividade física na adolescência sobre o nível de atividade física na fase adulta, com a orientação da professora Cora Araújo, e doutorado em Epidemiologia, com o título Nível de atividade física no início da vida adulta e fatores associados: um estudo longitudinal, sob orientação de Bernardo Horta.

14 Felipe Reichert ingressou em 2009 na UFPel e é mestre e doutor em Epidemiologia na própria instituição. No primeiro curso, sua pesquisa foi sobre barreiras à prática de atividades físicas, sob orientação de Aluísio Barros, já no segundo o tema foi atividade física e composição corporal em adolescentes da Coorte de Nascimentos de 1993 em Pelotas, com a orientação de Ana Menezes.

15 Marlos Domingues ingressou em 2009 na UFPel, sendo mestre e doutor em Epidemiologia na instituição. No mestrado desenvolveu estudo sobre a percepção e o conhecimento da população sobre exercícios físicos, com a orientação da professora Cora Araújo, e no doutorado o tema versou sobre a atividade física nas gestantes, a partir de dados da Coorte de 2004, com a orientação de Aluísio Barros.

Em uma entrevista realizada pelo jornal *O Globo* no ano de 2016, Pedro defendeu mudanças no ensino da Educação Física no Brasil, ao assim refletir sobre a ligação entre a atividade física e o aumento do rendimento escolar:

> Numerosos estudos já mostraram isso. Há evidências em exames de ressonância magnética, testes de QI e desempenho escolar. A atividade física estimula a atividade neuronal, melhora o desempenho dos alunos em disciplinas como matemática. De fato, em todas as disciplinas. O estudante fisicamente ativo aprende melhor (Hallal, 2016).

ACOMPANHAMENTO DE IDOSOS EM PELOTAS

Segundo o Censo de 2022, Pelotas possui 70,2 mil idosos, o que corresponde a 20,9% da população total (Barcelos, 2025). Tais números revelam uma situação que não se relaciona apenas à cidade, mas ao país e ao mundo como um todo, já que tem havido um maior envelhecimento da população com o passar do tempo.

No estado do Rio Grande do Sul, em especial, os números são ainda maiores do que o do restante do país, por se tratar atualmente do estado com o maior contingente de idosos do Brasil (Alves, 2026), o que equivale a dizer que há 115 idosos para 100 crianças. A projeção de expectativa de vida para mulheres no Rio Grande do Sul, no ano de 2026, é de 80,6, e a dos homens 74,4 anos. No Brasil como um todo, para o mesmo período, a média de vida de mulheres é 80,3 e de homens 73,8 anos (IBGE, [2026]).

Nesse sentido, o tema sobre o envelhecimento tem sido abordado em diferentes estudos, que analisam como a sociedade deve se organizar para proporcionar bem-estar a uma população a cada dia mais envelhecida.

A própria UFPel possui, desde o ano de 2016, um projeto de extensão permanente que tem como público-alvo os idosos, o qual recebeu, em um primeiro momento, o nome de Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) e, a partir do ano seguinte, foi denominado Universidade Aberta às Pessoas Idosas (UNAPI) e passou a se constituir como um programa estratégico da instituição:

> A UFPel [...] ao abrir suas portas à comunidade idosa possibilita-lhes novas formas de inserção no mundo, na vida, na formação de novos valores ou manutenção destes, contribuindo na tomada de decisões e permitindo ao idoso manter-se ativo e independente (Projeto Pedagógico UNATI/UFPel, 2016) (Cavalli *et al.,* 2020, p. 120).

Há também um trabalho efetivado no campo da extensão e pesquisa pela Faculdade de Educação Física desde 1993, o Núcleo de Atividades para a Terceira Idade (NATI), o qual oferece atividades físicas para cerca de 500 idosos anualmente.

O tema dos idosos foi trazido também pelo professor Flávio Demarco em sua entrevista, ao comentar sobre o projeto intitulado "Como Vai?", iniciado no ano de 2014, que, em sistema de consórcio, tem acompanhado idosos não institucionalizados acima de 60 anos da cidade de Pelotas, no que foi chamado de Coortes de Idosos. A professora Bruna Gonçalves Cordeiro da Silva também comentou sobre o projeto, chamando-o de "Coorte de Idosos Como Vai?", vinculado à Epidemiologia e à Nutrição. Conforme o *site* do projeto:

> Entre janeiro e agosto daquele ano [2014] deu-se a primeira fase do estudo, na qual foram aplicados questionário, testes físicos e aferição de medidas antropométricas. Em 2016-7, foi realizada nova fase de entrevistas telefônicas/domiciliares. A terceira fase do estudo aconteceu de setembro de 2019 a março de 2020, inteiramente domiciliar, na qual foram realizadas as entrevistas, tomada de medidas antropométricas e exames físicos, assim como em 2014. A quarta fase do estudo ocorreu entre outubro de 2021 e abril de 2022, via inquérito telefônico, com o objetivo de investigar questões relacionadas à saúde, doença, incapacidade, mortalidade e especialmente à pandemia de Covid-19, a exemplo da situação dos idosos durante o período, incluindo itens que tratavam do distanciamento social, atendimentos médicos e odontológicos, uso de máscara, vacinação, entre outros (UFPel, [2021]).

Nos últimos anos, a equipe do projeto, que é multidisciplinar, tem realizado entrevistas domiciliares com os idosos, além de testes físicos e coleta de medidas antropométricas. Recentemente, em setembro de 2024, o grupo recebeu um importante aporte financeiro do Ministério da Saúde e do CNPq, para estudar o impacto da genética no desfecho de doenças crônicas em idosos.

Nos questionários das entrevistas são abordadas condições socioeconômicas; comportamentos, como tabagismo, consumo de álcool, atividade física, sedentarismo, consumo e frequência alimentar, uso de medicamentos, vacinação e usos de serviços de saúde; condições gerais de saúde; medidas antropométricas e testes físicos, além de serem feitas outras avaliações, como coleta de material genético (saliva), pergunta sobre o impacto das enchentes no Rio Grande do Sul, no período em que aconteceu, desigualdades raciais e mortalidade.

Sobre a temática dos idosos, portanto, há o primeiro estudo realizado na cidade de Bagé/RS, com coordenação da professora da Enfermagem Elaine Thumé; o projeto abordado pelo professor Flávio Demarco, sobre a cidade de Pelotas, além de um estudo de coorte rural, realizado na cidade de Rio Grande, a partir do trabalho de Rodrigo Dalke Meucci, docente daquela instituição.

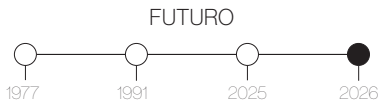
Ao mesmo tempo que a sociedade envelhece, mais se percebe o aumento de atos discriminatórios com relação aos idosos, a partir daquilo que tem sido denominado etarismo, ou seja, um estigma que se manifesta em reduzir oportunidades sociais e/ou profissionais a pessoas pela idade que elas possuem. Para diminuir os preconceitos, é papel das universidades tanto desenvolver estudos sobre a saúde das pessoas idosas como proporcionar espaços de debate, convívio, cuidado e socialização, bem como de inclusão, seja em cursos periódicos existentes, como os da UNAPI e do NATI, seja em cursos de graduação e pós-graduação.

Ao finalizar o terceiro capítulo, cabe destacar que a seleção realizada sobre os projetos enunciados diz respeito tão-somente a aqueles que foram os mais abordados pelos narradores e narradoras. Certamente outros estudos poderiam fazer parte da lista, pela sua importância e reconhecimento, mas foi necessário realizar uma escolha que representasse um pouco da trajetória da Epidemiologia.

CAPÍTULO

04

CARTAS AO FUTURO OU **“O PRESENTE DO FUTURO É A ESPERANÇA”**





Joël Candau (2005, p. 51), em um livro sobre a memória, compartilha a importância da lembrança, assim dizendo: "O ato memorial tem uma dimensão teleológica. Lembrar-nos consiste, podíamos dizê-lo, em configurar presentemente um acontecimento passado no quadro de uma estratégia para o futuro, quer esse futuro seja imediato ou mais longínquo".

A escrita das cartas ao futuro foi pensada dessa maneira, ou seja, como a construção de caminhos para o que está por vir. Segundo o mesmo autor:

> O papel da memória do trabalho é precisamente o de preparar a ação futura, não estando apenas ativa para o passado, mas sendo capaz de tirar daí as lições, de procurar apoio num repertório de ações para decidir uma estratégia apropriada (Candau, 2005, p. 37).

Tendo isso em mente, pareceu-nos importante se ter essa parte no livro, especialmente em um momento que vários professores e professoras que construíram o curso em seu início estão aposentados ou em vias de se afastar.

Como visto ao longo destas páginas, o PPGEpi mudou bastante. Em seu período inicial, era composto, em sua maioria, por médicos e algumas professoras da Nutrição; com o tempo, porém, o espectro de formação dos docentes se ampliou. Atualmente, fazem parte do grupo de professores permanentes os médicos: Aluísio Jardim Dornellas de Barros, Ana Maria Baptista Menezes, Anaclaudia Gastal Fassa, Bernardo Lessa Horta, Iná da Silva dos Santos e Mariângela Freitas da Silveira; a farmacêutica Andréa Homsi Dâmaso; os educadores físicos Bruna Gonçalves Cordeiro da Silva e Inácio Crochemore Mohnsam da Silva; a assistente social Elaine Tomasi; o fisioterapeuta Fernando César Wehrmeister; o biotecnólogo Fernando Pires Hartwig; o dentista Flávio Fernando Demarco; a antropóloga Helen Denise Gonçalves da Silva; a nutricionista Janaína Vieira dos Santos Motta; a bióloga Luciana Tovo Rodrigues e o filósofo Joseph Murray. Já como colaboradores atuam os médicos Alicia Matijasevich Manitto e Juvenal Soares Dias da Costa, além da farmacêutica e bioquímica Isabel Oliveira de Oliveira.

A própria formação dos alunos também mudou, fruto do ingresso de novos docentes e do desenvolvimento de pesquisas em outras áreas do conhecimento, marcando a interdisciplinariedade do PPGEpi. Desse modo, enquanto a primeira turma, de 1991, era formada por quatro médicos e três pessoas com outras formações (Enfermagem, Nutrição e Serviço Social), a turma de mestrado de 2025, composta por 12 discentes, possui apenas quatro médicos; já na turma do doutorado, que tem 18 alunos, nenhum deles é oriundo da Medicina, sendo de áreas como Nutrição, Biologia, Fisioterapia, Psicologia, Enfermagem, Radiologia, Odontologia, Educação Física e Biomedicina.

Na perspectiva de abordar essa diversidade, foram convidados nove docentes que passaram pelo Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia para escrever pequenos textos em que refletissem sobre suas trajetórias profissionais e dessem conselhos aos jovens que demonstram interesse pela área. A ideia, longe de prescrever dicas sobre currículos competitivos, tão comuns nos ambientes universitários, era a de contar as histórias dos seus autores e apresentar sugestões aos novos pesquisadores sobre formas de se abrirem ao conhecimento, por meio da leitura de livros, da realização de cursos e de viagens, da assistência de filmes e do contato com a arte. De todo modo, é preciso dizer que o texto é uma construção única e singular do convidado, que teve a prerrogativa de escrevê-lo e fazer escolhas sobre as temáticas que trataria, da forma que julgasse conveniente.

Para a seleção dos autores, foram consideradas tanto a importância das pesquisas desenvolvidas por eles quanto a necessidade de apresentar narrativas de homens e mulheres, para que houvesse representatividade de gênero, muitas vezes deixada de lado em nossa sociedade. É preciso considerar que o Programa de Epidemiologia, nascido em uma faculdade de Medicina no interior do Rio Grande do Sul, deve representar as mudanças que o mundo tem implementado com o passar do tempo. Mesmo que a passos lentos, as mulheres têm conseguido algumas vitórias importantes na área do ensino, que podem ser demonstradas por números. Em 1968, por exemplo, conforme já dito, dentre os formandos de Medicina em Pelotas, havia apenas quatro mulheres. Já no ano de 2025, pela primeira vez, as mulheres serão a maioria dos médicos no país: 50.9%, conforme a pesquisa Demografia Médica 2025 (Scheffer, 2025).

Ainda, buscou-se por pesquisadores e pesquisadoras que representassem diferentes momentos do PPGEpi, ou seja, a perspectiva era que tanto os docentes mais antigos, que puderam vislumbrar sua história desde o início, quanto os que chegaram nos últimos anos, com a tarefa de dar continuidade ao trabalho, pudessem refletir sobre o curso. É preciso dizer, no entanto, que alguns poucos convidados não aceitaram escrever as cartas ou até mesmo dar entrevistas para a composição do livro.

Todos os que escreveram as cartas[1] foram ou são professores do Programa de Epidemiologia, alguns ativos, outros aposentados e outros voluntários: Cesar Victora foi professor da UFPel desde o ano de 1977, tendo se aposentado em 2009; Aluísio Barros dá aulas na UFPel desde 1997; Pedro Rodrigues Curi Hallal foi professor da UFPel (2005–2024) e reitor da instituição entre 2017 e 2020; Iná da Silva dos Santos é formada na Leiga em 1977 – antes, portanto, de ser federalizada – e professora da instituição já no ano seguinte, tendo se aposentado em 2018; Denise Gigante passou a docente no ano de 1988, sendo vice-reitora da instituição (2014–2016) e aposentada em 2020; Helen Gonçalves é professora da UFPel desde o ano de 2006; Luciana Tovo Rodrigues é professora da UFPel a partir de 2014; Elaine Tomasi é professora da UFPel desde o ano de 2011, e Fernando Barros foi professor da UFPel a partir de 1986, tendo se aposentado em 2005.

O professor Fernando Barros, que atualmente é docente na UCPel, não escreveu uma carta, mas será utilizado no livro um texto produzido por ele, publicado no ano de 1992, no qual reconstrói a trajetória do Centro de Pesquisas Epidemiológicas, e que é uma espécie de documento histórico, já que o material foi escrito por alguém que viveu intensamente os primeiros tempos de formação daquele centro.

Em um mundo com um futuro tão incerto, marcado, de forma mais frequente, por pandemias, desastres climáticos, negacionismo, violências e guerras, espera-se que as cartas sirvam como inspiração para se ter esperança no vindouro, na perspectiva apontada por Santo Agostinho (1964, Livro XI, Cap. 20, § 1) sobre o conceito de tempo, para quem:

1 Todas as cartas e o texto do Prof. Fernando Barros expressam opiniões e posicionamentos de seus autores, não sendo, necessariamente, compartilhadas pela autora do livro.

> [...] nem o futuro, nem o passado existem, e nem se pode dizer com propriedade que há três tempos: o passado, o presente e o futuro. Talvez fosse mais certo dizer-se: há três tempos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro, porque essas três espécies de tempos existem em nosso espírito e não as vejo em outra parte. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a intuição direta; o presente do futuro é a esperança.

Que os tempos, sejam eles quais forem, nos abracem e nos façam sonhar com o porvir.

40 ANOS DE PESQUISA E ENSINO DE EPIDEMIOLOGIA NA UFPEL | 40 YEARS OF EPIDEMIOLOGICAL RESEARCH AND TEACHING AT UFPEL

Cesar G. Victora
Médico (1976) pela UFRGS
PhD em Epidemiologia (1984) pela University of London
Professor Emérito da UFPel

Introdução

Minha jornada na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) começou em 1977, como professor da recém-federalizada Faculdade de Medicina. Essa docência, no entanto, foi moldada por experiências anteriores em medicina comunitária durante minha graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 1976, no Centro de Saúde-Escola Murialdo, em Porto Alegre, integrei a primeira turma de residentes em Medicina Geral e Comunitária, um programa pioneiro no Brasil. Trabalhando com uma população em extrema pobreza, era angustiante ver crianças retornando com os mesmos problemas – diarreia, pneumonia, infecções por subnutrição. Ficou evidente que tratar apenas os sintomas era insuficiente; era preciso abordar as causas para alcançar a prevenção.

Em 1977, com a federalização da Faculdade Leiga de Medicina de Pelotas, o diretor Naum Keiserman contratou o médico Kurt Kloetzel para criar o Departamento de Medicina Social e Comunitária. Kurt buscou profissionais entre os preceptores da Residência em Saúde Comunitária da UFRGS. Admirador de seus livros, aceitei o convite e me mudei para a UFPel antes mesmo de concluir minha especialização.

Atuação na UFPEL

Após três anos atuando como médico comunitário em bairros pobres de Pelotas, decidi estudar epidemiologia para me dedicar à prevenção de doenças. Consegui uma bolsa do governo brasileiro para doutorado em Epidemiologia da Assistência Médica na Escola de Higiene e Medicina Tropical da Universidade de Londres. Lá, encontrei Fernando Barros, também pediatra e professor da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), que fazia seu mestrado. Nosso orientador, o epidemiologista John Patrick Vaughan, não só supervisionou nossas teses, mas se tornou um parceiro científico essencial, contribuindo na concepção da primeira Coorte de Nascimentos de Pelotas em 1982 e em vários financiamentos.

Em 1983, ao retornar do doutorado, juntei-me a Fernando Barros em Pelotas. Ele havia concluído com sucesso um estudo perinatal com mais de 5.900 nascimentos em 1982, investigando a relação entre mortalidade infantil, baixo peso ao nascer e qualidade da assistência médica. Decidimos transformar esse estudo em uma coorte, dando origem à Coorte de Nascimentos de 1982. Esse trabalho pioneiro em países em desenvolvimento foi tão bem recebido que a Organização Mundial de Saúde (OMS) o financiou em 1984, tornando-se referência mundial e atraindo importantes pesquisadores. Desde então, outras três coortes foram iniciadas, em intervalos de onze anos (1993, 2004 e 2015), totalizando aproximadamente 20 mil pessoas. A Coorte de 1982 já dura mais de 40 anos, e planejamos a quinta coorte para 2026.

Paralelamente à Coorte de 1982, nos anos 1980, coordenei um estudo de casos e controles, apoiado pela OMS, para investigar a relação entre amamentação e mortalidade infantil em Pelotas e em Porto Alegre. Meu

objetivo era quantificar a proteção da amamentação, utilizando métodos epidemiológicos e estatísticos de ponta para doenças não-transmissíveis. Incluí na investigação o papel dos chás e sucos, que eram amplamente oferecidos, mesmo a crianças amamentadas, e descobri um aumento da mortalidade relacionado à administração desses líquidos. Esse estudo não apenas demonstrou a forte proteção do aleitamento contra a mortalidade infantil por doenças infecciosas (principalmente diarreia e pneumonia), mas foi o primeiro a ressaltar a importância do aleitamento exclusivo, sem água, chás ou sucos, até os seis meses de vida, para prevenir a mortalidade. Publicado no *The Lancet* em 1987, nossos resultados foram confirmados internacionalmente, levando a OMS e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) a estabelecer o aleitamento exclusivo nos primeiros seis meses como política de saúde global a partir de 1991.

Após a primeira coorte, Fernando e eu colaboramos com o Unicef no Nordeste do Brasil, mapeando a desnutrição e a mortalidade infantil entre 1987 e 2001. Encontramos índices altíssimos de mortalidade infantil, superando 100 mortes por mil nascimentos. Nossa interação com as secretarias de Saúde resultou em direcionamentos baseados em pesquisa, que levaram a reduções significativas na mortalidade e subnutrição infantil. Fui convidado pelo Unicef a Nova York, onde ajudei a criar inquéritos de saúde semelhantes, os *Multiple Indicator Cluster Surveys* (MICS), que já foram realizados em mais de 120 países.

No final dos anos 1990, com a demanda crescente de nossas pesquisas, sentimos a necessidade de mais profissionais capacitados para análise de dados e condução dos estudos. Era difícil atrair pessoas de grandes centros para trabalhar em Pelotas. A solução natural foi a criação do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPel. Em 1991, Fernando Barros, Luiz Augusto Facchini, Jorge Béria e eu fundamos o Programa, inicialmente em nível de mestrado. Nosso diferencial era que a pesquisa já estava consolidada antes da pós-graduação. Em 1997, o programa avançou para incluir o doutorado.

O mestrado foi inovador: o primeiro no país em epidemiologia, mas com forte ligação com a saúde coletiva, incluindo disciplinas de ciências sociais e políticas públicas. O núcleo, contudo, mantinha um rigoroso foco

em epidemiologia e estatística, em um tempo em que era comum alunos de pós-graduação terceirizarem a análise de dados por falta de domínio em estatística. Exigia-se também a coleta de dados primários pelos alunos, algo que lamento ter sido descontinuado após a aposentadoria do grupo inicial, pois o trabalho de campo é essencial para formar epidemiologistas competentes.

Minha atuação se estendeu ao Comitê de Peritos da OMS. Em 1994, o comitê concluiu que os parâmetros de crescimento infantil até então recomendados pela agência eram inadequados. Baseados em crianças brancas norte-americanas, amamentadas artificialmente, eles não refletiam o crescimento ideal de uma criança amamentada. Liderar o grupo científico que definiu a metodologia para novas curvas de crescimento infantil foi uma oportunidade gratificante.

Em um projeto ambicioso, documentamos o crescimento de 8.500 crianças em seis países (Brasil, EUA, Gana, Índia, Noruega e Omã), cobrindo cinco continentes. A amostra incluía apenas crianças com potencial de crescimento ótimo: de famílias com boas condições socioeconômicas, mães saudáveis e não fumantes, nascidas a termo, de parto único, com acompanhamento médico regular e amamentadas conforme as recomendações da OMS e do Unicef. A intenção de amamentar foi um pré-requisito fundamental na seleção da amostra.

As equipes nos seis países conduziram o estudo sob o protocolo do Estudo Multicêntrico da OMS para Referência do Crescimento e foram treinadas em Pelotas com patrocínio da OMS. O resultado foi o lançamento, em 2006, de novas curvas de crescimento infantil da OMS para crianças de zero a cinco anos. Pela primeira vez na saúde pública, esse instrumento se tornou uma referência internacional para avaliar o crescimento de crianças, independentemente de etnia ou geografia. Essas curvas estão na Caderneta de Saúde da Criança no Brasil e são usadas em mais de 140 países, representando uma das mais importantes contribuições de nossas pesquisas.

Continuando meus estudos com as coortes de nascimentos, em 2006 coordenei um consórcio internacional de pesquisa com cinco coortes de países de baixa e média renda. O estudo reuniu informações sobre a saúde

de aproximadamente 11 mil crianças, monitoradas do nascimento à idade adulta. A análise dos efeitos da nutrição na infância sobre a saúde adulta revelou a importância dos "primeiros mil dias" de vida (270 de gestação e 730 após o parto) para a prevenção de doenças crônicas a longo prazo e o desenvolvimento de capital humano, como desempenho escolar e capacidade produtiva. Esses achados são um dos pilares da campanha *1.000 Days*, estratégia prioritária para a promoção da saúde de gestantes e crianças em países de baixa e média renda.

Mais recentemente, um estudo na Coorte de 1982 de Pelotas gerou atenção internacional ao fornecer evidências do efeito da amamentação sobre a inteligência que persiste até a vida adulta. Publicados na *The Lancet Global Health* em março de 2015, os resultados mostraram associação entre amamentação prolongada na infância e capital humano na vida adulta: quanto mais longo o período de amamentação (pelo menos até um ano), maiores os níveis de inteligência (QI), escolaridade e renda aos 30 anos.

Desde o início, meu interesse na pesquisa esteve relacionado aos efeitos das desigualdades sociais na saúde, especialmente de mulheres e crianças. Esse é o foco principal de minhas atividades atuais. Com o professor Aluísio Barros, também docente do PPGEpi, fundamos o Centro Internacional de Equidade em Saúde da UFPel, designado em 2017 como Centro Colaborador da OMS para Monitoramento da Equidade em Saúde. Nossa equipe multidisciplinar analisa dados de mais de 90 países (cerca de um milhão de crianças) para o Observatório Global de Desigualdades em Saúde Materno-Infantil da OMS. O trabalho avalia a cobertura de intervenções de saúde eficazes para reduzir a mortalidade materna, neonatal e infantil em países de baixa e média renda, investigando se essas intervenções atingem os mais necessitados. O objetivo é aprimorar políticas de saúde para prevenir mortes evitáveis em todo o mundo.

Este foi um breve relato histórico sobre a criação do Departamento de Medicina Social, do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia e os principais estudos que impactaram políticas públicas internacionais de saúde.

Considerações finais

Termino com algumas perspectivas para o futuro. Nosso programa tem sofrido historicamente uma série de restrições dentro da UFPel por funcionar dentro do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina, embora nossos docentes estejam afiliados a diversos outros cursos, institutos e faculdades da UFPel, refletindo nosso enfoque multidisciplinar: Educação Física, Nutrição, Psicologia, Medicina (Ginecologia, Medicina Interna), Farmácia, Odontologia, etc. Vários professores seniores já se aposentaram (embora alguns, como eu, continuem trabalhando voluntariamente). Com sua aposentadoria, as vagas retornam para seus departamentos de origem, sendo, na maioria das vezes, destinadas a novos professores que não virão se somar ao nosso programa.

Sendo de longe o programa da UFPel mais produtivo e mais reconhecido nacional e internacionalmente, pleiteamos a criação de um Instituto de Epidemiologia dentro da Universidade, o que resolveria a questão do retorno das vagas de professores aposentados e também contribuiria para a visibilidade de nosso grupo e da UFPel. Infelizmente, nossa solicitação foi rejeitada pelo Conselho Universitário em 2017, por motivos difíceis de entender, mas que podem refletir conflitos políticos, rivalidades acadêmicas e miopia institucional ao deixar de reconhecer o mérito de nosso programa. A decisão contrária a nosso pleito nos deixou profundamente decepcionados.

Um segundo aspecto, correlacionado ao acima, é a dificuldade de trazer profissionais competentes de fora de Pelotas e de manter nossos melhores egressos por falta de vagas. Muitos de nossos jovens mestres e doutores têm sido recrutados por universidades estrangeiras no Canadá, Austrália, EUA e Inglaterra, entre outros. A fuga de cérebros afeta não apenas nosso programa, mas o país como um todo. E a dificuldade em atrair profissionais formados em outros centros leva à endogeneidade do grupo, onde os novos docentes são treinados dentro do próprio programa e deixam de ser expostos a diferentes maneiras de pensar e publicar. Finalmente, somos afetados pelos baixos níveis salariais de docentes, particularmente

nos primeiros anos da carreira. Por exemplo, tem sido praticamente impossível contratar médicos, que, mesmo dentro do serviço público, podem ter renda muito superior em carreiras não acadêmicas.

Por outro lado, temos que celebrar os aspectos positivos do PPGEpi. Continuamos sendo um programa produtivo e dinâmico, liderando diversos *rankings* nacionais de produtividade acadêmica, mesmo atuando em um local remoto do país e em uma universidade onde a grande maioria dos cursos ocupam posições medianas nos *rankings* nacionais. Continuamos atuando em pesquisas importantes e com impacto social. Um ótimo exemplo é o atual planejamento da coorte de nascimentos de 2026, com a qual Pelotas terá cinco coortes semelhantes cobrindo um período de mais de meio século, consolidando-se como uma das cidades mais estudadas em todo o mundo em termos de saúde das mulheres, crianças e adolescentes. Finalmente, nossa nova geração de pesquisadores é competente e motivada e segue alcançando sucesso em obter importantes financiamentos nacionais e internacionais, governamentais e privados (de organizações sem fim lucrativos), em interagir com gestores e em publicar um grande volume de artigos e livros.

Dessa forma, o futuro de nossas contribuições para a saúde pública e epidemiologia – tanto nacional quanto global – está garantido, dando continuidade ao que já foi alcançado até agora por um grupo pequeno de pesquisadores atuando em um local remoto, sem tradição acadêmica.

UMA TRAJETÓRIA EM PROL DA SAÚDE COLETIVA | A TRAJECTORY IN FAVOR OF COLLECTIVE HEALTH

Aluísio J. D. Barros
Ph.D. em Epidemiologia pela London School of Hygiene &Tropical Medicine
Professor Titular de Epidemiologia, Departamento de Medicina Social, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas

Introdução

Ao folhear as páginas da minha trajetória, buscando as marcas deixadas no Departamento de Medicina Social (DMS) e no Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia (PPGEpi) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), percebo a relevância de registrar esta jornada. Mais do que um simples relato, esta "carta ao futuro" é um convite à reflexão sobre o caminho percorrido, as conquistas alcançadas e os desafios superados, em um momento tão significativo para a UFPel, que celebra os 35 anos do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia e os 50 anos do Departamento de Medicina Social.

Minha história na saúde coletiva começou com uma guinada decisiva. Após uma experiência inicial na medicina individual, que me trouxe uma crescente desilusão, voltei-me para a pesquisa e a informática, em busca de um novo rumo profissional. Foi em Campinas, sob a mentoria do professor Euclydes Custódio de Lima Filho, que encontrei meu verdadeiro chamado na epidemiologia e na pesquisa quantitativa, me tornando um "centauro", como o Prof. Euclydes mesmo me definiu, transitando com desenvoltura entre a estatística e a medicina. Essa formação híbrida se tornou um alicerce para tudo que viria.

Minha chegada a Pelotas em 1996, como professor visitante do DMS, marcou o início de uma nova e frutífera etapa. Em 1997, após ser aprovado com nota máxima em concurso, tornei-me professor efetivo, integrando-me plenamente ao vibrante Centro de Pesquisas Epidemiológicas da UFPel. Este documento é um registro dessa jornada, das lições que

acumulei e dos conselhos que espero que ressoem com as futuras gerações de pesquisadores, contribuindo para a contínua excelência e relevância do PPGEpi e do DMS.

Trajetória na Epidemiologia e Saúde Coletiva

Minha atuação no Departamento de Medicina Social e, de forma indissociável, no Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPel, foi profundamente marcada pelo interesse na metodologia epidemiológica e na formação de novos pesquisadores. Ao longo dos anos, frequentemente fui chamado de "estatístico" devido à minha sólida formação metodológica, mas sempre me considerei um epidemiologista com forte interesse em questões substantivas de saúde e no desenvolvimento de métodos.

Desde 1997, com a minha participação no PPGEpi, as disciplinas de estatística para o mestrado e o recém-iniciado doutorado foram completamente reformuladas. Estruturei-as inicialmente em cursos que cobriam os conceitos básicos de estatística e análises fundamentais. Rapidamente, expandimos a oferta para incluir cursos de **regressão linear, regressão logística e regressão de Poisson**. Com o avanço da área e a necessidade de aprofundamento, esses cursos foram continuamente atualizados para cobrir o conteúdo de **modelos lineares generalizados**. Adicionalmente, foi criado um curso dedicado especificamente a **modelos multinível**, uma área que se tornou de grande relevância na epidemiologia. A importância dessa disciplina foi tal que, entre 1999 e 2009, tive a honra de ministrar este curso no programa de verão da Faculdade de Saúde Pública da USP, contribuindo para a formação de pesquisadores em nível nacional. Acreditava, e o programa também, que um mestre ou doutor em epidemiologia deveria ter autonomia para analisar seus próprios dados.

Um ponto crucial da minha trajetória administrativa foi a atuação como **vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia** a partir de 1997, na gestão do professor Luís Augusto Facchini. Esse período foi de intensa reformulação da estrutura do mestrado, com a implementação do inovador **consórcio de pesquisa**. Essa estratégia pioneira, que inicialmente alguns consideravam um "mestradinho", revelou-se alta-

mente eficiente ao potencializar a capacidade de apoio aos alunos no trabalho de campo. Todos os alunos trabalhavam em conjunto em inquéritos populacionais em Pelotas, compartilhando a responsabilidade do campo e coletando dados para seus temas individuais. Essa abordagem resultou em um alto índice de publicações, muitas vezes em revistas de alto impacto, como o trabalho de Felipe Reichert[2] sobre barreiras à atividade física, publicado no *American Journal of Public Health* e hoje com mais de 300 citações na base *Scopus*.

Com a saída do professor Facchini em 2001, assumi a **coordenação do programa *de facto***, sendo oficialmente nomeado em novembro de 2001, e ocupei o cargo até 2006. Durante meu mandato, aprofundamos as reformulações iniciadas. Foi realizada uma revisão completa do regimento do programa, que incorporou o consórcio de pesquisa e as novas exigências da avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Promovi uma série de reuniões com o corpo docente, focadas em projetos e produção científica, com o objetivo de preparar o terreno para as avaliações da CAPES. Essas ações incluíram a reorganização das estratégias de avaliação intermediária (defesa de projeto, exame de qualificação), a definição de prazos para as etapas de cada curso, a implementação de estímulos para a submissão de artigos de mestrado e a exigência de um artigo de doutorado aceito para a defesa.

O impacto dessas medidas foi notável. Conseguimos reduzir os prazos de titulação, aumentar o percentual de alunos com trabalhos publicados e diminuir a desistência. Como resultado direto desse trabalho coletivo e das bases sólidas que estabelecemos, o Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPel alcançou marcos históricos nas avaliações da CAPES: em 2001, o programa garantiu a nota 5, a maior nota atribuída naquela avaliação, em igualdade de condições com grandes programas da Saúde Coletiva. Na avaliação de 2004 (referente ao triênio 2002–2004), o programa obteve a nota 6, juntamente com a Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fiocruz e o Instituto de Saúde Coletiva da Universida-

2 Cf. REICHERT, Felipe F.; BARROS, Aluísio J. D.; DOMINGUES, Marlos R.; HALLAL, Pedro C. The Role of Perceived Personal Barriers to Engagement in Leisure-Time Physical Activity. American Journal of Public Health, [s. l.], v. 97, n. 3, p. 515–519, 2007. DOI: 10.2105/AJPH.2005.070144. Disponível em: https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.2005.070144. Acesso em: 28 ago. 2026.

de Federal da Bahia (UFBA). Finalmente, na avaliação de 2007 (referente ao triênio 2004–2006), já sob a coordenação da Profa. Ana Maria Baptista Menezes, o programa obteve a nota máxima, 7. Essa progressão demonstra a eficácia das estratégias implementadas e o compromisso contínuo com a excelência.

Além da gestão do programa, minha trajetória acadêmica foi pautada por uma série de projetos de pesquisa impactantes:

- **Saúde Infantil e Creches:** Minha pesquisa de doutorado em Londres sobre os riscos à saúde em creches foi continuada em Pelotas, resultando em publicações relevantes sobre o tema.
- **Coortes de nascimento de Pelotas:** Desde 2004, assumi a responsabilidade pela Coorte de Nascimentos de Pelotas de 2004, juntamente com as professoras Iná S. Santos e Alicia Matijasevich. Essa iniciativa de longo prazo resultou em importantes publicações, como o artigo no *The Lancet* sobre a mortalidade neonatal em Pelotas e a efetiva colaboração com grupos de Ribeirão Preto/SP e São Luís/MA. Os acompanhamentos dessa coorte, incluindo as fases de 3, 12, 24 meses, 4, 6, 11, 15, 17 e 18 anos, têm gerado *insights* valiosos sobre desenvolvimento infantil, capacidade cognitiva, padrões de consumo alimentar, composição corporal e saúde mental.
- **Desigualdades em Saúde:** Meu interesse pelas desigualdades em saúde iniciou em 1999, com o projeto *Multicenter Study on Health Inequities in the Americas*. Em 2008, um convite do Prof. Cesar Victora para o grupo *Countdown to 2015* (depois *Countdown to 2030*) impulsionou o trabalho de avaliação das desigualdades em saúde em países de baixa e média renda. Essa iniciativa culminou na criação do **Centro Internacional de Equidade em Saúde (CIES)**, em 2009, que hoje mantém colaborações com diversas organizações como a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e o Banco Mundial. Desenvolvemos uma plataforma robusta para análise de inquéritos, permitindo a rápida atualização e estimativa de indicadores de

cobertura para dezenas de países, junto com forte produção científica, o que nos tornou um grupo líder na área de equidade em saúde globalmente.

Minhas publicações na área de equidade em saúde têm tido alta visibilidade e impacto, sendo referências cruciais para a compreensão e o monitoramento das iniquidades em saúde global. Destaco, em particular, trabalhos como:

- BARROS, Aluísio J. D.; VICTORA, Cesar G. Measuring Coverage in MNCH: Determining and Interpreting Inequalities in Coverage of Maternal, Newborn, and Child Health Interventions. **PLoS Medicine**, San Francisco, CA, v. 10, n. 5, p. e1001390, 2013. DOI: 10.1371/journal.pmed.1001390. Este artigo apresenta, de forma clara e intuitiva, como medir e visualizar as desigualdades em saúde, introduzindo o conceito do "*equiplot*", que se tornou um padrão na apresentação de indicadores de cobertura por subgrupos populacionais.
- BARROS, Aluísio J. D.; RONSMANS, Carine; AXELSON, Henrik; LOAIZA, Edilberto; BERTOLDI, Andréa D.; FRANÇA, Giovanny Va; BRYCE, Jennifer; BOERMA, J. Ties; VICTORA, Cesar G. Equity in maternal, newborn, and child health interventions in Countdown to 2015: a retrospective review of survey data from 54 countries. **The Lancet**, London, v. 379, n. 9822, p. 1225–1233, 2012. DOI: 10.1016/S0140-6736(12)60113-5. Este estudo seminal oferece uma análise retrospectiva abrangente das desigualdades em intervenções de saúde materna, neonatal e infantil em dezenas de países, fornecendo uma base sólida para políticas de equidade.
- BOERMA, Ties *et al.* Countdown to 2030: tracking progress towards universal coverage for reproductive, maternal, newborn, and child health. **The Lancet**, London, v. 391, n. 10129, p. 1538–1548, 2018. DOI: 10.1016/S0140-6736(18)30104-1. Como parte da iniciativa *Countdown to 2030*, este artigo é fundamental para o

acompanhamento global do progresso rumo à cobertura universal de saúde reprodutiva, materna, neonatal e infantil, evidenciando a importância do monitoramento contínuo das desigualdades.

- AMOUZOU, Agbessi *et al*. The 2025 report of the Lancet Countdown to 2030 for women's, children's, and adolescents' health: tracking progress on health and nutrition. **The Lancet**, London, v. 405, n. 10488, p. 1505–1554, 2025. DOI: 10.1016/S0140-6736(25)00151-5. Este relatório, que se projeta para o futuro, continua a consolidar o trabalho de rastreamento do progresso em saúde e nutrição para mulheres, crianças e adolescentes, sublinhando a relevância de uma abordagem baseada em evidências e equidade.

Os trabalhos na área de equidade em saúde também focam no contexto brasileiro. Em 2005 publiquei um capítulo de livro mostrando como o Programa Saúde da Família havia contribuído para a redução de desigualdades sociais.[3] Mais tarde, já no contexto do CIES, utilizando dados de vários inquéritos nacionais, documentamos a impressionante redução nas desigualdades entre ricos e pobres observada para intervenções como uso de contraceptivos, que eram usados por 76% das mulheres mais ricas contra 29% das mais pobres, em 1986. Em 2013, essas proporções passaram para 85% e 81%, respectivamente[4]. Progresso semelhante foi observado para cuidado pré-natal e parto institucional, por exemplo. Publicamos também um artigo instrucional sobre conceitos e métodos para análise de equidade em saúde[5] com o intuito de divulgar e popularizar esse tipo de análise.

3 Cf. BARROS, A. J. D.; VICTORA, C. G.; CESAR, J. A.; NEUMANN, N. A.; BERTOLDI, A. D. Brazil: Are Health and Nutrition Programs Reaching the Neediest? In: GWATKIN, D. R.; WAGSTAFF, A.; YAZBECK, A. S. (ed.). Reaching the Poor with Health, Nutrition, and Population Services: What Works, What Doesn't and Why. Washington, DC: The World Bank; 2005. p. 281–306. Disponível em: https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/244121468315279304. Acesso em: 28 ago. 2026.

4 Cf. FRANÇA, G. V. A.; RESTREPO-MÉNDEZ, M. C.; MAIA, M. F. S.; VICTORA, C. G.; BARROS, A. J. D. Coverage and equity in reproductive and maternal health interventions in Brazil: impressive progress following the implementation of the Unified Health System. International Journal for Equity in Health, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 149, 2016. DOI: 10.1186/s12939-016-0445-2. Disponível em: http://equityhealthj.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12939-016-0445-2. Acesso em: 28 ago. 2026.

5 Cf. SILVA, I. C. M. da; RESTAREPO-MENDEZ, M. C.; COSTA, J. C.; EWERLING, F.; HELLWIG, F.; FERREIRA, L. Z.; RUAS, L. P. V.; JOSEPH, G.; BARROS, A. J. D. Mensuração de desigualdades sociais em

Em 2018, essas contribuições foram reconhecidas no Prêmio Pesquisador Gaúcho, na categoria "Pesquisador Destaque Especial em Ciência para a Redução das Desigualdades Sociais".

Outras Contribuições Científicas Relevantes

- Colaboração com Maria Cristina Gonzalez no estudo da composição corporal, investigando a impedância bioelétrica como indicador de composição corporal[6] e preditora da evolução de pacientes com câncer[7]
- Trabalho com Vania Hirakata sobre a relação entre razão de prevalências e razão de chances, resultando em um artigo amplamente citado, que ajudou a mudar como epidemiologistas analisam estudos transversais com desfechos dicotômicos[8].

Minha contribuição para a **formação de pessoas** é uma das minhas maiores satisfações. Ao longo dos anos, até este momento, orientei **15 mestres** e **19 doutores** como orientador principal. Muitos desses orientandos seguiram carreira acadêmica, tornando-se docentes e pesquisadores. Exemplos notáveis incluem acadêmicos atuando no Brasil e no exterior, em países como Canadá, Reino Unido e Austrália. Além disso, tive a oportunidade de supervisionar **11 pesquisadores em nível de pós-doutorado**,

saúde: conceitos e abordagens metodológicas no contexto brasileiro. Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, DF, v. 27, n. 1, 2018. DOI: 10.5123/S1679-49742018000100017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222018000101000&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28 ago. 2026.

6 Cf. BARBOSA-SILVA, M. C. G.; BARROS, A. J. D.; WANG, J.; HEYMSFIELD, S. B.; PIERSON, R. N. Bioelectrical impedance analysis: population reference values for phase angle by age and sex. The American Journal of Clinical Nutrition, [s. l.], v. 82, n. 1, p. 49–52, 2005. DOI: 10.1093/ajcn/82.1.49. Disponível em: https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0002916523295088. Acesso em: 28 ago. 2026.

7 Cf. PAIVA, S. I.; BORGES, L. R.; HALPERN-SILVEIRA, D.; ASSUNÇÃO, M. C. F.; BARROS, A. J. D.; GONZALEZ, M. C. Standardized phase angle from bioelectrical impedance analysis as prognostic factor for survival in patients with cancer. Supportive Care in Cancer, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 187–192, 2011. DOI: 10.1007/s00520-009-0798-9. Disponível em: http://link.springer.com/10.1007/s00520-009-0798-9. Acesso em: 28 ago. 2026.

8 Cf. BARROS, A. J. D.; HIRAKATA, V. N. Alternatives for logistic regression in cross-sectional studies: an empirical comparison of models that directly estimate the prevalence ratio. BMC Medical Research Methodology, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 21, 2003. DOI: 10.1186/1471-2288-3-21. Disponível em: https://bmcmedresmethodol.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2288-3-21. Acesso em: 28 ago. 2026.

demonstrando o impacto direto na formação de uma nova geração de cientistas e profissionais de saúde.

Meu trabalho de orientação e pesquisa na área de saúde bucal ajudou a formar um grupo de líderes na área, que hoje têm papel de liderança na área, como Marco Peres, Karen Glazer Peres, Maria Beatriz Camargo e Andreia Cascaes. Esse trabalho também levou à minha participação na Comissão Lancet de Saúde Bucal, iniciada em 2020.

A tese de doutoramento de Maria Carolina Borges, sob minha orientação, recebeu o Prêmio CAPES de Teses 2017 na área de Saúde Coletiva, com o trabalho "Adiponectina: Relação com a distribuição de gordura corporal e influência sobre o risco de doenças cardiovasculares"[9].

Minha experiência administrativa e política estendeu-se para além da UFPel. Integrei a comissão de avaliação da CAPES da área de Saúde Coletiva para o triênio 2002–2004 e, em 2005–2007, fui eleito representante de área. Nesse papel, trabalhei para consolidar os critérios de avaliação, implementar a avaliação da produção de livros e garantir a inclusão de membros de programas de menor nota na comissão, o que democratizou o processo e trouxe à tona os desafios enfrentados por programas fora dos grandes centros.

Embora tenha decidido não continuar após um mandato devido à carga de trabalho, minha busca por transparência e rigor permaneceu no comitê assessor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), onde atuei de 2009 a 2011 e novamente de 2023 a 2025. Lá, unifiquei a avaliação de candidatos a bolsa Produtividade em Pesquisa (PQ) e divulguei relatórios detalhados para a comunidade, buscando maior lisura no processo. Além disso, fui editor associado e, posteriormente, editor científico da *Revista de Saúde Pública* da USP por uma década (2005–2015), contribuindo para a qualidade e o balanceamento editorial. Atualmente, sou editor das revistas *Social Science and Medicine* e *International Journal of Epidemiology*.

A relevância da minha produção científica é refletida em indicadores

9 Cf. BORGES, M. C. Adiponectina: Relação com a distribuição de gordura corporal e influência sobre o risco de doenças cardiovasculares. 2016. 271 f. Tese (Doutorado em Epidemiologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/10403. Acesso em: 28 ago. 2026.

bibliométricos significativos. Hoje, maio de 2025, conto **475 documentos publicados, que receberam 40.906 citações**, com um **índice-H de 76** na plataforma *Scopus*. Esse reconhecimento se estende a *rankings* internacionais, onde recentemente apareço em **13º lugar na lista de *leading scientists* na área de medicina no Brasil** no *ranking* feito por *Research.com*, e em **segundo lugar entre os cientistas sociais** do mesmo *ranking*. Tais números atestam o impacto e a abrangência do meu trabalho na comunidade científica global.

Considerações Finais

A redação deste memorial é, em si, uma viagem pelo passado, pelas memórias de conquistas e desafios. Mas, para além de um mero retrospecto, ela serve como um convite à reflexão sobre o futuro. É pertinente celebrar a trajetória de 35 anos do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia e, para mim, também os 50 anos do Departamento de Medicina Social. Essas celebrações não são apenas sobre o que foi construído, mas sobre a fundação que permite sonhar e avançar.

Para o futuro, meu desejo é "fazer mais do mesmo, mas melhor, e de forma mais efetiva". A expansão das atividades das coortes de nascimento de Pelotas, agora em parceria com Ribeirão Preto/SP e São Luís/MA, abre novas perspectivas de pesquisa. O desafio reside em incorporar, de forma justificada, as "novas" estratégias e técnicas da epidemiologia sem perder de vista a busca pelo método mais simples e adequado para responder às perguntas de interesse.

Meu compromisso com as desigualdades em saúde só tende a crescer. O sucesso do CIES, com sua plataforma de análise e a crescente *expertise* do grupo, consolida a meta de um grupo líder de pesquisas em saúde global. O maior desafio, contudo, é a formação de pessoas que possam dar continuidade a esse trabalho em médio e longo prazo. Esse desafio se torna ainda maior no contexto político atual, com a redução de financiamento de instituições chave, como a OMS e o Unicef, ou mesmo a simples extinção de uma iniciativa essencial para a coleta de dados sobre saúde de países em renda baixa e média, como aconteceu com a Demographic Health Surveys (DHS).

Em uma era de comunicação instantânea e de avanços científicos muito rápidos, a contribuição acadêmica pode parecer passageira. A contribuição mais duradoura que oferecemos são os novos cientistas que formamos. Que as ideias que plantamos no Departamento de Medicina Social e no Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPel possam ser o alimento para novas gerações, ainda mais ousadas e criativas, garantindo a perenidade e a relevância da nossa missão.

CIÊNCIA PARA AS PESSOAS / SCIENCE TO PEOPLE

Pedro Curi Hallal
Dr. em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas.
Professor da Universidade de Illinois
Urbana-Champaign, Estados Unidos.
Ex-Professor e Ex-Reitor da Universidade Federal de Pelotas

Introdução

Meu nome é Pedro Hallal e minha trajetória com o Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia (PPGEpi) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) começou de maneira inusitada. Eu fazia graduação em Educação Física pela UFPel desde 1997 e rumava para a minha formatura. Desde o terceiro ano da faculdade, eu havia me atraído pela carreira acadêmica, portanto minha ideia após a formatura era buscar uma especialização ou mestrado. Naquela época, os formandos da Escola Superior de Educação Física (ESEF) interessados em seguir carreira acadêmica basicamente trilhavam um dos seguintes caminhos: aqueles estudantes mais interessados no ensino da Educação Física, especialmente no âmbito escolar, costumavam aplicar para mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da própria UFPel. Já os estudantes mais vinculados às áreas de esportes e saúde costumavam tentar Pós-Graduação em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ou na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Naquela época, não havia Programa de Pós-Graduação na ESEF/UFPel.

Exatamente na época de tomar a decisão sobre qual caminho trilhar, veio a informação de que a própria UFPel oferecia um Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia que possibilitava estudar temas relacionados à saúde, incluindo obesidade, nutrição e outros, cujo diálogo com a Educação Física era natural. Contudo, o PPGEpi jamais havia tido estudantes com formação em Educação Física. De qualquer maneira, resolvi aceitar o desafio e concorrer a uma das vagas no programa. O processo seletivo envolvia a realização de quatro provas, sendo que nota inferior a

5,0 em qualquer uma das provas significava eliminação imediata do processo. Eu, dois colegas da Educação Física, e mais nove colegas de outras áreas, conseguimos tirar nota superior a 5,0 em todas as provas, sendo, então, classificados para a entrevista. Na entrevista, a primeira pergunta que recebi foi: "O que vocês da Educação Física estão fazendo aqui?". Lembro de responder algo sobre a importância da atividade física para a saúde. De qualquer forma, a resposta não foi trágica, visto que acabei sendo aprovado para iniciar o mestrado em Epidemiologia em 2001.

Durante o mestrado, fui representante dos estudantes junto ao colegiado do PPGEpi, uma tarefa nem sempre simples, visto que as nossas demandas (estudantes) nem sempre coincidiam com as posições dos docentes. Logo no início do mestrado, um momento que acabou mudando a minha carreira (e a minha vida) ocorreu numa dessas reuniões: acabei sendo alocado para estudar sob a orientação do professor Cesar Victora. Na época, eu só sabia que o professor Cesar era muito conhecido internacionalmente e viajava muito, além de ministrar ótimas aulas de Epidemiologia. Mal sabia eu que eu estaria tendo a oportunidade de ser orientado por um dos maiores cientistas que o Brasil já produziu. A oportunidade de trabalhar com o professor Cesar tem muita relação com o que se sucedeu na minha carreira.

Em 2003, iniciei o doutorado em Epidemiologia, ainda sob orientação do professor Cesar Victora. Foi no doutorado que tive minha primeira oportunidade de trabalhar com as famosas coortes de nascimentos de Pelotas, no caso, a Coorte de 1993. Em 2005, no terceiro ano do doutorado, eu estava com tudo organizado para realizar um estágio de doutorado (doutorado sanduíche) nos Estados Unidos, quando surgiu a informação de que a ESEF estaria abrindo um concurso para professor efetivo. Dependendo da época em que você ler esse texto, talvez você ache banal a realização de um concurso para professor efetivo numa universidade federal, mas nem sempre foi assim. Naquela época, a ESEF estava há mais de cinco anos sem realizar concursos para professor efetivo, visto que as vagas eram preenchidas por professores substitutos (depois denominados professores temporários). Conversei com o professor Cesar e decidi cancelar a ida ao doutorado sanduíche para defender o doutorado e poder concorrer à vaga de docente na UFPel.

No segundo semestre de 2005, acabei aprovado no concurso para docente da UFPel e, em 30 de dezembro de 2005, virei professor universitário, um sonho que havia iniciado no terceiro ano de graduação em Educação Física. Nos primeiros anos de minha carreira, me dediquei quase exclusivamente às atividades de pesquisa e ensino. Em 2009, realizei meu primeiro estágio pós-doutoral no Instituto de Saúde da Criança da Universidade de Londres. No meu retorno, passei a me envolver com administração, primeiro como vice-coordenador do PPGEpi e depois como coordenador do programa.

Em 2016, concorri a reitor da UFPel e fui eleito. De 2017 a 2020, apertei *pause* na minha carreira acadêmica e atuei como Reitor da UFPel. No último ano do mandato, concomitantemente lidei com a Reitoria e com o início da pandemia de covid-19, uma emergência de saúde que matou mais de 700 mil brasileiros (a mortalidade no Brasil foi quatro vezes maior do que a média mundial) e mudou a vida de muita gente, inclusive a minha.

Ciência para as pessoas

Meu vínculo formal com a UFPel durou 27 anos, desde o meu ingresso como estudante de graduação em Educação Física, em 1997, até a minha exoneração, em 2024. No momento que escrevo esse texto, tenho 45 anos de idade, o que significa que mais da metade da minha vida eu passei na UFPel. Não é pouca coisa. Quando eu era criança, tendo nascido e crescido em Pelotas, a UFPel não era apenas a universidade onde o meu pai tinha sido professor por alguns anos, mas também a universidade com a qual vários conhecidos e amigos tinham vínculos. Mas confesso que meu conhecimento sobre a UFPel ainda era muito pequeno. Para comprovar isso, até o ano de 1999, quando eu estava quase me formando em Educação Física, eu jamais tinha ouvido falar do PPGEpi ou, se tinha ouvido falar, não tinha gravado. Trago essa experiência pessoal para introduzir o primeiro dos tópicos que quero abordar nessa carta, que é a comunicação científica, o qual será precedido de três "causos".

- **Causo 1 – O Chucky**: Em 2011, já como docente da UFPel, organizei o Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, em Gramado/RS. Na época, contratamos uma agência de publicidade para criar a identidade do evento. Passamos para a agência que o tema do evento seria: "Atividade Física: da concepção ao envelhecimento". Em termos de contexto, em 2008, havia sido lançado o filme *O Estranho Caso de Benjamin Button*, uma estória de um homem que envelhece ao contrário. A agência de publicidade então criou uma identidade que mostrava um "bebê idoso". Lembro que eu e meus colegas, ao olharmos a proposta pela primeira vez, odiamos. O personagem parecia o Chucky, do filme *Brinquedo Assassino*. Liguei para o profissional que fez a proposta e disse: "Essa imagem não pode ser o cartaz! Nós tivemos uma reunião de manhã pra discutir vários pontos do Congresso, e ao ver a imagem, acabamos a reunião inteira discutindo apenas ela". Ele respondeu: "É exatamente por isso que tem que ser ela". Insisti no meu ódio, então o profissional que elaborou a campanha solicitou que, mesmo odiando, a gente experimentasse colocar o cartaz no mural da ESEF por algumas horas, para ver o que aconteceria. Em poucos minutos, praticamente todos os estudantes da ESEF estavam ao redor do cartaz. O profissional então perguntou: "Vocês acham que alguém vai deixar de ir ao congresso porque achou o bebê idoso feio?". Tivemos que admitir que não. Ali, o Chucky foi aprovado como identidade visual do congresso e aprendi uma lição essencial: existem profissionais que entendem muito mais de comunicação do que nós, da área da saúde.

- **Causo 2 – A Série de Atividade Física do *Lancet*:** Em 2012, após três anos de trabalho, eu e um grupo de pesquisadores de vários países publicamos uma série de seis artigos sobre atividade física no *The Lancet*, uma das revistas científicas mais conceituadas do mundo na área da saúde. Nas semanas que antecederam a coletiva de imprensa do lançamento da série, tivemos uma reunião com os jornalistas do *Lancet* para tentar sumarizar as principais

mensagens da série. Cada um dos seis primeiros autores fez uma apresentação de cinco minutos sobre seu artigo, destacando os resultados mais relevantes. Ao final, a equipe de jornalismo agradeceu pelas informações e foi fazer o seu trabalho. Quando a série foi lançada, a frase "inatividade física mata tanto quanto o tabagismo", criada pelos jornalistas, foi capa dos principais veículos de comunicação do planeta. Uma frase resumiu o trabalho que tínhamos demorado três anos para fazer. Mais um aprendizado de que a comunicação científica é algo que deve ser tratado com a devida seriedade.

- **Causo 3 – A explosão da covid-19 no Brasil**: No meio de 2020, a covid-19 era o assunto dominante no planeta. No entanto, até aquele momento, o Brasil ainda apresentava um número de mortes pequeno, o que poderia passar às pessoas a impressão de que a covid-19 não era tão grave quanto os cientistas diziam. Para piorar a situação, o governo da época minimizava o vírus e estimulava as pessoas a manterem sua rotina normal. Fui então procurado pelo *Jornal Nacional* para dar uma entrevista sobre o crescimento da covid-19 no Brasil. Meu desafio, com base nos dados da época, era mostrar que, se o crescimento exponencial continuasse, o Brasil rapidamente se tornaria um dos países com maior mortalidade pela doença (o que, infelizmente, acabou se concretizando). Era um desafio passar a mensagem, visto que ainda havia poucas mortes por covid-19 no Brasil na época, mas, se mantido o ritmo de transmissão, em um mês, já estaríamos entre os líderes mundiais de mortalidade. Usei então uma analogia com a Fórmula 1, um esporte que acabou se popularizando no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. Expliquei que o Brasil era tipo aqueles pilotos de ponta que, por algum problema, acabou largando em último. Ele não está em primeiro, mas está fazendo volta mais rápida atrás de volta mais rápida e, se continuar nesse ritmo, ele vai ultrapassar todos os outros nas próximas voltas. Pelas reações das pessoas nas redes sociais, notei que tinha conseguido comunicar o que

queria numa linguagem que era compreensível para o grande público, e não usando uma linguagem que somente dialoga com os pares do mundo acadêmico.

Esses três "causos" servem para reforçar a importância da comunicação científica na formação dos epidemiologistas do futuro. O tema da comunicação científica precisa ser incorporado urgentemente na formação em Epidemiologia, não por meio de seminários esporádicos, mas sim por meio de disciplinas regulares, com profissionais da área, que nos ajudarão a traduzir nossos resultados de pesquisa para a população que nos sustenta e depende do nosso trabalho. A comunicação científica não pode se resumir a exigir que os pesquisadores tenham contas em redes sociais e publiquem seus resultados de pesquisa ali. O maior problema normalmente não é o veículo, mas sim a mensagem. E para aprender a passar a mensagem adequada, existem profissionais qualificados para ensinarem vocês.

O próximo tema que eu gostaria de refletir junto com os leitores é sobre o objetivo final da ciência. No mundo teórico, é fácil concordar que a ciência deve servir às pessoas – a ciência existe para mudar o mundo. Infelizmente, o mundo real vai impulsionar vocês em outras direções. O mundo acadêmico é cheio de métricas e *rankings* que cumprem um papel essencial na avaliação da ciência. Não sou daqueles que desprezam os números, até porque seria uma traição à minha própria formação. As métricas da ciência, cada uma com suas limitações, conseguem dar conta de avaliar a quantidade e a qualidade da produção científica, pelo menos no "atacado". No entanto, uma má intepretação das métricas da ciência pode estimular vocês, ao longo de suas carreiras, a fazerem ciência mais para vocês próprios e menos para as pessoas.

Muitas vezes, as perguntas de pesquisa com maior potencial de publicação não são aquelas mais relevantes para a população. Ao contrário, muitas vezes os grandes desafios enfrentados pela população no cotidiano são complexos, difíceis de serem respondidos pelas pesquisas epidemiológicas. O pesquisador, então, acaba enfrentando um dilema: faço as pesquisas que vão alavancar mais a minha carreira ou faço as pesquisas que vão impactar mais a vida das pessoas? Se a dúvida fosse simples assim, gosto

de acreditar que a maioria escolheria as pesquisas mais relevantes para as pessoas. O problema é que a pergunta é normalmente mais complexa do que isso. Para conduzir a pesquisa, é necessário financiamento, especialmente em Epidemiologia, onde trabalhamos com grandes amostras populacionais. A verdade é que nem sempre as pesquisas mais relevantes para a vida da população são aquelas com maior chance de financiamento. É necessário que vocês atuem, junto aos órgãos de fomento, para garantir que as prioridades de pesquisas sejam elaboradas de acordo com os desafios enfrentados pela população.

Nesse sentido, acredito que um dos caminhos para o futuro seja o crescente envolvimento do PPGEpi em estudos experimentais, especialmente intervenções comunitárias. Parece-me que, além dos estudos de coorte, que seguirão sendo a principal fonte de dados epidemiológicos sobre a saúde ao longo do ciclo vital nas próximas décadas, o caminho é também focar em estudos de intervenção, propondo e testando soluções para melhorar as condições de vida e de saúde da população, com ênfase na redução dos diferentes tipos de desigualdades.

Falando nisso, se há um tópico que não pode ser esquecido nessa carta aos futuros epidemiologistas é a desigualdade. Fazer ciência em Pelotas, ou em qualquer outro local, sem a lente da desigualdade é uma oportunidade perdida. Desde 1982, quando os professores Cesar Victora e Fernando Barros nos mostraram as variações na mortalidade infantil conforme renda familiar, até 2021, quando os dados do EPICOVID mostraram as diferenças na infecção conforme raça-etnia no Brasil, as desigualdades têm ocupado um local de destaque na história do PPGEpi. Mais recentemente, o próprio grupo criou métodos estatísticos e de visualização para estudar desigualdades – e essa evolução não pode parar.

E já que o EPICOVID foi mencionado, não posso deixar de abordar a experiência do EPICOVID e sua relação com o PPGEpi. No começo de 2020, eu ingressava no meu último ano como reitor da UFPel. Logo que a covid-19 surgiu, com os primeiros casos na China, e depois surtos na Itália e Espanha, sabia-se que o vírus chegaria ao Brasil. Naquela época, o PPGEpi entendeu que a melhor forma de contribuir com aquele momento difícil vivido pelo país era produzir informações sobre

a disseminação do vírus no Brasil. Começamos um estudo no Rio Grande do Sul e, enquanto planejávamos a pesquisa, fomos contactados pelo Ministério da Saúde para expandir o estudo para todo o país. Começava ali uma jornada que levaria a UFPel, por vários meses, a ser uma das universidades mais conhecidas do país.

Logo no princípio da pesquisa, lidamos com transições no Ministério da Saúde. Tais transições não foram suaves e o contato sobre a pesquisa foi praticamente perdido. Tentamos, de maneira republicana, manter o contato com o Ministério da Saúde, apesar das posturas anticiência que já iniciavam na época. Quando os resultados do EPICOVID foram lançados, a situação degringolou de vez. Os resultados mostravam desigualdades socioeconômicas, étnico-raciais e geográficas na distribuição do vírus no Brasil. Sob o ponto de vista epidemiológico, os resultados eram até esperados, visto que várias condições de saúde apresentam o mesmo perfil epidemiológico. No entanto, o governo da época não aceitou bem os resultados da pesquisa.

Durante a coletiva de imprensa, no Palácio do Planalto, para apresentar os resultados do EPICOVID, o Ministério da Saúde censurou a apresentação de um slide que mostrava as desigualdades étnico-raciais na distribuição da covid-19 no Brasil. Lembro de conversar por telefone com um colega sobre a necessidade de cancelar a coletiva de imprensa, em função da censura de um slide. Concordamos que não era o melhor caminho, visto que os dados, como um todo, eram muito importantes para o país. Mencionei o resultado, mesmo sem slide, na coletiva de imprensa.

Nas semanas seguintes, o Ministério da Saúde anunciou que o EPICOVID não seria mais financiado, numa evidente retaliação. Semanas depois, anunciou que um estudo similar seria conduzido, mas o tal estudo nunca saiu do papel. Nos meses que se sucederam, estive na linha de frente da comunicação científica sobre covid-19 no Brasil, tentando repassar à população informações com base científica sobre a pandemia. Não foram meses fáceis. Minhas redes sociais foram atacadas inúmeras vezes. Sofri ameaças virtuais. Fui perseguido de carro. Quando fui convocado para depor na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre a covid-19, a situação piorou ainda mais. Os dados que mostrei na CPI,

especialmente que a mortalidade por covid-19 no Brasil era muito maior do que a média mundial, tornaram-se combustível para uma onda de ódio contra mim.

A lição aqui é que o lado da ciência é sempre o lado certo. Naquela época, bastava uma consulta a qualquer base de dados sobre covid-19 para se notar que o Brasil era um dos países com pior desempenho no enfrentamento à pandemia. Embora houvesse um movimento forte para esconder tais informações, era função de qualquer pesquisador informar à população sobre o que estava acontecendo. O excesso de mortalidade no Brasil em comparação com o resto do mundo foi divulgado no *Lancet*, na CPI e até nos debates presidenciais entre Lula e Bolsonaro em 2022. A população brasileira tinha o direito de saber que, se o Brasil tivesse a mesma taxa de mortalidade do resto do mundo (média mundial), centenas de milhares de vidas teriam sido salvas.

Tudo o que aconteceu durante a pandemia fez com que, em 2022, eu me mudasse para outro país. Não foi uma decisão fácil. Como dito anteriormente, passei mais da metade da minha vida na UFPel. Felizmente, desde que me mudei, consegui manter vínculos de colaboração com o PPGEpi que seguirão por muitas décadas. Continuo coordenando a Coorte de 2015, estudo que iniciei com financiamento da Wellcome Trust, da Inglaterra. Recentemente, liderei o EPICOVID 2.0, estudo sobre o impacto da pandemia de covid-19 nas vidas das famílias brasileiras. Essas pesquisas são feitas em colaboração com professores e estudantes do PPGEpi.

Considerações finais

Os 35 anos do PPGEpi devem ser celebrados. Um programa de pós-graduação numa cidade de porte médio, no interior do Brasil, quase na fronteira com o Uruguai, é, há décadas, o melhor do país na área. Arrisco-me a dizer que o PPGEpi está entre os cinco melhores programas de pós-graduação em epidemiologia do mundo. Esse resultado foi alcançado com muito trabalho e com muito compromisso. O PPGEpi nunca usou atalhos – nosso trabalho nunca foi pautado pelos critérios avaliativos. Ao contrário, nosso trabalho muitas vezes fez com que critérios avaliativos

fossem mudados, dado o nível de excelência atingido. O PPGEpi também nunca esqueceu das pessoas, de Pelotas, do Rio Grande do Sul, do Brasil, do mundo. As pesquisas realizadas no PPGEpi sempre aplicaram uma lente de desigualdade, uma lente de justiça social, combinada com o rigor metodológico, para responderem perguntas de pesquisa relevantes para a nossa sociedade.

Prever o futuro é impossível, mas sugiro que o PPGEpi e os estudantes priorizem a comunicação científica, os estudos de intervenção e as pesquisas para as pessoas como seus três pilares de planejamento estratégico. É essencial lembrar que algumas das pessoas que construíram essa história linda estão aposentadas, fora do país ou no final de suas carreiras. Portanto, investir na renovação é essencial. Mas, para tal, é necessário compreender que renovação não depende apenas do governo federal, da Reitoria, da Direção da Faculdade. Renovação depende de liderança saudável, com visão coletiva e empatia. O futuro que o PPGEpi merece precisa disso!

APRENDENDO COM O PASSADO PARA TOMAR DECISÕES NO PRESENTE E NO FUTURO / LEARNING FROM THE PAST TO MAKE DECISIONS IN THE PRESENT AND FUTURE

Iná S. Santos
Dra. em Clínica Médica, pela UFRGS
Professora Titular da UFPel

Minha vida profissional teve início em 12 de dezembro de 1977, dois dias após a cerimônia de formatura na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Em julho de 1977, eu havia feito um estágio optativo, voluntário, no posto de saúde da Vila Santos Dumont, que havia sido recém-criado pelo médico e professor Justino José Faleiros, recém-chegado de São Paulo, juntamente com o professor Kurt Kloetzel. O posto era improvisado, com duas minúsculas salas para consultas e outra para pequenos procedimentos, como aplicação de injeções e curativos.

As necessidades de saúde naquela comunidade eram evidentes: muitas crianças desnutridas, com diarreia e pneumonia, eram trazidas diariamente para consulta. Naquela época, morriam muitas crianças em Pelotas por estas duas causas. Era um tempo em que não havia Sistema Único de Saúde (SUS) e a conferência de Alma Ata, que definiria o perfil da Atenção Primária à Saúde, só aconteceria em setembro do ano seguinte. Não havia também vacinas para essas doenças, e os primeiros artigos científicos sobre o soro de reidratação oral para prevenção da mortalidade por diarreia começavam a ser publicados na revista *Lancet.* Terminado o estágio, não tive dúvidas de que era ali, entre as pessoas que mais necessitavam, que eu queria continuar trabalhando. E assim foi. A formatura foi num sábado (10/12/1977) e na segunda-feira (12/12/1997) lá estava eu no posto de saúde para trabalhar em tempo integral, como voluntária.

Em abril de 1978, fui contratada pela UFPel como Auxiliar de Ensino, para dar aulas e receber alunos do 3º ano do curso de Medicina no posto de saúde. No final de 1979, fui selecionada para a primeira turma de residência em Medicina Geral Comunitária do Hospital Nossa Senhora

da Conceição, em Porto Alegre. Em 1981, fiz o curso de Saúde Pública da Secretaria de Saúde e Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul, tornando-me sanitarista. No mesmo ano, fui aprovada no concurso para Professora Assistente no Departamento de Medicina Social da UFPel. De volta a Pelotas, em regime de dedicação exclusiva para a UFPel, trabalhei na docência e na extensão, como professora preceptora de alunos do 3º ano, sextanistas e médicos residentes de Medicina Social, Pediatria e Psiquiatria no Posto de Saúde Areal Fundos.

Em 1989, iniciei o mestrado em Ciências Médicas, com ênfase em Epidemiologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação do professor Cesar G. Victora, meu colega de departamento e Professor Colaborador do programa de pós-graduação da UFRGS. Conclui o mestrado em 1991, com a defesa da dissertação intitulada *Tabagismo materno durante a gestação: fatores de risco e fatores prognósticos*.

Em 1993, ingressei no doutorado no mesmo programa da UFRGS e fui uma das primeiras brasileiras a fazer doutorado sanduíche fora do país com bolsa do CNPq. De janeiro de 1994 a agosto de 1995, fui Research Fellow na London School of Hygiene & Tropical Medicine, da Universidade de Londres, sob a supervisão da Dra. Sharon Huttly. Em 1995, defendi minha tese intitulada *Consumo de cafeína na gestação e baixo peso ao nascer: um estudo de casos e controles*, que envolveu 1.200 díades mães/recém-nascidos da cidade de Pelotas. Em 1995, com o título de Doutora, passei à docência no Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. Sou Pesquisadora Bolsista do CNPq PQ-1A.

No PPGEpi, sou uma das pesquisadoras principais da Coorte de Nascimentos de Pelotas de 2004, um estudo de base populacional, que vem acompanhando os 4.231 nascidos em Pelotas naquele ano. Grande parte de minha produção científica é realizada com dados coletados no nascimento e nos oito acompanhamentos subsequentes até então realizados (ao nascer, 3, 12, 24 e 48 meses e aos 6, 11, 15 e 18 anos de idade). No momento, estamos nos organizando para realizar o acompanhamento de 22 anos, em 2026.

Entre minhas atividades administrativas, entre 2012 e 2013, fui coordenadora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Epidemiolo-

gia e Coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde Pública Baseada em Evidências; e, entre 2013 e 2015, fui coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia.

Minha primeira experiência em pesquisa foi em um ensaio randomizado multicêntrico, internacional, conduzido simultaneamente em Pelotas, Rosário (Argentina), cidade do México (México) e Havana (Cuba), com o objetivo de prevenir desfechos perinatais desfavoráveis, em gestantes de alto risco. Sob a coordenação do Fernando Barros e Cesar Victora, o estudo recebeu financiamento do International Development Research Center (IDRC) do Canadá. Juntamente com Magda Damiani e Jorge Béria, fizemos o treinamento das visitadoras para veicularem o conteúdo da intervenção, em quatro visitas domiciliares programadas às gestantes do grupo intervenção. O controle de qualidade da implementação da intervenção também esteve sob a nossa responsabilidade. Para mim, foi uma oportunidade ímpar para conhecer a riqueza e, ao mesmo tempo, os desafios de conduzir estudos experimentais. Essa primeira experiência me fez construir um lastro de conhecimentos, que me auxiliaram no planejamento e na implementação de mais de uma dezena de estudos experimentais que realizei ao longo da carreira.

A atividade de pesquisa me proporcionou importantes experiências internacionais de trabalho. Em Moçambique, trabalhei no planejamento de uma intervenção comunitária, com o objetivo de promover o consumo de batata-doce de polpa alaranjada, cujo plantio havia sido introduzido pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, visando reduzir a prevalência de déficit de vitamina A na população infantil. A independência de Moçambique foi conquistada em 1974, por meio de um conflito contra Portugal que durou dez anos. Na época de colônia, só era permitido aos moçambicanos o plantio de algodão, que, obviamente, não era comestível. Em um cenário de extrema pobreza, escassez quase absoluta de alimentos e carência nutricional, trabalhei na zona rural da província de Quelimane, no norte do país, planejando o conteúdo e a logística da intervenção, que, ao final, mostrou-se efetiva no aumento dos níveis plasmático de retinol.

No Paquistão, trabalhei nas cidades de Lahore (situada ao norte) e Karachi (localizada no sul do país), no treinamento de pediatras para re-

plicação de uma intervenção nutricional, cujo objetivo era testar a eficácia do componente nutricional da Atenção Integral às Doenças Prevalentes na Infância (AIDPI) naquele país. O AIDPI foi uma estratégia criada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), adotada pelo Ministério da Saúde do Brasil e de vários outros países, para treinar profissionais de saúde. O foco era avaliar, classificar e tratar as doenças mais comuns em crianças menores de cinco anos de forma rápida e efetiva, de forma a reduzir a mortalidade na infância.

Dadas as particularidades da alimentação, o componente nutricional do AIDPI precisava ser construído e testado em cada país. Com recursos da Organização Mundial de Saúde, em um ensaio comunitário randomizado, treinamos os médicos de metade das unidades básicas de saúde de Pelotas (a outra metade constituiu o grupo controle) para veicularem o conteúdo da intervenção nutricional, que havíamos planejado e previamente testado em pequenos ensaios domiciliares, às mães de crianças ≤ 18 meses de idade, durante as consultas nas unidades básicas de saúde do grupo intervenção. Os pesquisadores das duas cidades do Paquistão replicaram nossa metodologia do estudo de avaliação, logicamente depois de adaptarem o conteúdo alimentar da intervenção aos hábitos e costumes daquele país.

A Agência Internacional de Energia Atômica financiou vários estudos que conduzi com aplicação de isótopos estáveis para medir composição corporal na infância, anemia em escolares e infecção por *Helicobacter pylori* em adultos. Tais estudos proporcionaram inúmeras parcerias com pesquisadores de vários países da América Latina e do Caribe, Ásia, África e Oceania.

O envolvimento nessas pesquisas e minha produção científica ao longo dos anos refletem, portanto, meu interesse em saúde materno-infantil e em avaliação de serviços e programas de saúde. Tenho também um genuíno gosto pelo ensino, pelo trato com os estudantes e por fazer parte de um programa ao lado de um grupo de pesquisadores comprometidos e dedicados a manter, desde sua primeira conquista, na avaliação de 2007, o conceito máximo na avaliação da CAPES (nota 7).

Em julho de 2018, após 40 anos de trabalho, solicitei minha aposentadoria da UFPel, trabalhando (como estou até agora) como Professora do Corpo Permanente do PPGEpi, na qualidade de voluntária. Em setembro

de 2018, passei a integrar o Corpo de Professores Permanentes do Programa de Pós-Graduação em Pediatria e Saúde da Criança, como Professora Adjunta da Escola de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, onde permaneci até janeiro de 2022.

Desde dezembro de 2023, sou Professora Adjunta do Corpo Docente Permanente do atual Programa de Pós-Graduação em Saúde no Ciclo Vital, modalidade profissional, da Universidade Católica de Pelotas.

Nos últimos 30 anos, orientei 28 alunos em iniciação científica, 27 estudantes de mestrado e 25 de doutorado, além de supervisionar o trabalho de dez pesquisadores em estágio pós-doutoral. Assim, em minha trajetória profissional, nunca me afastei dos princípios que nortearam a escolha da Medicina Geral Comunitária e da Saúde Coletiva, o que tem me garantido leveza e satisfação com o trabalho ao longo de todos esses anos.

Não sei quem é o autor, mas concordo integralmente e recomendo o seguinte princípio: "escolhe um trabalho de que gostes e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida".

Por fim, tive dois filhos (Michel e Camila), a quem muito amo e que muito me orgulham, pelas pessoas que são e por terem ambos se tornado médicos. Sou muito grata a eles por terem me proporcionado a imensurável alegria de ser avó de quatro netos (Gabriel, Laura, Beatriz e Eduardo).

Pelotas, maio de 2025.

Querido(a) leitor(a),

Espero que esta carta lhe encontre bem e feliz!

Escrevo para lhe contar um pouco do que tenho vivido nesses últimos anos. Faço isso para que você, que vive no que para mim hoje é o futuro, possa reunir elementos que o ajudem a compreender o *status quo* e a tomar decisões que possam prevenir erros cometidos no passado. Isso porque muitas das causas necessárias, suficientes e contribuintes dos desfechos do seu presente (como diria Rothman, inspirado nos critérios de causalidade de Bradford-Hill, que você, se for epidemiologista, certamente bem conhece) tiveram início aqui, no meu presente ou até mesmo no meu passado. Vamos, então, em um delineamento longitudinal, como em uma coorte ambispectiva, revolver meu presente e meu passado próximo, em busca de exposições com possíveis efeitos aí, no seu presente.

Quero começar lhe contando da pandemia de covid-19, da qual você, certamente, deve ter ouvido falar. Eu, por exemplo, até vivenciar a de covid-19, havia ouvido falar algumas vezes da gripe espanhola, causada pelo vírus Influenza A/H1N1, iniciada em 1918, que, segundo dados da Organização Mundial de Saúde, dizimou de 20 a 50 milhões de pessoas no mundo inteiro. No Brasil, que na época tinha 30 milhões de habitantes, foram 35.000 mortes em dois anos.

Em janeiro de 2020, os telejornais das TVs a cabo começaram a noticiar diariamente a evolução de um surto viral respiratório, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, com alta taxa de letalidade. Os casos haviam iniciado em dezembro do ano anterior e, apesar dos esforços de bloqueio implementados pelas autoridades sanitárias, os primeiros casos fora da China começaram a ocorrer em fevereiro de 2020, no norte da Itália, na região da Lombardia, em uma pequena cidade perto de Milão. Com esta notícia, tivemos certeza de que era apenas uma questão de tempo. Logo o vírus chegaria ao Brasil. E chegou por São Paulo, em fevereiro de 2020, trazida por um homem de 61 anos, que havia viajado para a Itália. Do dia 20 de março de 2020 em diante, quando as medidas de distanciamento social foram adotadas pelo

governo brasileiro, iniciaram-se os fatos que queria lhe contar. Passamos a conviver com o fechamento de escolas, a mudança do regime de trabalho presencial para o online e muitas mortes.

Nos telejornais, as curvas com o número de diagnosticados e de óbitos eram crescentes. Uma foto de Manaus foi o retrato mais impactante e fiel que me ficou da pandemia no Brasil. Não sei se você chegou a ver a imagem icônica da capa da revista Veja da época: centenas de fileiras de covas, abertas rapidamente, dia e noite, a poucos centímetros umas das outras, para enterrar as vítimas da covid. Em foto de 21/4/2020, a manchete da revista dizia assim: "Mortes triplicam em Manaus e corpos são enterrados em vala comum: o número de sepultamentos passou de 30, em média, para mais de 100 por dia desde o início da pandemia do novo coronavírus". Simplesmente patético.

Todos nós usávamos máscaras. Curioso foi que não tardou a surgirem máscaras coloridas, máscaras com estampas florais, com motivos infantis, enfim de todo o tipo imaginável. As de adultos, para combinar com o restante da indumentária. As de crianças, para ajudar a convencê-las a usar. A covid-19 em geral não era grave entre as crianças, mas as aulas foram suspensas mesmo assim. A medida, como você bem sabe, visava não facilitar a transmissão do vírus para as famílias e assim proteger os idosos e pessoas com obesidade e portadoras de doenças crônicas, que eram as principais vítimas da covid. As crianças das escolas particulares participavam de aulas online, em casa. Você consegue imaginar o caos? Uma criança na frente do computador, assistindo aula? Surreal. Mas por pior situação passaram as crianças das escolas públicas. Sem infraestrutura e acesso à internet nas escolas e nas residências, as crianças ficaram praticamente dois anos sem receber instrução formal. Me diga você se aí no futuro é possível, de alguma forma, perceber efeitos dessa privação.

Dessa época, duas lembranças me restaram fortes. A primeira, que Pelotas parecia uma cidade fantasma: ninguém nas ruas. As escassas saídas de casa eram para ir a farmácias ou supermercados, mantidos abertos por serem serviços essenciais. Nesses locais, as pessoas mantinham distância umas das outras, por recomendação sanitária, mas também por medo da covid assintomática e dos períodos silenciosos de incubação do vírus.

Acredito que em muitos países do hemisfério norte esse distanciamento das pessoas em quase nada lhes mudou a rotina habitual do dia a dia. Mas aqui no Brasil, em que as pessoas, quando se encontram, se abraçam e se beijam uma, duas ou três vezes (pra casar, pra não morar com a sogra...), esta foi uma prática que exigiu sacrifícios. Muito mais sacrifícios foram exigidos dos mais velhos, sem poder conviver com os filhos nem testemunhar a olhos nus o crescimento dos netos. Alguns filhos traziam os netos até a frente da residência dos avós, para que pudessem pelo menos se ver de longe. Minha segunda forte lembrança daqueles anos é a do silêncio que emanava das ruas. Um silêncio como o que normalmente só ouvimos nas manhãs de domingo. Naqueles dias, pesado, intenso, inquebrável, todos os dias, a todas as horas.

Havia muita tristeza no ar e pouca esperança de disponibilidade de vacinas. Com base no histórico das pesquisas com vacinas anteriores e não havendo efeito de rebanho (era alta a letalidade e o vírus Sars-Cov-2 cambiava rapidamente para novas cepas), precisaríamos ficar confinados em casa por muitos anos. Felizmente não foi assim. A bioquímica húngara Katalin Karikó e o médico norte-americano Drew Weissman receberam o prêmio Nobel de Medicina de 2023 por descobertas que levaram ao desenvolvimento de vacinas contra a covid-19. Como disseram os cientistas que depois desenvolveram a vacina de Oxford contra o Sars-Cov-2, conseguiram fazer em 10 meses um trabalho que normalmente demora 10 anos ("10 anos em 10 meses"). Em fevereiro de 2021, recebi feliz a primeira dose de vacina contra Covid. Acredito que todos como eu gostariam neste dia de poder haver dito: "Muito obrigada, Dra. Katalin, a senhora nos devolveu a vida".

Não sei se aí no futuro você ouviu falar, mas estamos vivendo agora uma época em que muitos se levantam contra o uso de vacinas. Muitos se opuseram a vacinar contra covid-19. Não somente as vacinas para adultos, mas também as clássicas, que há décadas são aplicadas com segurança e alta efetividades entre as crianças. Parece absurdo, não? Mas não é. Tem até um nome: "hesitação vacinal", e é mais frequente entre pessoas com melhores condições socioeconômicas. Não sei se esta onda chegou até aí, no futuro. Por ora, está forte entre nós. E, para você ter uma ideia, na Coorte de 2015,

o esquema básico do primeiro ano de vida (uma dose de BCG e sarampo e três doses de DTP e pólio) foi menos prevalente entre crianças de famílias de melhores condições socioeconômicas do que entre as demais. Me pergunto o que terá acontecido com o grupo dessa vertente aí no futuro? Teriam as mortes por sarampo e as sequelas de pólio finalmente convencido esses céticos da importância e necessidade de vacinar as crianças? Espero que a extinção natural desse grupo tenha acontecido sem precisar sacrificar a saúde e a vida de crianças.

Recém-saídos da luta contra covid-19, nos coube vivenciar, em maio de 2024, aqui no estado do Rio Grande do Sul, uma das mais violentas manifestações do aquecimento global. Foi a maior catástrofe climática registrada na história do nosso estado, pelo menos até o momento em que estou lhe escrevendo esta missiva. Não sei o que nos reserva o futuro! Em várias cidades, em menos de uma semana, choveu o equivalente a um terço da média histórica de precipitação para todo um ano. Enchentes devastadoras afetaram 478 dos 497 municípios do estado, causando alagamentos, inundações e deslizamentos de terra. Mais de 442 mil moradores tiveram que deixar suas residências (cerca de 18 mil em abrigos e 423 mil desalojados). Mais de 640 mil residências tiveram o abastecimento de água cortado e mais de 440 mil ficaram sem energia elétrica. Houve bloqueios em dezenas de pontos nas estradas estaduais por deslizamentos de terra, inundações, destruição da pista e de pontes, rompimento de barragens e queda de árvores. Era um cenário apocalíptico, resultante da combinação de dois fatores: um global – a emergência climática – e outro local – os riscos existentes e resultantes da infraestrutura urbana e rural de nossos municípios. Me diga se a você um cenário como este não parece também um apocalipse? Chegou aos seus ouvidos, aí no futuro, alguma menção sobre essa tragédia? Nem sei o que desejar: se é melhor você ter ouvido falar ou se este episódio ficou perdido no esquecimento. Não sei dizer o que seria um bom sinal. Se você ouviu falar, pode ser porque as más condições do planeta continuam presentes e só uns poucos (você entre eles, eu espero) se preocupam com isso; ou porque isto foi uma nódoa já apagada do passado, com medidas drásticas de controle da emissão de gases e do desmatamento sendo postas em prática e a ameaça de destruição das condições de vida humana no

planeta não existem mais (Deo gracias!). Se você nunca ouviu falar, pode ser porque este é um problema já resolvido ou porque as condições de vida pioraram tanto que este meu incidente é ínfimo frente à destruição registrada aqui e em vários outros locais do mundo devido às condições climáticas. Acho que não preciso lhe dizer por que as condições do planeta me preocupam tanto. Além de ser este o único lugar no universo onde posso viver os anos que me restam, tenho também uma família: dois filhos e quatro netos. Como eu (e provavelmente também como você), meus descendentes também dependem deste planeta para viver.

E por fim, queria lhe contar a última das novidades. Não que a inteligência artificial (IA) seja nova. Não. Seus primórdios datam de 1943, quando foi criado o primeiro modelo computacional para redes neurais e o nome inteligência artificial nem era usado. O *Deep Blue* da IBM, que superou o campeão de xadrez Garry Kasparov em 1997, por exemplo, era uma máquina reativa de IA. Como previu Stephen Hawking, a IA veio para ficar e agora se popularizou e está a serviço de cada um e de todos nós que quisermos e tivermos acesso à internet. É certo que no Brasil nem todos têm acesso à internet. Mas, para os que têm, uma nesga do futuro já pode ser vislumbrada. O Google e as suas vertentes, como Google Fotos, Gmail, Youtube e Google Tradutor, e os aplicativos de *streaming* de música e vídeo, como Spotify e Netflix, estão hoje no nosso dia a dia. E mais, mais recentemente, o ChatGPT-4, lançado em 2023, com a capacidade de interpretar imagens e gerar textos a partir de instruções visuais, como fotografias e diagramas, pode, inclusive, escrever textos a partir de resumos mais ou menos detalhados. E tudo isso em 26 idiomas. Muito bom, mas também perigoso. O grupo das revistas *Lancet*, por exemplo, já solicita que todos os autores declarem se utilizaram IA e tecnologias assistidas por IA no momento da submissão e, em caso afirmativo, que tecnologia utilizaram e para que a utilizaram. Definida pela Organização Mundial de Saúde como "o desempenho por programas de computador de tarefas que são comumente associadas ao ser inteligente", a IA é vista hoje por muitos como tendo a capacidade de revolucionar os sistemas de saúde. A IA pode analisar rapidamente grandes e complexos bancos de dados, extrair recomendações personalizadas para pacientes ou ambientes, apoiar a tomada de

decisões e melhorar a eficiência de tarefas que envolvem o processamento de dados, texto ou imagens. Suspeita-se, no entanto, que os benefícios da IA podem estar sendo exagerados e os riscos subestimados. Esses riscos incluem potenciais violações da privacidade dos dados, má interpretação dos resultados, perpetuação de preconceitos e o perigo de os profissionais se tornarem excessivamente dependentes da tecnologia, levando à erosão de competências críticas. Agora me diga você: como a IA chegou aí no futuro? Já existem máquinas capazes de reconhecer e memorizar emoções e a reagir em situações sociais como um humano? Já existem máquinas cientes da própria existência e dotadas de recursos intelectuais e emocionais do ser humano? O que não estarei perdendo, pelo simples fato de não estar vivendo aí, no futuro?

Mas porque estou lhe contando tudo isso? Bem, primeiro, porque a organizadora deste livro me pediu uma carta de cinco laudas. Para um artigo científico, cinco laudas não são muito. Aliás, só um pouco mais do que um *short report*. Mas assim, uma carta para o futuro, para alguém que eu posso nunca ter visto (ou será que já vi você?), fica um pouco mais difícil. E outro motivo: depois de tantos anos fazendo pesquisa, o critério de temporalidade é uma questão *sine qua non* em minha vida. A causa, necessariamente, precede o efeito. Com certeza, haverá aí no futuro em que você se encontra reflexos da minha realidade presente e passada. Espero que o mundo esteja melhor aí no futuro, que o planeta esteja sendo mais bem tratado, que haja menos iniquidades e que você esteja feliz.

Sem mais, despeço-me por aqui, lhe enviando um forte abraço.

Iná S. Santos

AOS ESTUDANTES DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EPIDEMIOLOGIA / TO STUDENTS OF THE POSTGRADUATE PROGRAM IN EPIDEMIOLOGY

Denise Petrucci Gigante
Doutora em Epidemiologia, pela
Universidade Federal de Pelotas
Professora aposentada

Apresento-me como professora da Faculdade de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), desde 1988, quando ingressei como professora auxiliar. Sou nutricionista, formada em 1982, e quero iniciar esta carta apresentando minha trajetória na Epidemiologia, pela minha experiência a partir da graduação. O contato com essa disciplina e com o professor Luiz Augusto Facchini contribuíram, de forma marcante, para o meu interesse pela Epidemiologia desde 1980, no meu segundo ano como estudante do Curso de Nutrição.

Nessa época, o Departamento de Nutrição era lotado na Faculdade de Medicina, assim como o Departamento de Medicina Social, que ofertava a disciplina de Epidemiologia. O Departamento de Medicina Social foi criado pelo professor Kurt Kloetzel, que eu já conhecia antes mesmo do meu ingresso como estudante universitária. O Kurt foi professor da minha irmã mais velha, era amigo do meu pai e frequentava a nossa casa. Assim, eu sabia a respeito da forte atuação do Departamento de Medicina Social na assistência à saúde, em dois bairros da cidade de Pelotas. E foi no bairro Areal que participei, com professores e estudantes do Departamento de Medicina Social que atuavam no posto de saúde, da divulgação do lançamento da campanha nacional de vacinação contra a poliomielite, em 1980.

Nessa época, eu conhecia, de nome, outro professor desse Departamento que estava cursando doutorado na Inglaterra – o professor Cesar Victora. E o professor Fernando Barros, que também cursava doutorado na Inglaterra nessa mesma época, eu conhecia por ter sido pediatra da minha irmã mais nova. Mas ter assistido a palestra do Fernando sobre Desnu-

trição na Infância (muito boa e com slides muito bonitos...), na primeira Semana Acadêmica que participei como estudante de graduação, foi outra contribuição marcante para a minha trajetória em Epidemiologia.

Desde que ingressei na universidade, tive interesse pela área de saúde pública. É bastante provável que tenha sido por influência do meu pai, que, durante toda a sua vida, se dedicou à saúde pública. É possível que a minha escolha pela nutrição também tenha tido alguma influência dele, que sempre reconheceu a importância da interprofissionalidade no cuidado e na atenção à saúde da população e, naquele final de década de 1970, considerava a nutrição como profissão do futuro. Ao ser lembrado na inauguração do prédio que leva o seu nome ("Centro de Pesquisas em Saúde Professor Amilcar Gigante"), naquele 19 de outubro de 2007, os discursos proferidos citaram alguns de seus princípios éticos, explicitados em seus próprios escritos, como: jamais praticar um ato profissional desnecessário; ter permanente consciência de suas dificuldades e limitações; ser capaz de ver nos colegas companheiros de trabalho antes de competidores; ser capaz de pretender a remuneração como justa recompensa de todos os seus esforços, jamais como objetivo primeiro de seu trabalho e reconhecer que ao médico (e a todo profissional de saúde – grifo meu) exige-se, em todos os tempos e em quaisquer sociedades, alto sentido de solidariedade humana, o que implica cercear qualquer forma de individualismo. Esses princípios reaparecem aqui com o objetivo de alcançar os profissionais de saúde em formação que atualmente ocupam o prédio e não tiveram oportunidade de conhecê-lo.

Voltando à minha experiência pessoal, o estágio no Posto de Saúde da Vila Municipal – a outra unidade de saúde criada pelo Departamento de Medicina Social –, com a supervisão do professor José Martinez, também foi o que me fez perceber que essa seria a área na qual eu gostaria de trabalhar. Com o Martinez aprendi a fazer avaliação nutricional em crianças, e a prática da atividade profissional nessa unidade de saúde foram relevantes contribuições para a minha formação como nutricionista.

Depois de formada, tive uma rápida experiência de trabalho em um hospital universitário e fui nutricionista da Prefeitura Municipal de Pelotas durante cinco anos. Porém, nas primeiras oportunidades, fiz con-

cursos tanto para professora substituta como para professora auxiliar, na área de Nutrição e Saúde Pública. Fiquei em primeiro lugar na seleção para professor substituto, mas em segundo lugar nos dois concursos para professor auxiliar realizados na UFPel e na Universidade Federal do Paraná. Um ano após a realização do concurso, com a aposentadoria de uma professora da área de saúde pública, fui chamada para assumir uma vaga de professora auxiliar.

Assim, ao ingressar na UFPel, em 1988, a realização de pós-graduação, pelo menos em nível de mestrado, passou a ser uma meta e, em janeiro de 1991, fiz seleção para a primeira turma do Mestrado em Epidemiologia da UFPel, mas não fui classificada. Mesmo como docente, a minha experiência em pesquisa era pequena e minha produção acadêmica incipiente. Dois anos depois, quando houve seleção para a segunda turma do mestrado, fui classificada. Gosto de contar que havia uma pergunta na prova de seleção sobre uma ideia de pesquisa para realizar durante o curso. Na época, os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição haviam sido divulgados e chamavam atenção para o aumento na prevalência de obesidade em adultos. Além de conhecer bastante sobre essa publicação, referência para as minhas aulas de Nutrição e Saúde Pública, pensei que se eu comentasse a questão de pesquisa sobre qualquer tema relacionado com nutrição infantil, os meus avaliadores saberiam muito mais do que eu seria capaz de responder. Assim, o meu artigo do mestrado foi um dos primeiros estudos epidemiológicos, de base populacional, a mostrar a prevalência e os fatores associados à obesidade em população adulta e, consequentemente, um dos meus trabalhos mais citados.

Esse é o início da minha trajetória na Epidemiologia. Dois anos depois da conclusão do mestrado, fui selecionada na primeira turma do doutorado. Nessa época, fui supervisora do acompanhamento dos quatro anos dos membros da Coorte de 1993. Além de ser responsável por esse acompanhamento, conduzi um subestudo que foi objeto da minha tese. Então, como docente da UFPel e na categoria de professora adjunta por ter concluído o doutorado, ingressei como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia (PPGEpi), no ano 2000, logo após a conclusão do doutorado. Foi também nessa época que fui uma das

responsáveis pelo estudo de caso-controle sobre gravidez na adolescência, com as jovens que pertenciam à Coorte de Nascimentos de 1982. Assim, a minha principal contribuição em pesquisa epidemiológica foi nessa Coorte, desde o subestudo sobre obesidade, quando os membros da Coorte estavam com 15 anos, até o acompanhamento dos 30 anos, em 2012, quando também fui coordenadora do PPGEpi. Em seguida, assumi atividades administrativas na UFPel e acabei me distanciando dos estudos das coortes, embora tenha permanecido na orientação de estudantes do PPGEpi, até 2023.

Mas é a minha experiência no ensino, na pesquisa e nos estudos das coortes, especialmente na de 1982, que me permitem aconselhar os jovens pesquisadores em Epidemiologia. Começo lembrando daquele ano de 1993, quando cursei as disciplinas do mestrado e pensei como aprendi tanta coisa em tão pouco tempo. Acredito que essa é uma sensação percebida pelos estudantes ao ingressarem no mestrado, pois, em apenas dois dias da semana, recebemos uma grande quantidade de informações sobre Epidemiologia e disciplinas correlatas.

Entretanto, caso essas informações sejam recebidas na forma do ensino tradicional, o que pode acontecer em algumas situações, os estudantes são treinados a repetir e reproduzir aquilo que os epidemiologistas mais experientes fazem há alguns anos. Concordo que algumas habilidades técnicas podem ser aprendidas pela repetição e reprodução daquilo que vem sendo feito há mais de três décadas, com muita qualidade, por esses docentes com reconhecimento nacional e internacional. Entretanto, eu gostaria de sugerir aos estudantes que reflitam e produzam o seu próprio conhecimento sobre o que está sendo ensinado, desde o primeiro ano do curso. Outra sugestão é para participarem de eventos promovidos pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), pelo menos os congressos brasileiros de Epidemiologia (EPI) e de Saúde Coletiva (ABRASCÃO). Esses eventos costumam ser realizados a cada três anos e não acontecem no mesmo ano; algum deles deve acontecer em um dos dois anos do mestrado e, para aqueles estudantes que seguem no doutorado, a participação em ambos os eventos é fundamental. É bastante provável que as melhores palestras – e também as mais concorridas – sejam proferidas pelos pro-

fessores do PPGEpi da UFPel – pelo menos foi assim na época em que fui estudante de pós-graduação – mas é uma oportunidade de conhecer, pessoalmente, destacados epidemiologistas, muitos dos quais conhecemos como referências bibliográficas e que atuam em respeitadas instituições nacionais ou internacionais.

Outros dois eventos, também promovidos pela Abrasco, como os congressos brasileiros de Ciências Sociais e Humanas em Saúde e de Política, Planejamento e Gestão de Saúde, são oportunidades de conhecer as contribuições das ciências sociais para a saúde coletiva, bem como as ações de fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) que vão colaborar com a formação de epidemiologistas críticos e reflexivos, em uma perspectiva interdisciplinar.

Ao pensar na comemoração dos 35 anos do PPGEpi, e percebendo que no meu relato inicial fiz referência a cinco epidemiologistas que foram marcantes na minha formação, não posso concluir esta carta sem incluir, pelo menos, cinco mulheres que também tiveram grande importância na minha trajetória em Epidemiologia.

Começo com a professora Cora Araújo, que talvez seja menos conhecida pelos estudantes, já que está aposentada e não mora em Pelotas desde 2011. Porém, esses mesmos estudantes conhecem o estudo das curvas de crescimento, que desenvolveu um instrumento internacional de referência do crescimento de crianças com até cinco anos de idade, e a Cora foi responsável pela pesquisa conduzida em Pelotas. Foi com a Cora que, ainda como aluna de graduação, conheci o Programa Nacional de Serviços Básicos de Saúde (Prev-saúde) – só os mais velhos devem lembrar, pois não saiu do papel – que serviu de alicerce para a construção do Sistema Único de Saúde. Foi com ela que aprendi, ainda mais, a gostar da área de Nutrição e Saúde Pública.

A professora Ana Menezes foi inspiração desde quando eu estava no mestrado, pois era quem pesquisava a população adulta, e a minha dissertação de prevalência e fatores de risco para obesidade, como doença crônica, encontrava alguma analogia com a tese "Prevalência e fatores de risco para bronquite crônica em Pelotas" defendida por ela, um ano antes do meu ingresso no mestrado. Foi com a supervisão dela que coordenei

o primeiro projeto de pesquisa com financiamento, e a sua atuação como a primeira coordenadora do PPGEpi foi inspiração para que eu também pudesse assumir essa função, na sequência.

Com a professora Iná dos Santos tive oportunidade de aprender pela participação em estudos de intervenção na área de nutrição infantil e no compartilhamento do ensino das disciplinas de Epidemiologia na pós-graduação. Ter compartilhado a coordenação do PPGEpi com a Margarete Marques na secretaria também foi um período de bastante aprendizagem e contribuição para a minha trajetória acadêmica-administrativa, de forma que, em 2013, assumi a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, pela experiência como coordenadora do único programa de pós-graduação com nota máxima pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), naquele momento. Ter recebido o apoio do professor Cesar Victora para assumir aquela função e participar de uma gestão que tinha como princípios o compromisso social, a qualidade acadêmica, o desenvolvimento de pessoal e a democracia, inspirada em gestão anterior, a qual teve como reitor o professor Amilcar Gigante, foram motivos que me fizeram também assumir a Vice-Reitoria.

Para manter a paridade de gênero, quero citar a Francine Silva dos Santos, uma entre os meus 36 orientandos de pós-graduação. Escolhi a Francine para representar todos esses estudantes que, seguramente, tiveram papel fundamental na minha trajetória, pois, com eles, aprendi a orientar dissertações e teses. São os estudantes, especialmente os orientandos, que nos fazem melhores docentes e pesquisadores. A escolha pela Francine também foi por uma questão de diversidade, pois, quando ela foi selecionada para o doutorado em Epidemiologia, já haviam sido implantadas as ações afirmativas na pós-graduação, com o objetivo de corrigir as desigualdades nesse acesso. Essas ações afirmativas garantiram a bolsa da Francine durante todo o curso de doutorado – entre 2017 e 2021 –, apesar de ter sido uma época com forte restrição orçamentária para a ciência brasileira.

A Francine teve oportunidade de realização de período sanduíche na Universidade do Porto – experiência fortemente recomendável a todos os estudantes –, embora, para ela, essa experiência foi prejudicada por ter ido para Portugal apenas alguns dias antes do início da pandemia de covid-19.

O tema da tese da Francine foi o consumo de alimentos ultraprocessados e a classificação NOVA, e talvez, sabendo o que é discriminação, ela enfrentou bravamente todas as críticas que recebeu por trabalhar com esse tema. Naquele período, assim como o Chris Van Tulleken, alguns epidemiologistas duvidavam da classificação NOVA. Por isso, gostaria também de sugerir a leitura de *Gente Ultraprocessada*, de Chris Van Tulleken, que deu o braço a torcer em relação aos alimentos ultraprocessados e reconheceu a falência do nosso sistema alimentar.

Ainda como sugestão aos jovens epidemiologistas, gostaria que eles considerassem como é necessário ampliar as pesquisas sobre diversidade para garantir a igualdade de gênero e raça em todos os espaços da ciência e, por fim, em momentos de lazer, desfrutassem do *podcast* "Escute as Mais Velhas"!

BOAS CONVERSAS E TRAVESSIAS SEM VOLTA: UM BILHETE AFETUOSO PARA JOVENS EPIDEMIOLOGISTAS / GOOD CONVERSATIONS AND IRREVERSIBLE JOURNEYS: AN AFFECTIONATE NOTE TO YOUNG EPIDEMIOLOGISTS

Helen Gonçalves
Dra. em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professora do Programa de Pós-graduação em Epidemiologia
Faculdade de Medicina – Departamento de Medicina Social

Pelotas/RS, junho de 2025.

Aos jovens curiosos,

Esta carta contém a esperança de que chegue até vocês, pesquisadores/as em formação, como surgem as boas conversas. Não contém verdades, como se esperaria; há nela sugestões afetuosas. Ela é uma forma de celebrar, com afeto e reflexão, os 35 anos do nosso Programa de Pós-Graduação – um espaço com uma das mais sólidas e comprometidas trajetórias da saúde coletiva no Brasil –, bem como de comemorar os 50 anos do Departamento de Medicina Social, que possui uma prestigiosa história local, com tantos colegas extremamente competentes nas suas especialidades, que lutam na sua prática clínica para a qualificação do sistema público de saúde.

A proposta desta carta é simples em sua forma, mas ambiciosa em sua intenção: indicar livros que merecem ser lidos, filmes que expandem horizontes, cursos e experiências que "remoldam" visões. Tudo isso em uma perspectiva interdisciplinar, porque sabemos, desde sempre, que a Epidemiologia cumpre melhor seu papel quando dialoga com outras áreas do saber – como sociologia, demografia, antropologia, história – e com tudo aquilo que ajude a decifrar as desigualdades e os determinantes que constroem o adoecimento. Além disso, contar como cheguei na "Epidemio", como carinhosamente apelidamos, e sobrevivi (contém ironia).

Antes de sugerir caminhos, é importante lembrar de onde viemos. O Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) foi criado em 1991, fruto de uma visão ousada: formar

pesquisadores capazes de produzir ciência de alta qualidade, com os olhos voltados para os grandes problemas de saúde pública. Nasceu da vontade de um grupo de professores pesquisadores corajosos e determinados. Desde o início, buscou aliar rigor metodológico à relevância social. Em pouco tempo, tornou-se referência nacional e internacional, formando mestres e doutores que hoje atuam em universidades, governos, instituições e organizações nacionais e internacionais da sociedade civil. A tradição das coortes de nascimentos, iniciada em 1982, tornou-se um símbolo dessa excelência, colocando Pelotas no mapa global da epidemiologia. Isso não foi simples, e manter esse lugar tampouco o é.

O Programa cresceu com base em valores sólidos: o compromisso com a equidade, a defesa da saúde pública, a valorização da pesquisa em campo, a pluralidade dos alunos e a prática pedagógica centrada no trabalho sério. É um espaço de excelência, mas também de disputas e afetos, onde se reconhece que formar pesquisadores é, ao mesmo tempo, formar sujeitos críticos, éticos e atentos à complexidade da vida social. A Epidemio é um lugar exigente e, ao mesmo tempo, profundamente humano (com o bom e o ruim – não esqueçamos: somos paradoxais). É uma casa que, há décadas, acolhe, desafia, perturba, impõe e, na essência, sempre pretendeu formar pessoas comprometidas com a transformação do mundo – por menor que ela possa parecer.

Nasci em Bagé e aos 15 anos vim para Pelotas. Aos 16 comecei a fazer Psicologia na Universidade Católica de Pelotas (UCPel). A formatura foi em 1988. Não contarei tudo que fiz até chegar à pesquisa – seria uma longa história, feita de passos pequenos e decisivos. Creio ter sido no verão de 1992 que comecei a trabalhar em pesquisa, no segundo ano do jovem Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia.

O projeto em que entrei era de abordagem qualitativa, cuja pesquisadora principal (amiga querida Dominique Béhague) fazia seu trabalho de campo, da sua formação em antropologia, no Brasil. Ela necessitava das entrevistas transcritas, e eu, por minha vez, de complementar a renda. Assim foi, uma troca natural, calma e carinhosa. Após algumas degravações, conversas com ela e curiosidades, ela me convidou para também realizá-las, entrevistando mães. Com isso, novas possibilidades de vida surgiram.

O Cesar Victora apoiou minha permanência, e tanto ele quanto Dominique me incentivaram a fazer um mestrado, visto eu estar encantada com essa abordagem. Tinham razão. Na época, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) era o local mais próximo para fazer Antropologia. Passei pelo processo seletivo e no mestrado estudei o tema da adesão ao tratamento da tuberculose.

O tempo e os eventos se encaixaram. Nossa querida Aninha (Ana MB Menezes) e o Juvenal Dias da Costa estavam iniciando um projeto sobre o tema e viam que parte dos problemas da adesão só poderiam ser compreendidos por outros caminhos. Fui para o setor de tisiologia do Centro de Saúde da cidade e fiquei durante meses descobrindo quem não se tratava ou interrompia continuamente o tratamento gratuito e eficaz, apesar de a doença trazer consequências e poder levar a morte. No domicílio de vários homens e mulheres "tuberculosos" (como temiam ser reconhecidos), comecei a entender a complexidade dos significados sociais e emocionais que o cercavam.

Concluí o mestrado com uma dissertação bem recebida, que foi publicada posteriormente pela Editora da UFRGS. Entre o fim do mestrado e o início do doutorado, passou-se um ano de intervalo, no qual trabalhei em outros projetos com o incentivo dos professores do Programa. Alguns me diziam explicitamente que seria ótimo se eu pudesse fazer parte do corpo docente. Mas, como conhecemos, na universidade as vagas não surgem quando e porque queremos. Voltei a estudar. No doutorado novamente as mães. Estava interessada em gravidez na adolescência, tema em alta naquela época. As jovens da Coorte de 1982 que haviam engravidado foram generosas. Ensinaram-me muito. Apesar do esforço, certamente não consegui descrever e interpretar toda a riqueza do que ouvi, vi e senti.

Para encurtar a história, no segundo ano do meu doutoramento, também na UFRGS, foi-me oferecida uma bolsa sanduíche. Precisei agir rapidamente. Minha filha não quis ir, estava apegada à rede de amigos da escola. Eu entendi como um momento importante de vida, isso foi determinante para que eu não ficasse fora do país os 12 meses de direito, mas metade desse tempo. Escolhi o Canadá, a cidade de Montreal. Tive de aprender o básico do francês, a universidade era francofônica. Lá só

estudei, aprendi quase nada sobre como ler meu tema, mas muito sobre ampliar o olhar na vida. Se puderem, não deixem de se experimentar e estudar em outro "planeta".

Após concluir o doutoramento, fui trabalhar como professora na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), sem me desvincular do Centro de Pesquisas Epidemiológicas. Um ano e meio depois, surgiu uma vaga destinada ao Departamento de Medicina Social da UFPel. Soube que, na reunião do colegiado, definiram um perfil de candidatos que permitia pessoas com formação além da Epidemiologia pudessem concorrer. Isso fez toda diferença.

Nos momentos em que não estava dando aula na UCPel, dedicava-me a estudar para o concurso, montando as aulas dos 11 pontos. Terminei "no osso", literalmente. Valeu a pena. Tornei-me docente. Como docente, e cada vez menos, concilio as duas abordagens (quali-quanti). Seguidamente defino-me como alguém abduzido pela epidemiologia, pelos estudos de Coortes e, por razões práticas, pelos interesses epidemiológicos dos alunos. Minha atuação na graduação em Antropologia da UFPel, que já ocorre há muitos anos e que não mencionei anteriormente, em paralelo com o Programa, faz-me exercitar um modo diferente de pensar "os dados". Muitas histórias ficaram ocultas nesse processo de desvelamento – vocês se cansariam se eu mencionasse mais detalhes. Como iniciei dizendo, nas boas conversas ocorre o mesmo. Sigamos...

Imagino que muitos estejam iniciando sua trajetória aqui e que já tenham andado pelos corredores das universidades, e agora talvez estejam ansiosos, determinados, curiosos, em dúvida, por vezes perdidos ou em descoberta do que realmente querem – como tantos que antes vieram. Vocês estão na parte normal da curva!

Entendam: a ciência, sobretudo quando feita com rigor e com sentido, é um tipo de travessia sem volta! Como toda viagem longa, está marcada por cansaços, descobertas, risos, insônias, silêncios, admirações e dúvidas. Haverá dias em que tudo parecerá fazer sentido: os dados se encaixarão, o gráfico revelará, o raciocínio fluirá e, com sorte, a escrita não trancará. Também haverá dias em que nada disso ocorrerá e a confiança balançará – a desistência poderá ser uma escolha possível, e tudo bem. Entendam, essa

alternância não é falha do Programa ou sua: é a própria condição de quem escolhe pensar profundamente, assumir novas responsabilidades, investir seu tempo na saúde das populações. Por isso, o bilhete só comporta a ida.

A Epidemiologia que construímos em Pelotas, e que vocês continuarão a construir, sempre foi e é mais do que um campo técnico. Acredito ser uma forma de ver, de perguntar, de se implicar com a realidade local, do mundo, das situações em saúde vividas por populações. É uma área do saber que nasce do compromisso com a vida coletiva, com a tão sonhada justiça e igualdade social e, sobretudo, com o olhar e a escuta ativa dos dados que nos miram e silenciosamente gritam padrões, por vezes, de difícil entendimento ou recomendação imediata. Mudanças levam tempo; todavia, quando bem documentadas e propagadas, menos tempo.

Como me foi solicitado, compartilho sugestões que me ajudaram a sustentar esse olhar, a ampliar as lentes e a manter alguma sensibilidade diante da objetividade super-exigida nas produções e tarefas técnicas. Não aconselharei livros epidemiológicos, porque os colegas o farão com grande maestria. Cito algumas obras que podem apenas abrir um pouco a janela, refrescar as ideias e, no mínimo, encantá-los com outro tipo de escrita e forma crítica.

A primeira é *Vita – Life in a zone of social abandonment* (2005)[10], de João Biehl, antropólogo e professor na Universidade de Princeton. Um relato poderoso, bastante interessante e perturbador, atravessando discussões importantes da antropologia médica, saúde coletiva e crítica social. O estudo expõe como formas de exclusão humana ocorrem em instituições (zonas de abandono, "depósitos") que desumanizam os sujeitos rejeitados pelo sistema de saúde, pela própria família e pelo Estado brasileiro. Aponta, após longo percurso em campo (de 1995 a 2003), como gênero, pobreza e (bio)medicalização são resultado de visões que podem imputar à vítima a culpabilização de seu sofrimento, desconsiderando a violência estrutural.

Outra autora interessante é Veena Das; cito um de seus livros, o *Affliction: Health, Disease, Poverty* (2015)[11]. Em geral, a autora instiga o leitor

10 BIEHL, João. Vita: life in a zone of social abandonment. Berkeley, CA: University of California Press, 2005.

11 DAS, Veena. **Affliction**: Health, Disease, Poverty. New York, NY: Fordham University Press, 2015.

com interrogações do tipo: "Como alguém torna um mundo o seu próprio mundo?". Natural da Índia, antropóloga e professora na Universidade de Johns Hopkins, tem a aflição/sofrimento, o Estado e a violência como seus objetos privilegiados de estudo, chamando atenção à dimensão política da aflição e mostrando como muitas pessoas tornam eventos críticos em sobrevivência ética, sem que isso as caracterize como pessoas com transtornos daqueles encontrados na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM).

Para não deixar de aludir a um clássico, proponho *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (publicado originalmente em 1975)[12], de Michel Foucault. Livro indispensável à consciência da microfísica dos poderes. Muitos ouviram algo sobre ele, poucos o leram. Com muitos exemplos históricos, a obra expõe como as práticas sociais no Ocidente estão imbricadas em dispositivos sociais de controle e disciplinamento.

O Brasil é feito de complexidades, aliás somos e ele não poderia ser diferente. A "Epidemio" também. Sendo assim, a estatística sozinha poderá não dar conta de traduzi-lo. A formação interdisciplinar traz pistas, mas isso exige também que busquemos cursos e experiências fora do currículo padrão. Talvez pela idade e assombro, a grande preocupação e o encantamento que possuo pelo tema da inteligência artificial na atualidade seja compreendida. Minha geração ainda pesquisou em livros, em enciclopédias... Como o grande salto no aparato do conhecimento, não posso me abster de indicar uma imersão curiosa e crítica em cursos sobre inteligência artificial e ética (além da estética) na ciência e na produção acadêmica, atentando para seu uso no ensino e na formação sem lassidão no pensar profissional. Ainda, considero essencial buscar formações que ensinem a comunicar ciência com clareza e simplicidade, de tal modo que a população se sinta engajada, respeitosamente comprometida e representada.

O cinema, por sua vez, é uma forma potente de aprendizado. Há filmes que nos ensinam o que artigos científicos não alcançam: as emoções, os dilemas éticos, os conflitos políticos e as contradições sociais. Duas indicações óbvias, antigas, são: *Cobaias* (1977) e *O Jardineiro Fiel* (2005).

12 FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

Ambos são um retrato inquietante sobre as tensões entre a ciência, os interesses econômicos, a discriminação e a ética. Uma sugestão mais atual – e fora da linguagem totalmente cinematográfica – é a série *Adolescência* (2025, Netflix). Para além da atuação e filmagem elogiosa, faz pensar sobre o mundo digital e seus efeitos no comportamento; é uma provocação transformadora para quem já está atenta aos usos nos momentos de lazer da tela, o tempo gasto e, por conseguinte, nas consequências nas mais diversas relações, sem sequer pretender comentar na economia e política. Esta última indicação tem um propósito: instigar a autocrítica e a reinvenção que a atualidade pede.

Por fim, um alerta: a pós-graduação não deve ser um lugar solitário ou competitivo. Saiba ouvir e avançar com seus erros, com seu tempo, com as aulas; durma, coma, estude e divirta-se. Você estará continuamente em formação se souber aprender o que vê e sente. Sempre que precisar, saiba pedir e considere oferecer. Acredite: a *pós* não tem fim.

Com carinho, Helen.

ENTRE DADOS, GENES E PESSOAS: CAMINHOS PARA O FUTURO DA EPIDEMIOLOGIA / BETWEEN DATA, GENES, AND PEOPLE: PATHWAYS TO THE FUTURE OF EPIDEMIOLOGY

Luciana Tovo Rodrigues
Dra. em Genética e Biologia Molecular pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Professora do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGEpi/UFPel)

Querida leitora e querido leitor;

Escrevo esta carta sem saber se você estará em um tempo distante ou em um futuro mais próximo, de maneira que ainda tenhamos a possibilidade de nos encontrar e trocar ideias nos corredores da Epidemio. Assim, tentarei deixar nessa carta meus desejos e percepções para o futuro em ambas as escalas para a nossa Epidemio, quase como uma continuidade das discussões que temos no dia a dia.

Nesta carta vou contar um pouco da minha trajetória e dos projetos que liderei e/ou colaborei e, também, compartilhar uma forma de ver o Programa e a formação científica, a partir do lugar onde hoje estou.

A minha jornada na Epidemiologia, e em particular no PPGEpi, começou em 2014. Eu não venho da Epidemiologia. Sou Doutora em Genética e Biologia Molecular pela UFRGS e vim para cá para trabalhar com genética e genômica, uma área que estava em formação no Programa naquela época. A minha chegada foi sem saber exatamente com o que iria me deparar e fui sendo acolhida aos poucos por esse lugar e pelas pessoas. Conviver no PPGEpi é intenso. Ele te envolve, te confronta e te desafia e, sem que percebamos muito, se transforma em parte de nós e toma importante parte das nossas vidas.

Desde então fui me envolvendo aos poucos com o Programa, com os alunos, com as pesquisas e, mais recentemente, com a gestão, na condição de coordenadora. Isso me possibilitou observar o PPGEpi em diferentes lugares, e cada um deles trouxe uma nova leitura desse espaço.

Com o passar do tempo, fui percebendo que a Epidemio vai além de um conjunto de disciplinas, projetos ou linhas de pesquisa. Ela é feita das pessoas que passam por aqui. Essa história também é formada por conversas de corredor, por orientações que se estendem além do planejado, por discussões que começam técnicas e terminam quase filosóficas, muitas vezes fora da sala de aula. É também a partir dessa vivência que fui entendendo, de fato, o que significa formar alguém em Epidemiologia.

Assim, esta carta é redigida sob a perspectiva de alguém que chegou de fora, foi construindo sua trajetória aqui dentro e que hoje também ajuda a sustentar esse espaço. Ela diz respeito a essa vivência, a esse percurso e, principalmente, ao que espero para o futuro do nosso PPGEpi.

O ponto de partida na Epidemiologia

Apesar de ter ingressado formalmente no PPGEpi em 2014 como docente permanente, a minha trajetória na Epidemiologia e a conexão com o Programa começaram antes, quando eu ainda estava cursando o meu doutorado na UFRGS. Naquela época, eu estava tentando integrar aquilo que me interessava, a Genética, com perguntas que fossem relevantes para a saúde das populações. Durante o meu doutorado, tive a oportunidade de trabalhar com dados genéticos da Coorte de Nascimentos de Pelotas de 1993, investigando a susceptibilidade genética ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Esse foi, provavelmente, o primeiro momento em que percebi que era possível aproximar a genética de perguntas epidemiológicas mais amplas em uma grande e importante amostra da população brasileira. Assim, a oportunidade de ingressar como docente no PPGEpi, após ser aprovada no concurso, foi uma conquista muito significativa, tanto do ponto de vista profissional quanto pessoal.

Quando cheguei ao PPGEpi, a linha de pesquisa em Epidemiologia Genética ainda não era um campo consolidado dentro do Programa. A Genética e a Genômica não ocupavam um espaço importante. Foi necessário construir esse espaço aos poucos, desenvolvendo projetos, formando alunos e buscando integrar essa abordagem com as linhas já existentes.

No início, trabalhávamos principalmente com dados secundários. Era o que estava disponível, e foi a partir disso que começamos a construir as primeiras perguntas. Mais adiante, conseguimos recursos para realizar a genotipagem em larga escala da Coorte de 2004, o que representou um salto importante. A partir daí, passamos a desenvolver projetos mais estruturados, especialmente na área de Genética Psiquiátrica.

Esse processo, no entanto, não foi linear. No início da minha trajetória como orientadora, trabalhei com temas mais amplos, como obesidade e qualidade de vida na zona rural. Isso também fez parte da construção. A inserção na área de genética foi acontecendo de forma gradual, à medida que os projetos avançavam e novas possibilidades surgiam. Por fim, como não fui aluna do PPGEpi, tive a iniciativa de cursar todas as disciplinas obrigatórias para entender melhor o processo de ensino no PPGEpi.

Paralelamente à pesquisa, dou aula nas disciplinas de Epidemiologia Genética e de Prática de Pesquisa. Ao longo dos anos, também assumi diferentes papéis dentro do Programa. Fui, por dez anos, coordenadora do Laboratório de Processamento e Análise de Amostras Biológicas do Centro de Pesquisas Epidemiológicas (LabPAAB), onde atualmente se processam e se analisam as amostras biológicas coletadas, principalmente durante os trabalhos de campo relacionados às Coortes de Pelotas. Dentro da disciplina de Prática de Pesquisa, coordenei os consórcios de pesquisa no mestrado, atualmente extintos, fazendo estudos epidemiológicos na área rural e urbana de Pelotas e censo de estudantes da UFPel.

Além disso, entre 2022 e 2026, vivi uma experiência extremamente intensa ao assumir a coordenação desse PPGEpi. Assumi esse papel ainda sob os efeitos da pandemia, quando vivíamos um retorno gradual a atividades presenciais e uma reorganização das rotinas de ensino, pesquisa e convivência. Ao mesmo tempo, enfrentávamos um cenário mais amplo de incertezas para a ciência no Brasil, com limitações de recursos e crescentes demandas institucionais. Contava-se (e seguimos contando) com um desafio importante relacionado a um número reduzido de docentes, exigindo ainda mais envolvimento de todos para dar conta das atividades do Programa. No cotidiano, isso significava decisões quase diárias, muitas vezes de mediação de expectativas diferentes entre alunos, docentes e a própria

universidade. Tratou-se de um período exigente, mas também muito formativo. Eu procurei passar por esse processo com escuta, diálogo e cuidado, já que o Programa é feito de maneira coletiva. Também foi o período em que houve modernização, com o site novo e com o planejamento de um evento para comemorarmos os 35 anos do PPGEpi (espero que o evento se concretize).

Com o apoio do quadro de pessoas do PPGEpi, conseguimos manter o nível de excelência, o que se expressa, entre outros aspectos, na permanência da nota 7. Esse período me fez perceber que esse espaço só existe porque há pessoas o sustentando diariamente, muitas com muito esforço e com dedicação, mas cujo trabalho muitas vezes é invisível. Deixo aqui o meu agradecimento a todas essas pessoas que me auxiliaram nesse processo.

A Coorte de Nascimentos de Pelotas de 2004

Além do trabalho com dados genômicos, tive a oportunidade de integrar a coordenação da Coorte de Nascimentos de Pelotas de 2004, junto com os professores Iná Santos, Alicia Matijasevich e Aluísio Barros. Ingressar nessa equipe foi um marco importante na minha trajetória. Trabalhar com as coortes de Pelotas, a meu ver, muda a forma como entendemos a Epidemiologia. Além de analisar dados, passamos a acompanhar pessoas ao longo do tempo, compreender seus contextos, construir relações e lidar com a complexidade da vida real.

Minha primeira inserção mais direta no campo foi em um estudo que visava analisar o microbioma intestinal, em 2016, realizado quando os participantes tinham cerca de 12 anos. Coletamos amostras de fezes e aplicamos questionários em uma subamostra da coorte, em colaboração com pesquisadores da Universidade de Toronto. As amostras foram enviadas para o Canadá, onde realizamos a identificação das bactérias. Esse estudo trouxe resultados muito interessantes. Observamos associações entre a diversidade da microbiota intestinal e fatores como padrões de sono, saúde mental e alimentação. Identificamos, por exemplo, relações com amamentação exclusiva nos primeiros meses de vida e com o consumo de alimentos ultraprocessados.

A partir desse estudo em uma amostra reduzida, fui convidada a integrar a coordenação da Coorte de 2004, no acompanhamento dos 15 anos de estudo, em 2019. Nesse momento, começamos a explorar de forma mais aprofundada a relação entre saúde mental, sono, comportamento e marcadores biológicos, especialmente o cortisol capilar. O cortisol capilar trouxe uma possibilidade metodológica muito interessante, pois permite avaliar a exposição crônica ao estresse ao longo de períodos mais longos, diferente de medidas pontuais.

No entanto, esse acompanhamento foi interrompido pela pandemia de covid-19. Naquele momento, o mundo parou e o *lockdown* foi necessário para conter a disseminação do vírus, o que impossibilitou a pesquisa de campo. As pesquisas de trabalho de campo em condução no mundo foram impedidas de serem realizadas, e com o acompanhamento da Coorte de 2004 não foi diferente. Foi, sem dúvida, um dos períodos mais desafiadores da minha carreira. Ficamos mais de um ano afastados do campo, sem contato presencial com alunos, colegas e participantes, tentando manter as atividades de ensino e pesquisa em formato remoto, enquanto não sabíamos quando seria possível retomar o trabalho devido à inexistência de uma vacina para o vírus.

Após entender que não teríamos mais como prosseguir o acompanhamento, pois a pandemia era uma exposição que mudou a vida de todos e que incluir participantes naquele momento iria inserir heterogeneidade no grupo, mobilizamos recursos e reorganizamos a equipe para entender como a pandemia estava impactando a vida dos jovens da coorte que haviam sido coletados imediatamente antes da pandemia. Assim, fizemos um estudo com desenho quase experimental. Voltamos para campo em circunstâncias muito diferentes. Com equipamentos de proteção, álcool e protocolos rígidos, fomos à casa dos participantes em um momento em que o mínimo de contato social era permitido. Fomos, de modo geral, muito bem recebidos. Muitas famílias disseram que aquelas visitas representavam também um momento de escuta e acolhimento em um período em que estavam isolados.

Foi nesse contexto que coletamos novamente amostras de cabelo como forma de medir o cortisol, visando identificar como aquele cenário

extremo estava impactando o estresse fisiológico dos jovens. Após a conclusão desse trabalho, tivemos o reconhecimento deste estudo por meio das distinções que recebi do Prêmio Para Mulheres na Ciência, financiado pela L'Oréal, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e da Academia Brasileira de Ciências.

Os resultados mostraram um aumento nos níveis de cortisol, como era de se esperar. Mas também identificamos algo importante: políticas públicas, como o auxílio emergencial, estavam associadas a um efeito protetor. Esse trabalho foi interessante, pois reforçou a importância de avaliar a relação entre contextos sociais e políticas públicas nas análises em relação aos dados biológicos.

Em 2022, realizamos o acompanhamento dos 18 anos da Coorte de 2004, ainda sob os efeitos finais da pandemia. Mais uma vez, o trabalho de campo exigiu adaptações. Visitamos os domicílios, mas também convidamos os participantes e suas mães para comparecerem à clínica de pesquisas, onde realizamos uma série de exames mais detalhados. Esse foi um momento particularmente importante, porque incluímos pela primeira vez a coleta de sangue nesses participantes, ampliando significativamente as possibilidades de análise biológica. Também aprofundamos a avaliação de saúde mental e fortalecemos a integração com os dados genômicos.

Atualmente estamos nos preparando para entrarmos em campo novamente no final de 2026, quando os participantes tiverem 22 anos.

Adversidades na infância, saúde mental, sono e genética

Ao longo dos anos no PPGEpi, minhas perguntas de pesquisa foram se organizando em torno de alguns eixos principais. Um deles envolve entender como experiências precoces, especialmente os maus-tratos na infância, se relacionam com a saúde mental ao longo da vida. Outro eixo diz respeito à relação entre sono e saúde mental. Além disso, também busco compreender de que forma fatores genéticos participam desses processos.

Os estudos iniciais englobaram sono, saúde mental e genética. Por meio da utilização preferencial de medidas objetivas, a partir da acelerometria dos participantes da Coorte de Pelotas de 2004, mostramos que os

padrões de sono ao longo da infância e adolescência estão associados à saúde mental. Observamos uma relação bidirecional: as alterações no sono podem preceder problemas de saúde mental, mas também podem ser consequências deles. Durante a pandemia do covid-19, esses efeitos foram potencializados, com importantes alterações nos padrões de sono e aumento de sintomas psiquiátricos.

Outro eixo central foi o estudo dos maus-tratos e traumas na infância. Os dados longitudinais mostram que essas experiências fazem parte de trajetórias mais amplas, relacionadas ao ambiente familiar, à saúde mental dos pais e a condições socioeconômicas. A exposição a adversidades precoces está consistentemente associada a maior risco de sintomas de problemas psiquiátricos, como o TDAH, ao final da adolescência. Esses efeitos persistem ao longo do tempo e refletem-se em alterações biológicas, sugerindo impacto duradouro nos sistemas de resposta ao estresse. Além disso, os resultados indicam que esses efeitos variam entre os indivíduos, sendo modulados por fatores contextuais e genéticos.

Os estudos com dados genéticos na Coorte de 2004 revelam que fatores genéticos influenciam, de forma modesta, mas consistente, a variabilidade de sintomas psiquiátricos, incluindo TDAH e problemas de comportamento. Também encontramos evidências de interação e correlação gene-ambiente, sugerindo que a predisposição genética pode afetar tanto a exposição aos ambientes adversos quanto seus efeitos. Além do mais, há evidências de sobreposição genética entre saúde mental, sono e fatores de metabolismo, o que pode indicar mecanismos biológicos compartilhados.

Dessa maneira, essas evidências mostram que experiências adversas na infância, sono, saúde mental e genética não são dimensões independentes, mas partem de um mesmo sistema, onde fatores sociais, comportamentais e biológicos interagem ao longo do tempo. Por isso pretendo continuar aprofundando os estudos relacionados a essa temática.

As mudanças climáticas

Mais recentemente, o tema das mudanças climáticas começou a ganhar atenção dentro da Coorte de 2004, principalmente em relação a

sintomas de saúde mental e eco-ansiedade. Já havíamos aplicado um questionário com o tema da eco-ansiedade no acompanhamento dos 18 anos, como um intuito tímido de explorar o tema. Porém, em 2024, tivemos um evento de enchente histórica no Rio Grande do Sul, e a avaliação do tema se mostrou muito relevante. O estudo das enchentes no sul do Brasil foi uma extensão adicional da Coorte de Pelotas de 2004, com o propósito de avaliar o impacto desse evento climático extremo na saúde mental, na eco-ansiedade, no bem-estar emocional e nos comportamentos relacionados à rotina dos participantes no início da vida adulta. Os resultados indicaram aumento nos sintomas de eco-ansiedade entre os indivíduos mais expostos. Adicionalmente, vimos que esses mesmos indivíduos apresentavam maior preocupação ambiental com a realização de comportamentos pró-ambientais, como economizar energia elétrica, separar lixo, consumir produtos com menos embalagem etc.

O tema tem previsão de ser explorado em mais detalhes e profundidade no próximo acompanhamento da coorte, que se iniciara em 2026. Para isso, firmamos colaboração com a Defesa Civil e a Faculdade de Meteorologia da UFPel na Câmara Técnica de Resiliência e Desenvolvimento da região sul do Rio Grande do Sul.

Para além dos estudos em Epidemiologia

Parafraseando Albert Einsten, "a vida é como andar de bicicleta; para manter o equilíbrio, você precisa continuar em movimento". Nesse sentido, a ciência e o conhecimento evoluem com a busca constante por respostas. Respostas estas que muitas vezes são provisórias. A Epidemiologia como ciência também segue esse mesmo efeito. A cada ano, novas ferramentas, novas perguntas surgem, e aquilo que parecia sólido há alguns anos deve ser revistado sob um novo olhar, com novas ferramentas. Mas isso é o fazer ciência, é aprender a lidar com essa busca incessante por respostas passageiras. Isso é o que o cientista aprende durante a sua formação. Isso exige tempo e paciência. Então, se você que está lendo for aluno, tenha paciência com o processo, com o vai e vem de reuniões, com a reanálise dos dados e com as discussões que parecem sem fim. Ter tempo para olhar com calma

os resultados é fundamental e faz parte da maturidade científica. Muitas vezes não teremos os resultados na hora certa e nem mesmo os resultados de acordo com as nossas hipóteses. E está tudo bem.

Ao mesmo tempo que há esse conjunto de incertezas, algumas certezas permanecem. Continuaremos precisando de boas perguntas, de um pensar cuidadoso e crítico, de argumentos e hipóteses. Mais recentemente, a inteligência artificial passou a fazer parte do nosso dia a dia. Acredito que isso não vá mudar. Essas ferramentas podem ser úteis, mas precisam ser usadas com parcimônia e cuidado. A praticidade que elas oferecem pode trazer consigo a superficialidade. Além disso, sabemos que as inteligências artificiais cometem equívocos e geram resultados enganosos. Assim, o pensamento crítico deve ser sempre exercitado para que façamos boa ciência. Precisamos empregar esses instrumentos como apoio, e não como substituto para o raciocínio.

Ainda, a leitura é fundamental para desenvolver o raciocínio crítico e a formulação de hipóteses. Recomendo fortemente estudos por meio de livros. Leiam, por favor. Leiam artigos e em inglês, leiam os livros sugeridos, e não se restrinjam a vídeos curtos e a resumos. É muito significativo entender todo o processo e não apenas visualizar o resultado final. Com a leitura se desenvolve também a escrita. Tentem escrever sem a ajuda de inteligência artificial, realizem esse exercício. Garantam a autoria para suas próprias ideias. Escrever bem não é um detalhe nem uma habilidade secundária. Ela faz parte do processo científico. Sugiro que se dediquem e não terceirizem isso a inteligências artificiais.

Na condição de docente e pesquisadora no campo da Epidemiologia Genética, aproveito para deixar um apelo para que mais estudantes se aproximem desse campo de atuação. Trata-se de uma área com enormes possibilidades, especialmente nos tempos atuais, onde dados genômicos e abordagens integrativas se fazem cada vez mais presentes na pesquisa em saúde. Apesar disso, trata-se de um tema de baixa procura para os alunos, muitas vezes por parecer distante ou muito complexo e técnico. Reconheço que existem barreiras, como a falta de conhecimento da genética, por um lado, e a insegurança em lidar com métodos mais complexos, por outro. Mas, no cotidiano, é uma área empolgante, em que respostas podem ser geradas para problemas reais enfrentados no campo da saúde pública.

35 anos de PPGEpi e seus caminhos futuros

A celebração dos 35 anos do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia é um marco que reflete a valorização de seu percurso na formação de pesquisadores, na produção científica de relevância para a Saúde Coletiva e na constituição de um modelo de pesquisa caracterizado pelas coortes populacionais de nascimento.

O PPGEpi construiu-se, ao longo dessas décadas, como um centro de pesquisas de excelência, caracterizado pelo rigor metodológico e pela relevância social. Seu impacto pode ser observado pela dispersão e sucesso de seus egressos. Formaram-se gerações de pesquisadores que atuam, hoje, em instituições vinculadas em diversos setores da sociedade e em diferentes países que atuam com competência e com base em evidências, para responder perguntas e resolver problemas dentro da área da saúde.

Entretanto, esta trajetória não se construiu de modo automático: ela é produto de um trabalho constante, coletivo e, muitas vezes, realizado em condições não muito favoráveis. É importante ressaltar que o Programa se mantém e se projeta muito em decorrência do esforço de um número muito reduzido de docentes e de técnicos, altamente comprometidos e muito engajados, e que integram equipes bastante eficazes que buscam sustentar a produção científica relevante, coordenar grandes estudos de campo, orientar alunos e ainda ocupar funções administrativas e de gestão.

Embora este modelo tenha gerado muitos resultados positivos até aqui, é um retrato que nos ajuda a ver com mais clareza algumas oportunidades de melhoria quando pensamos no futuro. O PPGEpi construiu, ao longo dos seus anos, uma trajetória robusta, com impactos nacionais e internacionais. Ao mesmo tempo, há uma importante oportunidade de aproximar esse reconhecimento do apoio institucional, trazendo maior visibilidade da relevância do Programa na própria UFPel. Programas como o PPGEpi são parte fundamental da força acadêmica da universidade, por projetarem seu nome para além do contexto local. Nesse sentido, pensar no futuro do Programa também se relaciona com o fortalecimento dessas estruturas, no que se refere à ampliação das equipes, à infraestrutura e às

condições de trabalho. Assim, para o futuro, espero, sinceramente, que o PPGEpi seja composto por uma equipe maior e com mais relações bilaterais bem-sucedidas com a instituição.

Além disso, como mencionei anteriormente, espero que o grupo de Genômica e Genética se fortaleça e cresça nos próximos anos. A adição de dados de genômica, de novas abordagens analíticas e de grandes bases de dados ampliou a capacidade de pesquisa e abriu novas vias para a área. Assim, espero que essas lacunas possam ser cobertas pelo time.

Por fim, minha expectativa é que o Programa siga sendo um espaço de excelência científica e também um ambiente dinâmico de formação, que estimule o pensamento crítico, o diálogo entre áreas e a construção de novas perguntas, sem perder o rigor científico. Espero, ainda, que os colegas continuem conduzindo o Programa com esse compromisso, produzindo conhecimento relevante e formando pessoas dispostas a dar continuidade a esse trabalho.

Agradeço a atenção.
Um forte abraço,
Luciana Tovo Rodrigues

NA CONSTRUÇÃO DA SAÚDE COLETIVA "FAZ-SE CAMINHO AO CAMINHAR" / IN BUILDING PUBLIC HEALTH, "THE PATH IS MADE BY WALKING"

Elaine Tomasi
Dra. em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas
Professora do Programa de Pós-graduação em Epidemiologia
Faculdade de Medicina – Departamento de Medicina Social

Espero que este texto, que traz um olhar sobre minha trajetória junto ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia (PPGEpi), ao tempo em que se cumprem seus 35 anos, possa ser útil a profissionais das novas gerações.

Para começar, lembro que o **nosso ponto de vista é sempre a nossa vista de um ponto**. Assim, minhas palavras devem ser consideradas como um relato de experiência, não no sentido da produção científica, mas no sentido mais amplo, de alguns anos de inserção no Programa, com alguns destaque percebidos.

Antes do Programa

A oportunidade de fazer parte de um grupo de pesquisa que se solidificava no final dos anos 1980 me foi oferecida pelo caro professor Luiz Augusto Facchini, que me convidou a integrar sua equipe como auxiliar de pesquisa. Em 1987, eu trabalhava na Secretaria Municipal de Saúde e o professor conduzia a pesquisa de campo de seu estudo sobre trabalho materno e ganho de peso infantil. Alunos de Medicina coletavam os dados e meu trabalho era revisar, codificar e digitar os questionários. Seguiram-se atividades de limpeza e edição de bancos de dados, preparando análises estatísticas. Eu já havia trabalhado com ele em 1982 na elaboração de um diagnóstico de saúde do município, onde minha tarefa era entrevistar profissionais em unidades básicas, à época chamadas de postos de saúde. Foi meu primeiro contato com uma das centralidades dos inquéritos epidemiológicos: questionários e suas perguntas e depois suas variáveis.

Eu havia concluído minha graduação em Serviço Social em 1980 e logo percebi uma conexão entre o que me mobilizava para o campo social e a epidemiologia: o estudo das diferenças, das desigualdades e iniquidades; percebi que aquele era o meu lugar e que poderia contribuir com a sociedade em outra área que não as específicas do Serviço Social.

Discente de mestrado e doutorado

Incentivada pelo Prof. Facchini, e com alguma experiência acumulada como auxiliar de pesquisa desde 1987, integrei a primeira turma do Mestrado em Epidemiologia iniciado em 1991. Sob a orientação do Prof. Cesar Victora, meu tema foi uso de chupetas, contaminação fecal e sua relação com a ocorrência de diarreia em crianças. Tive a satisfação de ser a primeira mestranda a realizar a defesa da dissertação em 1993.

Mas não foi fácil: enfrentei dificuldades importantes por não ser graduada na área da saúde, ao contrário de meus colegas, o que exigiu muito estudo e superação. Pouco a pouco fui me fortalecendo nos conteúdos e tomando muito gosto pela pesquisa. Na época, o ambiente de muita efervescência acadêmica favoreceu o crescimento de todos os que conviveram com o nascimento do Programa.

Um fato pitoresco é que, por conta da minha experiência, fui monitora da disciplina de Introdução à Informática, que compunha a primeira grade curricular daquela primeira turma e era destinada a favorecer o vínculo dos mestrandos com as novidades da computação. Para muitos colegas, era o primeiro contato com editores de texto, planilhas e bancos de dados.

A partir de 1995, assumi na Secretaria Municipal de Saúde a responsabilidade do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) e do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). O contato com esses sistemas e outros utilizados na gestão municipal da saúde me desafiou ao aprimoramento nessa temática e isso foi determinante na escolha do tema do meu doutoramento.

Em 1996, ingressei e permaneci até 2010 como docente na Universidade Católica de Pelotas, substituindo o colega Bernardo Horta que se

afastava para seu doutoramento no Canadá. Naquela instituição pude me desenvolver como docente e aprimorar habilidades de pesquisa, trabalhando em diversos projetos e orientando muitos alunos de graduação e de pós-graduação.

Em 1999, ingressei no Doutorado em Epidemiologia, curso que teve seu primeiro ingresso em 1997. Concluí em 2003, meu orientador foi o Prof. Facchini e o tema foi informações em saúde, com o desenvolvimento de um aplicativo para avaliação de serviços básicos de saúde.

Esse tema iria se consolidar em minha carreira com a inserção no Grupo de Pesquisa em Avaliação em Saúde e a participação em grandes inquéritos nacionais na área da Atenção Primária à Saúde (APS) e na Estratégia da Saúde da Família (ESF), pilares do nosso Sistema Único de Saúde, sendo a maioria deles iniciativas da gestão federal em avaliação e indução de melhores práticas em APS. Devo citar aqui os inquéritos do Projeto de Expansão e Consolidação da Saúde da Família (PROESF), do Bolsa Família, do Projeto AQUARES e do PMAQ-AB, com os quais pude trabalhar desde a formulação das propostas e instrumentos até a coleta e análise de dados, impactando de forma importante na minha produção científica, potencializada pela qualidade das parcerias com que tive a honra de conviver. Tais experiências acrescentaram conhecimentos e habilidades que pude compartilhar em minhas atividades de formação, tanto na docência de graduação e pós-graduação como em orientações de trabalhos nos mais diversos níveis.

A docência na UFPel

Ingressei como docente na UFPel e no PPGEpi em 2011 e, desde então, tenho acompanhado mestrandos, doutorandos e profissionais em estágio de pós-doutorado.

Nestes 35 anos, convivi com o PPGEpi em diferentes locais: no início, em quatro salas na galeria Antunes Maciel; no Departamento de Medicina Social na Faculdade de Medicina e no atual prédio do Centro de Pesquisas em Saúde Amilcar Gigante. Em todos eles, tive a satisfação de compartilhar minha vida acadêmica com um conjunto importante de pro-

fissionais das mais diferentes áreas, o que em muito contribuiu para a minha trajetória. Muitos desses profissionais tiveram o mesmo percurso que eu, de auxiliar de pesquisa a doutor em epidemiologia, o que demonstra o potencial do Programa para o campo da Saúde Coletiva.

Gostaria de encerrar desejando a todos os futuros profissionais que optarem por esta formação em Epidemiologia que fortaleçam esse campo com garra e determinação e que percorram seu caminho com alegria. Saibam que desafios e pedras pelo caminho serão sempre uma certeza, mas aprendam com Paulinho da Viola: "faça como um velho marinheiro, que durante o nevoeiro leva o barco devagar...".

Por fim, deixo a todos, em nome da leveza que precisamos irradiar, um texto em parceria com o caro professor Fernando Barros, uma brincadeira com jargões da Epidemiologia animando uma história de amor: "O Epidemio e a lojista".

"O EPIDEMIO E A LOJISTA OU EPI-LOVESTÓRIAS"

by Elaine Tomasi e Fernando Barros

Dedicado a Kenneth Rothman,
Luis David Castiel e Nelson Rodrigues

Nunca fui uma pessoa de meias medidas ou de erros de classificação, mas os resultados que obtive na vida costumam diferir significativamente dos esperados. Tive um caso, mas perdi o controle, e nunca descobri o porquê; com todo o delineamento correto, meu projeto tinha terminado em um n=1. Em outras palavras, nunca soube se o padrão de meu erro tinha sido sistemático ou aleatório.

Depois desta experiência, passei a ter a tendência (central) de mais observar do que intervir, e terminei decidindo pelo que me exigia um menor tamanho de amostra. Levei a vida pelas tabelas, e por ser muito sensível (e consequentemente pouco específico) passei a tratar as lembranças como um viés de memória e os não-encontros como perdas. Talvez por tudo isso tenha resolvido ser um investigador profissional.

Mas não funcionou, e era inevitável. Quando ela me lançou o primeiro olhar, enviesado, senti que meu modelo teórico da multicausalidade tinha sido deletado. Ela sozinha era capaz de transformar qualquer fator de risco em causa provada. Era daquelas mulheres cujas curvas não podem ser transformadas em escores z (ou percentis, pressenti).

Encontrei-a em uma exposição, mas não imaginei um desfecho. Ela era concisa, acurada, mas nunca proclamou ser representativa. Nem de si mesma. Talvez por isso nunca imaginei a hipótese – nula – de que aquilo tivesse um objetivo, que se transformasse em uma relação significativa. Nada parecia ser plausível, e, apesar de tomar muitas doses, eu não encontrava uma resposta. Dessa forma, sumária, eu me explicava a não ocorrência, entre nós, de uma interação, ou mesmo de uma associação no limiar da significância.

Ela também tivera um caso (com um gringo chamado Sam Paul Size), mas tudo terminara de uma forma log-linear, como um quasi-experi-

mento. Desiludida, dedicou-se inteiramente à sua profissão. Era uma lojista de moda, média e mediana. Por conta disso, interessava-se por medidas, tanto de ocorrência como de efeito, e vivia cercada de modelos, de preferência hierárquicos. Seus amigos mais íntimos apresentavam uma tendência linear a tornarem-se falsos negativos, e este fato fazia com que seu humor fosse muito variável: ora dicotômico, ora contínuo, chegando a ser categórico em situações que englobavam sua própria unidade.

Confessou-me ter pesadelos frequentes com p-valores gigantescos e qui-quadrados microscópicos. Somente à sua analista, e apenas em sessões de regressão logística, confessava seu pavor que descobrissem sua causalidade reversa e os incontroláveis fatores de confusão em que se metia nas madrugadas, nas quais se permitia uma inequívoca modificação de efeito.

Pouco a pouco desvelamos a evidência que qualquer meta-análise poderia comprovar. Éramos muito parecidos, quase um *over-matching*, e poderíamos transformar a transversal de nossas vidas em algo sólido e longitudinal, onde ficaríamos aninhados. Sem riscos, sem *odds*, sem *ratios*. Nada a testar, nada a provar, nada a desmentir. Só a vida, quase sem números, com seus previsíveis vieses. Poderíamos deixar de ser pessoas-ano-em risco e voltar a ser gente. Sem fatores de exclusão.

Não foi possível, nem necessário, comprovar uma interação entre nossos sentimentos. Decidimos aumentar nosso intervalo de confiança e ampliar nossos graus de liberdade. Perdemos a precisão, os limites se turvaram e nos declaramos escandalosamente qualitativos. Alfa perdeu o valor (mas não estamos pensando em comprar um Ômega!).

Submetido para publicação (sem sucesso) no Journal of Love Affairs; atualmente sendo apreciado pelo conselho editorial do Cahiers des Amours Impossibles.

A CRIAÇÃO DO CENTRO DE PESQUISAS EPIDEMIOLÓGICAS DE PELOTAS / THE CREATION OF THE PELOTAS EPIDEMIOLOGICAL RESEARCH CENTER[13]

Fernando Barros
Dr. em Epidemiologia, pela London School
of Hygiene and Tropical Medicine
Professora aposentado da UFPel e professor atual da UCPel

Antes de iniciar o relato das circunstâncias que levaram à criação e ao desenvolvimento do Centro de Pesquisas, convém esclarecer dois aspectos. O primeiro, de certa forma óbvio, é que esta é apenas a visão de um de seus integrantes sobre os acontecimentos. O segundo é que o Centro de Pesquisas Epidemiológicas não existe, enquanto entidade, dentro do organograma da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mas é tão-somente a denominação de um grupo que trabalha com pesquisas epidemiológicas, cujo núcleo central é composto por professores do Departamento de Medicina Social da UFPel, com sede atualmente na Faculdade de Medicina.

Embora vários integrantes do atual Centro de Pesquisas estivessem envolvidos em investigação há muitos anos, a pesquisa epidemiológica com características mais profissionais passou a tomar forma no ano de 1982, quando foi obtida verba de uma entidade canadense para financiar o estudo perinatal de Pelotas. Tendo retornado de Londres, onde havia concluído um mestrado em Saúde Materno-Infantil, meus esforços estavam centrados em obter financiamento para realizar um estudo perinatal na cidade, tendo já enviado um protocolo de pesquisa para várias agências brasileiras e internacionais, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), a Organização Mundial de Saúde (OMS), a Swedish Agency for Research Cooperation with Developing Countries (SAREC), sem sucesso. Enviara, também, uma cópia do protocolo para o International Development Research Centre (IDRC) do Canadá, mas vários meses depois, não havia recebido nenhuma resposta.

13 Artigo adaptado originalmente publicado em: BARROS, Fernando Celso. A criação do Centro de Pesquisas Epidemiológicas de Pelotas. *Saúde Ciência e Sociedade*, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 27–31, 1992.

Decidi, então, iniciar, sem nenhum financiamento, o estudo perinatal, apoiado pelo entusiasmo de alguns colegas, dentre os quais se destacam Hamilton Jair Estanislau, Márcia Mallman Capellari e José Aparecido Granzoto, que se prontificaram a obter a cooperação de estudantes e residentes nas maternidades da cidade, para que trabalhassem conosco na coleta de informações.

O estudo perinatal, que viria transformar-se na primeira fase do Estudo Longitudinal de Pelotas, iniciou no dia 1° de janeiro de 1982, sem nenhuma verba e sem nenhuma área física para ele destinada. Entretanto, no final do mesmo mês de janeiro, recebi um telegrama do Canadá informando que dois agentes do IDRC estavam se dirigindo a Pelotas para discutir o projeto. De fato, poucos dias após, recebemos na cidade dois integrantes da instituição – um obstetra chileno e um generalista inglês –, que, após dois dias de discussão, decidiram financiar o projeto. Sua maior crítica a ele mesmo centrou-se no orçamento, pois nos mostraram que sem uma infraestrutura mínima – secretária, sala, máquina de escrever – não seria possível completar a investigação, e esses itens não estavam incluídos no orçamento que, timidamente, havíamos solicitado.

Portanto, o projeto foi aprovado tendo seu orçamento ampliado, e tivemos, então, verba para pagar nossa equipe. Naquele tempo, eu era professor do Departamento Materno-Infantil da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), que havia gentilmente cedido uma sala na Reitoria para nossas reuniões com o grupo do Canadá. Após o encontro, conseguimos, então, parte de uma sala naquela Reitoria, onde instalamos nossa nova secretária e nosso pouco equipamento. Essa foi a primeira sede oficial do grupo de pesquisas.

O ano de 1982 representou um período de intenso trabalho e de grande entusiasmo. Dez anos depois, tenho a impressão de que esses dois fatores, que nunca nos deixaram, têm sido a razão de nosso crescimento. No final daquele ano havíamos completado com sucesso a avaliação de todos os 7.392 nascimentos hospitalares que haviam ocorrido na cidade, e as informações foram, então, digitadas em cartões perfurados. Eram muitas caixas de papelão cheias de cartões, cada um representando uma criança, que eram guardadas zelosamente em um cofre. A análise desses dados constituiu-se uma aventura à parte, pois tivemos que instalar uma cópia de

um programa de análise estatística para *mainframe* no Centro de Processamento de Dados da Fundação Universidade de Rio Grande. Passei, então, incontáveis dias naquela cidade, esperando que a bondade dos técnicos me permitisse aproveitar uma folga na programação para fazer algumas tabulações. Em um estágio posterior, contratamos os serviços de uma firma de computação de Pelotas e completamos a análise.

Ainda durante o ano de 1982, recebi um chamado do Cesar Victora, que ainda estava em Londres fazendo seu doutorado e que acompanhava lá de longe, mas com muita vibração, esse estudo, informando que seria possível conseguir algum financiamento para fazer um primeiro seguimento das crianças, já em 1983. Juntou-se a nós, nesse projeto, iniciando uma colaboração que se mantém até hoje, o Professor Patrick Vaughan da London School of Hygiene and Tropical Medicine da Universidade de Londres. Patrick foi, ao mesmo tempo, supervisor de Cesar em sua tese sobre a posse da terra e indicadores de saúde infantil no Rio Grande do Sul, e meu supervisor em minha tese de doutorado sobre a saúde perinatal em Pelotas.

Decidimos, então, realizar logo o primeiro seguimento das crianças, e utilizamos a experiência obtida tanto na pesquisa perinatal como na pesquisa sobre o estado nutricional de crianças no Rio Grande do Sul, que se constituiu material de tese do Cesar Victora. De fato, dessa pesquisa foi retirada grande parte das questões incluídas em nosso primeiro acompanhamento da coorte. Em seguida, treinamos um grupo de visitadores domiciliares e iniciamos o trabalho de campo. Nosso quartel-general foi meu consultório particular, que funcionava, como eu, parte do tempo dedicado à pesquisa e outra parte à clínica.

Durante o ano de 1983, sempre em associação com Patrick Vaughan, conseguimos uma importante verba de pesquisa do governo inglês, para realizar um novo estudo de acompanhamento das crianças em 1984. Dessa vez obtivemos o suficiente para alugar uma sala em um prédio do centro da cidade, para onde se mudou, então, o Centro de Pesquisas. Essa localização foi cômoda, uma vez que pertencíamos, Cesar e eu, cada um a uma universidade, de modo que nos instalamos em campo neutro. Nessa fase da pesquisa, juntaram-se a nós alguns companheiros que até hoje nos acompanham, como Jorge Béria, Carmen Moreira e Cíntia Lombardi.

Depois do estudo de 1984, o grupo floresceu rapidamente. Surgiram novas linhas de pesquisa, como o estudo de casos e controles sobre aleitamento natural e mortalidade infantil, liderado por Cesar Victora, que produziu um dos artigos mais citados da literatura médica recente, e o estudo multicêntrico de apoio psicossocial durante a gravidez, que realizamos com colegas de Cuba, México e Argentina. Nessa época já contávamos, também, com a participação no grupo do Luiz Augusto Facchini, que trouxe uma nova linha de interesse para o grupo, aquela da saúde do trabalhador e da importância da melhor apreensão dos fenômenos sociais, além de contagiar-nos com seu entusiasmo permanente. Nosso grupo passou a contar, também, com colegas de outras formações, como Psicologia, Serviço Social, Nutrição, Antropologia e Computação. Essas pessoas, com sua visão diferente da nossa, têm enriquecido sobremaneira nosso Centro, trazendo uma abordagem fresca aos problemas que queremos estudar.

No ano de 1986, transferi-me, após concurso público, para o Departamento de Medicina Social da UFPel. Nessa época, o crescimento de nosso grupo era visível. Fisicamente, estávamos, então, localizados em quatro conjuntos de escritório no centro da cidade, e essas instalações eram, assim mesmo, acanhadas para conter o número crescente de pessoas que passaram a integrar o grupo, além de alunos e residentes que sempre trabalharam conosco. Surgiu, então, a possibilidade de obtermos uma área própria em local a ser construído no prédio da Faculdade de Medicina. Contamos, nesse sentido, com o apoio do diretor da Faculdade de Medicina, Prof. Cesar Borges. Na próxima administração da Universidade, liderada pelo Prof. Amilcar Gigante, conseguimos finalmente ver finalizada a construção do Centro de Pesquisas, e para lá nos mudamos em 1991. Na nova sede, com a ampliação da área, tivemos a alegria de poder contar com a presença do Prof. Kurt Kloetzel que, com sua energia e espírito de luta, tem sido um inspirador de todos nós.

O ano de 1991 trouxe-nos mais uma grande vitória. O velho sonho do Mestrado em Epidemiologia transformou-se em realidade, com a entrada da primeira turma de nove alunos provenientes de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande. Os mestrandos trouxeram consigo um novo estímulo para o grupo, abriram entre nós novas linhas de interesse em investigação e nos

tornaram mais ativos e participantes. Passamos, também, a ter um programa de estagiários mais organizado, com alunos de diversos cursos da UFPel ativamente envolvidos em nossas investigações.

O que somos atualmente e para onde queremos orientar nosso crescimento no futuro? Nosso grupo de pesquisas tem se firmado como um dos mais atuantes do país, destacando-se mesmo no cenário mundial, principalmente na área da Epidemiologia Materno-Infantil e da Saúde Ocupacional. Integrantes do nosso grupo fazem parte de vários conselhos editoriais de publicações científicas da área, pertencem a comitês de assessoramento de agências financiadoras e funcionam sistematicamente como consultores de agências internacionais, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a OMS. Nossa produção científica pode ser medida pelo elevado número de publicações em periódicos internacionais, além de dois livros que têm recebido uma excelente acolhida. O livro *Epidemiologia da Desigualdade* está atualmente em sua terceira edição em português, e foi recentemente editado em espanhol pela Oficina Panamericana da Saúde, enquanto nosso segundo livro, *Epidemiologia da Saúde Infantil*, teve sua primeira edição já esgotada e a segunda está sendo editada. Nosso Mestrado também parece estar se desenvolvendo robustamente, e teremos neste ano (1992) a seleção para sua segunda turma de alunos.

Temos, portanto, uma posição sólida, no contexto da epidemiologia mundial, e pretendemos que nossa área de atuação seja cada vez mais ampliada. As perspectivas parecem ser muito favoráveis, não obstante a má situação política e econômica que o país atravessa. Uma das muitas razões de nosso crescimento é a produção constante de projetos de pesquisa, que, abordando temas de grande interesse social e propondo metodologias apropriadas e modernas, têm obtido um alto grau de aprovação entre as agências brasileiras e internacionais. Temos já assegurados financiamentos de novos projetos que serão importantes para consolidar nosso grupo. Podemos citar o estudo da nova coorte de recém-nascidos a partir de 1993, que pretende traçar um paralelo com os achados da Coorte de 1982, contextualizando as mudanças socioeconômicas e da aparelhagem do setor saúde ocorridas na última década; um estudo multicêntrico internacional de trabalhadores da indústria de celulose para avaliar a possível carcino-

gênese de alguns compostos utilizados nesta área industrial; um estudo de intervenção no nordeste do Brasil para avaliar o efeito da suplementação com vitamina A sobre a morbi-mortalidade infantil e um estudo do uso de medicamentos em algumas enfermidades infantis.

Estamos certos de que todos esses novos projetos, aliados às novas linhas de trabalho que serão aportadas pelos estudantes do mestrado e novos colegas que vamos acolher, servirão para ampliar nossa área de atuação dentro da Epidemiologia e da Saúde Coletiva. Temos a esperança de que a nova geração de profissionais que estamos ajudando a formar encontre este Centro de Pesquisas suficientemente forte e estruturado para resistir, e vencer, as adversidades que, com certeza, teremos que enfrentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme enunciado no início do livro, o Núcleo de Documentação Histórica Prof.ª Beatriz Loner foi criado, no ano de 1990, a partir de uma necessidade de a UFPel salvaguardar documentos que estavam dispersos em diferentes departamentos, institutos e faculdades. Tratava-se dos primeiros anos da gestão de professor e médico Amilcar Gigante como reitor. Ele era uma pessoa bastante preocupada com as Ciências Humanas e com a história da instituição, o que o motivou a pensar na criação desse centro de documentação. Como ele conhecia a professora Beatriz Ana Loner, que tinha participado ativamente em sua campanha para reitor, o contato entre os dois foi ainda mais proveitoso.

Tal fato fez com que alguns membros do NDH, como a própria Beatriz e o Mario Osorio Magalhães, após terem acesso a documentos antes desconhecidos, escrevessem sobre a temática, seja em capítulos e livros específicos – como o texto da primeira publicado no ano de 1999 sobre a instituição ou o livro do segundo, do mesmo ano, no qual abordava os 30 anos da UFPel (Loner, 1999; Magalhães, 1999) – seja em verbetes que depois fariam parte do *Dicionário de História de Pelotas*, publicado pela primeira vez em 2010 (Loner; Gill; Magalhães, 2017).

Mais recentemente, com a volta da preocupação com o acervo institucional pelo NDH, o livro sobre os 60 anos da Leiga, escrito por mim, reabriu outras possibilidades de registro, bem como a constituição de novos acervos, os quais constam no *site* do nosso centro de documentação, disponibilizados, em sua maioria, pela digitalização de documentos das faculdades de Medicina, Enfermagem e Obstetrícia, Direito, Odontologia e a extinta Ciências Domésticas.

Dessa maneira, o material que agora recebem se insere nesta etapa de retorno a um olhar mais cuidadoso sobre a história da própria UFPel. O livro sobre a Epidemiologia trata-se, na verdade, de uma espécie de conti-

nuidade ao trabalho feito sobre a faculdade privada, a Leiga, que foi criada no ano de 1963 e federalizada em 1978. Naquele momento, após uma primeira análise do material recebido (2021–2022), foi realizada uma reconstrução histórica tanto sobre os debates realizados na cidade vinculados à necessidade de um curso de Medicina quanto sobre as dificuldades que o grupo teve para constituir uma graduação desde o início, tendo que pensar no espaço físico, na contratação de professores, na existência de um espaço hospitalar necessário para as aulas práticas, além da construção do diálogo com a comunidade externa.

Embora houvesse o protagonismo de alguns professores, o foco não era o Departamento de Medicina Social, o qual deu origem ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, de tal modo que vários dos narradores encontrados na obra sobre a Epidemiologia não tinham sequer sido entrevistados para compor o livro vinculado à Leiga.

Bem, a obra que agora é publicada pelo NDH traz um capítulo inicial sobre a história da Leiga, mas aposta em novas narrativas, até porque foram feitas 45 entrevistas, por meio da metodologia de História Oral, para compor esta história. O texto trata sobre os primórdios da Leiga e os primeiros professores, mas enfatiza a construção do Departamento de Medicina Social e o trabalho nos postos de saúde, além do pioneirismo de mulheres cientistas, pela análise das trajetórias de Iná da Silva dos Santos e Ana Maria Baptista Menezes, as quais se dedicaram durante anos ao curso de Medicina e ao Programa de Epidemiologia e ocupam, atualmente, o estrato mais elevado relacionado às bolsas de produtividade do CNPq, o que não costuma ser corriqueiro em se tratando de mulheres pesquisadoras.

O segundo capítulo enfatiza a formação do Centro de Pesquisas Epidemiológicas, no ano de 1982, e do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, em 1991. A perspectiva foi a de contar sobre o encontro de um médico formado na UCPel, Fernando Barros, e do Cesar Victora, graduado em Medicina pela UFRGS, que, a partir do contato com o mesmo orientador Patrick Vaughan, começaram a pensar em estudos que poderiam fazer juntos, em uma cidade do interior do sul do Brasil. Nessa parte do texto, é discutida a organização inicial da equipe, quando os dois já tinham retornado a Pelotas, além da constituição da primeira coorte e dos financiamen-

tos necessários para a execução dos trabalhos. Um tópico importante foi o intitulado "um curso diverso, interdisciplinar e multicultural", no qual se mostrou o trânsito de diferentes docentes e discentes do país e do exterior, bem como as pesquisas que desenvolvem, que costumam ter como foco um lugar específico, com o intuito de estabelecer debates mais gerais que promovam modificações nas políticas de saúde pública.

O terceiro capítulo foi, sem dúvida, o mais difícil de escrever, já que abordou diferentes estudos realizados ao longo de 35 anos. Nesse sentido, foram elencados dez projetos sobre os quais os narradores mais se detiveram em suas entrevistas, especialmente relacionados ao impacto das análises para mudanças que julgam ter acontecido em decorrência deles. Certamente outras temáticas poderiam compor o capítulo, já que os interesses do grupo são bastante amplos, especialmente após o ingresso, no Programa de Epidemiologia, de profissionais de diferentes áreas do conhecimento, mas foi necessário realizar escolhas. É preciso enfatizar que a intenção, especialmente nesta parte do livro, foi a de apenas apresentar os temas, de modo que os interessados possam se apropriar, inclusive, de referências bibliográficas para uma leitura mais aprofundada, caso assim julguem conveniente.

O quarto e último capítulo traz nove cartas escritas por professores que, em algum tempo, atuaram no Programa. Chamei-as de "cartas ao futuro", mas o objetivo foi o de dialogar com os diferentes tempos históricos, já que a memória avalia o passado, em um momento presente, projetando o que está por vir. Os textos escritos pelos convidados que aceitaram o desafio mostram as modificações do programa, especialmente nos últimos anos, em que a chamada primeira geração dos médicos que formaram o PPGEpi se aposentaram da UFPel e passaram ou a atuar em outras instituições ou se tornaram docentes voluntários. Embora alguns tenham memórias nostálgicas sobre o período em que havia tudo a ser feito e, nesse sentido, o trabalho coletivo era mais presente, percebem-se, também, preocupações e, ao mesmo tempo, bons motivos para sonhar com o novo.

É preciso chamar a atenção para o fato de que vários pontos foram ressaltados para que o programa seja considerado de excelência desde o seu início, mas três, em especial, apareceram mais fortemente nas narrativas dos entrevistados: o primeiro foi a junção de vários pesquisadores muito

qualificados, desde a década de 1970, que chegaram à UFPel buscando fazer um trabalho que contribuísse com a saúde pública, especialmente em uma perspectiva de trazer benefícios à população que mais necessitava; o segundo foi o fato de o curso, com o passar do tempo, ser composto por professores de diferentes áreas do conhecimento, o que contribuiu para se pensar sobre a saúde a partir de diferentes perspectivas, com a realização de trabalhos conjuntos, e o terceiro foi a forte internacionalização do PPGEpi, com o recebimento de professores e alunos de vários lugares, especialmente da América Latina e do continente africano, proporcionando uma troca de experiências que melhora a realização dos estudos, a abrangência de suas divulgações e as repercussões que podem vir a ter.

Embora o livro tenha como foco os 35 anos do Programa de Pós-Graduação da Epidemiologia, ele conta, sobretudo, as histórias de pessoas, de seus sonhos e de seus encontros, a partir de parcerias acadêmicas e de vida, que fizeram e ainda fazem com que este seja um curso especial, não só para a própria UFPel, mas para a comunidade no qual está inserido.

Bem, espero que o trabalho realizado pelo NDH sirva para chamar a atenção não apenas da trajetória exitosa deste Programa, mas da importância da defesa das universidades públicas, que têm realizado pesquisas científicas de excelente qualidade no Brasil e no mundo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ALVES, José Eustáquio Diniz. Rio Grande do Sul o estado mais envelhecido do Brasil. **EcoDebate**, [*s. l.*], 4 fev. 2026. Disponível em: https://www.ecodebate.com.br/2026/02/04/rio-grande-do-sul-o-estado-mais-envelhecido-do-brasil/. Acesso em: 13 ago. 2026.

ARRIADA, Eduardo; SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. "Pura, dura e segura": a vida das pensionistas do Colégio São José de Pelotas**. Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 3, n. 5, p. 63–77 jul./dez. 2010. DOI: 10.20952/revtee.v0i0.2228. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/2228. Acesso em: 21 jul. 2026.

ARTECHE, Adriane; MURRAY, Lynne; COOPER, Peter. Práticas parentais na primeira infância e desenvolvimento psicossocial infantil. **Centro de Pesquisas em Desenvolvimento Humano & Violência**, Pelotas, [26 set. 2024]. Disponível em: https://doveresearch.org/pt/projeto/praticas-parentais-na-primeira-infancia-e-desenvolvimento-psicossocial-infantil-2/. Acesso em: 13 ago. 2026.

ASSUNÇÃO, Maria Cecília; SANTOS, Iná; BARROS, Aluísio; GIGANTE, Denise; VICTORA, Cesar. Effect of iron fortification of flour on anemia in preschool children in Pelotas, Brazil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 539–548, 2007. DOI: 10.1590/S0034-89102006005000031. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000400007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 jul. 2026.

AVDULLA, Christos S.; TACHIRAI, Ntaniela. John Snow: The Pioneer of Modern Epidemiology and Anesthesia. **Cureus**, [*s. l.*], v. 16, n. 8, e67602, 2024. DOI: 10.7759/cureus.67602. Disponível em: https://www.cureus.com/articles/287290-john-snow-the-pioneer-of-modern-epidemiology-and-anesthesia/. Acesso em: 21 jul. 2026.

BACCHIERI, Giancarlo; GIGANTE, Denise Petrucci; ASSUNÇÃO, Maria Cecília. Determinantes e padrões de utilização da bicicleta e acidentes de trânsito sofridos por ciclistas trabalhadores da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1499–1508, 2005. DOI: 10.1590/S0102-311X2005000500023. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000500023&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 jul. 2026.

BACCHIERI, Giancarlo. **Intervenção comunitária para prevenção de acidentes de trânsito entre trabalhadores ciclistas**: Projeto Ciclovida. Tese (Doutorado em Epidemiologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/18367/Tese_Giancarlo_Bacchieri_10_12_2010.PDF?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 21 jul. 2026.

BANCADA feminina aumenta 18,2% e tem duas representantes trans. **Agência Câmara de Notícias**, Brasília, DF, 3 out. 20222. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/secretarias/secretaria-da-mulher/noticias/bancada-feminina-alcanca-91-deputadas-federais-1. Acesso em: 13 ago. 2026.

BARCELOS, Julia. Idosos já são 21% dos pelotenses e cidade tem desafio de acolhimento. **A Hora do Sul,** Pelotas, 11 nov. 2025. Disponível em: https://ahoradosul.com.br/conteudos/2025/11/11/idosos-ja-sao-21-dos-pelotenses-e-cidade-tem-desafio-de-acolhimento/. Acesso em: 13 ago. 2026.

BARROS, Aluísio; MENEZES, Ana Maria Baptista; SANTOS, Iná S.; ASSUNÇÃO, Maria Cecília F.; GIGANTE, Denise; FASSA, Anaclaudia Gastal; MARQUES, Margarete; ARAUJO, Cora; HALLAL, Pedro C.; FACCHINI, Luiz Augusto. O Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPel baseado em consórcio de pesquisa: uma experiência inovadora. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 11, n. suppl 1, p. 133–144, 2008a. DOI: 10.1590/S1415-790X2008000500014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2008000500014&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 jul. 2026.

BARROS, Aluísio J. D.; SANTOS, Iná da Silva dos; VICTORA, Cesar G.; ALBERNAZ, Elaine P.; DOMINGUES, Marlos R.; TIMM, Iândora K.; MATIJASEVICH, Alicia; BERTOLDI, Andréa D.; BARROS, Fernando C. Coorte de nascimentos de Pelotas, 2004: metodologia e descrição. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 402–413, 2006. DOI: 10.1590/S0034-89102006000300007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000300007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 jul. 2026.

BARROS, Fernando Celso. A criação do Centro de Pesquisas Epidemiológicas de Pelotas. **Saúde Ciência e Sociedade**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 27–31, 1992.

BARROS, Fernando C.; VICTORA, Cesar G.; HORTA, Bernardo L.; GIGANTE, Denise P. Metodologia do estudo da coorte de nascimentos de 1982 a 2004-5, Pelotas, RS. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. suppl 2, p. 7–15, 2008b. DOI: 10.1590/S0034-89102008000900003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000900003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 jul. 2026.

BASTOS, João Luiz Dornelles. **Desigualdades "Raciais" em saúde**: medindo a experiência de discriminação autorrelatada no Brasil. 2010. 265 f. Tese (Doutorado em Epidemiologia)

– Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/123456789/1982/Tese%20Joao%20Luiz%20Dornelles%20Bastos.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 21 jul. 2026.

BÉHAGUE, Dominique P.; VICTORA, Cesar G.; BARROS, Fernando C. Consumer demand for caesarean sections in Brazil: informed decision making, patient choice, or social inequality? A population based birth cohort study linking ethnographic and epidemiological methods. **BMJ**, *[s. l.]*, v. 324, n. 7343, p. 942, 2002. DOI: 10.1136/bmj.324.7343.942. Disponível em: https://www.bmj.com/lookup/doi/10.1136/bmj.324.7343.942. Acesso em: 21 jul. 2026.

BERTOLDI, Sandra Gehling. **Contribuição do Discurso Psicanalítico para a formação médica:** Um estudo de caso na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde – Cardiologia e Ciências Cardiovasculares) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37043/000819647.pdf;sequence=1. Acesso em: 27 jul. 2026.

BLACK, Robert; COUSENS, Simon; JOHNSON, Hope L; LAWN, Joy; RUDAN, Igor; BASSANI, Diego; JHA, Prabhat; CAMPBELL, Harry; WALKER, Christa Fischer; CIBULSKIS, Richard; EISELE, Thomas; LIU, Li; MATHERS, Colin. Global, regional, and national causes of child mortality in 2008: a systematic analysis. **The Lancet**, London, v. 375, n. 9730, p. 1969–1987, 2010. DOI: 10.1016/S0140-6736(10)60549-1. Disponível em: https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0140673610605491. Acesso em: 27 jul. 2026.

BOUSQUAT, Aylene; GIOVANELLA, Lígia; AQUINO, Rosana; VILASBÔAS, Ana Luiza; THUMÉ, Elaine; TOMASI, Elaine; MENDONÇA, Maria Helena; SILVA, Alaneir; ALMEIDA, Patty; MOTA, Paulo Henrique; PILZ, Carlos; KEMPER, Elisandréa; KLITZKE, Dirceu; FORMOSO, Gabriela; VENTURIN, Bruna; FACCHINI, Luiz. Avaliação da atenção primária à saúde no Brasil: concepção e metodologia do Censo Nacional das Unidades Básicas de Saúde 2024. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, p. e00164625, 2026. DOI: 10.1590/0102-311xen164625. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2026000104603&tlng=en. Acesso em: 27 jul. 2026.

BRASIL. **Ato Institucional n.º 5, de 13 de dezembro de 1968**. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1968. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm. Acesso em: 30 jul. 2026.

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 477, de 26 de fevereiro de 1969.** Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1969. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-477-26-fevereiro-1969-367006-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 30 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Trabalho infantil:** diretrizes para atenção integral à saúde de crianças e adolescentes economicamente ativos. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. (Série A. Normas e Manuais Técnicos; Saúde do Trabalhador, Edição Especial). Disponível em: https://www.saude.mt.gov.br/storage/old/files/01-trabalho-infantil-edicao-especial-[225-010211-SES-MT].pdf. Acesso em: 21 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Rede Primária de Atenção à Saúde. **Panorama da APS no SUS:** Censo Nacional das UBS 2024. Brasília, DF: MS; Abrasco, 2025. *E-book* (329 p.). Disponível em: https://redeaps.org.br/wp-content/uploads/2026/02/Panorama-da-APS-no-SUS-Censo-Nacional-das-UBS-2024-.pdf. Acesso em: 13 ago. 2026.

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória**. Tradução de Miriam Lopes. Lisboa: Piaget, 2005.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPELATO, Maria. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CASTEL, Robert. **A insegurança social**: o que é ser protegido? Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2005.

CAVALLI, Adriana Schüler; NOGUEIRA, Ana Carolina; GILL, Lorena Almeida; LINDÔSO, Zayanna Christine Lopes. A formação permanente de idosos através da Universidade Aberta. *In:* MICHELON, Francisca Ferreira; BANDEIRA, Ana da Rosa (org.). **A extensão universitária nos 50 anos da Universidade Federal de Pelotas.** Pelotas: UFPel. PREC; Editora da UFPel, 2020. p. 117–126. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/8281/A_formacao_permanente_de_idosos_atraves_da_Universidade_Aberta.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 jul. 2026.

CELLARD, André. A análise documental. *In:* POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295–316. (Coleção Sociologia).

CENSO 2022: 75% dos diplomados em Medicina no Brasil são brancos, contra apenas 2,8% de pretos. **Exame,** São Paulo, 26 fev. 2025. Disponível em: https://exame.com/brasil/censo-2022-75-dos-diplomados-em-medicina-no-brasil-sao-brancos-contra-apenas-28-de-pretos/. Acesso em: 13 ago. 2026.

CENTRO DE PESQUISAS EM DESENVOLVIMENTO HUMANO & VIOLÊNCIA. **Centro de Pesquisa DOVE**: Sobre. Pelotas: Centro de Pesquisa DOVE, [2023]. Disponível em: https://doveresearch.org/pt/sobre/. Acesso em: 13 ago. 2026.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.) *et al.* **Atlas da Violência 2025.** Brasília, DF: Ipea, 2025. *E-book* (176 p.). Disponível em: https://web.archive.org/web/20250526223737/https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf. Acesso em: 13 ago. 2026.

CHAVES, Elisiane Medeiros; RUBIRA, Luís. Verbete: Teatro na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). *In:* GILL, Lorena Almeida; KOSCHIER, Paulo Luiz Crizel; VARGAS, Jonas Moreira; ARRIADA, Eduardo (org.). **Dicionário de História de Pelotas**. Ananindeua: Editora Cabana; Pelotas: Editora da UFPel, 2026. v. 2. *E-book* (395 p.). p. 356–358. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/19930. Acesso em: 19 ago. 2026.

COSTA, Juvenal Dias da. **Memorial Acadêmico.** Pelotas: Editora da UFPel, 2020.

COSTA, Juvenal Soares Dias da; MADEIRA, Angela Chapon Cordeiro; LUZ, Rafael Moura da; MANZOLLI, Patricia Portantiolo; BRITTO, Marcelo Alexandre Pinto de; SALLABERRY, Daniela Dutra. Avaliação das condições de saúde das mulheres em uma unidade de atendimento primário no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 25–31, 1999. DOI: 10.1590/S0100-72031999000100005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72031999000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 27 jul. 2026.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v, 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt. Acesso em: 27 jul. 2026.

CROCHEMORE-SILVA, Inácio; NUNES, Bruno Pereira; HALLAL, Pedro Rodrigues Curi. Covid-19. *In:* GILL, Lorena Almeida; KOSCHIER, Paulo Luiz Crizel; VARGAS, Jonas Moreira; ARRIADA, Eduardo (org.). **Dicionário de História de Pelotas.** Ananindeua: Editora Cabana; Pelotas: Editora UFPel, 2026. v. 2. *E-book* (395 p.). p. 116–118. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/19930. Acesso em: 19 ago. 2026.

CUNHA, Janaína Dias. **A reforma universitária de 1968 e o processo de reestruturação da UFRGS (1964–1972)**: uma análise da política educacional para o ensino superior durante a ditadura civil-militar brasileira. 2009. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009. Disponível em: http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1976. Acesso em: 27 jul. 2026.

DALL'AGNOL, Marinel Mór; FASSA, Anaclaudia Gastal; FACCHINI, Luiz Augusto; BENVEGNÚ, Luís Antônio. Associação do trabalho infantil com transtornos de comportamento do tipo introversão e extroversão: um estudo transversal no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 40, n. 132, p. 206–218, 2015. DOI: 10.1590/0303-7657000106414. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572015000200206&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

DAMIANI, Magda Floriana. **Memorial Acadêmico.** 2015. Memorial (Processo Seletivo para Professor Titular) – Departamento de Fundamentos da Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/9846/Memorial_Acad%C3%AAmico_Magda_Damiani.pdf ?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2026.

DOMINGUES, Carla Magda Allan S.; PEREIRA, Maria Carolina C. Q.; SANTOS, Elizabeth David Dos; SIQUEIRA, Marilda Mendonça; GANTER, Bernardus. A evolução do sarampo no Brasil e a situação atual. **Informe Epidemiológico do SUS**, Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 7–19, 1997. DOI: 10.5123/S0104-16731997000100002. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-16731997000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 28 jul. 2026.

EPIDEMIOLOGISTA da UFPel recebe prêmio da embaixada dos EUA por contribuição à sociedade. **Coordenação de Comunicação Social da UFPel,** Pelotas, 5 abr. 2021. Disponível em: https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2021/04/05/epidemiologista-da-ufpel-recebe-premio-da-embaixada-dos-eua-por-contribuicao-a-sociedade/. Acesso em: 7 ago. 2026.

EWERLING, Fernanda; LYNCH, John W.; MITTINTY, Murthy; RAJ, Anita; VICTORA, Cesar G.; COLL, Carolina V. N.; BARROS, Aluisio J. D. The impact of women's empowerment on their children's early development in 26 African countries. **Journal of Global Health**, *[s. l.]*, v. 10, n. 2, p. 020406, 2020. DOI: 10.7189/jogh.10.020406. Disponível em: http://jogh.org/documents/issue202002/jogh-10-020406.pdf. Acesso em: 28 jul. 2026.

FACCHINI, Luiz Augusto; FASSA, Anaclaudia Gastal; DALL'AGNOL, Marinel; MAIA, Maria De Fátima Santos. Trabalho infantil em Pelotas: perfil ocupacional e contribuição à economia. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 953–961, 2003. DOI: 10.1590/S1413-81232003000400017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000400017&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

FERRARETO, Elisa Kopplin; BARROS, Elvino. **Beca, Canudo, Protesto.** Contestação e irreverência nas formaturas da Faculdade de Medicina da UFRGS de 1974 a 1990. Porto Alegre: Libretos, 2024.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. *In*: CHAUVEAU, Agnès; TETARD, Philippe (org.). **Questões para a história do presente**. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 1999. p. 103–118.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DO RIO GRANDE DO SUL. **De província de São Pedro à Estado do Rio Grande do Sul**: Censos do RS: 1803–1950. Porto Alegre: FEE-RS, 1981. Disponível em https://cdn.fee.tche.br/publicacoes/digitalizacao/de-provincia-ide-sao-pedro-a-estado-do-rs-vol-1-1981.pdf. Acesso em: 29 jul. 2026.

GIGANTE, Denise Petrucci. Faculdade de Nutrição. *In:* GILL, Lorena Almeida; KOSCHIER, Paulo Luiz Crizel; VARGAS, Jonas Moreira; ARRIADA, Eduardo (org.). **Dicionário de História de Pelotas.** Ananindeua: Editora Cabana; Pelotas: Editora da UFPel, 2026. v. 2. *E-book* (395 p.). p. 169–170. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/19930. Acesso em: 19 ago. 2026.

GILL, Lorena Almeida. **Clienteltchiks**: os judeus da prestação em Pelotas (RS) 1920–1945. 1998. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/clienteltchiks-judeus-da-presta%C3%A7%C3%A3o-em-pelotas-1920-1945.pdf. Acesso em: 28 jul. 2026.

GILL, Lorena Almeida. **Um mal de século**: Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas (RS), 1890–1930. 2004. 316 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/04/Um-Mal-do-S%C3%A9culo.pdf. Acesso em: 28 jul. 2026.

GILL, Lorena Almeida. **Uma Casa chamada Leiga**: os 60 anos da Medicina – UFPel. Pelotas: Editora da UFPel, 2023. *E-book*. (267 p.). Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/12695?show=full. Acesso em: 29 jul. 2026.

GILL, Lorena Almeida. Uma graduação jovem, negra e nordestina: a história do curso de Enfermagem da UFPel. *In:* FERREIRA, Luiz Otávio; BATISTA, Ricardo dos Santos; MARQUES, Rita de Cássia (org.). **Enfermeiras, educadoras sanitárias e outras profissões**: estudos históricos. São Paulo: Hucitec, 2024. p. 172–195.

GILL, Lorena Almeida; SCHEER, Micaele. Médicos judeus no Rio Grande do Sul. *In:* QUEVEDO, Éverton Reis; POMATTI, Angela Beatriz (org.). **Museu da História da Medicina – MUHM**: um acervo vivo que se faz ponte entre o ontem e o hoje. Porto Alegre: Evangraf, 2016. p. 172–183. v. 1.

GILL, Lorena Almeida; POMATTI, Angela Beatriz. Entrevista realizada com Naum Keiserman: Acervo do Laboratório de História Oral, do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. **Sillogés,** Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 459–472, jul./dez. 2019. Disponível em: https://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/147. Acesso em: 28 jul. 2026.

GILL, Lorena Almeida; CUNHA, Ariane Regina Bueno Da; GOTUZZO, Gabrielle Garcia. A legislação de proteção aos jovens aprendizes no Brasil: o caso das meninas, a partir da documentação da Justiça do Trabalho de Pelotas/RS (1940–1960). **História em Revista**, Pelotas, v. 31, n. 1, p. 193–209, 2026. DOI: 10.15210/hr.v31i1.30838. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/30838. Acesso em: 28 jul. 2026.

GOLDENBERG, Paulete. **Organização social e desnutrição em famílias de baixa renda no município de São Paulo**. 1981. 278 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6132/tde-20092018-181349/publico/DR_60_Goldenberg_1981.pdf. Acesso em: 28 jul. 2026.

GORZIZA, Amanda; BUONO, Renata. A cada 100 bolsistas do CNPq, 65 são homens e 35 são mulheres. **Piauí**, São Paulo, 19 jun. 2023. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/web/cada-100-bolsistas-do-cnpq-65-sao-homens-e-35-sao-mulheres/. Acesso em: 7 ago. 2026.

GREEN, Andrew. John Patrick Vaughan. **The Lancet,** London, v. 406, n. 10521, p. 2748, 13 dez. 2025. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(25)02473-0/fulltext. Acesso em: 10 ago. 2026.

HALLAL, Pedro C. 'O estudante fisicamente ativo aprende melhor', defende especialista em saúde pública. Entrevistadora: Ana Lucia Azevedo. **O Globo Brasil,** Rio de Janeiro, 30 set. 2016. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/o-estudante-fisicamente-ativo-aprende-melhor-defende-especialista-em-saude-publica-20204851. Acesso em: 13 ago. 2026.

HALLAL, Pedro C.; BAUMAN, Adrian E.; HEATH, Gregory W.; KOHL, Harold W.; LEE, I.-Min; PRATT, Michael. Physical activity: more of the same is not enough. **The Lancet**, London, v. 380, n. 9838, p. 190–191, 2012. DOI: 10.1016/S0140-6736(12)61027-7. Disponível em: https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0140673612610277. Acesso em: 28 jul. 2026.

HALLAL, Pedro Curi; KNUTH, Alan Goularte; MIELKE, Gregore Iven; CROCHEMORE-SILVA, Inácio (org.). **Duas décadas de pesquisa em epidemiologia da atividade física em Pelotas-RS.** Pelotas: Editora da UFPel, 2023. *E-book*.

HARTWIG, Fernando Pires. **Aspectos Genéticos e Epigenéticos da Amamentação**. 2018. 300 f. Tese (Doutorado em Epidemiologia) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/6721?show=full. Acesso em: 28 jul. 2026.

HORTA, Bernardo Lessa; VICTORA, Cesar Gomes; BARROS, Fernando C.; SANTOS, Iná da Silva dos; MENEZES, Ana M. B. Tabagismo em gestantes de área urbana da região Sul do Brasil, 1982 e 1993. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 247–253, jun. 1997. DOI: 10.1590/S0034-89101997000300005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000300005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

INFOGRAPHICS: The 2023 Lancet Series on Breastfeeding. **The Lancet,** London, 7 Feb. 2023. Disponível em: https://www.thelancet.com/infographics-do/2023-lancet-series-breastfeeding. Acesso em: 13 ago. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil:** projeção da população. Rio de Janeiro: IBGE, [2026]. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/53/0?ano=2026. Acesso em: 13 ago. 2026.

INTERNATIONAL CENTER FOR EQUITY IN HEALTH. **Sobre o Centro.** Pelotas: ICEH, [2025]. Disponível em: https://www.equidade.org/pt/about-us. Acesso em: 11 ago. 2026.

LIMA, Joice. Prefeitura pretende usar dados de estudo da UFPel para promover igualdade racial. **Prefeitura Municipal de Pelotas**, Pelotas, 17 fev. 2025. Disponível em: https://www.pelotas.com.br/noticia/prefeitura-pretende-usar-dados-de-estudo-da-ufpel-para-promover-igualdade-racial. Acesso em: 10 ago. 2026.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo:** Diário de uma Favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KAC, Gilberto; SICHIERI, Rosely; GIGANTE, Denise Petrucci (org.). **Epidemiologia nutricional.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Atheneu, 2007.

KECK, Margaret E. **PT – A lógica da diferença**: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. *E-book*.

KEISERMAN, Naum. Faculdade de Medicina da UFPel: A História de um Quarto de Século. **Revista Saúde, Ciência e Sociedade**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 10–22, 1992.

KEISERMAN, Naum. História da Faculdade de Medicina de Pelotas. *In:* ROSA, Laura (org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968–2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018. p. 15–41.

KESSLER, Marciane; THUMÉ, Elaine; MARMOT, Michael; MACINKO, James; FACCHINI, Luiz Augusto; NEDEL, Fúlvio Borges; WACHS, Louriele Soares; VOLZ, Pâmela Moraes; DE OLIVEIRA, Cesar. Family Health Strategy, Primary Health Care, and Social Inequalities in Mortality Among Older Adults in Bagé, Southern Brazil. **American Journal**

of Public Health, *[s. l.]*, v. 111, n. 5, p. 927–936, 2021. DOI: 10.2105/AJPH.2020.306146. Disponível em: https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.2020.306146. Acesso em: 28 jul. 2026.

KLOTZEL, Daniel. Homenagem a Kurt Kloetzel (1923-2007). **Interface:** Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 11, n. 23, p. 673–677, dez. 2007. DOI: 10.1590/S1414-32832007000300025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/icse/a/Hr4P9rsVvqFyWx-Q6ncPnPbF/?lang=pt. Acesso em: 7 ago. 2026.

LANGE, Klaus W. Rudolf Virchow, poverty and global health: from "politics as medicine on a grand scale" to "health in all policies". **Global Health Journal**, *[s. l.]*, v. 5, n. 3, p. 149–154, set. 2021. DOI: 10.1016/j.glohj.2021.07.003. Disponível em: https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2414644721000646. Acesso em: 28 jul. 2026.

LEVI, Mônica. Sarampo preocupa profissionais da saúde, mas retorno da doença ao Brasil pode ser evitado. **G1 Saúde,** Rio de Janeiro, 4 abr. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/saude/noticia/2026/04/04/sarampo-preocupa-profissionais-da-saude-mas-retorno-da-doenca-ao-brasil-pode-ser-evitado.ghtml. Acesso em: 12 ago. 2026.

LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas.** 3. ed. Pelotas, Editora da UFPel, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpel.edu.br/handle/prefix/3735. Acesso em: 19 ago. 2026.

LONER, Beatriz. UFPel: um breve histórico. *In*: MAGALHÃES, Mario Osorio (org.). **UFPel**: 30 anos. Pelotas: Editora da UFPel, 1999. p. 29–48.

LOPES, André Luís Borges. **A modernização do espaço urbano em Pelotas e a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência**: 1947–1957. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2487. Acesso em: 28 jul. 2026.

LOUZADA, Maria Cristina. **Memórias e trajetórias de egressas das escolas normais Assis Brasil e São José em Pelotas/RS, no período do governo de Leonel Brizola (1959–1963).** 2018. 271 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4402. Acesso em: 28 jul. 2026.

LUZ, Hildete Bahia da. DEPOIMENTO: Coordenadora do Curso de Enfermagem Período: 21/10/1977 à 01/03/1980**. Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v. 6, p. 1–5, 2016. DOI: 10.15210/jonah.v6isupp.9195. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/9195. Acesso em: 7 ago. 2026.

MAGALHÃES, Mario. **UFPel**: 30 anos. Pelotas: Editora da UFPel, 1999.

MAIOR estudo epidemiológico sobre a Covid-19 será retomado pelo Ministério da Saúde. **Coordenação de Comunicação Social da UFPel,** Pelotas, 6 abr. 2023. Disponível em: https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2023/04/06/maior-estudo-epidemiologico-sobre-a-covid-19-sera-retomado-pelo-ministerio-da-saude/. Acesso em: 13 ago. 2026.

MARQUES, Maria Cristina da Costa. Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, supl., p. 41–65, 2002. DOI: 10.1590/S0104-59702002000400003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702002000400003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

MEUCCI, Rodrigo Dalke; FASSA, Anaclaudia Gastal; FARIA, Neice Muller Xavier. Prevalence of chronic low back pain: systematic review. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 49, n. 73, 2015. DOI: 10.1590/S0034-8910.2015049005874. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034=89102015000100408-&lng=en&tlng-en. Acesso em: 28 jul. 2026.

MOREIRA, Carmen; DUTRA, Jacqueline (org.). **Saúde Pública Baseada em Evidências.** Pelotas: Editora da UFPel, 2010.

MOTTA, Rodrigo. Os olhos do regime militar brasileiro nos *campi*. As assessorias de segurança e informações das universidades. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 30–67, jan./jun. 2008. DOI: 10.1590/2237-101X009016002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2008000100030&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 ago. 2026.

MURRAY, Joseph; LEÃO, Otavio; FLORES, Thaynã; DEMARCO, Flavio; TOVO-RODRIGUES, Luciana; OLIVEIRA, Isabel; ARTECHE, Adriane; BLUMENBERG, Cauane; BERTOLDI, Andréa; DOMINGUES, Marlos; SILVEIRA, Mariangela; HALLAL, Pedro. Cohort Profile Update: 2015 Pelotas (Brazil) Birth Cohort Study follow-ups from 2 to 6–7 years, with COVID-19 impact assessment. **International Journal of Epidemiology**, [*s. l.*], v. 53, n. 3, p. dyae048, 2024. DOI: 10.1093/ije/dyae048. Disponível em: https://academic.oup.com/ije/article/doi/10.1093/ije/dyae048/7645074. Acesso em: 28 ago. 2026.

NOTA de pesar: falecimento de Nelson Blank. **Associação Brasileira de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 16 ago. 2016. Disponível em: https://abrasco.org.br/nota-de-pesar-falecimento-de-nelson-blank/. Acesso em: 7 ago. 2026.

OLIVEIRA, Isabel. **Memorial Acadêmico.** Pelotas: Editora da UFPel, 2018.

PAIVA, Carlos Henrique Assunção; TEIXEIRA, Luiz Antonio. Reforma sanitária e a criação do Sistema Único de Saúde: notas sobre contextos e autores. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 15–35, jan./mar. 2014. DOI: 10.1590/S0104-

59702014000100002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000100015&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

PELOTAS. **Cidades@**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama. Acesso em: 29 jul. 2026.

PELOTAS. **Projeto de Lei n.º 2.290.** Dispõe sobre a proibição do consumo de produtos fumígenos, nos ambientes de uso coletivo, públicos ou privados. Assinada por Ivan Duarte. Pelotas: Câmara Municipal, 2009. Disponível em: https://sapl.pelotas.rs.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2009/2434/2434_texto_integral.pdf. Acesso em: 9 ago. 2026.

PELOTAS: Medicina da UCPel celebra seis décadas com apresentação de novos investimentos. **Jornal Tradição,** Pelotas, 15 de dezembro de 2022. Disponível em: https://www.jornaltradicao.com.br/pelotas/geral/medicina-da-ucpel-celebra-seis-decadas-com-apresentacao-de-novos-investimentos/. Acesso em: 10 ago. 2026.

PÉREZ- ESCAMILLA, Rafael; TOMORI, Cecília; HERNÁNDEZ-CORDEIRO, Sonia. BAKER, Phillip; BARROS, Aluísio; BÉGIN, França; CHAPMAN, Donna; GRUMMER, Laurence; STRAWN, david; MENON, Purnima; NEVES, Paulo Augusto; PIWOZ, Ellen; ROLLINS, Nigel; VICTORA, Cesar; RICHTER, Linda. Breastfeeding: crucially important, but increasingly challenged in a market-driven world. **The Lancet**, London, v. 401, n. 10375, p. 472–485, 2023. DOI: 10.1016/S0140-6736(22)01932-8. Disponível em: https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0140673622019328. Acesso em: 13 ago. 2026. Errata em: **The Lancet**, London, v. 401, n. 10380, p. 916, 2023. DOI: 10.1016/S0140-6736(23)00410-5. Disponível em: https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0140673623004105. Acesso em: 13 ago. 2026.

PESQUISADOR da Fiocruz Amazônia recebe homenagem por contribuições nos estudos sobre suicídio no Brasil. **Portal Amazônia,** [*s. l.*], 16 set. 2024. Disponível em: https://portalamazonia.com/saude/pesquisador-amazonia-homenagem-estudo/. Acesso em: 12 ago. 2026.

PIRES, Rômulo Cesar Rezzo; SILVEIRA, Victor Nogueira da Cruz; LEAL, Maria do Carmo; LAMY, Zeni Carvalho; SILVA, Antônio Augusto Moura da. Tendências temporais e projeções de cesariana no Brasil, macrorregiões administrativas e unidades federativas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 7, p. 2119–2133, 2023. DOI: 10.1590/1413-81232023287.14152022. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232023000702119&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

PREFEITURA e UFPel lançam Estudo Piá para prevenir a violência. **Governo de Pelotas,** Pelotas, 3 jul. 2018. Disponível em: https://www.pelotas.com.br/noticia/prefeitura-e-ufpel-lancam-estudo-pia-para-prevenir-a-violencia. Acesso em: 13 ago. 2026.

PROFESSOR John Patrick Vaughan recebe o título de Professor Honoris Causa da UFPel. Tradução dos pronunciamentos por Márcia Klee. **Coordenação de Comunicação Social da UFPel,** Pelotas, 25 mar. 2013. Disponível em: https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2013/03/25/professor-john-patrick-vaughan-recebe-o-titulo-de-professor-honoris-causa-da-ufpel/. Acesso em: 10 ago. 2026.

RADTKE, Luciana Jost. *Ranking* municípios sul-brasileiros produtores de tabaco – safra 2024/2025. **Associação dos Fumicultores do Brasil,** Santa Cruz do Sul, 22 ago. 2025. Disponível em: https://afubra.com.br/ranking-municipios-sul-brasileiros-produtores-de-tabaco-safra-2024-2025/. Acesso em: 13 ago. 2026.

REA, Marina Ferreira; TOMA, Tereza Setsuko. Proteção do leite materno e ética. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 388–395, 2000. DOI: 10.1590/S0034-89102000000400012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102000000400012&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB Municipal**: Série histórica. Porto Alegre: DEE-RS, 2023. Disponível em https://dee.rs.gov.br/pib-municipal. Acesso em: 29 jul. 2026.

ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. Tradução de Marcos Fernandes da Silva Moreira. São Paulo: Editora Unesp; Hucitec, 1994.

ROSENBERG, Charles E. What is a epidemic? AIDS in historical perspective. *In:* ROSENBERG, Charles E. **Explaining epidemics and other studies in the history of medicine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 278–292.

ROUQUAYROL, Maria Zélia. **Epidemiologia & Saúde**. 4. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1994.

SANGLARD, Fernanda Nalon. Anistia. *In:* BRUCK, Mozahir Salomão (org.). **Dicionário da memória**: verbetes teóricos relacionados aos estudos da memória. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2025. p. 28–33. *E-book*. (466 p.). Disponível em: https://memoria.sibi.ufrj.br/wp-content/uploads/2026/02/Dicionario-da-Memoria-2.pdf. Acesso em: 30 jul. 2026.

SANTO AGOSTINHO. **As Confissões**. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Edameris, 1964.

SILVA, Bruna; BORGES, Thiago; BERGMANN, Gabriel. Consequências da atividade física na infância e adolescência. *In:* HALLAL, Pedro; KNUTH, Alan; MIELKE, Gregore; CROCHEMORE-SILVA, Inácio (org.). **Duas décadas de pesquisa em epidemiologia da atividade física em Pelotas, RS.** Pelotas: Editora da UFPel, 2023. p. 188–213. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/10776?show=full. Acesso em: 10 ago. 2026.

SILVA, Ursula Rosa da; BANDEIRA, Ana da Rosa; PEREIRA, Patrícia de Borba (org.). **UFPel**: 55 anos de história, desafios e superações. Pelotas: Publicações Oficiais UFPel, 2024. *E-book* (365 p.). Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/14595. Acesso em: 13 ago. 2026.

SCHEFFER, Mário (coord.) **Demografia Médica no Brasil 2025**. Brasília, DF: Ministério da Saúde; Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Associação Médica Brasileira, 2025. *E-book* (448 p.). Disponível em: https://amb.org.br/wp-content/uploads/2025/04/DEMOGRAFIA-MEDICA-DO-BRASIL-2025_versao-online.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026.

SCHEFFER, Mário; BIANCARELLI, Aureliano; CASSENOTE, Alex (coord.) **Demografia Médica no Brasil**: dados gerais e descrições de desigualdades. São Paulo: Conselho Federal de Medicina; Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, 2011. v. 1. *E-book* (117 p.). Disponível em: https://portal.cfm.org.br/images/stories/pdf/demografiamedicanobrasil.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026.

SOARES, Mariangela Uhlmann; FACCHINI, Luiz Augusto; NEDEL, Fúlvio Borges; WACHS, Louriele Soares; KESSLER, Marciane; THUMÉ, Elaine. Relações sociais e sobrevivência na coorte de idosos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 29, p. e3395, 2021. DOI: 10.1590/1518-8345.3844.3395. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692021000100304&tlng=en. Acesso em: 28 jul. 2026.

SOARES, Paulo. Verbete economia. *In:* GILL, Lorena; KOSCHIER, Paulo; VARGAS, Jonas; ARRIADA, Eduardo. **Dicionário de História de Pelotas.** Ananindeua: Editora Cabana; Pelotas: Editora da UFPel, 2026. v. 2. *E-book* (395 p.). p. 129–131. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/19930. Acesso em: 19 ago. 2026.

SOBRE o Departamento de Medicina Social. **Departamento de Medicina Social da UFPel,** Pelotas, [13 jun. 2017]. Disponível em: https://dms.ufpel.edu.br/site/?page_id=319. Acesso em: 7 ago. 2026.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Aleitamento Materno. **Uso de chupeta em crianças amamentadas**: prós e contras. Brasília, DF: SBP, ago. 2017 (Guia Prático de Atualização, 3). Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Aleitamento-_Chupeta_em_Criancas_Amamentadas.pdf. Acesso em: 11 ago. 2026.

SURI, Shoba; VERLATO, Giovanna; RAY, Subhasree. Editorial: The first 1000 days: window of opportunity for child health and development. **Frontiers in Nutrition**, *[s. l.]*, v. 12, p. 1673003, 2025. DOI: 10.3389/fnut.2025.1673003. Disponível em: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnut.2025.1673003/full. Acesso em: 28 jul. 2026.

SUZUMURA, Erica; OLIVEIRA, João; BUEHLER, Anna; CARBALLO, Mariana; BERWANGER, Otavio. Como Avaliar Criticamente Estudos de Coorte em Terapia Intensiva? **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 93–98, jan./mar. 2008, p. 93-98. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbti/a/vNWzwmWjcT4jzMj8FNNr6Dw/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

THOMPSON, Paul. História Oral e contemporaneidade. Tradução de Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 9–28, 2002. DOI: 10.51880/ho.v5i0.47. Disponível em: https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/47. Acesso em: 28 jul. 2026.

TOMASI, Elaine; VICTORA, Cesar Gomes; POST, Paulo Roberto; OLINTO, Maria Teresa Anselmo; BÉHAGUE, Dominique. Uso de chupeta em crianças: contaminação fecal e associação com diarréia. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 28, n. 5, p. 373–379, 1994. DOI: 10.1590/S0034-89101994000500011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101994000500011&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

UBS AREAL Leste. **Departamento de Medicina Social da UFPel,** Pelotas, [16 dez. 2014]. Disponível em: https://dms.ufpel.edu.br/site/?page_id=482. Acesso em: 7 ago. 2026.

UEBEL, Ana Cristina; ROCHA, Carolina Medero; MELLO, Vania Roseli Correa de. Resgate da memória histórica da Residência Integrada em Saúde Coletiva do Centro de Saúde Escola Murialdo – CSEM. **Boletim da Saúde**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 117–123, jan./jun. 2003. Disponível em: https://web.archive.org/web/20220628084559/http://www.boletimdasaude.rs.gov.br/conteudo/1234/resgate-da-memoria-historica-da-residencia-integrada-em-saude-coletiva-do-centro-de-saude-escola-murialdo-?-csem. Acesso em: 28 jun. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **EPIGEN-Brasil:** the largest Latin America genomic initiative. Belo Horizonte: UFMG, [2018]. Disponível em: https://epigen.grude.ufmg.br/index.php/about. Acesso em: 11 ago. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Coorte 1982.** Pelotas: UFPel, 2026a. Disponível em: https://epidemio-ufpel.org.br/coorte-1982/. Acesso em: 12 ago. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Coorte 2015.** Pelotas: UFPel, 2026b. Disponível em: https://epidemio-ufpel.org.br/coorte-2015/. Acesso em: 12 ago. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**. Coortes de nascimentos de Ribeirão Preto (SP), Pelotas (RS) e São Luís (MA)**: determinantes precoces do processo saúde doença no ciclo vital - Uma contribuição das coortes de nascimento brasileiras para o SUS. Pelotas: UFPel, 2026c. Disponível em: https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u948. Acesso em: 11 ago. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**. Desenvolvimento de métodos estatísticos para inferência causal**. Pelotas: UFPel, 2026d. Disponível em: https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/7288. Acesso em: 11 ago. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**. EPICOVID:** Desenho do estudo e amostragem. Pelotas: UFPel, c2024. Disponível em: https://epidemio-ufpel.org.br/epicovid/. Acesso em: 11 ago. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **COMO VAI? Estudo Longitudinal de Saúde do Idoso:** sobre. Pelotas: UFPel, [2021]. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/comovai/. Acesso em: 13 ago. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Grupo de Pesquisa AQUARES:** Início. Pelotas: UFPel, [7 set. 2012]. Disponível em: https://dms.ufpel.edu.br/aquares/aquares/. Acesso em: 13 ago. 2026.

VARGAS, Jonas. Abastecendo plantations: A inserção do charque fabricado em Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes e a sua concorrência com os produtores platinos (século XIX). **História** (São Paulo), São Paulo, v. 33, n. 2, p. 540–566, jul./dez. 2014. DOI: 10.1590/1980-436920140002000025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/his/a/8wT-3z8DtWQgnbC3Bt9sdsBD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

VECHIA, Renato da Silva Della. **O ressurgimento do movimento estudantil universitário gaúcho no processo da redemocratização**: as tendências estudantis e seu papel (1977–1985). 2011. 413 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32809/000786827.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2026.

VERÍSSIMO, Gabriel. Pelotas terá nova Coorte de Nascimentos em 2026 e três mil bebês devem ser acompanhados. **GZH Zona Sul,** Porto Alegre, 28 jan. 2026. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/zona-sul/ciencia/noticia/2026/01/pelotas-tera-nova-coorte-de-nascimentos-em-2026-e-tres-mil-bebes-devem-ser-acompanhados-cmkye30dk04370168upu4bcrc.html. Acesso em: 12 ago. 2026.

VICTORA, Cesar. Breve História da Epidemiologia da UFPel: de Pelotas para o mundo. In: ROSA, Laura (org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968–2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 175–193.

VICTORA, Cesar. Cesar Victora: A saúde por trás das estatísticas. Entrevistador: Ricardo Zorzetto. **Revista Pesquisa Fapesp,** São Paulo, n. 208, jun. 2013. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/cesar-victora-a-saude-por-tras-das-estatisticas/. Acesso em: 10 ago. 2026.

VICTORA, Cesar. Equidade para toda a vida: 'Radis' retrata estudos do renomado cientista Cesar Victora. Entrevistadora: Lisiane Morosini. **Radis,** Rio de Janeiro, 2 maio 2022. Disponível em: https://web.archive.org/web/20240430001315/https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/52985. Acesso em: 13 ago. 2026.

VICTORA, Cesar. Mil dias que valem uma vida. Entrevistador: Ricardo Zorzetto. **Revista Pesquisa Fapesp,** São Paulo, n. 179, jan. 2011. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/mil-dias-que-valem-uma-vida/. Acesso em: 13 ago. 2026.

VICTORA, Cesar. "O nosso público alvo não é Pelotas, é o mundo inteiro". Entrevistadora: Cíntia Piegas. **A Hora do Sul**, Pelotas, 22 jul. 2024. Disponível em: https://ahoradosul.com.br/conteudos/2024/07/22/nosso-publico-alvo-nao-e-pelotas/. Acesso em: 13 ago. 2026.

VICTORA, Cesar; VAUGHAN, John; LOMBARDI, Cíntia; FUCHS, Sandra; GIGANTE, Luciana; SMITH, Peter; NOBRE, Letícia; TEIXEIRA, Ana; MOREIRA, Leila; BARROS, Fernando. Evidence for protection by breast-feeding against infant deaths from infectious diseases in Brazil. **The Lancet**, London, v. 330, n. 8554, p. 319–322, 1987. DOI: 10.1016/S0140-6736(87)90902-0. Disponível em: https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0140673687909020. Acesso em: 13 ago. 2026.

VICTORA, Cesar; BARROS, Fernando; VAUGHAN, John. **Epidemiologia da desigualdade**. São Paulo: Hucitec; 1988.

VICTORA, Cesar; ARAÚJO. Cora Luiza Pavin; MENEZES, Ana Maria Batista; HALLAL, Pedro Curi; VIEIRA, Maria de Fátima; NEUTZLING, Marilda Borges; GONÇALVES, Helen; VALLE, Neiva Cristina; LIMA, Rosangela Costa; ANSELMI, Luciana; BEHAGUEB, Dominique; GIGANTE, Denise Petrucci; BARROS, Fernando. Methodological aspects of the 1993 Pelotas (Brazil) birth cohort study. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 39–46, 2006. DOI: 10.1590/S0034-89102006000100008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034=89102006000100008-&lng=en&tlng-en. Acesso em: 12 ago. 2026.

VICTORA, Cesar G.; ARAÚJO, Cora; ONIS, Mercedes. Uma nova curva de crescimento para o século XXI. **ResearchGate,** [*s. l.*], Jan. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237701175_Uma_nova_curva_de_crescimento_para_o_seculo_XXI. Acesso em: 13 ago. 2026.

VICTORA, Cesar G.; BARROS, Aluísio J. D.; FRANÇA, Giovanny V. A.; BAHL, Rajiv; ROLLINGS, Nigel C.; HORTON, Susan; KRASEVEC, Julia; MURCH, Simon; SANKAR, Mari Jeeva; WALKER, Neff. Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos, e efeitos ao longo da vida. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, DF, v. 25, n. 1, 2016. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v25n1/Amamentacao1.pdf. Acesso em: 13 ago. 2026.

VIEIRA, Bruna; MARQUES, Patrícia. Filha da primeira vítima de Covid no Brasil perdeu os avós e dois tios com a doença após a morte da mãe. **G1 Jornal Hoje,** São Paulo, 19 ago. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/19/filha-da-primeira-vitima-de-covid-no-brasil-perdeu-os-avos-e-dois-tios-com-a-doenca-apos-a-morte-da-mae.ghtml. Acesso em: 13 ago. 2026.

VOLZ, Pâmela Moraes; DILÉLIO, Alitéia Santiago; FACCHINI, Luiz Augusto; QUADROS, Lenice de Castro Muniz de; TOMASI, Elaine; KESSLER, Marciane; WACHS, Louriele Soares; MACHADO, Karla Pereira; SOARES, Mariângela Ulhmann; THUMÉ, Elaine. Incidência de depressão e fatores associados em idosos de Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 10, e00248622, 2023. DOI: 10.1590/0102-311xpt248622. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2023001005009&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2026.

WEBINÁRIO lança série sobre saúde materna da Lancet com participação de autores da UFPel. **Coordenação de Comunicação Social da UFPel,** Pelotas, 6 dez. 2023. Disponível em: https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2023/12/06/webinario-lanca-serie-sobre-saude-materna-da-lancet-com-participacao-de-autores-da-ufpel/. Acesso em: 13 ago. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. International Agency for Research on Cancer. About the Director: Dr Elisabete Weiderpass, IARC Director. Lyon: IARC, c2026. Disponível em: https://www.iarc.who.int/directors-page/. Acesso em: 11 ago. 2026.

XIMENDES, Lóren. Enchentes. *In:* GILL, Lorena Almeida; KOSCHIER, Paulo Luiz Crizel; VARGAS, Jonas Moreira; ARRIADA, Eduardo (org.). **Dicionário de História de Pelotas.** Ananindeua: Editora Cabana; Pelotas: Editora da UFPel, 2026. *E-book* (395 p.). p. 133–135. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/19930. Acesso em: 19 ago. 2026.

ENTREVISTAS

- Entrevista presencial realizada com **Edson Tadeu Holthausen** no dia 20 de setembro de 2022, no Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Luiz Augusto Facchini** no dia 26 de outubro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com **Carlos Karam** no dia 14 de novembro de 2022, na casa dele. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **José Justino Faleiros** no dia 12 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Luís Antônio Benvegnú** no dia 2 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Enrique Daniel Saldana Garin** no dia 16 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com **André Luís Moreira Hypólito** no dia 29 de dezembro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com **Ana Maria Borges Teixeira** no dia 11 de janeiro de 2023. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com **Terezinha Fujita** no dia 16 de janeiro de 2023, na casa dela. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

- Entrevista presencial realizada com **Marcelo Capilheira** no dia 11 de dezembro de 2024. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Fernando Celso Lopes de Barros** no dia 12 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Elaine Tomasi** no dia 27 de dezembro de 2024. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Juvenal Dias da Costa** no dia 27 de dezembro de 2024. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Iná da Silva dos Santos**, no dia 30 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Flávio Demarco** no dia 30 de dezembro de 2024. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Justino Faleiros** no dia 4 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com **Margarete Oleiro Marques** no dia 6 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Anaclaudia Gastal Fassa** no dia 7 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com **Aluísio Jardim Dornellas de Barros** no dia 7 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Roberto Piccini** no dia 8 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Janaína Calu Costa** no dia 9 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros

- Entrevista presencial realizada com **Carmen Lúcia Berneira Moreira** no dia 10 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Cíntia Lombardi**, no dia 14 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

- Entrevista on-line realizada com **Maria del Pilar Flores Quispe** no dia 20 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill, Elisiane Medeiros Chaves e Lóren Ximendes.

- Entrevista on-line realizada com **Luiz Augusto Facchini** no dia 22 de janeiro de 2025. Entrevistadores; Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **José Martinez** no dia 23 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Fernanda Ewerling** no dia 23 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com **Denise Petrucci Gigante** no dia 25 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Karen Yumaira Sánchez Luquez** no dia 27 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Pedro Curi Hallal** no dia 28 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Bruna Gonçalves Cordeiro da Silva** no dia 29 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Janaína Vieira dos Santos Motta** no dia 29 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Cesar Victora** no dia 30 de janeiro de 2025. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Mariângela Freitas da Silveira** no dia 30 de janeiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Saul Morris** no dia 31 de janeiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Helen Gonçalves** no dia 3 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

- Entrevista presencial realizada com **Fernando Pires Hartwig** no dia 3 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Dominique Béhague** no dia 3 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Lina Sofia Morón Duarte** no dia 3 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Elaine Thumé** no dia 12 de fevereiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Ana Maria Baptista Menezes** no dia 13 de fevereiro de 2025. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

- Entrevista on-line realizada com **Andréa Homsi Dâmaso** no dia 25 de fevereiro de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com **Inácio Crochemore Mohnsam da Silva** no dia 5 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com **Fernando Wehrmeister** no dia 6 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Gbenankpon Mathias Houvessou** no dia 8 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com **Carla dos Santos** no dia 11 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Daniela Aires Coimbra** no dia 12 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Luciana Tovo Rodrigues** no dia 18 de março de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Maria Cecília Formoso Assunção** no dia 19 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Pablo Bernardi** no dia 26 de março de 2025. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Alicia Matijasevich Manitto** no dia 27 de março de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Joseph Murray** no dia 1° de abril de 2025. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com **Luís Henrique Farias** no dia 30 de junho de 2025. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Naum Keiserman e Amilcar Gigante juntos na inauguração da sala que levou o nome do segundo, em 1997.....32

Figura 2 – Fachada do casarão histórico, sede da FAMED/UFPel.....34

Figura 3 – Governador do Estado, Sr. Leonel de Moura Brizola, na solenidade de Fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas, em 29 de novembro de 1959.....36

Figura 4 – Fachada principal da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas...37

Figura 5 – Imagem do prédio da Beneficência Portuguesa de Pelotas.....38

Figura 6 – Portaria n.º 253/77.....44

Figura 7 – Cesar Victora com o médico Kurt Kloetzel, em 1999, no lançamento do livro Medicina Ambulatorial: princípios básicos.....54

Figura 8 – Professor Jorge Humberto Béria, em sua antiga sala na primeira sede própria do PPGEpi, no prédio da Faculdade de Medicina, no bairro Fragata em Pelotas.....55

Figura 9 – Professor Luiz Augusto Facchini em sua antiga sala na primeira sede própria do Programa de Epidemiologia, no prédio da Faculdade de Medicina, no bairro Fragata.....57

Figura 10 – Fotografia de Amilcar Gigante.....63

Figura 11 – Iná dos Santos, na peça O Santo Inquérito, de Dias Gomes, encenada em 1983 pelo Grupo de Teatro da Medicina da UFPEL.....68

Figura 12 – Fotografia de Iná da Silva dos Santos.....71

Figura 13 – Fotografia de Ana Maria Baptista Menezes.....78

Figura 14 – Logotipo do Programa de Epidemiologia feito por Cesar Victora.....79

Figura 15 – Professor Fernando Barros, em trabalho de campo para a Coorte de Nascimentos de 1982.....84

Figura 16 – Cesar Victora pesando uma criança em trabalho de campo para a sua tese de doutorado, em 1982.....88

Figura 17 – Cesar Victora na primeira sede do CPE, em 1990.....89

Figura 18 – Inauguração do atual prédio da Epidemiologia, no ano de 2007.....90

Figura 19 – José Martinez e Cesar Victora, em 1985.....93

Figura 20 – Sílvia Takeda, Roberto Piccini, Elaine Tomasi, Maria Teresa Olinto, Ana Maria Borges Teixeira e Marisa, alunos da primeira turma do mestrado, no ano de 1991.....94

Figura 21 – Carmen Moreira, em uma das salas da Galeria Antunes Maciel, em 1991.....94

Figura 22 – Professora Cora Araújo, em pé, e a professora convidada Sharon Huttley, da Inglaterra, quando de sua vinda para ministrar a disciplina de Bioestatística para a primeira turma de mestrado, no ano de 1991, em uma das salas do conjunto na Galeria Antunes Maciel.....95

Figura 23 – Registro com estudantes internacionais do PPGEpi.....99

Figura 24 – Comício pelas Diretas Já, no centro de Pelotas, no ano de 1984.....110

Figura 25 – Excerto do jornal Diário Popular, de 15 de dezembro de 1988.....125

Figura 26 – Entrevistador na casa de um participante da Coorte de 1982.....149

Figura 27 – Coorte de 1993.....150

Figura 28 – Coorte de 1993: Laboratório do Centro de Pesquisas Epidemiológicas da UFPel.....150

Figura 29 – Coorte de 2004.....151

Figura 30 – Antropometria realizada no Hospital Universitário, Coorte de 2015.....152

Figura 31 – Escritora Carolina Maria de Jesus na primeira Feira do Livro de Pelotas, em 1960.....155

Figura 32 – Trabalho de campo do AQUARES em 2009.....162

Figura 33 – Criança com latas de fórmulas alimentares em pó.....167

Figura 34 – Caderneta da criança, menina.....173

Figura 35 – Localização das 133 cidades incluídas no estudo EPICOVID 2.0.....176

Figura 36 – Ficha de qualificação de Sueli.....178

Figura 37 – Cartilha "Ciclolivro".....180

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABELUPE		Associação Beneficente Luterana de Pelotas
Abrasco		Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ADUFPel		Associação dos Docentes da UFPel
AFUBRA		Associação dos Fumicultores do Brasil
AESI		Assessorias Especiais de Segurança e Informação
AI-5		Ato Institucional n.º 5
AIDPI		Atenção Integral às Doenças Prevalentes na Infância
Aids		Síndrome da imunodeficiência adquirida
APS		Atenção Primária à Saúde
AQUARES		Acesso e Qualidade na Rede de Saúde
ARENA		Aliança Renovadora Nacional
ASUFPel		Associação dos Servidores da Universidade Federal de Pelotas
ATM		Associação de Turmas da Medicina
BID		Banco Interamericano de Desenvolvimento
BMJ		British Medical Journal
CAPES		Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS		Centros de Atenção Psicossocial
CID		Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
CIES		Centro Internacional de Equidade em Saúde

CNPq		Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS		Conferência Nacional de Saúde
COCEPE		Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão
CONSUN		Conselho Universitário
CPE		Centro de Pesquisas Epidemiológicas
CPI		Comissão Parlamentar de Inquérito
CRUTAC		Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária
CT-Infra		Programa de Infraestrutura de Ciência e Tecnologia
DCE		Diretório Central de Estudantes
DE		Dedicação Exclusiva
DEE-RS		Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul
DHS		Demographic Health Surveys
DOVE		Centro de Pesquisa em Desenvolvimento Humano e Violência
DPOC		Doença pulmonar obstrutiva crônica
DSM		Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
DST		doenças sexualmente transmissíveis
ESEF		Educação Superior de Educação Física
ESF		Estratégia da Saúde da Família
EUA		Estados Unidos da América
FAMED		Faculdade de Medicina
FAPERGS		Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul

FAPESP		Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAU		Fundação de Apoio Universitário
Finep		Financiadora de Estudos e Projetos
Fiocruz		Fundação Oswaldo Cruz
FURG		Fundação Universidade de Rio Grande
HIV		Vírus da imunodeficiência humana
IA		Inteligência artificial
IAPC		Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciários
IARC		International Agency for Research on Cancer
IBGE		Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICEH		Centro Internacional de Equidade em Saúde
IDRC		International Development Research Center
IEN		Indicador Econômico Nacional
IF-Sul		Instituto Federal Sul-Riograndense
INCOR		Instituto do Coração
INPS		Instituto Nacional de Previdência Social
Ipea		Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LabPAAB		Laboratório de Processamento e Análise de Amostras Biológicas
IPESSE		Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado
MDB		Movimento Democrático Brasileiro
MICS		Multiple Indicator Cluster Surveys
MS		Ministério da Saúde
NATI		Núcleo de Atividades para a Terceira Idade
NDH		Núcleo de Documentação Histórica Prof.ª Beatriz Loner

ODS		Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU		Organização das Nações Unidas
OMS		Organização Mundial de Saúde
OPAS		Organização Pan-Americana de Saúde
PICS		práticas integrativas e complementares
PIM		Primeira Infância Melhor
PMAQ-AB		Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica
PPGEpi		Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia
PQ		Bolsa Produtividade em Pesquisa
Prev-saúde		Programa Nacional de Serviços Básicos de Saúde
PROESF		Projeto de Expansão e Consolidação da Saúde da Família
Profsaúde		Mestrado Profissional em Saúde da Família
REUNI		Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SARE		Serviço de Assistência Redenção
SAREC		Swedish Agency for Research Cooperation with Developing Countries
SBP		Sociedade Brasileira de Pediatria
SESI		Serviço Social da Indústria
SIM		Sistema de Informações sobre Mortalidade
SINASC		Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos
SUS		Sistema Único de Saúde
TDAH		Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
UBS		Unidade Básica de Saúde

UCPel		Universidade Católica de Pelotas
UFBA		Universidade Federal da Bahia
UFCSPA		Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFMG		Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE		Universidade Federal de Pernambuco
UFPel		Universidade Federal de Pelotas
UFPR		Universidade Federal do Paraná
UFRGS		Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC		Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM		Universidade Federal de Santa Maria
ULBRA		Universidade Luterana do Brasil
UNA-SUS		Universidade Aberta do SUS
UNAPI		Universidade Aberta às Pessoas Idosas
UNATI		Universidade Aberta à Terceira Idade
Unesco		Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unicamp		Universidade Estadual de Campinas
Unicef		Fundo das Nações Unidas para a Infância
Unisinos		Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP		Universidade de São Paulo
UTI		Unidade de Tratamento Intensivo

[2026]
EDITORA CABANA
Trav. WE 11, N º 41 (Conj. Cidade Nova I)
67130-130 — Ananindeua — PA
Telefone: (91) 99998-2193
contato@editoracabana.com
www.editoracabana.com

Lorena Almeida Gill escolheu, ao introduzir sua excelente compilação da história de nosso centro, uma feliz citação de Tolstói: "Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia". Confesso que desconhecia esta citação, mas um pensamento semelhante me havia ocorrido inúmeras vezes. Ao refletir sobre a trajetória de nosso grupo, pensava em como Gabriel García Márquez usou sua vivência na pequena cidade de Aracataca para descortinar as verdades humanas mais profundas e universais. Ou seja – como o próprio título deste livro salienta – como o conhecimento local pode ser globalizado.

Nossa história começou há 49 anos, quando cheguei em Pelotas e conheci o Fernando Barros. Ao começar a fazer pesquisas em uma cidade do interior no extremo sul do Brasil, nunca imaginávamos acabar criando um grupo que, eventualmente, embasaria políticas globais de saúde.

Não tenho espaço aqui para enumerar e agradecer aos inúmeros colegas, servidores e alunos que fizeram e continuam fazendo parte desse esforço coletivo. Uma das inúmeras riquezas do relato de Lorena é a história desses personagens, que transformaram um sonho ingênuo e improvável em um grupo consolidado, com liderança nacional e internacional.

Nossas conquistas não teriam sido possíveis sem a generosidade e colaboração da população pelotense, que sempre abriu e continua a abrir suas portas, compartilhando conosco detalhes de sua saúde e de suas vidas. Também foi essencial a parceria contínua com os serviços e profissionais de saúde, que nunca deixaram de apoiar nossos estudos.

Com muito trabalho e com a enorme contribuição de todos estes parceiros ao longo de quatro décadas, nossa Arataca brasileira se universalizou ao gerar evidências científicas que contribuíram para melhorar a vida de milhões de crianças e adultos pelo mundo afora.

Cesar Victora

ISBN 978-65-82718-22-9
9 786582 718229